



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**



BRUNA IMPROTA DE OLIVEIRA MENDONÇA

**DO PROCESSO DE ENVELHECER:
MEMÓRIA, NARRATIVA E A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NA
PERSPECTIVA DA GESTALT-TERAPIA**

SALVADOR

2017

BRUNA IMPROTA DE OLIVEIRA MENDONÇA

**DO PROCESSO DE ENVELHECER:
MEMÓRIA, NARRATIVA E A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NA
PERSPECTIVA DA GESTALT-TERAPIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Transições desenvolvimentais e processos educacionais

Orientadora: Profa. Denise Maria Barreto Coutinho

Coorientadora: Profa. Maria Alice Queiroz de Brito

SALVADOR

2017

M539 Mendonça, Bruna Improta de Oliveira,
Do processo de envelhecer: memória, narrativa e a arte de contar histórias na perspectiva da gestalt-terapia / Bruna Improta de Oliveira Mendonça. – 2017.
240 f. :il.

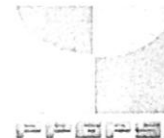
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Denise Maria Barreto Coutinho
Coorientadora: Prof^ª Me. Maria Alice Queiroz de Brito
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Instituto de Psicologia,
Salvador, 2017.

1. Envelhecimento- Aspectos psicológicos. 2. Gestalt-terapia – Estudo de casos.
3. Pesquisa-ação. 4. Arte de contar histórias. I. Coutinho, Denise Maria Barreto. II.
Brito, Maria Alice Queiroz de. III. Universidade Federal da Bahia. Instituto de
Psicologia. IV. Título.

CDD: 155.67



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
Instituto de Psicologia - IPS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGPSI
MESTRADO ACADEMICO E DOUTORADO



TERMO DE APROVAÇÃO

“RESSIGNIFICAÇÃO DO PROCESSO DE ENVELHECER: MEMÓRIA,
NARRATIVA E A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS”

Bruna Improta de Oliveira Mendonça

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Denise Maria Barreto Coutinho (Orientadora)
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Prof. Dr. Jorge Ponciano Ribeiro
Universidade de Brasília - UnB

Prof.^a Dr.^a Lia da Rocha Lordelo
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

Salvador, 03 de outubro de 2017.

Dedico este trabalho aos meus grandes mestres

Na vida: Risoleta Improta e Sania Improta

Na Psicologia: Denise Coutinho e Lika Queiroz

Na parceria amorosa: Thiago Gama, Bartira Improta e
Bárbara Improta

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não pode ser jamais considerado mérito de uma figura só. Dentre as muitas mãos que me ajudaram a construí-lo e torná-lo possível, podendo incluir amor e emoção, sem deixar de lado o rigor científico, homenageio algumas.

Primeiramente agradeço a Vovó Risó, em outro plano de existência, pela presença constante em cada momento de minha vida, me ensinando a arte do cuidado e da simplicidade, sendo inspiração para que todo este trabalho se materializasse.

Gratidão à minha mestra querida, Denise Coutinho, por toda a parceria ao longo deste ano, me incentivando com sua sensibilidade, abertura e competência inspiradoras, por vezes acreditando mais em mim que eu mesma. Nunca vou esquecer a amorosidade com que me acolheu e a ética com que aceitou trilhar um caminho desconhecido e emocionante, numa abordagem que não era de seu costume, junto comigo. Este trabalho, com toda certeza, é meu e seu.

Gratidão à minha mestra querida, Lika Queiroz, que me acompanha desde a graduação em Psicologia, tornando-se minha supervisora de estágio, orientadora em especialização de Gestalt-terapia, orientadora na Dinâmica Energética do Psiquismo e agora coorientadora nesta dissertação. Agradeço os ensinamentos teóricos e práticos que, especialmente, me fazem admirá-la e tomá-la como uma linda referência nas áreas em que escolhi trabalhar.

Agradeço profundamente a meu companheiro, Thiago Gama, pelas escutas sensíveis nos momentos de desespero, pelo ombro que me acolheu nas horas de ansiedade, pelos braços que me seguraram nos tropeços e pelas noites que abdicou pacientemente da minha companhia para que eu pudesse trabalhar um pouco mais. Você, que escutou cada apresentação, contando o tempo e opinando sobre um assunto que passou a dominar (sim, os artigos deveriam levar o seu nome! Risos), e que é um mestre na minha vida.

Gratidão à minha mamita, por ser meu exemplo de vida, de força e de coragem, que me gerou, me fortaleceu e me amou de uma forma que nunca serei amada por outro alguém. A você, pela dedicação emocional e física, dedico todos os méritos que já tive e que venha a ter em minha vida.

Gratidão a fofo e suas histórias, que alimentaram a minha imaginação e o meu coração, permitindo-me ser criativa e trazendo a qualidade do afeto para a minha existência.

Agradeço a Bazinha, minha alma gêmea, irmã, mestra, bruxa encantada. Você que me ensinou o “caminho das pedras” na academia, que me inspira com sua força e sabedoria de vida, e na educação. Um dia, quando eu crescer, quero me tornar uma pessoa e profissional tão maravilhosas quanto você.

Agradeço a Binha, minha outra mestra, irmã, luz. Por todo o acolhimento, cuidado, disponibilidade e parceria. Pelas palavras de conforto sempre que precisei, pelos sorrisos compartilhados, pizzas de sábado à noite e almoços de última hora (risos). Obrigada por ser fonte de confiança e admiração. Obrigada por ter me dado um dos maiores presentes de vida, meu afilhado Gabinho, fonte de luz e inspiração, que me mostra a leveza e a beleza de viver, me fazendo querer ser melhor, para ser para ele um exemplo melhor.

Gratidão também a Fernanda Colaço que partilhou sua sabedoria e se disponibilizou a construir toda a base prática deste trabalho ao meu lado. Sem você não teria chegado até aqui, não teria realizado este caminho, pelo menos não com a suavidade e confiança que a sua presença permitiu. Não tenho palavras para te agradecer.

Não posso esquecer jamais de agradecer aos meus colegas do PósPsi, o grupo do “apego seguro” em especial Larissa Lopes, Julianin Araújo e Marisa Marques, pela amizade, acolhimento e suporte na travessia desta trilha e seus obstáculos. Vocês deram graça à toda produção.

Agradeço aos professores do PósPsi, especialmente Ana Cecília Bastos e Marilena Ristum, pela acolhida no início deste projeto e pela disponibilidade e delicadeza que demonstraram em todo o processo, bem como Lia Lordelo pelas contribuições valiosas nas qualificações e na defesa.

Gratidão ao grande mestre Jorge Ponciano Ribeiro por validar o meu trabalho, permitir-se ao encontro e me emocionar com suas incríveis contribuições na defesa, além de inspirar-me com sua sensibilidade e sabedoria.

Agradeço ao grupo CONES e todas as discussões teóricas, filosóficas e pessoais que me engrandeceram enquanto pesquisadora, pessoa e profissional.

Por fim, trago um agradecimento especial às velhas que participaram desta atividade, fazendo-me reconectar com a minha ancestralidade e ressignificando a minha existência, bem como à ONG que aceitou a nossa intervenção com tanta abertura e acolhimento.

Em termos viscerais, porém, abordo as histórias como *cantadora*, contadora de histórias, guardiã das velhas histórias. Venho de uma longa linhagem de contadoras [...]. Para elas, uma história é um medicamento que fortifica e recupera o indivíduo e a comunidade.

As modernas contadoras de histórias descendem de uma comunidade imensa e antiquíssima, composta de santos, trovadores, bardos, *griots*, *cantadoras*, chantres, menestréis, vagabundos, megeras e loucos. Uma vez sonhei que estava contando histórias e sentia alguém dando tapinhas no meu pé para me incentivar. Olhei para baixo e vi que estava em pé, nos ombros de uma velha que segurava meus tornozelos e sorria para mim. “Não, não” disse-lhe eu. “Venha subir nos *meus* ombros, já que a senhora é velha e eu sou nova”. “Nada disso”, insistiu ela. “É assim que tem que ser”.

Clarissa Pinkola Estés, 1994

IMPROTA, Bruna (2017). *Do processo de envelhecer: memória, narrativa e a arte de contar histórias na perspectiva da Gestalt-terapia*. 240 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

RESUMO

O presente estudo visa, por meio de uma pesquisa-ação, analisar efeitos da prática de contar e ouvir histórias, com sujeitos em processo de envelhecimento e em contexto de vulnerabilidade social. Parte-se da hipótese de que é possível e desejável promover a escuta e a ação desses indivíduos invisibilizados e estigmatizados tendo como fio condutor processos criativos. Como objetivo geral, busca-se descrever e analisar o processo de ressignificação do envelhecimento utilizando como ferramenta oficinas de contação de histórias. A Gestalt-terapia, conquanto não compareça explicitamente em todos os artigos, foi o pano de fundo sobre o qual todas as incursões teóricas e empíricas aqui apresentadas foram realizadas. A estratégia de pesquisa adotada foi a pesquisa-ação, que visa à integração da pesquisa à ação ou prática, desenvolvendo conhecimento e compreensão como parte da prática. Esta dissertação está estruturada sob a forma de artigos, de maneira que os objetivos específicos foram formulados visando orientar o foco de cada artigo. O primeiro artigo consiste em uma revisão sistemática da literatura sobre a relação entre o processo de envelhecer e a contação de histórias como recurso de promoção à saúde do velho. No segundo artigo examinam-se efeitos desta pesquisa-ação com velhos inscritos em uma ONG de Salvador, Bahia. No terceiro artigo apresenta-se o trabalho das oficinas de contação de histórias, a partir dos conceitos e noções de contato, fronteira de contato, *awareness*, auto e heterossuporte e corporeidade. No quarto artigo, de cunho ensaístico, as experiências pessoais da pesquisadora são consideradas a partir dos processos e das construções e desconstruções que atravessaram a vivência com as oficinas de contação de histórias.

Palavras-chave: Psicologia do Envelhecimento; Contação de Histórias; Gestalt-terapia; Pesquisa-ação; Arte.

ABSTRACT

This study aims, by an action-research, to analyze effects of a practice of telling and hearing stories, with people becoming older in a context of social vulnerability. We start from the hypothesis that it is possible and desirable to promote the listening and the action of this invisibility and stigmatized people, through creative process. As a general objective, we describe and analyze the aging re-signification process using storytelling workshops. Gestalt-therapy was the theoretical background used, even if it does not appear explicitly in all articles. The research strategy adopted was the action-research, which aims integrating research into action and practice, developing knowledge and comprehension as a part of the practice. This dissertation is composed by articles, and the specific objectives were formulated aiming the focus of each article. In the first article, we make a systematic review of literature about the relationship between the aging process and storytelling as a resource of the elderly's health promotion. In the second one, we examined effects of action-research with elderly enrollees in an Non-Governmental Organization in Salvador, Bahia, Brazil. In the third article, we examine the storytelling workshops under the concepts of contact, contact boundaries, awareness, self and hetero-support and corporeality. In the fourth one, an essay, we present the researcher's personal experiences and the process of constructions and deconstructions that permeated the living experience of participating in the storytelling workshops.

Keywords: Psychology of Aging; Storytelling; Gestalt-therapy; Action-research; Art.

SUMÁRIO

PARA INTRODUIZIR OS CAMINHOS TRILHADOS	11
• À LUZ DOS MARCADORES TEÓRICOS: A GESTALT-TERAPIA	13
• DELIMITANDO O OBJETO	16
• ESTRUTURA DO DOCUMENTO	20
• REFERÊNCIAS	21
ARTIGO 1: PROCESSO DE ENVELHECER E A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS EM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: UMA REVISÃO DE LITERATURA	27
• RESUMO	27
• INTRODUÇÃO	28
• MÉTODO	32
• RESULTADOS E DISCUSSÃO	34
• CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
• REFERÊNCIAS	42
ARTIGO 2: PROCESSO CRIATIVO E ENVELHECIMENTO EM UMA PESQUISA-AÇÃO	48
• RESUMO	48
• INTRODUÇÃO	49
• CONFIGURANDO O DESAFIO DE UMA PESQUISA-AÇÃO	52
• FIO QUE VAI SENDO BORDADO DA FALA À CORPOREIDADE: O ENVOLVIMENTO NAS OFICINAS	55
• CORTINAS SE FECHAM E POSSIBILIDADES SE ABREM	60
• CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
• REFERÊNCIAS	74
ARTIGO 3: ANÁLISE GESTÁLTICA DO ENVELHECIMENTO A PARTIR DE OFICINAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	79
• RESUMO	79

• INTRODUÇÃO	80
• O DESENROLAR DAS OFICINAS: CONTOS, MEMÓRIAS E HISTÓRIAS	82
• DOS RETALHOS DE HISTÓRIAS À TESSITURA DE UMA NOVA COLCHA	83
• DISTANTE DE UMA CONCLUSÃO	105
• REFERÊNCIAS	106
ARTIGO 4: TRANSFORMAÇÕES PELO ENCONTRO: INTERGERACIONALIDADE, MEMÓRIA E HISTÓRIAS	110
• RESUMO	110
• INTRODUÇÃO	111
• ARTE DO ENCONTRO: CUIDAR E SER CUIDADA	113
• RELATIVIZANDO O TEMPO AQUI E AGORA: SENTIDO X PERCEBIDO	118
• A VELHICE QUE MORA EM MIM	122
• FINALIZANDO	124
• REFERÊNCIAS	126
CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS: UMA GESTALTEN SE FECHA ENQUANTO OUTRA SE ABRE	128
APÊNDICES	135

PARA INTRODUIZIR OS CAMINHOS TRILHADOS

Preparei a lareira perfeita para nós. O fogo vai durar a noite inteira – suficiente para todas as nossas ‘histórias dentro de histórias’. Um momentinho só, enquanto termino de lavar a mesa com menta fresca. Pronto, vamos usar a louça bonita. Vamos beber o que estávamos reservando para uma ‘ocasião especial’. Sem dúvida, ‘ocasião especial’ é qualquer ocasião à qual a alma esteja presente (Clarissa Pinkola Estés, 2007).

Desde os tempos em que minhas preocupações giravam em torno de finalizar as tarefas escolares e comer menos chocolates, eu tinha uma companhia especial, que se tornava presente em períodos de três a quatro meses por ano, trazendo em sua mala de viagem afeto, biscoitinhos confeitados e muitas histórias. Essa era vovó Risó, uma típica *nonna* italiana, com cabelos de algodão e braços marcados pela velhice, com a pele tão flácida, que se tornava o meu melhor brinquedo, enquanto ouvia suas histórias.

Vovó Risó me trouxe o encanto pela tradição oral e me fez entrar em contato com a minha ancestralidade, conhecer meus bisavós, a história que os trouxe para o Brasil, sem precisar tê-los visto uma única vez. Mesmo sem nunca ter apreciado uma foto daquela rua, cidade e casa naquele vilarejo na Itália, sinto e conheço cada cantinho como se tivesse vivido ali na minha infância. Vivi, de fato, através da linha bordada pela oralidade de minha avó.

Além de vovó Risó, outra figura marcou a tradição oral em minha vida. Meu pai, ou “fofo” para os íntimos, um típico contador de “causos”, marcou minha trajetória com histórias recheadas de humor. Todos os dias contava episódios do seu dia de trabalho, além daqueles sobre sua vizinhança na infância, ou de tudo o que aprontou na juventude. Tanto, que já estávamos cansados de ouvir, e repetíamos em almoços e reuniões familiares: “essa história de novo?”, fazendo com que ele se divertisse ainda mais e as recontasse, incrementando aspectos novos.

Só hoje percebo o quanto essas histórias, que um dia me pareceram cansativas e repetitivas, movimentaram a minha imaginação e, somadas aos contos e leituras que minha mãe contava antes de dormirmos, facilitaram minha capacidade de relacionamento, de empatia e de ser criativa no meu dia a dia. Isso me faz pensar no que diz Zumthor (2010) ao afirmar que as sociedades humanas são as únicas que ouvem, dentre múltiplos ruídos, “emergir sua própria

voz como um *objeto*: é em torno dele que se fecha e solidifica o laço social, enquanto toma forma uma poesia” (p. 10).

Passaram-se anos. Já graduada em Psicologia, trilhei o caminho da clínica e da área social, a partir da Gestalt-terapia, abordagem psicológica que me permitiu continuar a ser criativa e afetuosa em meus atendimentos, utilizando a arte que sempre me moveu profissional e pessoalmente, como ferramenta terapêutica. Fiz a especialização e passei a atuar como docente na área em uma Universidade, no curso de graduação em Psicologia. Elaborei um projeto de extensão voltado para atuação em comunidade, por meio de recursos artísticos, o qual foi aprovado e vivenciado em uma instituição pública dedicada à saúde do velho. Nesse espaço, descobri e aprendi muito sobre o envelhecimento, desconstruindo crenças e estereótipos negativos que percebi que compartilhava em relação à velhice. Me angustiei ao perceber o quanto meus julgamentos limitavam as possibilidades do grupo e dos participantes se aprofundarem nos processos e me permiti aprender uma nova forma de atuar em grupo e com um grupo distinto do que estava acostumada. Lembrei e resgatei a presença de vovó Risó, o quanto ela me ensinou sobre um envelhecer lúdico, cheio de energia, adormecido em algum lugar da minha memória e do meu coração, desde o dia em que ela “deixou de ser corpo e virou uma estrelinha”, como ela mesma falava sobre o fenômeno da morte.

Na Universidade em que trabalhava, fiquei encarregada de ser preceptora de estágio na área de saúde coletiva, na região do Subúrbio Ferroviário de Salvador, onde conheci a Organização Não-Governamental (ONG) que sediou esta investigação. Essa ONG atende famílias da região por meio de ações socioassistenciais e socioeducativas, visando à promoção integral de famílias e velhos. Junto com grupos distintos de estagiários, facilitei atividades, principalmente voltadas para jovens, explorando temas como empregabilidade, ingresso na universidade, cuidados com a saúde, violência e sexualidade, totalizando um período de três anos de parceria. Conheci na ocasião apenas indiretamente o grupo de velhos da instituição, através de fotografias e diálogos com os administradores. Não havia atuado diretamente com eles, pois as reuniões ocorriam em dias diferentes daqueles em que eu estava lá.

No mesmo período, comecei a perceber nos mitos, contos e histórias, tanto na atuação clínica como na docência, um potencial para reflexão, autoconhecimento e ressignificação intensos, catalisando a vontade de estudar mais sobre o tema e retomando minhas raízes marcadas pela tradição oral. Decidi iniciar uma formação em narração de histórias, com um grupo de teatro de Salvador, que abriu mais possibilidades de utilizar como ferramentas os contos e as histórias de vida em minha prática profissional.

Eis que surge, então, o casamento entre a vontade de atuar com velhos em contexto socialmente vulnerável, na ONG no Subúrbio Ferroviário de Salvador, e o trabalho com a arte de contar histórias. Gestei, assim, esse filho, com muito amor, cuidado, afeto, histórias e memórias, entendendo, como Bonaventure (1992), que não é preciso nenhuma capacidade especial ou conhecimento intelectual específico para compreender os contos, pois eles tratam de aspectos do humano cultivados no próprio ato de viver. Parafrazeando Coelho (1986), digo que a arte de contar histórias é uma arte sem idade.

À LUZ DOS MARCADORES TEÓRICOS: A GESTALT-TERAPIA

Amigo, não fique aborrecido por seus erros. Alegre-se por eles. Você teve coragem de dar algo de si.

São necessários anos para centrar-se em si próprio, e mais algum tempo para entender e ser agora (Fritz Perls, 1977).

A Gestalt-terapia foi delineada pelo neuropsiquiatra Friedrich (Fritz) Salomon Perls (1893-1970) e exposta, pela primeira vez, no livro *Gestalt Therapy* publicado em 1951 em colaboração com Ralph Hefferline e Paul Goodman, (Alvim, 2007; Frazão, 2013; Gomes, Holanda & Gauer, 2004; Perls, Hefferline & Goodman, 1997). Laura Posner Perls (1905-1990) é também reconhecida como co-fundadora do movimento (Gomes, Holanda & Gauer, 2004).

Na formulação de suas idéias sobre a psicoterapia, Perls foi influenciado pela teoria organísmica de Kurt Goldstein, pelos estudos sobre holismo e evolução do sul-africano Jan Christiaan Smuts, pelas ideias em energia vital de Wilhelm Reich, pela teoria semântica do polonês Alfred Korzybski, pela Teoria de Campo de Kurt Lewin, bem como pela Gestalt, pela Fenomenologia, pelo Existencialismo e pelas tradições de religiões orientais, em especial o Zen-budismo (Alvim, 2007; Ginger & Ginger, 1995; Gomes, Holanda & Gauer, 2004; Kiyan, 2006; Kiyan & Bonante, 2006; Perls, Hefferline & Goodman, 1997). As proposições de Perls foram bem recebidas pelo movimento humanista dos anos 1960, encontrando boa acolhida junto aos movimentos libertários da contracultura que viam o crescimento individual vinculado à perspectiva de independência pessoal e construção de um mundo melhor (Gomes, Holanda & Gauer, 2004).

Frazão (1995; 2013) e Prestelo (2001) apontam que um dos pontos de atração dessa abordagem nos anos 1970 versou sobre a compatibilidade ideológica em relação à resistência ao regime militar. Além disso, trata-se de uma abordagem que amplia espaços para a criatividade e valoriza, bem como fomenta, uma expressão mais integrada unindo aspectos do verbal e do não-verbal.

Gestalt-terapia é uma das forças rebeldes, humanistas e existenciais da psicologia, que procura resistir à avalanche de forças autodestrutivas, autoderrotistas, existentes entre alguns membros da nossa sociedade. Ela é ‘existencial’ num sentido amplo. [...] A Gestalt-terapia é integralmente ontológica, pois reconhece tanto a atividade conceitual quanto a formação biológica de *Gestalten* (Perls, 1977, p. 19).

Em relação ao histórico da Gestalt-terapia no Brasil, o primeiro trabalho escrito no Brasil foi o artigo “Elementos de Psicoterapia Gestáltica (ipsis verbis)” de Têrese Tellegen, publicado em 1972, no Boletim de Psicologia de São Paulo. Ela foi autora também da primeira dissertação de mestrado sobre o tema, defendida na USP em 1982, intitulada “Reflexões sobre o Trabalho com Grupos na Abordagem Gestáltica em Psicoterapia e Educação”. Foi ainda autora do primeiro livro escrito e editado no Brasil, *Gestalt e Grupos: uma perspectiva sistêmica*, publicado em 1984 (Gomes, Holanda & Gauer, 2004).

O primeiro programa de formação em Gestalt-Terapia foi oferecido em Brasília em 1977, por Walter Ribeiro e, nesse mesmo ano, apareceram as primeiras traduções dos livros de Perls, *Isto é Gestalt* e *Gestalt-Terapia Explicada* (Gomes, Holanda & Gauer, 2004). Dois anos depois foi traduzido *Escarafunchando Fritz*. Com o crescimento do número de interessados, começaram a ser organizados, na década de 1980, os encontros de Gestalt-terapeutas, sendo o primeiro no Rio de Janeiro, em 1986. Em 1985 havia sido publicado o livro *Gestalt-Terapia: refazendo um caminho*, por Jorge Ponciano Ribeiro, da Universidade de Brasília. Ribeiro (1985) foi o primeiro autor brasileiro a sistematizar as teorias e filosofias de base da Gestalt-Terapia: Psicologia da Gestalt, Teoria de Campo, Teoria Organísmica, Teoria Holística, Humanismo, Existencialismo e Fenomenologia, em um trabalho que mapeia e discute os elementos teóricos que sustentam a teoria da Gestalt-terapia (Alvim, 2007). Em 1988, apareceu a tradução de outro livro de Perls, *A abordagem gestáltica, testemunha ocular da terapia*. Na década de 1990, os eventos passaram a ser denominados de *Encontro Nacional de Gestalt-terapia*, e culminaram com a criação da *Associação Brasileira de Gestalt-terapia e Abordagem Gestalt* (Gomes, Holanda & Gauer, 2004).

Uma das premissas básicas da abordagem é a ampliação do potencial humano através do processo de integração, fomentando interesses, desejos e necessidades genuínas do indivíduo que, muitas vezes, se opõem à sociedade (Perls, 1977). Neste sentido é fundamental compreender a importância que a cultura exerce no sujeito, projetando necessidades que o indivíduo muitas vezes assimila sem qualquer consciência ou crítica. A Gestalt-terapia não se preocupa necessariamente com “cura”, mas com o desenvolvimento do ser humano e com seu crescimento, incluídas as suas potencialidades (Frazão, 2013).

Segundo Pinto (2009), a atitude fenomenológico-existencial é o ponto para o qual convergem as diversas fontes da Gestalt-terapia. Ela tem como valor relevante o fato de que o ser humano é fundamentalmente um ser de relação, que não pode sequer ser concebido senão em relação consigo, com o outro e com o ambiente. Essa abordagem toma como ponto de partida, portanto, o fato de que a troca se dá entre indivíduo e ambiente, em todas as áreas da vida, vinculando pessoa e mundo de forma inextricável, já que “nem o entendimento pleno das funções orgânicas, nem o melhor conhecimento do ambiente (sociedade, etc.) abrange a situação total” (Perls, Hefferline & Goodman, 1977, p. 36). A existência humana é definida em termos da relação entre campo-organismo-meio, fazendo-se impossível conceber a pessoa fora de seu contexto e das relações que estabelece a partir daí (Ciornai, 1995; Kiyon, 2006; 2009). A Gestalt-terapia desenvolve uma perspectiva integralizada e unificadora do ser humano, concebendo-o em todas as suas dimensões, a saber, sensoriais, afetivas, intelectuais, sociais e espirituais (Ginger & Ginger, 1995; Kiyon, 2006; Perls, Hefferline & Goodman, 1997).

Dentro dessa perspectiva da integralidade, a Gestalt-terapia é, na verdade, segundo Zinker (2007), uma permissão para ser criativo. Com uma ferramenta metodológica básica focada na experimentação, pode-se dirigir ao cerne da resistência, transformando rigidez em suporte flexível para o indivíduo. Os experimentos, inclusive, não precisam surgir de conceitos, mas podem começar com brincadeiras e desencadear profundas revelações cognitivas (Zinker, 2007).

Laura Perls e Paul Goodman foram responsáveis por imprimir uma preocupação com a natureza da arte na formulação da Gestalt-terapia, firmando-a em valores estéticos tanto quanto psicológicos (Alvim, 2007). Perls (1992) afirma que a terapia é mais arte que ciência, já que exige muita intuição e sensibilidade. Além disso, a Gestalt-terapia preconiza a consonância entre palavras, gestos corporais e ação (Alvim, 2007). Alvim (2007) comenta que a formação de Fritz e Laura Perls e o contato que tiveram com a arte, desde muito cedo, além

do envolvimento com Paul Goodman e toda a sua bagagem e experiência artística, contribuíram salutarmente para que desenvolvessem uma visão de mundo em linguagem sensível, distanciada do racionalismo, alinhada com o pensamento complexo. O contato com teorias e pensadores com viés organísmico e holístico soma-se ao contato com a arte, produzindo um estilo psicoterapêutico que enfoca o “movimento dialético de busca da significação das formas, que se configuram e reconfiguram, exigindo – para acessá-las – uma atenção ao movimento e à ação” (Alvim, 2007, p. 18).

A Gestalt-terapia conta com termos e conceitos primariamente concebidos por outras teorias, doutrinas e abordagens, Contudo, Perls (2011) revela que a novidade é o modo pelo qual são usadas e organizadas, o que imprime um significado específico e particular.

A genialidade de Perls e seus principais colaboradores, segundo Ginger e Ginger (1995) foi, justamente, elaborar uma “*síntese coerente* de várias correntes filosóficas, metodológicas e terapêuticas europeias, americanas e orientais, constituindo assim uma nova ‘*Gestalt*’, na qual o todo é diferente da soma de suas partes” (p. 17).

DELIMITANDO O OBJETO

– Eu sei o que você pensa e quero explicar. Sou velho, embora menos velho do que você acha, sou manco e estou desfigurado. Eu sei. Mas não pense que sou tonto, Carassuja. [...]. Olho-me no espelho e digo: ‘Esse sou eu’, e não sinto pena de mim. Lutei muito tempo. A luta pela liberdade é uma luta que nunca acaba (Eduardo Galeano, 1983).

O Artigo 1º do Estatuto do Idoso identifica como tal a pessoa com 60 anos ou mais, ratificando o patamar estabelecido pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1982, na I Assembleia Mundial sobre Envelhecimento em Viena. Segundo Camarano (2013), em 1994, a esperança de vida da população brasileira foi estimada em 68,1 anos. Entre 1994 e 2010, no entanto, este indicador aumentou 5,3 anos e, entre 2003 e 2010, 2,1 anos; alcançando 73,4 anos em 2010. Kalache (1998; 2007) complementa que a partir dos anos 1960, com a evolução dos métodos contraceptivos, as taxas de fecundidade caíram no Brasil, contribuindo para esse fenômeno. Em 1980, existiam cerca de 16 idosos para cada 100 crianças, vinte anos depois esta taxa dobrou, passando a quase 30 idosos para cada 100 crianças (Kalache, 1998;

2007). A somatória desses fenômenos é a chamada “transição demográfica”, e que vem ocorrendo no Brasil de modo diferente de como ocorreu em países chamados desenvolvidos, por ter acontecido aqui de forma muito mais rápida (Costa, Porto & Soares, 2003).

A “Era do Envelhecimento” faz parte de um contexto social capitalista pós-industrial que, conforme apontam Birman (2006), Motta (2012), Debert (1999) e Menezes e Frota (2012), promove a centralidade do corpo, impondo padrões de jovialidade, modelos, ideais e imagens de perfeição física e, conseqüentemente, negação da morte e do envelhecimento, refletindo-se também na produção e valorização de sujeitos ativos do ponto de vista laboral (Bosi, 2004; Correa, 2009; Goldernberg, 2013; Loth & Silveira, 2014).

Lima, Grasel, Fialho (1997) e Bosi (2004) indicam que na sociedade tecnológica, centrada no lucro, todo aquele que não produz (idoso, deficiente entre outros) é excluído dos padrões sociais e das oportunidades de trabalho. Diante disso, Hamilton (2002) alerta que, apesar de ser considerado um índice de modernização de uma sociedade, envelhecer pode tornar-se grave problema social quando não é acompanhado de transformações socioeconômicas que ofereçam qualidade de vida e bem-estar.

Bosi (2004) assinala que, perdendo seu posto produtivo, o velho deixa de ocupar um lugar de produção e reprodução de trabalho e passa a vivenciar sensação de perda do sentido de vida. A autora aponta que a moral oficial prega o respeito ao velho, mas quer convencê-lo a ceder seu lugar aos jovens, afastá-lo dos postos de direção (Bosi, 2004). Trata-se de uma sociedade que não está disposta a ouvir o velho e que valoriza a resignação, o papel passivo, ou seja, lhe é negada a oportunidade de desenvolver a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito, que só se permite aos amigos (Beauvoir, 1987; Bosi, 2004; Motta, 2012; Sanhueza & Chamorro, 2014).

Esse processo tem trazido grandes desafios que envolvem os frágeis sistemas de saúde e previdenciário que temos no Brasil, dentre eles: população envelhecendo rapidamente com aumento desproporcional das faixas etárias mais elevadas, predominância de mulheres viúvas (preponderância do sexo feminino entre os velhos), diminuição do tamanho das famílias (número de filhos igual ao número de avós), diminuição de pessoas disponíveis para os cuidados, seguridade social inadequada, já que diminui o número de pagantes e aumenta o de beneficiários, aumento da prevalência de doenças crônicas, aumento do número de indivíduos de alta dependência e maiores gastos com saúde (Brasil, 2016).

À necessidade de amplas alterações em relação a cuidados com a saúde física do velho, a organização social e os encargos para famílias e governo, somam-se demandas sociais também necessárias de combate à solidão, pobreza e exclusão a que a maioria desses sujeitos estão potencialmente expostos (Felipe e Souza, 2014; Frias, Peres, Pereira, Negreiros, Paranhos e Leite, 2014; Mota, 2009; Resck, Oliveira, Fonseca & Alves, 2016; Sanhueza & Chamorro, 2014; Vilar, 2009). Conflitos e rupturas próprios da transição que vivenciam são acrescentados a estereótipos negativos, conforme apontam Ferreira, Maciel, Silva, Sá e Moreira (2010), Loth e Silveira (2014) e Schneider e Irigaray (2008). Mesmo sendo um processo vivenciado singularmente, o silenciamento do velho é socialmente imposto e reforçado no contexto social atual.

Apesar das considerar perdas e limitações biológicas, Simson e Giglio (2006) acreditam que velhos, em geral, conseguem preservar competências e habilidades intelectuais. A acumulação de experiências permite que alguns alcancem alto grau de especialização e domínio em diversos campos da atividade humana, dentre eles o de narrar, interpretar o passado, analisar o presente à luz da experiência pregressa (Simson & Giglio, 2006). Junto à exclusão dirigida ao velho e seus saberes e fazeres, Benjamim (1994) afirma que a experiência de narrar está em vias de extinção, já que as ações dessa experiência “estão em baixa” (p. 1), e provavelmente continuarão perdendo valor. Para o autor, recebemos muitas notícias todos os dias, mas somos pobres de histórias surpreendentes, pois os fatos já chegam com explicações e não estão a serviço da narrativa, mas da informação. Para Benjamim (1994) a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes” (p. 3-4).

Domingues (2014), Simson e Giglio (2006) e Bosi (2004) acreditam que, do ponto de vista psicológico, a oportunidade de compartilhar aspectos de vivências em grupo pode permitir ao velho (re)adquirir a posição daquele que detém saberes, negada constantemente na rotina diária da sociedade capitalista pós-industrial. O exercício de contar a história pessoal e escutar boas histórias promove a produção de novas histórias, novos significados, o que Giordano (2013) acredita ser um caminho para um contexto social mais humanizado e harmonioso. É por meio da interação social, segundo ele, que objetos adquirem significado para os indivíduos e estes podem expandir a criatividade. May (1975) traz importante reflexão sobre o processo criativo no mundo mecanizado. A mecanização requer uniformidade, previsibilidade e ordem, já o processo e o ato criativo representam fenômenos singulares, um antídoto à

ordem e uniformidade burguesas. Não se trata de um ataque às tecnologias, mas um alerta sobre o perigo de, como afirma May (1975), poderem agir como escudos entre nós mesmos e o nosso entorno, bloqueando o acesso às regiões mais profundas de nossas experiências. “As ferramentas e técnicas devem ser uma *extensão* do consciente, mas podem facilmente transformar-se em proteção. Nesse caso, passam a ser mecanismos de defesa” (p. 69) .

O encontro entre tradição social e lembranças pessoais implica considerar o conceito de memória, na medida em que a memória social de um povo é fruto de atualizações das lembranças partilhadas. A revitalização de saberes tradicionais e tradição oral, além de permitir acesso a modos de transmissão pela palavra falada, “a cultura autêntica do conto”, como afirma Giordano (2013), produz um desvelamento de uma realidade invisibilizada em função de nossa submissão histórica a padrões eurocêntricos colonizadores (Sodré, 2012). Esse é um desafio ao qual a contemporaneidade nos convoca.

O presente estudo visa, por meio de uma pesquisa-ação, analisar efeitos da prática de contar e ouvir histórias, com sujeitos em processo de envelhecimento e em contexto de vulnerabilidade social. Partimos da hipótese de que é possível e desejável promover a escuta e a ação desses indivíduos invisibilizados e estigmatizados tendo como fio condutor processos criativos. Conforme afirma Neri (2006), a pesquisa sistemática envolvendo o fenômeno do envelhecimento encontra-se ainda em construção, principalmente no Brasil. Tal lacuna justifica uma ampliação dos estudos na área. Tourinho e Bastos (2010), ao analisar demandas dos grupos de pesquisa e programas de pós-graduação em Psicologia, apontam também para a necessidade de pesquisas voltadas a demandas sociais específicas da nossa realidade, como a atenção à população idosa.

Seguindo este pensamento, a questão norteadora do estudo pode ser assim enunciada: Como oficinas de contação de histórias com sujeitos que estão vivenciando o processo de envelhecimento em situação de vulnerabilidade social podem ressignificar positivamente essa transição desenvolvimental?

Como objetivo geral, buscamos descrever e analisar a ressignificação do envelhecimento utilizando como ferramenta oficinas de contação de histórias. Objetivos específicos foram formulados visando orientar o foco de cada artigo e estão especificados abaixo. A Gestalt-terapia, conquanto não compareça explicitamente em todos os artigos, foi o pano de fundo sobre o qual realizamos todas as incursões teóricas e empíricas aqui apresentadas.

A estratégia de pesquisa adotada foi a pesquisa-ação¹ que visa à integração da pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática. É, portanto, uma maneira de investigar em situações nas quais também se é uma pessoa da prática e se deseja melhorar a compreensão desta (Engel, 2000; Thiollent, 2008).

Acreditamos na relevância social e científica desta investigação, na medida em que seus resultados podem, além de ampliar o arcabouço teórico sobre o tema, direcionar, fomentar e fortalecer políticas públicas específicas, bem como ações da sociedade civil, voltadas à promoção de saúde do velho, incluindo-os como sujeitos ativos, competentes e necessários no processo de ressignificar socialmente o processo de envelhecimento e as tradições de sua cultura.

Uma última observação sobre a escolha da nomenclatura. Alencar e Carvalho (2009) refletem sobre as muitas possibilidades de nomear o sujeito que vivencia o processo de envelhecimento, dentre elas: idoso, ancião, senil, velho, melhor idade ou terceira idade. Dentre as variadas possibilidades, optamos, com Bosi (2004), por utilizar o termo “velho”, em ressonância com os demais termos consagrados “velhice” e “envelhecimento”, considerando possível sustentar a perspectiva de velhice como processo desenvolvimental, não necessariamente ligado à inutilidade ou doença, desassociando a palavra do preconceito que vem carregando, como comentam Correa (2009), Jardim, Medeiros e Brito (2006), Schneider e Irigaray (2008) e Silva, L. (2008), em seus estudos.

Bosi (2004) é contundente quando afirma que “é preciso mudar a vida, recriar tudo, refazer as relações humanas doentes para que os velhos trabalhadores não sejam uma espécie estrangeira. [...] Para que nenhuma forma de humanidade seja excluída da humanidade” (p. 81). Miranda (2007) complementa essas ideias, quando afirma que envelhecer parece ser uma acalentada esperança e é preciso fazê-lo, antes de tudo, com dignidade e respeito.

ESTRUTURA DO DOCUMENTO

Não se pede ao contador um pedaço da vida cotidiana, mas um grande pedaço de sonho... Como se a gente estivesse lá (Henri Verneuil).

¹ Difere da pesquisa-intervenção, outra possibilidade metodológica no âmbito das metodologias ativas, pois, conforme Rocha (2003) tal estratégia tem como foco a rede de poder e jogo de interesses presentes no cotidiano institucional.

Nesta dissertação, trazemos a reflexão sobre o processo de envelhecimento e suas possíveis ressignificações, por meio de oficinas de contação de histórias. Optamos por apresentá-la sob a forma de artigos independentes, ainda que complementares, respondendo a objetivos específicos do trabalho, na estrutura geral que aqui se apresenta.

No primeiro artigo, “Processo de envelhecer e a arte de contar histórias em contexto de vulnerabilidade social: uma revisão de literatura”, o objetivo foi realizar uma revisão sistemática da literatura sobre a relação entre o processo de envelhecer em contexto de vulnerabilidade social e a contação de histórias como recurso de promoção de saúde do velho. Através dele, buscamos compreender o estado da arte e preencher uma lacuna na literatura sobre o processo de envelhecimento na perspectiva da transição desenvolvimental, fortalecendo assim a vertente da promoção da saúde humana.

O segundo artigo, intitulado “Processo criativo e envelhecimento em uma pesquisa-ação”, teve como objetivo descrever e examinar efeitos de um trabalho empírico de contação de histórias com sujeitos inscritos numa ONG, em situação de vulnerabilidade social.

O terceiro artigo “Análise gestáltica sobre o envelhecimento a partir de oficinas de contação de histórias” visou examinar as oficinas de contação de histórias com o grupo de velhos em contexto de vulnerabilidade social, a partir de conceitos centrais da Gestalt-terapia. Utilizamos como pontos de discussão os seguintes conceitos e noções: contato, fronteira de contato, *awareness*, auto e heterossuporte e corporeidade.

O quarto e último artigo, “Transformações pelo encontro: intergeracionalidade, memórias e histórias”, de cunho ensaístico, partiu de experiências pessoais da pesquisadora e dos processos de construções e desconstruções que nos atravessaram nessas oficinas, na perspectiva da relação dialógica, tal como concebida pela Gestalt-terapia.

REFERÊNCIAS

Alencar, M. do S. S. & Carvalho, C. M. R. G. de. (2009). O envelhecimento pela ótica conceitual, sociodemográfica e político-educacional: ênfase na experiência piauiense. *Interface (Botucatu)*, 13(29), 435-444. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832009000200015>

Alvim, M. (2007). O fundo estético da Gestalt-terapia. *Revista da Abordagem Gestáltica*. 13(1), 13-14. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000100002.

Alvim, M. (2014). Awareness: experiência e saber da experiência. Em: Frazão, L. & Fukumitsu, K. (Org.). *Gestalt-terapia: conceitos fundamentais*. (pp. 13-30). São Paulo: Summus.

Beauvoir, S. (1987). *A velhice*. Rio de Janeiro: EDUSP.

Benjamin, W. (1994). O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Em: W. Benjamin. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense.

Bertoletti, E. & Junges, E. (2014). O auto-cuidado de idosas octogenárias: desafio à Psicologia. *Revista Kairós Gerontologia*. 17(3), 285-303. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/23019/16651>.

Birman, J. (2006). *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Bonaventure, J. (1992) *O que conta um conto*. São Paulo: Alíneas.

Bosi, E. (2004). *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.

Brasil. (2016). Ministério da saúde. Secretaria executiva. *DATASUS*. Recuperado de <http://www.datasus.gov.br/>.

Camarano, A. A. (2013). *Estatuto do idoso: avanços e contradições*. Rio de Janeiro: IPEA.

Carrilho, M. & Patrício, L. (2002). A Situação Demográfica Recente em Portugal. *Revista de Estudos Demográficos*. 32, 147-176. Recuperado de http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=378442&PUBLICACOESmodo=2&xlang=PT.

Ciornai, S. (1995). Relação entre criatividade e saúde na Gestalt Terapia. *Psicologia Brasil*. 4(31), 30-33. Recuperado de http://www.nuted.ufrgs.br/oa/criativas/midiateca/modulo_1/Criatividade_na_perspectiva_da_Gestalt.pdf.

Coelho, B. (1986). *Contar histórias: uma arte sem idade*. São Paulo: Ática.

Correa, M. R. (2009). *Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade*. São Paulo (SP): Cultura Acadêmica. Recuperado de <http://hdl.handle.net/11449/109097>.

Costa, E. F. A.; Porto, C. C. & Soares, A. T. (2003). Envelhecimento populacional brasileiro e o aprendizado de geriatria e gerontologia. *Revista da UFG*. 5(2). Recuperado de https://teste.proec.ufg.br/revista_ufg/idoso/envelhecimento.html.

Cunha, C. (2012). Animação teatral e terceira idade: contributos para um envelhecimento ativo. Dissertação de Mestrado. Animação Teatral. Universidade do Minho Instituto de Educação. Braga, Portugal.

Debert, G. G. (1999). *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp.

Domingues, A. (2014). O envelhecimento, a experiência narrativa e a história oral: um encontro e algumas experiências. *Psicologia Política*, 14(31), 551-568. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2014000300009.

Engel, G. I. (2000). Pesquisa-ação. *Educar em Revista*. (16), 181-191. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602000000200013.

Estés, C. P. (2007). *A ciranda das mulheres sábias: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem*. Rio de Janeiro: Rocco.

Felipe, T. W. S. S. & Sousa, S. M. N. (2014). A construção da categoria velhice e seus significados. *Pracs: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, 7(2), 19-33. Recuperado de <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/1384/thayzav7n2.pdf>.

Ferreira, O. G. L.; Maciel, S. C.; Silva, A. O.; Sá, R. C. da N. & Moreira, M. A. S. (2010). Significados atribuídos ao envelhecimento: idoso, velho e idoso ativo. *Psico-USF*, 15(3), 357-364. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712010000300009>

Frazão. L. M. (1995). A Gestalt terapia. Em: Ciornai, S. (Org.). *Gestalt-terapia, psicodrama e terapias neo-reichianas no Brasil* (pp. 11-22). São Paulo: Ágora.

Frazão. L. M. (2013). Um pouco da história... um pouco dos bastidores. Em: Frazão, L. & Fukumitsu, K. (Org.). *Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas* (pp. 11-23). São Paulo: Summus.

Frias, M. A da E.; Peres, H. H. C.; Pereira, V. A. G.; Negreiros, M. C.; Paranhos, W. Y. & Leite, M. M. J. (2014). Idosos em situação de rua ou vulnerabilidade social: facilidades e dificuldades no uso de ferramentas computacionais. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 67(5), 766-772. <https://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2014670514>

Galeano, E. (1983). *A pedra arde*. São Paulo: Loyola.

Ginger, S. & Ginger, A. (1995). *Gestalt: uma terapia do contato*. São Paulo: Summus.

Giordano, A. (2013). A arte de contar histórias e o conto de tradição oral em práticas educativas. *Construção psicopedagógica*, 21(22), 26-45. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542013000100004&lng=pt&tlng=pt.

Goldenberg, M. (2013). *A bela velhice*. Rio de Janeiro: Record.

- Gomes, W. B., Holanda, A. F., & Gauer, G. (2004). Psicologia Humanista no Brasil. Em: Massimi, M. (Org.). *História da Psicologia no Brasil do Século XX* (pp. 87-103; 105-129). São Paulo: EPU.
- Hamilton, S. I. (2002). *A psicologia do envelhecimento: uma introdução*. São Paulo: Artmed.
- Hermans, H. & Kempen, H. (1993). Imaginal dialogues in the self: theory and method. *Journal of Personality*, 61(2), 207-236.
- Jardim, V. C. F. da S.; Medeiros, B. F. & Brito, A. M. (2006). Um olhar sobre o processo do envelhecimento: a percepção de idosos sobre a velhice. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, 9(2), 25-34. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=403838770003>.
- Kalache, A. (1998). Future prospects for geriatric medicine in developing countries. Em: Tallis R. C., Fillit, H. M., Blocklehurst J. C. (Org.). *Blocklehurst's Textbook of Geriatric Medicine and Gerontology*. (pp. 1513-1520). London: Churchill Livingstone.
- Kalache, A. (2007). Fórum envelhecimento populacional e as informações de saúde do PNAD: demandas e desafios contemporâneos. Posfácio. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 23(10) (pp. 2503-2505).
- Kiyan, A. (2006). *E a gestalt emerge: vida e obra de Frederick Perls*. São Paulo: Altana.
- Kiyan, A. (2009). *O gosto do experimento: possibilidades clínicas em Gestalt-terapia*. São Paulo: Altana.
- Kiyan, A. & Bonante, R. (2006). *Arte como espelho*. São Paulo: Altana.
- Lima, F., Grasel, C. & Fialho, A. (1997). Estamos envelhecendo. *Revista Kinesis*. (17), 7-18.
- Loth, G. B. & Silveira, N. (2014). Etarismo nas organizações: um estudo dos estereótipos em trabalhadores envelhecidos. *Revista de Ciências da Administração*, 16(19), 65-82. Re <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8077.2014v16n39p65>
- May, R. (1975). *A coragem de criar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Menezes, K. M. G. & Frota, M. H. de P. (2012). Corpos velhos e a beleza do crepúsculo: um estudo sobre os (re)significados da corporeidade na velhice. *Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad (RELACES)*, 9(4), 7-16. Recuperado de <http://www.relaces.com.ar/index.php/relaces/article/viewFile/162/124>.
- Miranda, D. (2007). Legado de vivências. Em: Neri, A. (Org.). *Idosos no Brasil: Vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. (pp. 9-10). São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Motta, A. B. da (2012). A juvenilização atual das idades. *Caderno Espaço Feminino*, 25(2), 11-24. Recuperado de <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/viewFile/21802/11963>.

- Mota, I. (2009). O Tempo da Vida – Abertura. Em: Fundação Calouste Gulbenkian (Org.). *O Tempo da Vida: Fórum Gulbenkian de Saúde Sobre o Envelhecimento 2008/2009*. Cascais: Princípa.
- Neri, A. L. (2006). Teorias psicológicas do envelhecimento. Em: Py, L.; Freitas, E. V.; Gorzoni, M. L. (Org.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Perls, F., Hefferline, R. & Goodman, P. (1997). *Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.
- Perls, F. (1977). *Isto é Gestalt*. São Paulo: Summus.
- Perls, F. (2011). *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia*. São Paulo: Summus.
- Perls, L. (1992). *Living at the boundary*. New York: The Gestalt Journal Press.
- Pinto (2009). *Psicoterapia de curta duração na abordagem gestáltica: elementos para a prática clínica*. São Paulo: Summus.
- Prestrelo, E. T. (2001). A história da Gestalt-terapia no Brasil: “peles-vermelhas” ou “caras-pálidas”? Em: A. M. Jacó-Vilela, A. C. Cerezzo & H.B.C. Rodrigues (Org.). *Clio Psyche hoje: fazeres e dizeres psi na história do Brasil* (pp.87-93). Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Resck, Z. M.; Oliveira, A. N. & Alves (2014). Atendimento de saúde a um grupo de idosos cadastrados em uma clínica universitária. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, 12(2), 591-600. Recuperado de <http://revistas.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/1607>.
- Ribeiro, J. P. (1985). *Gestalt-Terapia: refazendo um caminho*. São Paulo: Summus.
- Sanhueza Chamorro, J. (2014). Estereotipos sociales sobre la vejez en estudiantes mayores: un estudio de caso. *Revista internacional de educación para la justicia social (RIEJS)*, 3(1), 217-229, 2014. Recuperado de <http://www.rinace.net/riejs/numeros/vol3-num1/art11.pdf>.
- Schneider, R. H. & Irigaray, T. Q. (2008). O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia*, 25(4), 585-593. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n4/a13v25n4.pdf>.
- Silva, C., Oliveira, C. & Alvim, M (2014). Diálogos entre a Gestalt-terapia e a dança: corpo, expressão e sentido. *Revista Ciência em Extensão*. 10(3), 41-55. Recuperado de http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/1085.
- Silva, L. R. F. (2008). Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 15(1), 155-168. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702008000100009>
- Simson, O. & Giglio, Z. (2006). A arte de recriar o passado: história oral e velhice bem sucedida. Em: A. Neri (Org.). *Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológica e sociológicas*. Campinas, SP: Papyrus.

Sodré, M. (2012). *Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Thiollent, M. (2008). *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez.

Tourinho, E. Z. & Bastos, A. V. B. (2010). Desafios da pós-graduação em Psicologia no Brasil. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23, 35-46. Recuperado de <http://www.redalyc.org/pdf/188/18815255004.pdf>.

Vilar, R. (2009). Prefácio de “O Tempo da Vida”. *O Tempo da Vida*. Fundação Calouste Gulbenkian (Org.). Fórum Gulbenkian de Saúde Sobre o Envelhecimento, 2008/2009. Cascais: Princípa.

Wilson, C. (2009). O Envelhecimento no Séc. XXI – Perspectivas Demográficas. Fundação Calouste Gulbenkian (Org.). *O Tempo da Vida: Fórum Gulbenkian de Saúde Sobre o Envelhecimento 2008/2009*. (pp. 33-49). Cascais: Princípa.

Zinker, J. (2007). *Processo criativo em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.

Zumthor, P. (2010). *Introdução à poesia oral*. Belo Horizonte: UFMG.

ARTIGO 1

PROCESSO DE ENVELHECER E A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS EM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: UMA REVISÃO DE LITERATURA

RESUMO

Apresenta-se uma revisão sistematizada de literatura sobre a relação entre o processo de envelhecer em contexto de vulnerabilidade social e a contação de histórias como recurso de promoção de saúde do velho. O objetivo desta investigação é compreender como a literatura nacional vem tratando o processo de envelhecimento na perspectiva da transição desenvolvimental. Analisando artigos publicados no SciELO Brasil e no Portal de periódicos da CAPES dos últimos cinco anos, ressalta-se a predominância de estudos sobre o processo de envelhecimento na perspectiva da doença e não da saúde. Em relação à arte de contar histórias, utilizando contos de tradição oral, predominam estudos na área da educação e voltados à infância. Verificou-se escassa literatura no campo da psicologia e mais ainda da Gestalt-terapia, já que a grande maioria das investigações quando refletem a compreensão do envelhecimento pelo sujeito, fazem-no a partir de entrevistas individuais narrativas, enquanto contos de tradição oral prevalecem em estudos nos campos da educação, hospitalar e compreensão de cultura em comunidades e povos tradicionais. O ponto de vista apresentado costuma ser o do pesquisador e não dos sujeitos, revelando adicionalmente que o campo da psicologia não investe em metodologias ativas, na dialogia e na horizontalidade entre sujeitos envolvidos e socialmente implicados. Por fim, constatou-se a pertinência de fomentar novos estudos que fortaleçam políticas de promoção à saúde e ao bem-estar no processo de transição para o envelhecimento, a fim de contribuir para a saúde integral desses sujeitos.

Palavras-chave: Envelhecimento; Vulnerabilidade social; Arte de contar histórias; Psicologia do desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

Pela idade, há muito tempo que sou um velho. Mas só pela idade. Trabalho com a mesma vontade de sempre, a imaginação ainda não desertou de mim, compreendo melhor o mundo em que vivo, sou consciente do valor da vida, e, quanto à morte, ela chegará no seu dia, nem antes nem depois. Quem morre aos 20 anos, morre na sua velhice e não o sabia (José Saramago, 2005).

O Brasil tem vivenciado a chamada “Era do Envelhecimento” (Bosi, 2004; Costa, 1998; Felipe & Souza, 2014; Soares & Silva, 2015), que consiste no aumento significativo de velhos em relação à população total do país, fenômeno recente e decorrente da ampliação da expectativa de vida, com diminuição e retardo da mortalidade, e diminuição da taxa de natalidade. A Era do Envelhecimento no Brasil faz parte de um contexto social capitalista pós-industrial, caracterizado pela supervalorização da produção e dos sujeitos ativos no mercado de trabalho (Bosi, 2004; Correa, 2009; Goldenberg, 2013; Loth & Silveira, 2014). Conforme apontam Birman (2006), Motta (2012), Menezes e Frota (2012), tal contexto faz do culto à jovialidade uma quase imposição, trazendo o corpo como lugar central no registro do mal-estar contemporâneo, pela corrida incessante à perfeição física e psíquica e um constante enfrentamento imaginário contra a morte e o envelhecimento.

Via de regra, envelhecimento configura uma categorial social vivenciada de forma negativa e empobrecedora (Beauvoir, 1987; Bosi, 2004; Motta, 2012; Sanhueza & Chamorro, 2014). Sob tal perspectiva, o processo passa a ser penoso, não apenas pela degradação física, mas principalmente pela desvalorização, rejeição e pelo conseqüente embotamento psíquico e social a que esses sujeitos são submetidos. Bosi (2004) assinala que, perdendo seu posto de trabalho, o velho deixa de ocupar um lugar de produção e reprodução, passando a vivenciar a sensação de perda do sentido de vida. No Brasil, poucos são os trabalhos que investigam as possibilidades de um envelhecer saudável e prazeroso (Correa, 2009; Goldenberg, 2013; Menezes & Frota, 2012).

Simone de Beauvoir, em seu clássico *A velhice* (1987), publicado na França em 1970, realiza um apanhado histórico da construção da velhice no mundo ocidental, mostrando que um dos estereótipos mais fortemente vinculados à velhice é a ideia de “inverno da vida”. Acontece que mesmo o inverno não sendo de modo algum semelhante em todas as partes do mundo, o que prevalece é a ideia do inverno glacial, característico do hemisfério norte: frio, impiedoso, rígido, no qual predomina a ausência de calor vital.

Em seu livro *Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade* (2009, p. 12), Mariele Correa afirma “É na velhice que recai, de forma mais intensa, o isolacionismo da sociedade contemporânea. A condição de solidão a que muitos idosos estão submetidos é avassaladora”. Adiante, a autora relaciona características da sociedade contemporânea, como individualismo, isolacionismo, recusa frente à finitude, agudizadas na figura do velho, com a ausência de políticas públicas: “Essa era uma das faces da velhice, estigmatizada e indesejável, objeto de obras de caridade, confinada em asilos ou na solidão do desamparo familiar e social e preterida no âmbito das políticas públicas (p. 27). Ainda que reconheça a presença de algumas medidas de proteção legal, a realidade midiática social que impõe a juventude como regra e modelo acaba por forjar a velhice como algo indesejável, “uma espécie de tabu, da ordem de um interdito em relação ao qual o silêncio seria o melhor aliado (p. 28).

O envelhecimento da população brasileira tem gerado mudanças em relação aos cuidados com o velho, envolvendo aspectos econômicos, previdenciários, de saúde, organização social e encargos para famílias e governo, que não se restringem apenas à saúde individual, mas estendem-se a respostas sociais no combate à solidão, pobreza e exclusão a que os velhos estão sujeitos (Felipe & Souza, 2014; Frias, Peres, Pereira, Negreiros, Paranhos & Leite, 2014; Mota, 2009; Resck, Oliveira, Fonseca & Alves, 2016; Sanhueza & Chamorro, 2014; Vilar, 2009).

Além dos conflitos e rupturas próprios da transição que vivencia, o velho sofre a atribuição de estereótipos negativos ligados ao envelhecimento, conforme apontam Ferreira, Maciel, Silva, Sá e Moreira (2010), Loth e Silveira (2014), Schneider e Irigaray (2008). Mesmo sendo um processo vivenciado singularmente pelo sujeito, o silenciamento do velho é socialmente imposto e reforçado. Não tendo voz, ele dificilmente concebe sua própria imagem de modo positivo, pois nossa imagem, segundo Simone de Beauvoir (1987), é basicamente composta de aspectos percebidos pelo outro.

Também associados a estereótipos socialmente construídos, estão aqueles relacionados às condições de vulnerabilidade social, que contribuem para o isolamento social do velho (Amor, 2011). Tal condição põe em evidência a carência de políticas públicas voltadas para a saúde e assistência social desse contingente populacional que aumenta significativamente no Brasil (Frias, Peres, Pereira, Negreiros, Paranhos & Leite, 2014).

Em paralelo, no cenário social contemporâneo, estudos relatam forte tendência para estilos de vida nos quais as máquinas desempenham um papel de centralidade: televisão, computadores

etc. Benjamin (1994), Domingues (2014), Giordano (2013), Gomes, Santos e Barbosa (2014) e Simson e Giglio (2006) tratam do tema, enfatizando a presença cada vez maior de vidas carentes de histórias e de contadores com eloquência para fazê-lo. Tal carência parece atravessar diferentes contextos culturais, pois a presença midiática é realidade na sociedade de consumo.

Benjamin (1994) argumenta que deixamos para trás a arte de contar histórias, que consiste em uma troca de experiências com o coletivo, transmissão cuja realização é fortemente desvalorizada com o advento da modernidade. Reafirma, portanto, que no “momento em que a experiência coletiva se perde, em que a tradição comum já não oferece nenhuma base segura, outras formas narrativas tornam-se predominantes” (Benjamin, 1994, p.14). Assim, outras linguagens, como a midiática, passam a prevalecer, produzindo novos paradigmas de trocas e comportamentos, o que não implica dizer, de forma alguma, que o advento da tecnologia seja negativo.

Nesse contexto de “mudez” e carência social que enfrenta o velho, investigações sobre a importância dos laços sociais comunitários, dentre eles a narrativa, por meio da arte de contar histórias, trazem vantagens tanto para a comunidade em geral, quanto para os indivíduos que participam da atividade, pois estes vão se redescobrir paulatinamente e tendo oportunidade de refletir sobre aspectos de sua vida que sequer lhes pareciam existentes ou importantes. Tal invisibilidade, pode expressar-se como ausência de conhecimento de si, quando trazida para a lembrança em presença de outros. Ao ser nomeada, tem poder de ressignificar vivências, numa construção histórica (Domingues, 2014; Simson & Giglio, 2006). Essa atividade pode constituir uma ferramenta que auxilia os velhos a completar o processo de ressignificação do próprio envelhecimento, já que leva inevitavelmente a olhares e reflexões compartilhadas sobre si mesmos e seu passado. Mais que isso, permite o estreitamento de laços com pessoas diferentes, que estão passando pelo mesmo processo, considerando aspectos que se desenvolvem, se confirmam e se transformam no encontro com o outro (Hermans & Kempen, 1993).

Domingues (2014), Simson e Giglio (2006) e Bosi (2004) acreditam que, do ponto de vista psicológico, a oportunidade de expor ao grupo social aspectos de suas vivências pode permitir ao velho (re)adquirir a posição daquele que sabe, negada constantemente na rotina diária da sociedade capitalista pós-industrial. Para esse efeito, não é preciso ser considerado um “sábio”, grande possuidor da Verdade, mas reconhecido como detentor de saber entre outros

sujeitos. Permite que o velho tome consciência da sua função social como membro do grupo, e isso empresta novos significados a seu processo de envelhecer.

Deve-se ressaltar que a perspectiva de investigação que utiliza contos e histórias de tradição oral como instrumento de promoção de saúde pode produzir algum estranhamento na atualidade, já que vivemos num tempo em que qualidades como memória e saberes tradicionais são sufocados e desvalorizados, dando espaço à mecanicidade e, com eles, à desvalorização e perda da habilidade de ouvir e contar histórias (Bosi, 2004; Giordano, 2013).

O encontro entre tradição social e lembranças pessoais implica considerar o conceito de memória, na medida em que a memória social de um povo é fruto de atualizações das lembranças partilhadas. A perspectiva que atualmente busca revitalizar os saberes tradicionais e a tradição oral, além de permitir acesso a culturas de transmissão de ensinamentos pela palavra falada, “a cultura autêntica do conto”, como afirma Giordano (2013), produz um desvelamento de uma realidade invisibilizada em função de nossa submissão histórica a padrões eurocêntricos colonizadores (Sodré, 2012). Esse é um desafio ao qual a contemporaneidade nos convoca.

Botelho (2016), partindo de um ponto de vista holístico, compreende o processo de envelhecimento como um fenômeno biopsicossocial, incluindo a perspectiva de que não se pode falar em *velhice* como algo estanque e comum a toda e qualquer pessoa, mas *velhices*, como experiências singulares e capazes de ressignificação.

Importante ressaltar, conforme afirma Neri (2006), que a pesquisa sistemática envolvendo o fenômeno do envelhecimento é recente, remonta aos anos 1950. Isso significa que, pelo menos no Brasil, o referencial teórico ainda está em processo de construção. Muitas razões, portanto, podem ser apontadas como justificativa para essas lacunas teóricas, entre as quais: 1) a novidade da gerontologia no país, campo ainda desconhecido por muitos profissionais; 2) poucos professores e pesquisadores especializados atuando no ensino e na pesquisa, além de pouco investimento para formar recursos humanos nessa área; 3) o currículo da maioria dos cursos de graduação em Psicologia no país continua valorizando o ciclo desenvolvimental típico de infância e adolescência, por vezes ignorando ou dando menor importância para vida adulta e velhice; 4) as universidades e agências de fomento tendem a dificultar o acesso a recursos para a pesquisa, ensino e intervenção no campo do envelhecimento, seja por ignorância ou preconceito; 5) muitos praticantes da gerontologia social, da geriatria e da psicologia apontam o investimento em pesquisa como algo inócuo, já que não serviriam para resolver imediatamente problemas de saúde e pobreza da população (Neri, 2006).

Tourinho e Bastos (2010), ao analisar demandas dos grupos de pesquisa e programas de pós-graduação em Psicologia, também indicam a necessidade de fomentar pesquisas voltadas para demandas sociais específicas da nossa realidade como a atenção à população idosa, por todos os motivos já explanados anteriormente.

Complementando tal indicação, buscamos no histórico de teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia, instituição na qual o referido autor está vinculado, usando os descritores *velhice*, *envelhecimento*, *idosos*, *velhos* e encontramos apenas uma dissertação de mestrado defendida no ano de 2008, portanto anterior ao artigo, demonstrando o quanto o campo precisa sair da invisibilidade para ser desenvolvido.

Partindo da perspectiva que a arte de contar histórias pode ser um recurso de autocompreensão do fenômeno de envelhecimento, e, mais ainda, uma possibilidade de ação de promoção de saúde, o presente estudo busca, por meio de uma revisão bibliográfica sistemática, identificar e analisar o tipo de racionalidade presente na literatura sobre as categorias envelhecimento e contação de histórias em relação a sujeitos velhos, no âmbito da Gestalt-terapia, visando promover novas possibilidades de ressignificar a experiência do envelhecimento de modo positivo e socialmente referenciado, além de fomentar novas investigações sobre o tema, na perspectiva da integralidade da saúde.

MÉTODO

É minha morte, mas represento-a em pontilhado. E, por cima, coloco esses conhecimentos e essas ações que implicam o futuro (Sartre, em entrevista a Simone de Beauvoir, 1981).

O presente estudo consiste em uma revisão sistemática de literatura, que, de acordo com Mancini e Sampaio (2006), refere-se a uma maneira de pesquisar que utiliza como fontes de dados a literatura sobre determinado tema, disponibilizando um resumo das evidências relacionadas a uma estratégia de investigação específica, por meio de explicitação e sistematização de busca, apreciação crítica e síntese da informação selecionada.

Desta forma, a presente investigação teve início com a delimitação da pergunta: haveria na literatura sobre o tema do envelhecimento no Brasil alguma relação entre esse processo em

contexto de vulnerabilidade social e a contação de histórias como recurso de promoção de saúde do velho? A busca foi realizada a partir do levantamento de artigos indexados no SciELO Brasil e no Portal de periódicos da CAPES. Os artigos foram selecionados com base em algumas palavras-chave combinadas. Foram eles: *Envelhecimento + Contação de Histórias / Arte de contar histórias / Histórias; Contação de histórias; Arte de contar Histórias; Contos de Tradição Oral; Envelhecimento / Idoso + vulnerabilidade; Envelhecimento + significados; Envelhecimento / Idoso + Gestalt*. O período compreendeu artigos publicados nos últimos cinco anos, entre 2011 e 2016, utilizando as ferramentas de refinamento de busca presentes nos sítios mencionados. Além dos trabalhos desse período, foram consideradas publicações anteriores a 2011 julgadas relevantes, por terem aproximações significativas com o foco desta investigação. Em seguida, examinamos a consistência metodológica dos artigos e sua vinculação ao tema em questão.

O descritor *contação de histórias* no SciELO Brasil capturou 10 artigos, sendo que nove têm como sujeitos de investigação crianças e estão em educação (8) e saúde pública (1). Apenas um está na área da Psicologia tendo crianças como sujeitos. No Portal de periódicos, encontramos 23 artigos, sendo apenas um em psicologia. Os demais: educação (5); biblioteconomia (4); feminismo, comunidades tradicionais e saúde coletiva (2); educação física, comunicação midiática, letras, terapia ocupacional, dança, políticas públicas e administração (1). Em síntese, na área da psicologia, apenas dois artigos com este descritor.

Ao vincular *tradição oral + velhice* ou *tradição oral + envelhecimento* no SciELO e no Portal não apareceram trabalhos. Com *envelhecimento ou velhice + histórias* foram encontrados no SciELO seis artigos: saúde coletiva (3); enfermagem (2) e fonoaudiologia (1). No Portal, apareceram sete trabalhos, dos quais fonoaudiologia e psicologia (3) e um em saúde coletiva.

Com os descritores *Envelhecimento / Idosos / Velhice + Gestalt*, não apareceram trabalhos no SciELO Brasil; contudo, encontramos sete artigos no Portal, dois deles na área de psicologia: um sobre envelhecimento cerebral, a partir da neuropsicologia, outro sobre a validação de uma escala de avaliação perceptual; os demais, nas seguintes áreas: design (1), ciências geodésicas (1), educação (1), saúde coletiva (1), letras (1).

A seguir, examinaremos 27 trabalhos, que não se restringem à área da psicologia, conforme já delimitado acima.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

E em nossas conversas eu reencontrava-o inteiramente. Falávamos de nossa vida, de nossa idade, de tudo e de nada. Ele envelhecera, é verdade, mas era verdadeiramente ele mesmo (Simone de Beauvoir, referindo-se a Sartre, 1981).

Dentre os trabalhos selecionados, percebemos uma subdivisão entre aqueles que buscavam a compreensão desses significados pelos próprios sujeitos e aqueles que falavam sobre eles, não necessariamente considerando a palavra do sujeito.

Felipe e Sousa (2014) analisam a construção da categoria velhice partindo dos princípios de classificação utilizados pela sociedade capitalista contemporânea e apontam dificuldades e importância da compreensão da constituição da velhice como problema social e objeto do discurso científico, além do trabalho coletivo de imposição de uma identidade social específica e generalizada. Mesmo com diversos discursos homogeneizadores em relação aos idosos, os autores concluem que velhice é construção social que expressa diversidades como raça, gênero, classe, entre outras, tornando a experiência de envelhecimento muito distinta e os significados atribuídos a ela bastante heterogêneos.

Motta (2012) complementa as afirmações acima, ao estudar a relação do paradigma social atual da longevidade e juvenescimento, que prolonga não apenas a vida, mas as situações geracionais, com a vivência do envelhecimento. A autora afirma que crianças têm se “juvenilizado” tornando-se pré-adolescentes muito cedo, enquanto idosos e adultos buscam rejuvenescer e atingir ideais de perfeição física impossíveis de serem atingidos. Nesse estudo, Motta (2012) aproxima-se da perspectiva de Menezes e Frota (2012) que trabalham sobre o significado do corpo na velhice, bem como sobre políticas públicas destinadas aos velhos. Essas autores se voltam para a compreensão do significado que os sujeitos dão ao corpo no processo de envelhecer e do tipo de estética que atribuem ao corpo na atualidade, investigando mudanças corporais que eles próprios identificam. Pôde ser constatado que o corpo funciona como um marco do tempo, tendo como métrica o corpo jovem, e que existe a possibilidade de ressignificação da beleza do corpo velho, não atrelado ao padrão convencional, mas à saúde, vitalidade e sensação de bem-estar. Tais resultados foram extraídos de depoimentos diretos dos sujeitos do estudo.

Em decorrência da cultura da juventude, velhos muitas vezes incorporam uma imagem estigmatizada e negativa sobre si mesmos, como demonstram Loth e Silveira (2014) em seu

estudo sobre o etarismo nas organizações, principalmente em relação ao mercado de trabalho. Contudo, o que pôde ser percebido no estudo, bem como no de Migliorini (2010), é que muitos processos podem manter-se preservados nos velhos, tais como: imaginação simbólica, conteúdos de memória e permeabilidade com a imaginação, criatividade e processos afetivos intensos, não reforçando estereótipos ligados à velhice, como categoria geral classificatória (Loth & Silveira, 2014; Miglorini, 2010).

Por outro lado, Resck, Oliveira, Fonseca e Alves (2014) apontam que a transição demográfica no Brasil acarreta sérios desafios para o sistema de saúde, indicando maior acometimento de condições crônicas em velhos. Os autores focalizam a necessidade de pensar novos paradigmas de ensino e atuação em profissionais e futuros profissionais de saúde, contrariamente ao modelo biomédico, que não mais atenderia às necessidades de saúde dos velhos na contemporaneidade. O desafio do século, portanto, seria a garantia de um envelhecimento ativo e digno da população, no qual velhos tenham participação ativa na vida social, reduzindo estigmas e preconceito (Bosi, 2004; Goldenberg, 2013; Soares & Silva, 2015).

O desafio de promover os direitos de cidadania desses sujeitos está especialmente relacionado com a participação social através da educação permanente, segundo Sanhueza Chamorro (2014). A autora se debruça sobre a compreensão de imagens sociais que velhos manifestam sobre a velhice, em um serviço de saúde em Granada, na Espanha, levando em conta aspectos sociodemográficos. Ela percebeu que, em casos de vulnerabilidade social, as visões eram mais negativas e estereotipadas sobre os velhos em comparação com aqueles em melhores condições sociodemográficas. Amor (2011) evidencia que representações sociais da velhice são também, e principalmente, marcadas pela dimensão fisiológica do processo, enfatizando a imagem de fragilidade e dependência física, reforçada pela configuração socioespacial urbana que pode contribuir com o isolamento social, principalmente nos meios mais vulneráveis economicamente.

Silva e Schwanke (2013) analisaram o conhecimento do Estatuto do Idoso por velhos participantes da Estratégia de Saúde da Família e encontraram associação estatisticamente significativa entre conhecimento do documento e escolaridade, demonstrando que grande parcela dos que desconhecem o Estatuto tem baixa escolaridade e vive situações de vulnerabilidade social. Frias, Peres, Pereira, Negreiros, Panhos e Leite (2014), em investigação sobre velhos em vulnerabilidade social e situação de rua, tendo como variável facilidades ou dificuldades na utilização de recursos tecnológicos como computador e

internet, apontam que os estudos com essa parcela da população, em condição de vulnerabilidade social, podem contribuir com evidências que direcionem a formulação de políticas públicas específicas. Simson, Giglio (2006) e Domingues (2014), seguindo essa premissa, sugerem que a história oral pode ser uma via de promoção de saúde para o velho. Consideram a velhice como um lugar privilegiado para a narrativa oral de histórias de vida e trazem experiências realizadas com esse grupo por meio de tal metodologia. O encontro entre envelhecimento, experiência narrativa e História Oral pode constituir, para os autores, um modo de preservar os sujeitos e seus testemunhos do passado e do presente, fortalecendo identidade e modos de subjetivação, além de proporcionar o reconhecimento de aspectos da sua função social como membros do grupo, o que empresta novos significados ao processo de envelhecer (Domingues, 2014; Simson & Giglio, 2006).

Deve-se levar em conta que esses foram os únicos estudos encontrados sobre envelhecimento relacionados com História Oral, o que não inclui a contação de histórias e contos de tradição oral, que foram objetos de estudos no campo da Educação e Saúde/Hospitalar, além de um voltado para a violência da mulher. O trabalho de Brandão, Smith, Sperb e Parente (2006) aproxima-se do tema, quando investiga a produção narrativa de crianças e velhos, focalizando estudos intergeracionais, enfatizando a habilidade dos velhos em contar histórias para crianças, e ressaltando sobre a importância desse gesto para o desenvolvimento infantil e para aproximar as gerações.

Foram encontrados estudos sobre significações do envelhecimento pelos próprios velhos, com utilização metodológica de narrativas e entrevistas individuais em profundidade, como Santos, Moreira e Cervený (2014) que investigaram a autoimagem e identidade social pelas histórias do passado e pelo presente. Pino, Ricoy e Portela (2009) que analisaram a percepção de velhos sobre sua saúde, e Parente, Pimenta e Nespoulous (1999) que examinaram a ativação de modelos mentais ao contar histórias, concluem que a memória é positivamente afetada nesse processo.

Dois estudos com participantes de oficinas grupais utilizaram depoimentos por meio de entrevistas em profundidade. Lourenço, Massi e Lima (2014) analisaram efeitos de uma oficina de linguagem, com discussões orais e narrativas autobiográficas, afirmando que o ato de escrever e narrar suas histórias permitiu ressignificar posicionamentos em relação ao outro e a si mesmos, bem como ao ato de envelhecer e à própria sociedade. O estudo de Silva e Junqueira (2013), sobre encontros intergeracionais com estudantes jovens e velhos participantes de um centro de convivência, com base em histórias autobiográficas, avaliou

atributos sociohistóricos e socioculturais do ciclo de vida, concluindo que houve protagonismo dos velhos em relação ao processo de envelhecimento, trajetória de vida e compreensão das relações intergeracionais.

Bispo (2016) discute o sentimento de solidão e abandono na velhice, mediante a análise da trajetória das antigas dançarinas eróticas, denominadas “Chacretes”, que se tornaram célebres personagens na televisão brasileira entre 1970 e 1980. Ele compreende a solidão como uma experiência emocional advinda das negociações sociais cotidianas operadas pelos sujeitos acerca de suas próprias vidas. Utilizando a análise em profundidade do caso de uma antiga “Chacrete”, ele conclui que dor, sofrimento e solidão em uma mulher envelhecida não são sentimentos idiossincráticos, mas resultado de contato e trocas sociais.

Junior e Pocahy (2015), por sua vez, problematizam a relação entre gênero, sexualidade e velhice, investigando experiências políticas e culturais de travestis, na obra de Pedro Antunes, que entrevistou três velhas travestis, vivendo em contextos urbanos. Esses autores discutem sobre a visão da obra que associa velhice a decadência, ao mesmo tempo em que demonstram um encantamento do autor em relação às três senhoras, considerando-as exemplos e modelos para as travestis mais jovens. A partir da intensidade das narrativas exploradas, percebem a velhice como um problema social e não um lugar de tutela, pensando no que podemos fazer por nós mesmos diante dos códigos morais que abrigam os discursos em torno da velhice ideal, ao nos darmos conta de que envelheceremos.

Na perspectiva da contação de histórias e contos de tradição oral, Rosevicks, Aguiar, Borges, Hasegawa Filho, Yamashita, Manchak e Azevedo (2014) e Gomes, Santos e Barbosa (2014) estudaram a arte de contar histórias como estratégia de humanização em saúde. Eles concordam que a contação de histórias pode colaborar com recuperação e promoção de saúde dos sujeitos, favorecendo, inclusive, a ressignificação emocional, além de transformação social, cultural e cognitiva, tanto para o sujeito que conta quanto para o que escuta histórias. Sujeitos hospitalizados comumente enfrentam isolamento social, tensão psicológica, medo, insegurança, fragilidade e até despersonalização que, tratadas a partir do imaginário do contador de histórias, têm o poder de atenuar o sofrimento dos pacientes. Além disso, concordam que essa é uma ferramenta que promove a prática intersubjetiva, favorecendo a comunicação e, conseqüentemente, a humanização da relação entre pacientes e profissionais de saúde.

Quanto à interface da arte de contar histórias e contos de tradição oral tendo como foco a educação, os estudos de Silva, C. (2016), Giordano (2013) assim como Fasanello e Porto

(2012) discutem e apontam a relevância da arte de contar histórias como prática desencadeadora de processos criativos e de autoconhecimento, no âmbito da educação.

Fasanello e Porto (2012) enfocam estudos na educação básica e acreditam que essas experiências reforçam a importância de buscar alternativas pedagógicas para o desenvolvimento de escolas mais criativas e transformadoras da realidade, que estimulem alunos mais autônomos e futuros cidadãos.

Giordano (2013) amplia estudos iniciados com crianças e adolescentes para pessoas de todas as faixas etárias submetidas a processos educacionais, interessada na contribuição dos contos tradicionais para as sociedades contemporâneas. A autora acredita que o conto de tradição oral é um instrumento de trabalho muito útil em diferentes áreas como educação, psicopedagogia, psicoterapia e arteterapia, mas pode causar estranheza como objeto de pesquisa na atualidade, pois vivemos num tempo de máquinas e computadores, que sufoca qualidades como a memória e os saberes de antigamente (Giordano, 2013). Para a autora, o trabalho com os contos de tradição oral reavivam e atualizam a memória social de um povo, em relação direta com a tradição. Complementa que educadores e contadores de histórias devem construir uma relação baseada no prazer de apresentar um conto como possibilidade de ampliar o imaginário e trazer diferentes culturas, o que proporciona a apropriação pelo ouvinte da palavra do contador, dando sentido e integrando-a em seu universo pessoal e psicoafetivo. Tal recurso responde a uma necessidade profunda da nossa sociedade: a oralidade (Giordano, 2013).

Braga, Silveira, Coimbra e Porto (2011), dentro de uma proposta e estudo vinculado à enfermagem, referem-se à importância das histórias infantis como instrumento para a ação da enfermagem e promoção de saúde mental na infância. Propõem identificar as emoções nas crianças, através de histórias escolhidas com um enfoque na saúde, em um grupo de seis crianças usuárias de um ambulatório de saúde mental infantil, e concluem que a criação de histórias contextualizadas facilitam às crianças identificarem principalmente quatro emoções básicas (raiva, medo, alegria e tristeza), qualificando as ações da enfermagem na promoção da saúde mental.

Silva, C. (2016), por sua vez, investiga a contribuição da contação de histórias na vivência dos acadêmicos extensionistas em um projeto de extensão universitária. Apresenta o histórico da Extensão Universitária no Brasil e na UFRGS, com a finalidade de compreender seu objetivo e função no panorama da educação superior. Ela afirma que essa vivência possibilitou a emergência de novas formas de pensamento e de ação para os referidos acadêmicos,

contribuindo, dessa maneira, para a formação de si, o reconhecimento e atribuição de sentidos e significados para o aprendizado e o ensino superior (Silva, C. 2016).

Foi encontrado um estudo que analisa a contação de histórias como possibilidade de trabalhar o tema da violência contra a mulher (Oliveira, 2014). A autora acredita que estratégias artísticas como literatura, teatro e contação de histórias têm função de dar visibilidade a temas como a violência, tanto em escolas, com jovens, quanto com mulheres, e homossexuais, com novas possibilidades de compreensão que abarcam diferenças e refutam normatizações. Com a abertura desses espaços junto a diferentes segmentos populacionais e da criação de modos singulares de se falar e pensar, Oliveira (2014) afirma que foi possível inaugurar encontros potentes com as pessoas, permitindo a sensibilização para grandes problemas sociais e a vivência de experiências de um modo menos doloroso e não massificado.

Oliveira e Rocha (2016) ampliam essa perspectiva quando analisam a legitimação e manutenção de identidades sexuais homogêneas, dentro de uma perspectiva monocultural, associadas às práticas de contar histórias e de leituras. As autoras propõem a utilização dessa ferramenta para auxiliar na desmontagem de processos identitários hierarquizantes, abrindo espaço para as minorias, excluídas dos processos que costumam movimentar os universos de diferentes campos de atuação. Discutem a inserção da contação de histórias como dispositivo estético-político e metodológico que pode ser acionado em pesquisas e intervenções no campo da psicologia e da educação em trabalhos que envolvam gênero, diversidade sexual, lesbofobia, homofobia, dentre outros. Comentam uma história que foi apresentada para crianças, adolescentes e adultas (os), no projeto *Quem reconstrói um conto*, premiado pelo governo de São Paulo em 2012, Secretaria da Cultura e Programa de Ação Cultura, apoiando a divulgação de uma cultura LGBT promovendo desconstruções identitárias e respeito à alteridade.

Estudos que vinculam cultura, linguagem e identidade foram examinados. Souza, Silva e Spotti (2013), Jacanamijoy, (2014) e Gusmão e Jobim (2010) refletem sobre a abordagem da tradição oral em comunidades indígenas, pequenos povoados e na comunidade Inga (Colômbia), afirmando que quando se conta uma história pessoal, conta-se também a história da família e, mais ainda, aviva-se um pouco da história de toda aquela cultura. Os resultados desses trabalhos contribuem para a compreensão da ação e do discurso dos indivíduos como condição do exercício da ética e da política na vida prática e, conseqüentemente, destacam a importância da experiência singular e a presença única de cada pessoa no mundo. Peña Lora (2014) complementa essa análise, com a conclusão da situação de empobrecimento e declínio

da literatura oral na América Latina, ressaltando o quanto esse processo é importante para a identidade cultural, necessitando ser preservado.

Leyva Mosquera (2015) focaliza, também na perspectiva acima indicada, o *tsombiach*, faixa de lã tradicional das mulheres indígenas Kamentsá do Alto Putumayo, como uma apresentação da história tradicional de toda uma comunidade, a partir da experiência pessoal de suas portadoras e artífices. Elas refletem sobre como a integração entre a expressão textual e oral, além das narrativas dessas senhoras, animam e movimentam a vida comunitária.

Não capturamos nenhum artigo sobre envelhecimento e contação de histórias, a partir do referencial teórico da Gestalt-terapia. No recente livro organizado por Frazão e Fukumitsu (2016), o capítulo escrito por Botelho (2016) promove uma visão geral sobre o trabalho com velhos na perspectiva da Gestalt-terapia. A autora apresenta seu trabalho em diversas modalidades de atendimento psicológico com velhos, envolvendo a clínica ampliada em diferentes contextos, como consultório, residência, empresas e Instituições de Longa Permanência. Aponta a importância do olhar, da intervenção e da mediação do Gestalt-terapeuta no campo da gerontologia, utilizando como pano de fundo conceitos gestálticos como necessidade, autorregulação e ajustamento criativo. Não inclui, contudo, trabalhos artísticos ou a arte de contar histórias, foco deste estudo.

Consideramos importante frisar que todos os estudos brasileiros aqui coletados concordam com a necessidade de focalizar o envelhecimento, não apenas em decorrência da chamada “Era do envelhecimento”, mas sobretudo pelos aspectos positivos encontrados indiscutivelmente, nos âmbitos pessoal, familiar e social.

Por fim, nesta revisão de literatura, notamos pouca homogeneidade em relação à terminologia para identificar os sujeitos em processo de envelhecimento. Alencar e Carvalho (2009) indagam qual seria a melhor maneira de referir o sujeito que vivencia o fenômeno do envelhecimento: idoso, pessoa idosa, ancião, velho, senil, terceira idade, melhor idade? Haveria um termo mais adequado para designar sujeitos em processo de envelhecimento? Num estudo sobre significados do envelhecimento, Ferreira e colaboradores (2010) observam que a palavra “velho” costuma ser associada a aspectos com conotações negativas, ancoradas na ideia de inutilidade, limitação e doença, ideia compartilhada por Correa (2009), Jardim, Medeiros e Brito (2006), Schneider e Irigaray (2008) e Silva, L. (2008). Ao mesmo tempo, designações como terceira idade, melhor idade, feliz idade, maturidade, como novas possibilidades de se referir à velhice, aludem a possibilidades de compreender e vivenciar essa fase da vida de uma forma mais positiva (Correa, 2009).

Acreditamos na utilização do termo “velho” em consonância com os demais termos dele derivados e já consagrados nos mais variados campos: “velhice” e “envelhecimento”. Consideramos ser possível sustentar a ideia de velhice como processo desenvolvimental inerente à vida humana e não como algo em si negativo ou ligado a inutilidade e doença, desassociando a palavra do preconceito que tradicionalmente carrega. Apostar no vocábulo “velho” e seus correlatos implica, a nosso ver, descartar designações que pretendem escamotear a complexidade do fenômeno, adjetivando-a de modo romântico ou ingênuo: melhor idade, feliz idade etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a velhice é, como dizem alguns, a perda da curiosidade, então ele [Sartre] absolutamente não estava velho (Simone de Beauvoir, 1981).

Estudos demonstram que no mundo capitalista pós-industrial, o processo de envelhecer é comumente associado a ideias de perda, inutilidade, abandono, doenças (Bosi, 2004; Motta, 2012; Goldenberg, 2013; Loth & Silveira, 2014; Menezes & Frota, 2012; Soares & Silva, 2015). Ao mesmo tempo, no Brasil e no mundo vive-se a era do envelhecimento. No atual contexto social, diálogos virtuais, conversas pelo celular e internet, promovem outras formas de socialidade e diminuem encontros presenciais para conversar, contar e ouvir histórias (Benjamin, 1994; Bosi, 2004; Giordano, 2013), o que impacta a vida do velho, que guarda como um dos “troféus” de vida suas histórias, já não mais valorizadas e admiradas (Bosi, 2004; Domingues, 2014; Simson & Giglio, 2006).

Estudos também apontam para a necessidade de pensar políticas de promoção de saúde e bem-estar no processo de transição para o envelhecimento, a fim de contribuir para a saúde integral desses sujeitos (Domingues, 2014; Lourenço, Massi & Lima, 2014; Pino, Ricoy & Portela, 2009; Resck, Oliveira & Alves, 2016; Sanhueza Chamorro, 2014; Silva & Schwanke, 2013; Simson & Giglio, 2006; Soares & Silva, 2015).

Ao analisar as publicações dos últimos anos sobre o tema, percebe-se uma lacuna, a partir da qual pôde ser constatado que poucos estudos focalizam a arte de contar histórias e tradição oral como recurso para possibilitar a ressignificação do envelhecimento e trazer compreensão a este fenômeno na condição de transição desenvolvimental.

Há escassa literatura no campo da psicologia e mais ainda da Gestalt-terapia, já que a grande maioria das investigações quando refletem a compreensão do envelhecimento pelo sujeito, fazem-no a partir de entrevistas individuais narrativas, enquanto contos de tradição oral prevalecem em estudos nos campos da educação, hospitalar e compreensão de cultura em comunidades e povos tradicionais. O ponto de vista apresentado costuma ser o do pesquisador e não dos sujeitos, revelando adicionalmente que o campo da psicologia não investe em metodologias ativas, na dialogia e na horizontalidade entre sujeitos envolvidos e socialmente implicados.

Em que pesem os indícios de que há um imperdoável e violento processo de exclusão, silenciamento e invisibilidade do velho em nosso país e em nossa comunidade científica, é desejável e imperioso sustentar o tema da velhice como parte inerente da condição humana e não como algo em si negativo, ligado a inutilidade e doença. Processo de envelhecimento é processo desenvolvimental, necessário à transmissão de sentidos e significações, pessoais e culturais, entre gerações, na direção da superação de estereótipos cristalizados e de uma vida melhor, sobretudo para grupos populacionais em situação de vulnerabilidade social.

REFERÊNCIAS

- Alencar, M. do S. S. & Carvalho, C. M. R. G. de. (2009). O envelhecimento pela ótica conceitual, sociodemográfica e político-educacional: ênfase na experiência piauiense. *Interface (Botucatu)*, 13(29), 435-444. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832009000200015>
- Amor, T. (2011). Percorrendo a (C)idade com idosos: a construção urbana da vulnerabilidade. *Cidades, Comunidades e Territórios*. Dinâmia'cet-IUL, 23, 21-40. Recuperado de <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/4831>.
- Beauvoir, S. (1987). *A velhice*. Rio de Janeiro: EDUSP.
- Beauvoir, S (1981). *A cerimônia do adeus, seguido de entrevistas com Jean-Paul Sartre*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Benjamin, W. (1994). O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Em: Benjamin, W. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- Birman, J. (2006). *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Bispo, R. (2016). Tempos e silêncios em narrativas: etnografia da solidão e do envelhecimento nas margens do dizível. *Etnográfica [Online]*, 20(2), 251-274. Recuperado de <https://etnografica.revues.org/4268#text>.

Bosi, E. (2004). *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.

Botelho, J. (2016). O trabalho com idosos em Gestalt-terapia. Em: Frazão, L. & Fukumitsu, K. (Org.). *Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus Editorial.

Braga, G. C.; Silveira, E. M.; Coimbra, V. C. C. & Porto, A. R. (2011). Promoção em saúde mental: a enfermagem criando e intervindo com histórias infantis. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 32(1), 121-128. <https://dx.doi.org/10.1590/S1983-14472011000100016>

Brandão, L.; Smith, V.; Sperb, T. M. & Parente, M. A. de M. P. (2006). Narrativas intergeracionais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(1), 98-105. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722006000100014>

Correa, M. R. (2009). *Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade*. São Paulo (SP): Cultura Acadêmica. Recuperado de <http://hdl.handle.net/11449/109097>.

Costa, E. M. S. (1998). *Gerontodrama: a velhice em cena*. São Paulo: Ágora.

Domingues, A. (2014). O Envelhecimento, a Experiência Narrativa e a História Oral: um encontro e algumas experiências. *Psicologia Política*, 14(31), 551-568. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2014000300009.

Fasanello, M. T. & Porto, M. F. de S. (2012). A arte de contar histórias, integrada a outras linguagens de arte: uma prática pedagógica na educação básica. *Pro-Posições*, 23(3), 123-131. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072012000300008>

Felipe, T. W. S. S. & Sousa, S. M. N. (2014). A construção da categoria velhice e seus significados. *Pracs: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, 7(2), 19-33. Recuperado de <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/1384/thayzav7n2.pdf>.

Ferreira, O. G. L.; Maciel, S. C.; Silva, A. O.; Sá, R. C. da N. & Moreira, M. A. S. (2010). Significados atribuídos ao envelhecimento: idoso, velho e idoso ativo. *Psico-USF*, 15(3), 357-364. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712010000300009>

Frias, M. A da E.; Peres, H. H. C.; Pereira, V. A. G.; Negreiros, M. C.; Paranhos, W. Y. & Leite, M. M. J. (2014). Idosos em situação de rua ou vulnerabilidade social: facilidades e dificuldades no uso de ferramentas computacionais. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 67(5), 766-772. <https://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2014670514>

Galvão, T. F & Pereira, M. G. (2014). Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 23(1), 183-184. <http://dx.doi.org/10.5123/S1679-49742014000100018>

Giordano, A. (2013). A arte de contar histórias e o conto de tradição oral em práticas educativas. *Construção psicopedagógica*, 21(22), 26-45. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542013000100004&lng=pt&tlng=pt.

Goldenberg, M. (2013). *A Bela Velhice*. Rio de Janeiro: Record.

Gomes, E. de O.; Santos, R. L. & Barbosa, E. da S. (2014). A Arte de Contar Histórias: uma estratégia para humanização na saúde. *Revista Interfaces da Saúde*, Tabuleiro do Norte, 1(1), 30-38. Recuperado de <http://www.fvj.br/revista/wp-content/uploads/2014/11/Interfaces3.pdf>.

Gusmão, D. S. & Jobim e S., S. (2010). História, memória e narrativa: a revelação do “quem” nas histórias orais dos habitantes do Córrego dos Januários. *Psicologia & Sociedade*, 22(2), 288-298. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822010000200009>

Hermans, H. & Kempen, H. (1993). Imaginal dialogues in the self: Theory and method. *Journal of Personality*, 61(2), 207-236.

Jacanamijoy, B. (2014). El arte de contar y pintar la propia historia. *Mundo Amazônico*, 5, 211-219. <http://dx.doi.org/10.15446/ma.v5.45798>

Jardim, V. C. F. da S.; Medeiros, B. F. & Brito, A. M. (2006). Um olhar sobre o processo do envelhecimento: a percepção de idosos sobre a velhice. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, 9(2), 25-34. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=403838770003>.

Junior, F. F. L. & Pocahy, F. A. (2015). Sim, elas envelhecem: problematizando a interseccionalidade entre gênero, sexualidade e idade. *Revista Estudos Feministas*, 23(1), 271-273. <https://dx.doi.org/10.1590/0104-026X2015v23n1p271>

Leyva Mosquera, S. D. (2015). El tsombiach: tejiendo la vida entre memoria y tradición. *Universitas Humanística*, 81(81), 229-253. <https://dx.doi.org/10.11144/Javeriana.uh81.ettv>

Loth, G. B. & Silveira, N. (2014). Etarismo nas organizações: um estudo dos estereótipos em trabalhadores envelhecidos. *Revista de Ciências da Administração*, 16(19), 65-82. <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8077.2014v16n39p65>

Lourenço, R. C. C. & Massi, G.; Lima, R. R. (2014). Trabalho com a linguagem e envelhecimento: uma busca por ressignificações de histórias de vida. *Revista CEFAC*, 16(2), 672-678. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-021620148013>

Mancini, M. C. & Sampaio, R. F. (2006). Quando o objeto de estudo é a literatura: estudos de revisão. *Brazilian Journal of Physical Therapy*, 10(4). <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-35552006000400001>

Martins, Edna (2013). Constituição e significação de família para idosos institucionalizados: uma visão histórico-cultural do envelhecimento. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 13(1), 215-236. Recuperado de <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/7933/5726>.

Menezes, K. M. G. & Frota, M. H. de P. (2012). Corpos velhos e a beleza do crepúsculo: um estudo sobre os (re)significados da corporeidade na velhice. *Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad (RELACES)*, 9(4), 7-16. Recuperado de <http://www.relaces.com.ar/index.php/relaces/article/viewFile/162/124>.

Migliorini, W. J. M. (2010). Imaginário e envelhecimento: imagens simbólicas de três nonagenários. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 20(45), 83-93. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2010000100011>

Mota, I. (2009). O Tempo da Vida – Abertura. Em: Fundação Calouste Gulbenkian (Org.). *O Tempo da Vida: Fórum Gulbenkian de Saúde Sobre o Envelhecimento 2008/2009*. Cascais: Príncipeia.

Motta, A. B. da. (2012). A Juvenilização Atual das Idades. *Caderno Espaço Feminino*, 25(2), 11-24. Recuperado de <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/viewFile/21802/11963>.

Neri, A. L. (2006). Teorias Psicológicas do Envelhecimento. Em: Py, L.; Freitas, E. V.; Gorzoni, M. L. (Org.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabra Koogan.

Oliveira, E. C. S. (2014). Contando estórias e inventando metodologias para discutir a violência contra as mulheres. *Revista Estudos Feministas*, 22(1), 195-214. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2014000100011>

Oliveira, E. C. S. & Rocha, K. A. (2016). Sobre cafundós, confins, fronteiras: contações de histórias sobre diversidade sexual. *Psicologia & Sociedade*, 28(1), 94-104. <https://dx.doi.org/10.1590/1807-03102015v28n1p094>

Parente, M. A. de M. P.; Capuano, A. & Nespoulous, J-L. (1999). Ativação de modelos mentais no recontar de histórias por idosos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(1), 157-172. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721999000100011>

Peña Lora, M. R. (2014). Un reto cultural de la actualidad: la preservación de la cuentería popular latinoamericana. *Desafíos*, 26(2), 217-236. <http://dx.doi.org/10.12804/desafios26.02.2014.08>

Pino, M.; Ricoy, M. C. & Portela, J. (2009). Evaluación sobre las características del proceso de envejecimiento a través de relatos de vida. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 13(31), 369-382. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832009000400011>

Resck, Z. M.; Oliveira, A. N. & Alves, P. (2014). Atendimento de saúde a um grupo de idosos cadastrados em uma clínica universitária. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, 12(2), 591-600. Recuperado de <http://revistas.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/1607>.

Rosevics, L.; Aguiar, D. A.; Borges, C. R.; Hasegawa, R.; Yamashita, T. S., Manchak, A. C. & Azevedo, V. F. (2014). ProCura - a arte da vida: um projeto pela humanização na saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 38(4), 486-492. <https://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022014000400010>

Sampaio, R. F. & Mancini, M. C. (2007). Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Rev. bras. fisioter.*, 11(1), p. 83-89, jan./fev. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rbfis/v11n1/12.pdf>.

Sanhueza Chamorro, J. (2014). Estereotipos sociales sobre la vejez en estudiantes mayores: un estudio de caso. *Revista internacional de educación para la justicia social (RIEJS)*, 3(1), 217-229, 2014. Recuperado de <http://www.rinace.net/riejs/numeros/vol3-num1/art11.pdf>.

Santos, D. de F. dos; Moreira, M. A. de A. & Cerveney, C. (2014). Velhice – considerações sobre o envelhecimento: imagens no espelho. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 23(48), 80-94. Recuperado de <http://www.revistanps.com.br/index.php/nps/article/view/53/40>.

Saramago, J. (2005). Entrevista. *Folha de São Paulo*, Ilustrada, São Paulo, 02 de abril de 2005. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0204200519.htm>.

Schneider, R. H. & Irigaray, T. Q. (2008). O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia*, 25(4), 585-593. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n4/a13v25n4.pdf>.

Silva, A. C. & Schwanke, C. H. A. (2013). *Estatuto do idoso: análise do conhecimento dos idosos atendidos pela estratégia saúde da família* (Dissertação de mestrado). Instituto de Geriatria e Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Silva, C. E. C. (2016). *A Contação de histórias na extensão universitária e sua contribuição para a formação acadêmica* (Dissertação de mestrado). Instituto de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Silva, H. S. & Junqueira, P. G. (2013). Reflexões e narrativas (auto)biográficas sobre as relações intergeracionais: resultados de uma intervenção socioeducativa com mulheres idosas. *Psicologia & Sociedade*, 25(3), 559-570. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822013000300010>

Silva, L. R. F. (2008). Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 15(1), 155-168. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702008000100009>

Simson, O. & Giglio, Z. (2006). A arte de recriar o passado: história oral e velhice bem sucedida. Em: A. Neri (Org.). *Desenvolvimento e Envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológica e sociológicas*. Campinas, SP: Papirus.

Soares, N. & Silva, A. (2015). O envelhecimento ativo como experiência de vida: narrativas de pessoas idosas. *Journal of research: fundam. care. online*, dez 7 (suplemento), 173-181. <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2015.v7i5.173-181>

Sodré, M. (2012). *Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Souza, C. M.; Silva, M. G. dos S. P. & Spotti, C. V. N. (2013). A Força de Contar Histórias: Tradição Oral Indígena e História Oral em Roraima. *Tempos Históricos*, 17, 213-232. Recuperado de

http://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1397438624_ARQUIVO_TextoCompletoCarlaMonteiroeGeorginaSilva.pdf.

Tourinho, E. Z. & Bastos, A. V. B. (2010). Desafios da pós-graduação em Psicologia no Brasil. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23, 35-46. Recuperado de <http://www.redalyc.org/pdf/188/18815255004.pdf>.

Valsiner, J. (2007). *Culture in Minds and Societies*. New Delhi: Sage.

Vilar, R. (2009). Prefácio de “O Tempo da Vida”. *O Tempo da Vida*. Em: Fundação Calouste Gulbenkian (Org.). Fórum Gulbenkian de Saúde Sobre o Envelhecimento, 2008/2009. Cascais: Príncipeia.

ARTIGO 2

PROCESSO CRIATIVO E ENVELHECIMENTO EM UMA PESQUISA-AÇÃO

RESUMO

Apresenta-se uma pesquisa-ação com um grupo de velhos em situação de vulnerabilidade social, participantes de uma Organização Não-Governamental em Salvador, Bahia. O objetivo deste artigo é descrever e examinar efeitos de um trabalho de oficinas de contação de histórias com esses sujeitos. Como objetivos específicos, destacam-se: investigar eventuais ganhos de construção de autonomia e melhoria de qualidade de vida e discutir efeitos da pesquisa-ação como ferramenta de ressignificação do processo de envelhecimento com pessoas em situação de vulnerabilidade social. Dentre os resultados obtidos, chamam a atenção alguns aspectos, dentre eles: as oficinas foram percebidas como promoção de uma participação mais engajada e inclusiva pelos sujeitos; ressignificação de estereótipos socialmente construídos sobre a velhice pelos sujeitos e demais usuários da ONG; ampliação do senso crítico e de exigências por condições de vida e relações sociais **mais** respeitadas; senso de independência; fortalecimento de perspectivas futuras de vida e realização de projetos pessoais; integração grupal e fortalecimento de vínculos, como aspectos que auxiliam no senso de pertencimento e autonomia; fortalecimento da memória; liberação da ludicidade, espontaneidade e criatividade, como aspectos que geram sensações de bem-estar e razoável sentido de emancipação.

Palavras-chave: Pesquisa-ação; Envelhecimento; Contação de histórias; Psicologia do desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

A longevidade vem constituindo o destino humano cada vez mais comum no mundo e no Brasil. Esse fato é facilmente verificável ao ser analisado o número crescente de velhos que, no Brasil, já ultrapassa os 9,7%, quando em 1900 não chegava a 1% (Celich & Bordin, 2008; Costa, 1998; Felipe & Sousa, 2014, Hamilton, 2002; Menezes & Frota, 2012; Kalache, 2007).

Viver mais, contudo, não é sinônimo de viver com qualidade de vida. Valentini e Ribas (2003), Hamilton (2002) e Costa (1998) revelam que esse contingente apresenta com muita frequência alterações psíquicas, depressão, ansiedade, hipocondria, tendências suicidas, baixa autoestima e autoimagem, desinteresse pelo cotidiano e/ou humor irritadiço. Já Costa (1998) e Goldenberg (2013) indicam que o velho saudável é aquele que continua vivendo e usufruindo do que a vida pode oferecer, não focalizando apenas perdas ou o que não pode mais atingir, preservando desejos de realização pessoal.

Hamilton (2002) aponta estudos que revelam que pessoas velhas têm pior desempenho nas tarefas de pensamento divergente, ou seja, aquelas que envolvem criatividade. Por outro lado, argumenta que o pensamento divergente não necessariamente é resultado de pior desempenho, mas se torna em geral menos importante, conforme as pessoas envelhecem e passam a dar maior ênfase a aspectos gerados pela experiência pessoal. Se levarmos em conta, no entanto, que ludicidade, criatividade e saúde são instâncias correlacionadas na existência humana, e os processos de criação, por sua qualidade transformadora, têm potencial terapêutico intrínseco (Ciornai, 2004), pode-se inferir que o distanciamento do pensamento divergente no idoso também contribui para o embotamento, aumentando a dificuldade em solucionar novos conflitos.

Costa (1998) sugere que em pessoas com vida criativa, intelectual ou artística, a deterioração intelectual e imaginativa se produz mais tardiamente e com maior lentidão. Complementa, afirmando que muitos problemas psicológicos de velhos provêm de conflitos afetivos e frustrações de épocas anteriores, de forma que dificuldades se acumulam como efeito do processo de vida e não como resultado da própria velhice (Costa, 1998), fortalecendo a ideia de que não existe modelo correto sobre como envelhecer bem. Ao invés, trata-se de uma construção, com aspectos singulares e distintos para cada indivíduo.

Não se pode negligenciar um aspecto estrutural da lógica capitalista contemporânea que induz a ocupar o tempo livre por meio de discursos e práticas sobre, por exemplo, exercitar-se para alcançar qualidade de vida e seguir um determinado modelo de envelhecimento “bem

sucedido”. Esse padrão fortalece a imagem preestabelecida sobre pessoas velhas, que embasa determinadas ações sociais com foco na medicalização e na saúde física (Domingues, 2014). Debert (2002) destaca, na mídia brasileira, a coexistência de anúncios que reforçam a imagem de uma velhice dependente, antiquada, com outros que realçam prestígio, poder e participação, percebendo crescente tendência em representar o velho de forma positiva. Essa visão estimula a percepção de que a velhice depende de escolha individual, voluntarista e, conseqüentemente, caberia ao indivíduo e não à sociedade (o Estado) escolher entre envelhecer passivamente ou reagir e rejeitar o envelhecimento. A juventude transforma-se em um ideal em si, um bem valioso a ser conquistado, enquanto a velhice seria efeito da negligência de indivíduos que não se engajaram em atividades motivadoras e não consumiram produtos e serviços que combatem o envelhecimento. Envelhecer torna-se sinônimo de desleixo diante de tantos recursos disponíveis, mecanismo que reforça e mantém iniquidades sociais (Bosi, 2004; Debert, 2002).

Nesse contexto, o envelhecer seria o negativo da atividade, da vida saudável, “bem sucedida”; a experiência da velhice passa a ser abordada por discursos especializados. Tal perspectiva impõe mecanismos de controle baseados no estabelecimento prévio de padrões de condutas esperados naquele estágio da vida, incluindo formas padronizadas de envelhecer e invisibilizando experiências singulares (Domingues, 2014). Essa concepção da velhice encobre a heterogeneidade do envelhecer, esvaziando os sentidos construídos em outras direções. Em cada marca corporal, nas rugas e nos cabelos brancos, muitas vezes encobertos por procedimentos estéticos, estão as marcas da passagem do tempo que o velho pode apresentar como testemunha de uma história e um tempo.

Na contramão dessa lógica, experiências nas quais se garanta ao velho o lugar de narrador privilegiado das transformações ao longo do tempo e das relações interpessoais e geracionais podem propiciar saúde, bem-estar e percepções positivas de pertencimento (Bosi, 2004; Domingues, 2014). A criação artística por meio de oficinas de contação de histórias de vida reflete o que May (1975) denomina a coragem de criar. Trata-se de um convite para realizar algo novo e, por isso mesmo, sem guias ou referências, a não ser suas próprias histórias. May (1975) considera criatividade como “a manifestação básica de um homem realizando o seu eu no mundo” (ibid, p. 38), sugerindo que deve ser estudada como a representação do nível mais alto de saúde emocional, expressão de si na ação de atingir a própria realidade.

A estratégia metodológica que adotamos foi a pesquisa-ação² que, conforme Engel (2000), configura um tipo de pesquisa participante engajada, distinta da pesquisa tradicional, considerada “independente”, “não-reativa” e “objetiva”. Como o próprio nome diz, a pesquisa-ação procura unir a pesquisa à ação prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte de uma prática. É, portanto, uma maneira de investigar em situações nas quais o pesquisador também deseja melhorar a compreensão e a dinâmica de um determinado grupo (Engel, 2000; Thiollent, 2008). A perspectiva aqui assumida considera que toda e qualquer investigação implica uma intervenção, na medida em que tanto o pesquisador como os demais participantes são afetados pela situação de pesquisa. Szymanski e Cury (2004) refletem que as pesquisas que acompanham a implementação de práticas educativas e clínicas em instituições educacionais e/ou de saúde têm sempre um caráter de intervenção e fomentam um processo de construção de uma metodologia apropriada aos fenômenos estudados em seus contextos naturais, respeitando o rigor dos procedimentos, o compromisso com a construção do conhecimento científico, a ética da prática profissional e a responsabilidade social de oferecimento de serviços de qualidade para o grupo em questão.

Este artigo tem por objetivo descrever e examinar efeitos de oficinas de contação de histórias com sujeitos velhos, em situação de vulnerabilidade social, frequentadores do Programa de Idosos de uma Organização Não-Governamental (ONG) no Subúrbio Ferroviário de Salvador, Bahia, desenvolvida por uma Gestalt-terapeuta e uma diretora de teatro. Como objetivos específicos, destacam-se: investigar eventuais ganhos de construção de autonomia e melhoria de qualidade de vida e discutir efeitos da pesquisa-ação para ressignificação do processo de envelhecimento com esses sujeitos.

Na primeira parte, descreveremos a pesquisa-ação e, em seguida, destacaremos a estruturação, organização, planejamento e desenvolvimento das oficinas de contação de histórias propostas com os velhos. Por fim, discutiremos os resultados obtidos, a partir de uma reflexão sobre a condução do processo, tanto por parte das facilitadoras quanto dos sujeitos que aceitaram participar das oficinas.

A contação de histórias, baseadas em relatos de vida e reconstruções de lembranças, pode constituir, segundo nossa hipótese, importante ferramenta para desenvolver bem-estar, autonomia e emancipação, reposicionando o velho na sociedade, devolvendo-lhe o lugar de testemunha e narrador de seu tempo (Domingues, 2014). A memória é considerada neste

² No âmbito das metodologias ativas, difere da pesquisa-intervenção que, tem como foco a rede de poder e o jogo de interesses presentes no cotidiano institucional (Rocha, 2003).

estudo como fonte inesgotável de experiências, construídas juntamente com a passagem do tempo e o modo de viver configurado por cada um numa coletividade (Bosi, 2004; Domingues, 2014).

CONFIGURANDO O DESAFIO DE UMA PESQUISA-AÇÃO

Na década de 1960, na área de Sociologia, rapidamente tomou corpo a ideia de que o cientista social deveria sair de seu isolamento, assumindo as consequências dos resultados de suas pesquisas, colocando-as em prática com vistas a interferir no curso dos acontecimentos (Engel, 2000; Franco, 2005). Influenciado por esse contexto, um dos pioneiros da pesquisa-ação foi o psicólogo alemão Kurt Lewin (1890-1947) que, ao propor essa estratégia metodológica, ousou ir além do estudo ou da observação do problema *in loco*, mas participar dele, conviver com a dor dos sujeitos para compreender clinicamente seus problemas; observar, descrever, analisar e devolver a escuta na busca do conhecimento (Lewin, 1978).

Barbier (1985) defende que a gênese social precede a gênese teórica, afirmando que assim como a sociologia americana investigou problemas sociais em zonas urbanas após a Primeira Guerra Mundial, a pesquisa-ação se desenvolveu após a Segunda Guerra Mundial, a partir do doloroso e criminoso processo de genocídio do povo judeu. Tal acontecimento repercutiu diretamente nas escolhas metodológicas de Kurt Lewin (Barbier, 2007). Com efeito, segundo Mailhiot (1985), Lewin, em 1933, por ser judeu, fora forçado pelos nazistas a abandonar a Alemanha com sua família, pagando para não ser recolhido a um campo de concentração. Para esse autor, a indignação de Lewin com o nazismo o estimulou a tentar compreender como os judeus puderam suportar essa situação (Mailhiot, 1985). Sendo sujeito do próprio processo que questionava, Lewin propôs que ele próprio, que poderia ser considerado objeto de pesquisa, se tornasse sujeito e, assim, usufrísse diretamente da investigação, resolvendo seus próprios problemas para aprender a pesquisar e se apropriar da sua realidade. A comunidade se torna, assim, o próprio pesquisador em ação, mediado pelo proponente inicial (Melo, Maia Filho & Chaves, 2016).

Zuniga (1981) refere-se a duas modalidades de pesquisa-ação: uma, inaugurada por Kurt Lewin, constitui-se numa reação à separação entre pensamento e ação; a segunda ligada a um “projeto político crítico, reivindicativo e marginal” (Zuniga, 1981, p. 40) tendo em Paulo Freire seu fundador. O caráter participativo da pesquisa-ação, tal como a define Zuniga

(1981), começa pela palavra com que designa os sujeitos envolvidos: “participantes, que devem ser considerados sujeitos ativos, devendo conhecer os produtos da pesquisa e defender os critérios de utilidade para a comunidade ou grupo” (p. 35).

Engel (2000) diz que esse tipo de pesquisa constitui um meio de desenvolvimento profissional de “dentro para fora”, pois advém de preocupações e interesses dos sujeitos intrincados na prática, envolvendo-os em seu próprio meio. Não há verdades científicas absolutas, pois todo conhecimento é provisório e dependente do contexto histórico, dentro do qual os fenômenos podem ser observados e interpretados (Engel, 2000). Dessa maneira, fenômenos sociais só se revelam quando pesquisadores estão dispostos a se engajar pessoalmente, observando, diagnosticando e intervindo nos processos (Lewin, 1965). Dito de outra forma, fenômenos sociais não podem ser observados do exterior nem de modo estático, porque assim não se tornam perceptíveis ao pesquisador que os apreende participando de sua construção.

Ardoino (1988) discute a pesquisa-ação como alternativa metodológica e epistemológica, pois está em questão uma visão de mundo. Segundo sua visão, trata-se de uma mudança de paradigma. Ele distingue pesquisas que transformam dados do tipo fenômeno em dados científicos, daquelas, mais complexas, cujos dados correspondem a práticas sociais. Uma das características desse tipo de pesquisa é que através dela se procura intervir na realidade de modo inaugural, no decorrer do próprio processo de pesquisa e não apenas como possível consequência de uma recomendação na etapa final do projeto (Engel, 2000; Seibel, 1988; Thiollent, 2008). A pesquisa-ação encontra um contexto favorável, quando pesquisadores não querem limitar suas investigações a aspectos acadêmicos e burocráticos da maioria das pesquisas convencionais. “Com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados” (Thiollent, 2008, p. 18).

Barbier (2007) amplia ainda mais a definição de pesquisa-ação quando afirma que se trata de um estudo psicológico cujo objetivo é a transformação psicossocial, a partir do trabalho de campo. Melo, Maia Filho e Chaves (2016) entendem como psicossocial o fenômeno que é simultaneamente social e psicológico, em que o efeito da interação social é assumido pelo sujeito como sendo seu e sentido pelo grupo social, como a unidade dessa diversidade. É nesse âmbito que a pesquisa psicológica de campo ou a pesquisa-ação implica a “clínica do social”. Para Lewin (1978, p. 220), “é preciso estabelecer processos de averiguação de fatos, olhos e ouvidos sociais, bem no interior dos corpos de ação social”. A temática de intervenção e transformação está vinculada à aspiração de tornar a psicologia social uma ciência da ação. Barbier (1985) situa a pesquisa-ação entre a psicologia clínica e a sociologia clínica,

afirmando que “o objetivo do método clínico em ciências sociais é [...] explorar o comportamento e as representações de um sujeito ou de um grupo de sujeitos diante de uma situação concreta, para compreender-lhes o sentido, colocando-se alternadamente na perspectiva de observador e na de sujeitos-atores e de sua vivência” (ibid, p. 46).

Deve-se levar em conta que a pesquisa-ação visa gerar autonomia nos membros de um grupo e, com isto, maior independência na resolução de problemas (Machado et al., 2015), o que é de extrema importância para aquela comunidade.

Além da aplicação no contexto anglo-saxônico, a pesquisa-ação conquistou reconhecimento especialmente na América Latina, como metodologia participativa, mas sobretudo emancipadora, ancorada fortemente na Teologia da Libertação (Padilla, 2017). Como afirma Selener (1997, p. 17), trata-se de “um processo pelo qual membros de um grupo ou uma comunidade oprimida, coletam e analisam informação, e atuam sobre os seus problemas com o propósito de encontrar soluções e promover transformações políticas e sociais”. Conforme Padilla (2017), existe uma tênue linha diferenciadora entre a escola anglo-saxônica e a latino-americana; contudo, ambas pretendem a mudança e o envolvimento crítico e autoconsciente dos participantes, incluindo o papel ativo do próprio investigador.

Em resumo, a pesquisa-ação é ao mesmo tempo uma metodologia de resolução de problemas psicossociais e uma investigação científica e teórica sobre um problema. Sua premissa é que se somos parte do problema, o grupo como um todo dinâmico do qual fazemos parte pode investigá-lo e propor soluções melhores do que um pesquisador isolado e externo ao grupo. Em outras palavras, os sujeitos envolvidos na investigação são uma parte significativa do problema pesquisado e a sua resolução será atravessada pela mudança de comportamento deles na comunidade (Melo, Maia Filho & Chaves, 2016). Nesse processo, instaura-se ou, mais que isso, evidencia-se a natureza psicossociológica do fenômeno, pois é o sujeito em ação na interação com o outro que modifica a si, ao outro, ao grupo e à sociedade. Portanto, sociedade, grupo e sujeito já não se encontram mais em oposição. Teoria e prática não se separam, mas se reconstruem em uma unidade que paradoxalmente não era visível.

Lewin (1978) cunhou o termo “dinâmica de grupo” e definiu seus primeiros contornos com o objetivo de viabilizar a realização da pesquisa-ação. O termo “dinâmica” vem do sentido que a física lhe empresta, qual seja, contrário ao conceito de estática, que significa sem movimento. Assim, dinâmica remete à ideia de movimento, ou seja, a concepção de que, nos grupos, ocorrem fenômenos que lhe dão movimento, vida.

O fato da pesquisa-ação ocorrer sempre em interação grupal exigiu a compreensão desse trabalho coletivo. Para Haguette (1997, p. 115), o envolvimento entre a pesquisa-ação e a dinâmica dos grupos é tal que o pesquisador “deve dominar as técnicas de dinâmica dos grupos e as teorias subjetivas que a informam”. Afinal, a pesquisa-ação é literalmente a ação dinâmica dos grupos com o pesquisador.

FIO QUE VAI SENDO BORDADO DA FALA À CORPOREIDADE: O ENVOLVIMENTO NAS OFICINAS

Este trabalho aconteceu em uma ONG localizada num bairro do Subúrbio Ferroviário de Salvador, Bahia. Seu objetivo institucional é assegurar a proteção social dos moradores da região, por meio de atividades socioassistenciais e socioeducativas com vistas à promoção integral de famílias e de velhos inscritos em sua unidade. Faz parte de um programa nacional que reúne unidades da mesma ONG³ em diversos estados do Brasil. Segundo entrevistas com a supervisora e trabalhadores da unidade, o trabalho realizado por esse espaço tem caráter contínuo, busca fortalecer laços sociais e vínculos familiares, e é organizado por faixas de atendimentos definidas pela política de Assistência Social de proteção básica ou proteção social especial.

O *Programa de Promoção Integral do Idoso* é o único programa dessa ONG em que os participantes não precisam estar vinculados a uma família cadastrada, e conta com ações que visam ao fortalecimento de vínculos, à prevenção da institucionalização e ao acesso a benefícios e serviços previstos nas políticas públicas nacionais. Segundo a coordenadora da instituição, os usuários que chegam até a ONG são cadastrados, entrevistados e recebem visita domiciliar para a seleção dos mais vulneráveis socialmente. Os critérios para avaliar o grau da vulnerabilidade social envolvem condições financeiras, de saúde, alimentação, moradia, violência, apoio social e familiar. Atualmente esse Programa conta com 50 pessoas inscritas e 30 frequentadores regulares, que comparecem um dia na semana para atividades propostas pela instituição e seus parceiros (universidades, biblioteca do bairro, posto de saúde etc.). Muitos usuários precisam se afastar em determinados momentos por motivos pessoais, como internações ou limitações físicas. Somente em caso de morte, a vaga é aberta para novos participantes.

³ A identificação foi preservada, seguindo a ética de manter o anonimato dos participantes.

Participantes e procedimentos para coleta de dados

Este trabalho foi uma produção a muitas mãos. As oficinas foram pensadas, apresentadas e coordenadas por três pessoas: Bruna Improta, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia e Fernanda Colaço, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, orientadas pela professora Denise Coutinho que participa de ambos os PPGs. As duas primeiras foram as facilitadoras das oficinas. Na tentativa de borrar as fronteiras hierárquicas, a cada encontro, como já foi dito, modificações podiam acontecer em função da disponibilidade de cada participante, sem perder contudo a ideia de uma produção colaborativa, socialmente referenciada e com vistas à produção de uma encenação, momento culminante deste trajeto criativo-investigativo. Tivemos também sempre em nosso horizonte que não se tratava de um trabalho com finalidade terapêutica, embora evidentemente produza efeitos dessa natureza. O propósito central foi potencializar a criação e a invenção de nós mesmas em grupo, com o grupo e nunca *para* ou *sobre* o grupo.

Os participantes são sujeitos acima de 60 anos, frequentadores do *Programa*. Os sujeitos se inscreveram pelo interesse espontâneo em participar das oficinas, após apresentação da proposta e dos objetivos. No total contamos com 17 mulheres e um homem, entre 60 e 90 anos de idade, com média de participação entre 13 e 15 pessoas por encontro. O projeto foi aprovado no Comitê de Ética (Plataforma Brasil), sob o número 1.916.799. A atividade ocorreu em um período de três meses, entre fevereiro e abril de 2017, com encontros semanais de 2h30min., totalizando sete encontros. Cada oficina foi subdividida em três principais momentos (discriminados no Apêndice 4):

- Encontro de avaliação diagnóstica, apresentação das facilitadoras, da proposta de trabalho e organização do cronograma de atividades. Construção do planejamento (flexível e adaptado em cada encontro), aplicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do questionário sociodemográfico⁴.
- Oficinas de contação de histórias com temáticas relativas às histórias de vida e o processo de envelhecer. O andamento do processo foi constantemente discutido e avaliado pelos participantes.

⁴ O questionário sociodemográfico é um instrumento de autoaplicação (quando os sujeitos são alfabetizados) elaborado com o objetivo de coletar informações do participante que ajudem na compreensão do seu contexto socioeconômico (Chaves, 2006). O questionário foi aplicado no mesmo dia em que o TCLE foi apresentado.

- Despedida, avaliação do processo de trabalho e apresentação final de um espetáculo que reuniu todo o conteúdo das oficinas, para jovens frequentadores da ONG, visitantes, estagiários e trabalhadores.

Foram utilizados no processo de coleta de dados: caderno para o diário de campo, canetas, câmera fotográfica e câmera digital filmadora. Foi assegurado o anonimato dos participantes, com substituição de nomes escolhidos pelos próprios sujeitos. Substituímos também os nomes dos trabalhadores da ONG por nomes escolhidos por eles e suprimimos o nome da instituição, conforme já mencionado anteriormente. A análise dos dados foi apresentada e discutida com todos os participantes, que puderam conhecer, opinar e mesmo contradizer nossas observações.

Delineamento e organização dos encontros

Segundo Rabelo e Neri (2013), o primeiro passo numa intervenção com velhos é compreender em que contexto se pretende propor a prática, ligado diretamente à elaboração da demanda do grupo, no intuito de compreender da melhor forma possível problemas e dificuldades daquele cenário. Braga (2014) afirma que o psicólogo precisa estar ciente de demandas de instituições ou da comunidade que traduzem hierarquias, organizações e discursos relativos às experiências nesse contexto que envolve uma multiplicidade de fatores econômicos, culturais, educacionais, associados a desigualdade social, exclusão e vulnerabilidade social (Rabelo & Neri, 2013). Batistoni, Ferreira, Rabelo (2016), Morais (2009), Rabelo e Neri (2013) confirmam que a necessidade de mudança deve ser percebida e sentida pelo grupo, cabendo ao facilitador estruturar os discursos e identificar as mudanças mais esperadas, de forma conjunta e participativa. O trabalho deve contar com o consentimento do grupo e o estabelecimento de uma relação que faça sentido para todos.

Neiva (2010) compila as fases da intervenção psicossocial da seguinte forma: fase diagnóstica, delineamento das ações, desenvolvimento, avaliação da eficácia e divulgação dos resultados para os interessados. A coleta de informações se dá através do contato com a realidade social, gerando uma visão global quanto aos seguintes elementos: organização, dificuldades, recursos, formas alternativas de enfrentamento pensadas pelo grupo e viabilidade do programa (Sarriera & Saforcada, 2014). Tem função, também, de inserção do profissional, construção de vínculo e confiança com os participantes. Podem ser empregadas

entrevistas individuais e em grupo, entrevistas comunitárias, questionários e análise histórica documental⁵.

Ambas as facilitadoras utilizaram o diário de campo. Sarriera e Saforcada (2014) sugerem sua utilização, com detalhamento, precisão e de caráter descritivo e reflexivo, garantindo a qualidade da experiência. No caso deste trabalho, o primeiro contato teve como objetivo conhecer o espaço, entrevistar gestores e facilitadores do grupo, conhecer o grupo e apresentar as primeiras propostas em relação à prática e ao cronograma. Tudo foi gravado, com consentimento escrito e verbal, e também anotado e estruturado nos diários de campo.

Fortalecendo essa ideia, Batistoni, Ferreira, Rabelo (2016), Neiva (2010), Rabelo e Neri (2013) afirmam que o delineamento e a organização do projeto com grupos de velhos envolvem o conhecer o grupo – como serão selecionados os participantes, características sociodemográficas, quantidade de pessoas, estratégias para atingir o grupo –, conhecer o local onde serão realizadas as atividades – riscos oferecidos pelo ambiente, nível de privacidade, ventilação, segurança, limpeza, ruídos externos etc. –, estabelecimento dos objetivos, da justificativa sobre a relevância do projeto, o conteúdo do programa, a duração, a periodicidade e o cronograma, além da pesquisa bibliográfica para que o tema possa avançar com um embasamento teórico e os objetivos fiquem mais claros. Batistoni, Ferreira e Rabelo (2016) sugerem, além disso, que o desenvolvimento da ação depende das decisões sobre metodologia e estratégias que serão adotadas e os feedbacks sugeridos pelo grupo.

Rabelo e Neri (2013) propõem uma estrutura ampla dos encontros, que pode ser flexibilizada. Nesta pesquisa-ação, essa estruturação foi seguida em seu escopo geral e fluiu de forma intensa e sem problemas (Apêndice 4), seguindo este delineamento geral:

- *1º encontro*: acolhimento caloroso, integração do grupo, apresentação dos coordenadores, participantes e objetivos do trabalho; exploração das expectativas e dos temas de interesse do grupo; tirar dúvidas; esclarecer o contrato de trabalho e convivência (normas e funcionamento do grupo); cronograma dos encontros (horário de início, duração, periodicidade e local).

Em seguida, com os procedimentos ajustados, solicitamos a autorização por escrito de todos os participantes mediante o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que foi lido, discutido no grupo e assinado por todos (os analfabetos

⁵ Esta última não fez parte do nosso estudo, já que as entrevistas com coordenadores e trabalhadores da ONG trouxeram uma suficiente perspectiva histórica do grupo.

marcaram a digital no papel), inclusive pela pesquisadora principal e sua orientadora (Apêndice 1).

- *2º encontro até o penúltimo*: cada oficina teve um objetivo central, um tema gerador, que neste caso versou sobre histórias de vida dos participantes, desde a infância até a velhice. Estrutura-se habitualmente em três fases, como foi o caso: 1. Aquecimento – *rapport*, preparação para o tema, sensibilização, recordação do trabalho da semana anterior; 2. Desenvolvimento das atividades relacionadas ao tema central – exercícios, dramatização, jogos dramáticos, discussão de casos, recursos musicais e literários etc.; e 3. Síntese final e avaliação do trabalho com o grupo – visualização da produção do grupo, síntese dos pontos principais, comentários, percepções e emoções suscitadas, e avaliação das atividades.

Com base no diagnóstico e nos resultados esperados em cada encontro, foram identificadas as lacunas existentes entre “o que o grupo é” e “o que pode vir a ser”. Nessa discussão sobre o ponto de partida real e o ideal do grupo fomos consolidando e reestruturando o planejamento a cada encontro. Delineamos as alternativas que precisavam ser avaliadas, sendo que o meio para solucionar a situação era sempre discutido coletivamente, conforme recomendação de Padilla (2017), sobre a não aplicação de um modelo rígido na pesquisa-ação, exigindo sensibilidade e habilidade dos facilitadores e investigadores participantes.

- *Último encontro*: revisão do trabalho desenvolvido ao longo dos encontros, avaliação geral e despedida, realizados com o grupo. Além disso, fizemos a apresentação do espetáculo intitulado por nós “Contar histórias: uma arte sem idade”, como uma síntese de todo o trabalho, para outros usuários da ONG, trabalhadores e parceiros.

Além deste último encontro, três meses após a coleta de dados, a pesquisadora principal organizou mais um encontro com o grupo para apresentar e discutir as principais conclusões e resultados obtidos, de forma que cada sujeito pudesse participar, opinar e avaliar, trazendo novas percepções. Nesse encontro, visando à preservação do anonimato, cada pessoa escolheu o nome fictício com o qual gostaria de ser apresentada na dissertação.

Morais (2009), Neri (2004), Rabelo, Neri (2013) e Sarriera e colaboradores (2004) compreendem que, apesar de não serem caracterizadas como psicoterapia, intervenções psicossociais envolvem aspectos da dimensão afetivo-emocional, trazem aspectos do cotidiano, dos sofrimentos e das expectativas dos participantes, que configuram uma dimensão ao mesmo tempo pedagógica e terapêutica. O direito à livre expressão e a

responsabilização de todos precisam estar incorporados, facilitando a conscientização e autonomia, vinculados ao processo de mudança, vivido e experimentado pelo grupo, a partir de sua própria percepção (Batistoni, Ferreira e Rabelo, 2016; Sarriera e cols., 2004). Foi preciso adaptação e flexibilidade para atuarmos com um grupo em que limitações físicas andavam lado a lado com abertura para o encontro e para as improvisações criativas.

CORTINAS SE FECHAM E POSSIBILIDADES SE ABREM

A descrição e análise dos dados ocorreram ao longo do processo, sendo sistematizada ao final, com a participação direta do grupo, conforme sugerem Batistoni, Ferreira e Rabelo (2016), para chegarmos, juntos, à discussão que agora se apresenta. O rigor de descrição alia-se à dificuldade inerente à análise das informações obtidas pelo método dramático, fio condutor das oficinas: falas, histórias narradas, sequência do drama, interações entre personagens, interações entre facilitadoras e demais componentes do grupo, interações ocorridas no grupo fora da “encarnação dramática”, relações entre o “como se” e a realidade grupal e social (Rasera & Japur, 2001).

Teixeira (2007) baseia-se em Paulo Freire que propõe a superação da relação “opressor-oprimido” e uma nova pedagogia na qual se associa estudo, experiência vivida, trabalho e política. A pedagogia do oprimido defende o diálogo libertador e não o monólogo opressivo, fundando-se na realidade social do indivíduo. Freire (1992) chama a atenção para a importância da reflexão e da ação no mundo, no sentido de o transformar, como já mencionado nas reflexões sobre a pesquisa-ação. Ainda segundo Teixeira, Augusto Boal, no rastro da proposta de Freire, cria o Teatro do Oprimido, em finais dos anos 1950, caracterizado por uma vertente pedagógica, social, cultural, política e terapêutica, na qual o espectador passivo passa à condição de protagonista da ação dramática (criador ativo), sendo estimulado a refletir sobre o passado, transformar a realidade no presente e inventar o futuro.

A proposta de análise dos dados deste estudo contou com uma repetida e intensa leitura do material, construindo categorias que emergiram do material coletado, das falas às posturas corporais, através dos vídeos e transcrições. Apresentaremos abaixo algumas unidades de análise construídas a partir do campo. A leitura das transcrições foram conduzidas no sentido de agrupar categorias emergentes e significativas.

Dificuldades e limitações no trabalho

Iniciaremos refletindo, comparando e contrapondo aspectos encontrados na literatura e em nosso estudo, referentes às dificuldades e limitações de uma atuação sistematizada com velhos. A primeira adversidade percebida esteve relacionada à limitação física. Exercícios e técnicas que haviam sido projetados para ser utilizados ao longo das oficinas precisaram sofrer adaptações para aquelas pessoas, exigindo atenção em relação a movimentação, locomoção e tempo para ficar de pé, corroborando com os trabalhos de Camarano (2004) e de Magnabosco-Martins e Baldin (2015). A grande diferença entre as idades (60 – 90 anos) demandava limites variáveis dentro do próprio grupo, impondo ainda mais flexibilidade no planejamento e na execução das propostas. Essas limitações, no entanto, não impediram que o trabalho acontecesse de forma fluida e divertida, já que combinávamos com cada participante atividades possíveis, tendo momentos em que uns ficavam em pé, outros sentados, uns dançavam, outros moviam-se como pudessem, e assim todos participavam a seu modo.

Os estudos de Costa (1998), Magnabosco-Martins e Baldin (2015) e Venancio (2013) apontam dificuldade na realização de atividades continuadas em encontros sucessivos com grupos de velhos, pois raros são os que participam de todos os encontros. Para esses autores, do ponto de vista do teatro, a montagem de uma peça parecia inviável ou de extrema dificuldade. Em contraste, nosso grupo foi extremamente assíduo, participativo e a encenação aconteceu com sucesso. Contamos com faltas e atrasos, decorrentes das difíceis condições de transporte, sobretudo em bairros periféricos, e de adoecimentos que esporadicamente aconteciam, mas alguns frequentaram todos os encontros e outros faltaram um ou dois encontros, mas de forma alternada, não comprometendo o desenvolvimento das oficinas e a preparação do espetáculo final. Como forma de compensar atrasos, combinamos, no primeiro encontro, um horário um pouco mais tarde que o proposto inicialmente pela instituição, o que garantiu uma quantidade maior de pessoas no início de cada atividade.

Propusemos, na quarta oficina, uma improvisação que consistia em uma cena onde o grupo ia viajar para um encontro em outra cidade, com vários grupos de idosos do Brasil (eles escolheram a cidade de Minas Gerais). Dois representantes tinham que apresentar o grupo neste encontro e uma das características mencionadas foi justamente a assiduidade, reforçando a nossa percepção.

O nosso grupo é [nome da ONG]. A gente se sente bem, uma vez na semana estamos lá! [...] A frequência é muito boa, toda semana nós estamos lá e o nosso grupo é muito importante porque são idosos, e nós, um respeita o outro e nós vivemos lá feliz. (Alice).

Participantes que se ausentavam lamentavam muito no dia seguinte, e fazíamos questão de incluir cada ausente no início do trabalho, como forma de lembrar a importância da presença de cada um e cada uma naquele espaço.

Vamos lembrar aqui quem está ausente, né? Essa roda tá faltando gente, não tá? (Fernanda)

E cada um ia citando os nomes que a memória alcançava.

Eu sexta feira estava lá no negócio lá, tinha gente assim [faz movimento nas mãos para mostrar que estava cheio], e eu pensando em vocês aqui (Pedro).

Fiquei doente nessas semanas e senti muita saudade! (Sol).

Deps (1999) sinaliza uma dificuldade que se instala em relação à perspectiva do tempo futuro que, em grupos de velhos é, geralmente, mais curta. Em seus estudo, percebeu que muitos demonstravam pouca ou nenhuma motivação em começar atividades, sentindo que limitações pessoais dificultam a continuidade. Diz ainda que, além das poucas expectativas que o meio oferece, muitos velhos acreditam que não têm mais o que fazer e renunciam a seus projetos, o que, aliado a circunstâncias de vida adversas, privação econômica, isolamento social, perdas de amigos e contemporâneos, além de adoecimentos crônicos, cenário muito próximo ao que o nosso grupo vivencia, seriam impeditivos do acesso a uma vida ativa e de qualidade. Nossas percepções, no entanto, foram contrárias às de Deps (1999) e semelhantes às de Batistoni, Ferreira e Rabelo (2016), que evidenciam um bom retorno dos velhos em intervenções psicológicas gerais. Não sem sofrimento pelas perdas e condições difíceis de vida, e muitas vezes manifestando sofrimento nos encontros, eles eram extremamente motivados com as atividades, afirmando, desde o primeiro encontro, a vontade e alegria de participar, com extrema receptividade à proposta.

Alice: Eu me chamo Alice. Eu acho o programa que vocês querem fazer importante, né? Se der mesmo certo é bom, né? Agora... estava faltando vocês aqui... [Começa a cantar] ‘estava faltando você aqui... estava faltando você aqui... estava faltando você aqui... bem-vindo em nosso grupo’. Estejam no nosso grupo! [Sorri].

Felicidade: Meu nome é Felicidade. Vocês estavam precisando aqui... Muito de vocês!

Pra alegrar!

Os participantes demonstraram e relataram desejos e sonhos que permanecer no caminhar do tempo cronológico, exprimindo vontade de viver e de realizar, dentro das possibilidades que seus contextos permitem, concordando com os estudos de Goldenberg (2013). Isso pôde ser

observado no momento em que propusemos uma improvisação sobre um encontro entre dois amigos de 15 anos num ponto de ônibus. Eles deviam falar sobre o que queriam ser na vida adulta. Em outra cena, os mesmos atores estavam com a idade atual, se encontravam no mesmo ponto, e conversavam sobre o que realizaram e o que ainda queriam realizar na vida.

Pedro: Mas agora, futuramente eu quero ir a Natal, quero visitar uma cidade que eu adoro! E de lá quero ir a Goiás, em São Francisco de Assis [inaudível: 03s] em nome de Jesus [toca no coração com as duas mãos]. Eu fazendo isso Deus pode me levar!.

Juventude: Deus vai te ajudar que você vai fazer o que você pensa! Eu só quero passear por aqui mesmo! Já tá ótimo! Ir em [inaudível], em Caruaru, molhar os panos pendurados, comprar calcinha, comprar tudo, comprar um short pra dar um mergulho. [Algumas riem].

Rompimento de estereótipos sociais negativos sobre velhice

Outro tópico versou sobre a possibilidade da resignificação da perspectiva social negativa sobre a velhice, incluindo a proposta de participação nas decisões, diálogo inclusivo e protagonismo dos participantes que socialmente não costumam ocupar esse lugar. Giglio (2007) observa que, com o decorrer do envelhecimento, atividades relacionadas à arte criam espaço importante para expressão de sentimentos, evitando que o velho fique “confinado a uma roda social estritamente familiar ou grupos etários, que traz empobrecimento lamentável para a pessoa e a comunidade” (ibid, p. 83). As oficinas representaram uma forma de romper com o imaginário social que deposita sobre o velho preconceitos como desgaste, enfraquecimento e diminuição das capacidades funcionais, fatores determinados por doenças ou debilidades físicas, assim como o decréscimo de condições psicossociais (Venturi & Bokany, 2007; Santos & Sá, 2000; Hamilton, 2000).

Juventude: Porque eu tenho um filho que diz ‘eu não acredito que a senhora está doente. A senhora diz que tá doente mas fica pra cima e pra baixo pra [nome da ONG], sobe essa ladeira, coisa que eu não tenho coragem de fazer’. Sabe o que é que eu digo a ele? ‘Eu venho com a água ali ó. Ando um pouquinho e bebo água, aí vou andando... Não me entrego’ [sorri].

A coordenadora da ONG, ao ser entrevistada sobre a percepção e o andamento do trabalho, trouxe um depoimento que corrobora essa ideia.

Rafaela: A importância desse contato, de se sentirem valorizadas, de se sentirem ouvidas, né? O feedback veio, né? Delas mesmo... Da escuta... elas estão se sentindo valorizadas... ‘Alguém está me percebendo!’. Porque, assim, são pessoas diferentes que conseguem enxergar elas... diferente do ambiente que elas vivem, né? [...] Aí seu Pedro estava dizendo a importância

desse encontro pra ele, se emocionou, chorou na minha sala... Aí a gente percebe, né? O quanto eles precisam ser valorizados, ser vistos, né?

Em nosso trabalho, a postura dialógica e inclusiva foi respeitada e estimulada. Buscávamos gerar espaço para que cada pessoa incluísse práticas que lhe eram agradáveis e interessantes, decidisse e opinasse sobre o que estávamos propondo e escutasse sua própria voz, seja nas cantigas de roda, nas histórias ou nas discussões.

Felicidade: Eu sei que vocês tão dando mais espaço, né? Pra gente se comunicar mais ainda. Pra gente se comunicar também com vocês e vocês com a gente!

Sol: Vocês, quer dizer, não sei os outros, mas pra mim [aperta as mãos no coração] é uma rosa. É uma rosa, viu? Trata bem a gente, respeita a gente, dá carinho... Então...

Felicidade: A partir da sexta-feira é que a gente vai sentir muita e muita falta de vocês. Pela amizade, pelo gesto que você dedicou à gente! Muito bonito! E vai continuar bonito, no lugar que vocês forem! A porta sempre vai se abrir pra chegar...

Neves: Vocês não tem preconceito de idade, são umas beleza! A mesma pessoa que somos nós, são vocês para nós.

Sentíamos, principalmente nas primeiras oficinas, um discurso preconceituoso e negativo sobre o próprio processo de envelhecer, incluindo a negação e a chacota ao mencionar o envelhecimento.

Bruna: Eu posso fazer a prece com vocês?

Bárbara: Você aqui pode tudo! Só não pode ficar velha igual à gente [sorri].

Bruna: Como não? Eu quero mais é ficar velha assim, cheia de vitalidade igual a vocês!

Zete chega atrasada e Bárbara grita, enquanto sorri: “Ei, lugar de velho é lá fora!

Ao longo das atividades nos chamou a atenção o quanto houve de ressignificação sobre o próprio processo de envelhecer, que passou a ser integrado como positivo e defendido caso outra pessoa mantivesse o discurso negativo. O espaço das oficinas permitiu, conforme apontam Azambuja (2005) e Giglio (2007), que os sujeitos confrontassem a realidade e se apoiassem em seus referenciais existenciais para criar possibilidades de romper com estereótipos, podendo superar uma ideia de envelhecer marcada apenas por perdas e déficit.

Daniela Mercury: Essas músicas são chatas. De velho! Eu gosto é de lambada!!!

Felicidade: E você é o quê? Somos todas velhas, minha filha!

Daniela Mercury: Eu de velho não quero nada, nem namorado. Coisa chata isso!

Fátima: Nós estamos num grupo de velhas, idosas! Você não é nova. Tem que entender isso!

Felicidade: Envelhecer com boa saúde, lembrar das coisas diante da mente, o que está acontecendo agora, na terceira idade. Quer dizer, na idade da gente pra idade de agora, tá bem melhor pro idoso.

Foi possível problematizar o imaginário social que liga velhice a comportamentos cristalizados e à inatividade e improdutividade. Essas ideias vão sendo deslocadas, pois, como apontam Azambuja (2005) e Giglio (2007), a produção artística é uma atividade capaz de manter autonomia e protagonismo social de alguém que continua se desenvolvendo enquanto vivencia a velhice. Trata-se, assim, de romper com comportamentos engessados por anos de trabalho que esses velhos dedicaram à família, ao trabalho formal e a outras tarefas e aproveitar atividades possibilitadas pelo maior tempo livre e os benefícios adquiridos com a velhice (Venturi & Bokany, 2007).

Fátima: A coisa mais maravilhosa do mundo foi Deus me dar essa vida, pra me dar 79 anos e eu achei maravilhoso eu ser independente de mim mesma! [...] Minha velhice é independência. [...] Eu sou feliz na minha vida! Vivo independente, saio a hora que eu quero, chego a hora que eu quero, deito a hora que eu quero, levanto a hora que eu quero, só Deus na minha vida e pronto! E minha saúde!

O protagonismo foi estimulado ao longo de todo o percurso, sem perder de vista o respeito às opiniões, a apresentações criativas e improvisações, estímulo à escuta ativa entre elas mesmas e da nossa parte para com elas, além de suporte emocional e encorajamento à exposição e contato ao longo do processo.

Fernanda: Vocês podem escolher uma canção pra abriremos nosso encontro de hoje.

Sol: Qualquer música? Qualquer uma que eu queira? Pode ser de roda?

Sol: [Dá as mãos para as colegas, como fizemos nas primeiras oficinas, sem ninguém pedir] Vamos dar as mãos, né?

Fernanda: Joia! Do jeito que você quiser! Você que manda!

Sol começa a cantar a música “ó que noite tão bonita” e balançar levemente o corpo no ritmo. Todas acompanham na canção e no movimento do corpo. Ao finalizar a canção, Lua Branca seguiu no ritmo e fez uma rima com outra letra, sequenciando no coral de todas as vozes no refrão. Alice fez o mesmo, assim que Lua Branca terminou e Ana Paula puxou nova versão,

até que todas aplaudiram empolgadas no final. Fomos surpreendidas pelas criações das novas versões e o quanto elas conseguiram estimular-se mutuamente e se expor, fato que voltou a ocorrer em oficinas posteriores, como sugestão do grupo. O amor próprio voltou a fazer parte desse espaço.

Alice: Todos nós temos que achar mais a gente! Oh, fia, todos nós temos que amar nós próprios, porque se você não amar a você própria, você não ama mais ninguém. É você se cuidar e se amar você mesmo! Eu me amo e eu gosto é de mim.

Felicidade: Primeiro eu, depois eu, por último eu! E eu! [Ri].

Fizemos questão de estruturar a organização do espetáculo final com a participação e construção do roteiro a partir da discussão grupal. Sentamos em roda na penúltima oficina, discutimos a importância de contar histórias para outras gerações, o que elas gostariam de trazer, como isso ocorria em seus espaços pessoais e Fernanda, com sua experiência de arte-educadora, ia “pescando” nos discursos uma possível estrutura de roteiro para a apresentação.

Patrícia: Noite de lua ficava todo mundo do lado de fora, colocava as esteiras, pra escutar histórias, contar verso...

Fernanda: Olha, massa! Então vamos começar nossa apresentação assim? Você fala ‘Numa noite de lua cheia, nossos pais colocavam as esteiras do lado de fora para escutar histórias e contar versos’. O que acham?

A exigência de respeito esteve presente nos discursos de forma muito mais constante, demonstrando uma ampliação da consciência política e de seus espaços e lugares no mundo e na sociedade, corroborando com as propostas de transformação social presentes na pesquisa-ação (Barbier, 1985; Freire, 1992; Lewin, 1978; Padilla, 2017).

Pedro: Eu sou um sujeito que eu gosto da verdade, da honestidade, do respeito mútuo, não interessa cor nem qualidade, tem que ser respeitado. E o ser humano nessa vida tem que ser tratado como gente. E não como um bicho, como os políticos tão tratando a gente.

Neves: Envelhecer é ficar cheia de artrose [gargalhada], ficar cansada... muitas pessoas falta com respeito. Agora mesmo eu vim no ônibus, não foi comigo, mas o motorista disse: ‘não suporto idoso, que idoso é azedo’. Eu olhei pra cara dele e não disse nada. Feliz dele que esteja com a minha idade e faça o que eu faço. Porque eu sou uma mulher de 78 anos e eu lavo prato, varro casa, vou pra mercado, eu faço tudo, eu brigo, eu xingo, faço tudo.

Alice: Envelhecer é o nosso passado da vida. A gente já foi criança, adolescente e já chegou agora a velhice. Então a gente quer respeito, que todo mundo tenha respeito por nós, né isso?

Integração grupal e fortalecimento de vínculos

Outra categoria pode ser sintetizada como motivação para engajamento e integração no grupo fortalecida pelos encontros, promovendo noções de pertencimento e fortalecimento da identidade. A motivação e o engajamento relacionam-se a fatores intrínsecos e extrínsecos ao grupo (Libânio, 2001). Com esse entendimento, no trabalho grupal devemos estar envolvidos e comprometidos uns com os outros, além de atentos para a relevância das temáticas propostas na transformação do contexto social. Dessa forma, Libânio (2001) afirma que o grupo é o lugar de aprender a ser e conviver a partir das experiências de vida. O processo desencadeado pela pesquisa-ação exige participação engajada e promissora, de forma que as oficinas foram estruturadas para o fortalecimento do grupo que, conforme Ribeiro (1994), “é um campo de força, onde cada um atua sobre o outro e onde um é a miniatura de todos, formando assim a matriz grupal” (ibid, p. 390).

Fernanda: Bom, mas agora que vocês estão todos aqui olhando para mim, vou pedir que um voluntário venha aqui para o meio. Uma corajosa.

Alice: [caminha para o centro]: eu não queria vir porque não sei o que é!

Fernanda: Você confia no seu grupo? [Aponta para a roda].

Alice: Confio. O povo aí é honesto! [Após caminhar para o centro da roda, com alguma resistência, todos os participantes aqueceram as mãos, friccionando, e tocam em alguma parte do corpo, enviando positividade, enquanto ela mantinha os olhos fechados]. [...]

Alice: Obrigada! Foi uma sensação muito boa, viu? Foi de amor. Só teve amor [abre os braços]. Todo mundo teve amor pra me dar, graças ao bom Deus!

Fortalecer o vínculo grupal implica compreender a transformação, incluindo o entendimento de que ela se dá por processos inerentes ao grupo, não porque foram recomendadas por familiar, amigo ou profissional, mas porque a comunicação interpessoal tem mais peso sobre os comportamentos que a simples transmissão de informações (Rabelo e Neri, 2013). A participação em um grupo permite reavaliar o senso de identidade, seu papel e lugar que ocupa na sociedade, na família, podendo reconfigurar um espaço e senso de pertencimento (Campos & Coelho, 2010).

Lua Branca: Eu dei a minhas amigas muito amor, muito carinho, muita felicidade. Todo dia eu prezo por elas, peço saúde, felicidade, tudo de bom pra elas. E vocês, excelente! O trabalho foi ex-ce-len-te pra gente! Pra mim principalmente, que tava doente, pra baixo, e [faz movimento levantando as mãos] deu uma suspendida e tanto.

Tita: Só peço a Deus que chegue o dia de sexta-feira pra gente estar aqui brincando né? E sorrindo, batendo papo, conversando mais vovó, conversando mais as tias... o meu prazer é esse aqui.

Creuza: Gostei muito daqui, peço a Deus quando chega o dia de sexta-feira pra eu ficar aqui, porque eu adorei aqui.

Consideramos importante a forma como alguns se apresentaram durante as primeiras oficinas, atribuindo à participação no grupo uma confirmação da identidade, trazendo posteriormente características pessoais e psicológicas como sua identificação.

Fernanda: E quem é você Ana Paula?

Ana Paula: Eu convivo aqui no [nome da ONG] desde 1999... E gosto de minhas companheiras, gosto de trabalhar nas atividades...

Outro dado que fortalece o poder do grupo sobre os participantes é demonstrado pelo fato de que quando algumas tinham dificuldade de falar sobre si mesmas, pedíamos ao grupo para falar o que achavam daquela pessoa, de forma que, sempre que isso aconteceu, logo a pessoa se sentiu mais segura com a atividade. O grupo funcionou como catalisador e estímulo à participação dos integrantes, promovendo confiança e abertura diante do “risco” de se expor.

Fernanda: [...] E... quem é você? [na segunda tentativa]

Prosperidade: [Solta as mãos, abre os braços de vez e diz] Prosperidade.

Fernanda: Quem ajuda aí, quem é Prosperidade? [Prosperidade cruza novamente os braços em volta da barriga].

Felicidade: Ah.. ela é uma boa camarada!

Outra: [...] boa pessoa! [fala com empolgação e sai correndo para abraçar Prosperidade].

Bruna: então Prosperidade é a amiga, boa camarada. [...]

Prosperidade: Não sou nascida aqui, sou do interior, Conceição de Salinas...

Ludicidade, desinibição e criatividade

Esse tópico focaliza o papel da pesquisa-ação como recurso de liberação de ludicidade, espontaneidade e criatividade. A proposta, consonante com estudos e intervenções de Venancio (2013), não foi iniciar uma formação teatral, mas convidar os sujeitos, através de recursos dramáticos, a lançar novos olhares sobre si mesmos, o entorno e suas criações. O jogo, dentro dessa perspectiva, auxilia o desenvolvimento desses recursos, ao estimular atuações vinculadas ao processo criativo.

Fátima: Quero dizer pra você que estou feliz. Cada dia a gente se sente mais alegre, mais com o talento mais forte, mais animada e mais alegre.

Como aponta Venancio (2013), o jogo constitui um “ensaio sem risco”, na medida em que pode ser sempre reiniciado, sendo a passagem do real ao lúdico, permitindo enfrentar o medo face a situações semelhantes no cotidiano. May (1975) complementa que não se pode *querer* a criatividade, mas se pode usar a vontade para promover encontros, intensificando a dedicação e o compromisso para criar. O grau de compromisso de uma pessoa com o encontro se relaciona diretamente com a ativação de aspectos mais profundos da percepção. Foi justamente o que exercitamos nas oficinas. Um estímulo ao encontro consciente uns com os outros, consigo mesmos, com o toque, com o olhar no espelho, de forma que se tornou nítida a ampliação do nível de comprometimento, de presença, da apropriação da criatividade, da capacidade de abstração e do contato entre os participantes.

Fernanda: Quais eram as danças da infância?

Sol: “Samba de viola tem tiritimtim.. tiritimtim, tiritimtim, tiritimtim, tiritititit” [começa a cantar, sambar e sorrir. As outras batem palma, algumas sorriem e movimentam a cabeça negativamente sorrindo. Outra puxa outro samba e todas cantam, batendo palmas, enquanto Sol dança no centro. Felicidade entra na roda e começa a sambar].

Fernanda: Maravilha! Que outra música nos lembra infância?

Lua Branca: “Paranauê. paranauê paraná...” [todas cantam e batem palma... Valdete entra e começa a sambar na roda].

Alice: Eu sei muito de roda!

Fernanda: Canta uma!

Alice: “Atirei o pau no gato” [Vai para o centro batendo palmas e dançando. Todas cantam e batem palmas. Na hora do *miau*, todas abaixam].

Sobre a capacidade de abstração, incluindo a possibilidade de lembrar cheiros, sensações e sentimentos, muito difíceis nos primeiros momentos, tornou-se mais fluida com o desenrolar dos encontros.

Fernanda: [...] e aí a pessoa enquanto tá equilibrando a bola, vai me responder algumas coisas que vou perguntar. Por exemplo: infância tem cheiro de quê? E aí a pessoa vai dizer, certo? Pra mim por exemplo... minha infância, eu lembro cheirinho de carne de porco [...].

[Juventude conta história da infância].

Fernanda: E o cheiro?

Juventude: O cheiro? De água de flooor...

Em uma das atividades de improvisação, foi pedido que cada participante se apresentasse por meio de três fotografias, que deveriam ser pensadas e apresentadas para o grupo. Primeiro,

apresentaram-se em duplas, uns para os outros, depois para todo o grupo. Como muitos esqueciam, trabalhamos com o estímulo à improvisação.

Pedro: Agora vou te dizer uma coisa, eu já não me lembro mais das fotos.

Fernanda: Inventa na hora!

Pedro além de improvisar novas fotografias, fez graça e arrancou sorrisos das colegas.

É importante trazer um dado sobre a presença e o contato. Nas primeiras oficinas propusemos ao final de alguns encontros cada pessoa dar um beijo na mão do colega à direita, enquanto se olhavam, passando o afeto para todos da roda. Nesse primeiro momento, elas não conseguiam se olhar, olhavam para o chão, desviavam o olhar do rosto do colega ou faziam um contato muito rápido. Nas últimas oficinas, o olhar era muito mais sustentado, sem a pressa de desviar o rosto e sem fugir da situação.

Fortalecimento da memória

A última categoria observada foi referente ao estímulo à memória. Dizemos estímulo, porque embora tenhamos trabalhado o fortalecimento das memórias, não buscamos aqui, nem poderíamos, verificar empiricamente se houve de fato uma melhora nos níveis de memória. Existem evidências de que o desempenho intelectual do velho apresenta discreta deterioração em tarefas que exigem maior velocidade e flexibilidade no processamento de informações e com o passar do tempo essa memória também pode sofrer certo comprometimento em relação a fases anteriores da vida (Almeida, 1998).

A literatura sugere, no entanto, que uma proposta de envelhecimento saudável existe como possibilidade de compensar, ao menos parcialmente, os déficits cognitivos por meio de treino cognitivo e de memória, demonstrando plasticidade cognitiva (Yassuda e cols., 2006). De acordo com esses autores, a otimização da memória está relacionada a saúde, autonomia e independência do velho. Em todos os encontros, fazia parte dos primeiros momentos da oficina relembrar para os que haviam se ausentado o que acontecera no encontro anterior. Nossos velhos e velhas apostaram positivamente que podiam lembrar e o fizeram. Para nós, esse era o objetivo.

Bruna: Vocês lembram quando a gente chegou, o que a gente fez? Logo a primeira coisa?

Juventude: Nós fizemos... Eu mais seu Pedro sentamos nas cadeiras para conversar os conhecimentos que nós tínhamos.

Pedro: Isso!!! Eu lembro!!! Foi isso mesmo!

Alice: Conversou sobre muitas coisas. Eles falaram a vida deles de adolescentes. Eles começaram a falar a adolescência deles, namoro... como é que foi. O emprego como é que foi...

Bruna: Isso!!!

Felicidade: Estão com memória boa, que não tivemos sexta passada. Hoje tem 15 dias... é muito boa memória!

Segundo Miranda (2007), no processo acelerado da civilização contemporânea, compreendemos o tempo como algo a ser combatido e rejeitamos e descartamos o que temos de mais precioso: o tempo do velho. Para o autor, a partir das memórias do que fomos e vivemos, evoluímos e podemos escolher um caminho com o que temos de melhor. E é o velho quem tem em seu corpo guardados aprendizados e histórias que nos conduziram até o presente. Nós testemunhamos e incentivamos esse exercício de reconstrução.

Fátima: Estamos abrindo a mente a lembrar do passado [sorri].

Juventude: Tenho problemas de esquecimento, sabe? Mas essas palestras que vocês fazem, sempre que é comigo diretamente eu me lembro.

Júlia: É bom contar história, faz bem. A gente traz o que passou e hoje ninguém vê mais. Então se tiver criança e adolescente ainda é melhor, porque vai saber o tempo da gente. E o tempo da gente não é o tempo de hoje. É muito importante.

Azevedo (2007) aponta que, ao ter voz, o velho compreende que o passado experimentado pode existir como referência para o presente e para o futuro. Ele afirma que registros e marcas do tempo nas pessoas e lugares, se desvelados, podem nos levar a recuperar o papel e o lugar da história para a compreensão do próprio tempo, das relações sociais e dos direitos e deveres dos cidadãos. Pode estimular a criação de espaços nos lugares e no tempo para manifestação plena dos excluídos, por etnia, gênero, condição socioeconômica e geração.

Todos os encontros versaram sobre momentos da vida, histórias dos nomes, tempo de infância, adolescência, namoro, juventude, velhice, de forma a rememorar o passado nas histórias individuais e na memória coletiva, compartilhada pelas lembranças de exigências, modos de vida, educação e padrões compartilhados.

Júlia: E vocês são maravilhosas, minha fia, que vocês tá ó [faz gesto com as mãos na cabeça] despertando a mente da gente! Despertando a mente das idosas. Alegando as idosas. Alegria a mente da gente [sorri]. Naquele momento nós não tá pensando em aborrecimento de família, as coisas de família, chegar em casa e ficar chateada, quando chega aqui assim, começa assim a conversar, falar essas coisas, dar risada, a gente se alegra. A mente esvazia aquele cansaço, que tá na mente de vocês [faz gesto como se estivesse apertando a cabeça].

Bruna: Eu quero saber o que é que ficou... o que é que vocês acharam e sentiram disso tudo que fizemos juntos?

Estrela da manhã: Lembrança... a recordação das coisas do passado, que vocês fizeram a gente se lembrar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do trabalho visou analisar efeitos de uma pesquisa-ação, sob a forma de oficinas de contação de histórias, com velhos que vivem na periferia e em situação de vulnerabilidade social, como ferramenta de acesso, compreensão e eventuais transformações do processo de envelhecer. Pudemos perceber, com as narrativas e dramatizações das histórias e o período de vida compartilhado pelo grupo, que houve reposicionamento do lugar de cada participante em relação a si mesmo, ao grupo e à vida. Ao evitar a busca de verdades históricas e priorizar a captura e a compreensão de versões sobre o passado que a memória consegue elaborar (Domingues, 2014), reforçamos o senso de autonomia, a criatividade e a identidade nessa permanente construção e reconstrução de mundo.

Chegamos a sentir que houve algum reposicionamento político, ou seja, na sua relação com a pólis, pequenas transformações do cotidiano social, significados e formas de lidar com mudanças suas, dos outros, que são compartilhadas e se modificam contínua e dialeticamente (Sarriera e cols., 2004). Não se trata de ações realizadas de fora, *sobre* sujeitos passivos, e sem conhecimento de si mesmo e do seu contexto, mas, ao contrário, pressupôs e estimulou sempre ações que visavam ao processo de construção social e pessoal, em uma relação dialógica e horizontal que valoriza o saber de cada pessoa, diferenciando uma prática *para* de uma prática *com* (Batistoni, Ferreira & Rabelo, 2016, Rabelo & Neri, 2013, Sarriera e cols., 2004).

À medida que nos dirigimos à realidade do outro, e ao intervir nela, fica claro que a modificamos de alguma maneira e também nos modificamos. Do ponto de vista das duas facilitadoras, podemos afirmar que também nos transformamos e refinamos o olhar crítico sobre nossa atuação como profissional de saúde, ao viver a experiência de promover melhorias a práticas psicossociais (Sarriera e cols., 2004). A vivência grupal, por si só, já proporciona reflexão sobre a vivência no mundo, valores, direitos e relações com a coletividade (Rabelo & Neri, 2013). Com pessoas multiplamente estigmatizadas, pela cor da

pele, nível educacional, contexto social e idade, como o caso do nosso grupo, as reflexões e trocas tornaram-se ainda mais intensas.

A experiência de pesquisa-ação neste contexto pôde demonstrar benefícios desse tipo de método, exigindo de nós todas criatividade, persistência e flexibilidade. Os resultados positivos alcançaram tanto os sujeitos participantes do grupo, seu entorno direto, nós, enquanto pessoas e pesquisadoras, e os trabalhadores da ONG, que refletiram sobre o seu papel nessa vivência de transformação social.

A investigação permitiu-nos captar e selecionar sistematicamente materiais significativos, de forma participativa e consensual, como sugere Padilla (2017). Os resultados evidenciam a riqueza dessa metodologia que promove transformações no meio em que é aplicada e permite recolher informações, processando-as em conhecimentos e saberes relevantes não disponíveis por outras vias. Podemos afirmar que se trata de uma ferramenta eficaz para abordar temas como velhice e envelhecimento, a partir de orientações que ampliam e se contrapõem a perspectivas biomédicas cartesianas, que tendem a dar maior enfoque à doença e a uma ideia genérica de velhice do que ao sujeito.

Dentro dos pressupostos ideológicos da pesquisa-ação, e como resultados importantes da intervenção, pudemos identificar aspectos como a promoção de uma participação mais engajada e inclusiva dos membros da comunidade trabalhada, ressignificação do imaginário social negativo ligado à velhice pelos próprios participantes e pelos demais usuários da ONG, ampliação do senso crítico e da exigência por condições de vida e relações sociais mais respeitadas, senso de independência, fortalecimento de perspectivas futuras de vida e realização de projetos pessoais, integração grupal e fortalecimento de vínculos como aspectos que auxiliam no senso de pertencimento e identidade, liberação da ludicidade, espontaneidade e criatividade, como aspectos que geram sensações de bem-estar. Como dissemos acima, privilegiamos algumas intervenções para estimular as memórias recentes e antigas. Não nos preocupamos em averiguar se houve melhora de funções cognitivas, e nem era possível. Os próprios sujeitos identificaram, sob variadas formas, aquilo que categorizamos como fortalecimento da memória, e isso nos pareceu significativo. Além disso, o trabalho produziu maior nível de consciência sociopolítica entre os investigadores e entre os membros da comunidade, permitindo o envolvimento de todos no processo, não como objetos de estudo, mas como agentes de mudança social.

Finalmente, queremos sublinhar que a pesquisa-ação pode ser compreendida como estratégia relevante na prática acadêmica, já que, por meio da inter-relação teoria-prática, a universidade

também assume um papel ativo e comprometido e que Padilla (2017) chama de investigação responsável, retornando às comunidades um fruto valioso do conhecimento por nós recebido.

Os resultados positivos nos permitem pensar na possibilidade de replicação para outros grupos, em outros contextos, respeitando as nuances de cada grupo e espaço. Como aponta Demo (1999) é fundamental colocar a realidade acima do método e não o contrário, não se podendo situá-la apenas no que cabe diante do previamente escolhido. Pensar na replicação e ampliação deste trabalho, motiva-nos com o reconhecimento da necessidade de expandir estudos sobre o processo de envelhecimento e fortalecer propostas que coloquem o sujeito em posição de autonomia e criticidade, como agente de mudanças em próprio contexto.

REFERÊNCIAS

- Almeida, O. P. (1998). Queixa de problemas com a memória e o diagnóstico de demência. *Arquivos de Neuropsiquiatria*, 56(3A), 412-418. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-282X1998000300010&lng=en.
- Andaloussi, K. (2004). *Pesquisas-ações: ciência, desenvolvimento, democracia*. São Carlos: EdUFSCar.
- Ardoino, J. (1988). La recherche-action: alternative méthodologique ou épistemologique. Em: Hugon, M. & Sebel, C. (Org.). *Recherches impliquées, recherches action: le cas de l'éducation* (pp. 78-80). Bruxelas: De Boeck.
- Azambuja, T. (2005). Uma oficina de criação para a Terceira Idade. *Centro de Referência e Documentação sobre Envelhecimento da UnATI – UERJ*. Rio de Janeiro, 8(2), s./p. Recuperado de http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151759282005000200007&lng=pt&nrm=iso.
- Azevedo, R. (2007). Idosos: sujeitos de seu tempo. Em: Neri, A. (Org.). *Idosos no Brasil: Vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. (pp. 11-12). São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Barbier, R. (1985). *A pesquisa-ação na instituição educativa*. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Barbier, R. (2002). *A pesquisa-ação*. (Traduzido por L. Didio). Brasília: Plano.
- Barbier, R. (2007). *A pesquisa-ação*. Brasília: Liber Livro.

Batistoni, S. S. T.; Ferreira, H. G. & Rabelo, D. F. (2016). Modelo de intervenções psicológicas com idosos. Em: Freitas, E. & Py, L. (Org.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp. 1508-1515). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Braga, T. (2014). *Atenção psicológica e cenários sociais: ação clínica, instituições e políticas públicas na promoção da cidadania*. Curitiba: Juruá.

Bosi, E. (2004). *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.

Camarano, A. A. (2013). *Estatuto do idoso: Avanços e contradições*. Rio de Janeiro: IPEA.

Campos & Coelho (2010). Compartilhando histórias: fatores terapêuticos e mudanças percebidas por idosos participantes de uma intervenção psicológica grupal. Em: Falcão, D. & Araújo, L. (Org.). *Idosos e saúde mental*. (pp. 165-181). Campinas: Papyrus.

Chaves, E. S. (2006). O racismo na trajetória escolar e profissional. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Belém.

Ciornai, S. (2004). *Percursos em Arteterapia*. São Paulo: Summus.

Celich, K. L. S. & Bordin, A. (2008). Educar para o autocuidado na terceira idade: uma proposta lúdica. *RBCEH*. Passo Fundo. 5(1), 119-129. Recuperado de <file:///H:/Mestrado%20UFBA/Textos%20disserta%C3%A7%C3%A3o/autocuidado%20ludicidade.pdf>.

Costa, E. M. S. (1998). *Gerontodrama: a velhice em cena*. São Paulo: Ágora.

Debert, g. g. (2002). O idoso na mídia. Recuperado de <http://www.comciencia.br/reportagens/envelhecimento/env12.htm>.

Demo, P. (1999). *Conhecimento moderno. Sobre ética e intervenção do conhecimento*. Petrópolis: Vozes.

Deps, V. L. (1999). Atividade e bem-estar psicológico na maturidade. Em: Néri, A. L. (Org.). *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas. Papyrus.

Domingues, A. R. (2014). O envelhecimento, a experiência narrativa e a história oral: um encontro e algumas experiências. *Revista Psicologia Política*, 14(31), 551-568. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2014000300009&lng=pt&tlng=pt.

Engel, G. I. (2000). Pesquisa-ação. *Educar em Revista*. (16), 181-191. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602000000200013.

Felipe, T & Sousa, S. (2014). A construção da categoria velhice e seus significados. *Pracs: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, 7(2), 19-33. Recuperado de <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/1384/thayzav7n2.pdf>.

Franco, M. A. S. (2005). Pedagogia da Pesquisa-Ação. *Educação e Pesquisa*, 31(3), 483-502.

- Freire, P. (1992). Educação e conscientização. Em: Freire, P. *Educação como prática da liberdade* (pp. 21-27). São Paulo: Paz e Terra.
- Giglio, Z. G. (2007). A criatividade e os caminhos: em busca do mapa no processo de envelhecimento. Em: Bruns, M. A. T. & Del-Masso, M. C. S. (Orgs.). *Envelhecimento Humano – diferentes perspectivas*. (pp. 73-89). Campinas: Alínea.
- Goldenberg, M. (2013). *A Bela Velhice*. Rio de Janeiro: Record.
- Hamilton, S. I. (2002). *A Psicologia do Envelhecimento: uma introdução*. São Paulo: Artmed.
- Haguette, T. M. F. (1997). *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Kalache, A. (2007). Fórum envelhecimento populacional e as informações de saúde do PNAD: demandas e desafios contemporâneos. Posfácio. *Cad. Saúde Pública*, 23(10) (pp. 2503-2505).
- Lewin, K. (1965). *Teoria de campo em ciência social*. São Paulo: Pioneira.
- Lewin, K. (1978). *Problemas de dinâmica de grupo*. São Paulo: Cultrix.
- Libânio, J. B. (2001). *A arte de formar-se*. São Paulo: Loyola.
- Machado, A. R. M. et al. (2015). Potencializando um grupo de terceira idade de uma comunidade rural. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 49(1), 96-103.
- Magnabosco-Martins, C. R. & Baldin, T. (2015). Oficinas artísticas na universidade aberta para a terceira idade: contribuições para a qualidade de vida dos idosos. *Revista Conexão UEPG*. 11(1); 60-73. Recuperado de <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/6410>.
- Mailhiot, G. B. (1985). *Dinâmica e gênese dos grupos*. São Paulo: Duas Cidades.
- May, R. (1975). *A coragem de criar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Melo, A. S. E., Maia Filho, O. N., & Chaves, H. V. (2016). Lewin e a pesquisa-ação: gênese, aplicação e finalidade. *Fractal: Revista de Psicologia*, 28(1), 153-159. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922016000100153.
- Menezes, K & Frota, M. (2012). Corpos velhos e a beleza do crepúsculo: um estudo sobre os (re)significados da corporeidade na velhice. *Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad (RELACES)*, (9), 7-16. Recuperado de <http://www.relaces.com.ar/index.php/relaces/article/viewFile/162/124>.
- Mercadante, E. (2003). Velhice: a identidade estigmatizada. *Serviço Social e Sociedade*. 24(75), 55-73.
- Miranda, D. (2007). Legado de Vivências. Em: Neri, A. (Org.). *Idosos no Brasil: Vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. (pp. 9-10). São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

- Morais, O. (2009). Grupos de idosos: atuação da psicogerontologia no enfoque preventivo. *Psicologia, ciência e profissão*, 29(4), 846-855. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000400014&lng=pt&tlng=pt.
- Neiva, K. (2010). *Intervenção psicossocial: aspectos teóricos, metodológicos e experiências práticas*. São Paulo: Vetor.
- Nuland, S. (2007). *A Arte de Envelhecer*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Padilla, B. (2017). Saúde e migrações: metodologias participativas como ferramentas de promoção de cidadania. *Interface: comunicação, saúde e educação*, 21(61); 273-284. <https://dx.doi.org/10.1590/1807-57622016.0624>
- Rabelo, D. & Neri, A. (2013). Intervenções psicossociais com grupos de idosos. *Kairós*, 16(4), 43-63. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/download/20022/14897>.
- Rasera, E. F., & Japur, M. (2001). Contribuições do Pensamento Construcionista para o estudo da Prática Grupal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(1), 201-209.
- Ribeiro P (1994). *Gestalt-Terapia: O Processo Grupal*. São Paulo: Summus.
- Rocha, M. L. (2003). Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia Ciência e Profissão*, 23(4), 64-73. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000400010&lng=en&nrm=iso&tlng=pt.
- Santos, A. T. & Sá, M. A. A. S. (2000). De volta às aulas: ensino e aprendizagem na terceira idade. Em: Neri, A. L. & Freire, S. A. (Org.). *E por falar em boa velhice*. (pp. 91-100). São Paulo: Papirus.
- Sarriera, J. & Saforcada, E. (2014). *Introdução à psicologia comunitária: bases teóricas e metodológicas*. Porto Alegre: Sulina.
- Sarriera, J., Silva, M., Pizzianato, A., Zaggo C. & Meira, P. (2004). Intervenção psicossocial e algumas questões éticas e técnicas. Em: Sarriera, J. (Org.). *Psicologia comunitária: estudos atuais*. (pp. 19-42). Porto Alegre: Sulina.
- Seibel, C. (1988). Le statut scientifique de la recherche action. Em: M. Hugon & C. Seibel (Org.). *Recherches impliquées, recherches action: le cas de l'éducation*. Bruxelas: De Boeck.
- Selener D. (1997). *Participatory action research and social change: approaches and critique*. New York: Cornell University.
- Simson, O. & Giglio, Z. (2006). A arte de recriar o passado: história oral e velhice bem sucedida. Em: Neri, A. (Org.). *Desenvolvimento e Envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológica e sociológicas*. Campinas, SP: Papirus.

Szymanski, Heloisa, & Cury, Vera Engler. (2004). A pesquisa intervenção em psicologia da educação e clínica: pesquisa e prática psicológica. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(2), 355-364. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2004000200018>

Teixeira, T. M. B. (2007). Dimensões sócio-educativas do Teatro do Oprimido: Paulo Freire e Augusto Boal. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação e Sociedade do Departamento de Pedagogia Sistemática e Social. Universidad Autônoma de Barcelona. Barcelona.

Thiollent, M. (2008). *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez.

Valentini, M. & Ribas, K. (2003). Terceira Idade: Tempo para semear, cultivar e colher. *Analecta*. 4(1), 133-145.

Venancio, B. (2013). Teatro e idosos: experiência em oficinas. Em: Santos, S. & Carlos, S. (Org.). *Envelhecendo com apetite pela vida. Interloquções psicossociais*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Venturi, G. & Bokany, V. (2007). A velhice no Brasil: contrastes entre o vivido e o imaginado. Em: Neri, A. L. (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na Terceira Idade*. (pp. 21-30). São Paulo: Perseu Abramo.

Yassuda, M. S., Batistoni, S. S. T., Fortes, A. G., & Neri, A. L. (2006). Treino de memória no idoso saudável: benefícios e mecanismos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 470-481. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722006000300016.

Zuniga, R. (1981). La recherche-action et le contrôle du savoir. *Revue Internationale d'action communautaire*. 5(45) (pp. 35-44). Recuperado de <https://www.erudit.org/fr/revues/riac/1981-n5-riac02332/1034874ar/>.

ARTIGO 3

ANÁLISE GESTÁLTICA SOBRE O ENVELHECIMENTO A PARTIR DE OFICINAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

RESUMO

O objetivo deste artigo consistiu em revisitar, em perspectiva reflexiva e sob a lente teórica da Gestalt-terapia, a experiência das oficinas de contação de histórias com um grupo de velhos em situação de vulnerabilidade social, frequentadores de uma ONG no Subúrbio Ferroviário em Salvador-Bahia, durante três meses. Trata-se de uma pesquisa de cunho exploratório, descritivo e analítico, que toma algumas passagens dos encontros tendo como lente teórica a Gestalt-terapia. Desse modo, utilizamos conceitos referentes a contato, fronteira de contato, *awareness*, auto e heterossuporte, bem como categorias como: aqui e agora e a noção de corporeidade. A partir do material recolhido no diário de campo, organizamos os resultados encontrados: o grupo funcionou como um sistema; foi possível observar um todo diferente da soma de suas partes; os participantes reconheceram flexibilização das fronteiras de contato e promoção de contato mais fluido; a promoção e o desenvolvimento de autossuporte, tendo o grupo como heterossuporte foi possível; houve progressivamente maior presença de cada um nas tarefas propostas, no aqui e agora, com ampliação da *awareness*. Evidenciou-se notável ressignificação do corpo, de modo geral, e em consequência, uma maior consciência corporal.

Palavras-chave: Envelhecimento; Vulnerabilidade social; Contação de histórias; Gestalt-terapia.

INTRODUÇÃO

E a partir desse legado que surge minha certeza de que nunca é tarde para aprofundar o mapa. Não importa quantos anos tenhamos vivido, podemos começar agora a nos preparar para aquela travessia que nos levará ao poder da velhice e da sabedoria madura. Todos terão a oportunidade de se reacender como uma força instrutiva e intensa. Mas nós somente chegaremos lá se encararmos esse ponto como nosso destino, a partir de agora (Clarissa Pinkola Estés, 2007).

Muitos são os mitos e preconceitos que dificultam trabalhos de criação artística com pessoas em processo de envelhecimento, a saber, que o velho não consegue aprender, pois a memória é falha e suas posturas rígidas frente ao novo; a arte estaria distante da maioria das pessoas, já que apenas poucos conseguem criar e produzir artisticamente, e entre esses poucos praticamente não se encontram velhos; arte é algo supérfluo. Cordeiro (2007) desmistifica tais ideias, em seus estudos, demonstrando que criar artisticamente está ao alcance de todos e que é possível envelhecer com curiosidade, sensibilidade e abertura ao novo.

Em uma perspectiva holística, ao compreendermos o processo de envelhecimento como um fenômeno biopsicossocial, ampliamos nossa perspectiva para abranger além de mudanças individuais e padrões impostos sobre um tipo de envelhecimento. Incluímos, assim, aspectos históricos, culturais e sociais que incidem sobre as experiências de cada um (Botelho, 2016). Neste sentido, podemos afirmar que não existe velhice, mas *velhices*, tratando-se de uma experiência singular (Botelho, 2016; Cordeiro, 2007). Neri (1993) afirma que a qualidade de vida na velhice está diretamente ligada à interação de diversos fatores construídos ao longo da existência de cada sujeito, como carga genética, estilo de vida, relações sociais e familiares, capacidade laboral, educação, suporte econômico e ambiente físico.

Para Simone de Beauvoir (1987), não se pode encarar a velhice e o envelhecimento como estáticos, mas como o término e o prolongamento de um processo, uma transformação. O enquadramento generalizador da velhice a partir de uma idade, igual para todos, diz respeito a constrangimentos de ordem social e histórica, muito mais que à vivência de cada sujeito (Debert, 1999). Para Botelho (2016), esse processo pode ser o mais longo do ciclo vital, requerendo construção e reconstrução permanentes do sujeito, em toda a sua esfera de vida, uma etapa contínua, pois pressupõe um caminho que vai do nascimento à morte.

Laura Perls (1970) afirma que o problema básico da terapia e da vida é tornar a vida visível para um ser cuja característica dominante é a consciência de si próprio como indivíduo único, por um lado, e de sua mortalidade, por outro lado. A primeira característica gera um

sentimento de extrema importância, enquanto a segunda, medo e frustração. Nesse momento da vida, entre um polo e outro, Botelho (2016) acredita que o que se torna presente como figura, em geral, são incertezas, temores, a proximidade da finitude e o sentimento de não ter vivido tudo o que podia. Muitas vezes, trata-se da crença em si mesmo contaminada por outras crenças que eventualmente foram introjetadas a respeito do envelhecimento. Perls (1977, p. 50) afirma que “vivemos em meio a clichês. [...] De acordo com um comportamento padronizado. Desempenhamos os mesmos papéis repetidamente”. Muitos velhos apenas se ajustam às regras sociais e familiares, não se permitindo viver de modo fluido e pleno.

O objetivo geral deste artigo consiste em revisitar, em perspectiva reflexiva e sob a lente teórica da Gestalt-terapia, a experiência das oficinas de contação de histórias com um grupo de velhos em situação de vulnerabilidade social, frequentadores de uma ONG no Subúrbio Ferroviário em Salvador-Bahia. Utilizarei como pontos de discussão os conceitos de: contato, fronteira de contato, *awareness*; as categorias de aqui e agora, auto e heterossuporte e a noção de corporeidade. A escolha desse referencial está em consonância com minha prática de Gestalt-terapeuta.

A Gestalt-Terapia foi estruturada por pensadores e clínicos, em especial Fritz Perls, Laura Perls e Paul Goodman, envolvidos em campos artísticos tais como literatura, música, dança e teatro. Laura Perls (1992) comenta que, por necessitar de muita intuição e sensibilidade, a terapia pode ser considerada mais arte que ciência, indo além de uma abordagem associativa. Para ela, “ser um artista é funcionar de modo holístico” (Perls, L. 1992, p. 20). Em sua obra, os conceitos da Gestalt-terapia têm dimensão filosófica e estética. Assim, as propostas teóricas da fenomenologia uniram-se ao fundo estético e permitiram que a Gestalt-terapia modificasse o espaço da psicoterapia em *especialização*, como anuncia Alvim (2007), enfatizando a experiência vivida e temporalizada como condução da significação do mundo. Ainda segundo Alvim (2006; 2007), esses primeiros e grandes nomes encontraram nas artes uma perspectiva de funcionamento ideal a ser ampliada para toda atividade humana.

Além desse marco teórico, notamos que existe uma grande lacuna na literatura especializada brasileira em relação à abordagem gestáltica e, mais ainda, no que concerne ao envelhecimento. Buscaremos aqui contribuir para a compreensão desse processo, no âmbito da Gestalt-terapia.

O DESENVOLVER DAS OFICINAS: CONTOS, MEMÓRIAS E HISTÓRIAS

A abordagem utilizada para concretizar as oficinas foi de cunho exploratório e descritivo, pautada em um delineamento construtivo-interpretativo fundamentado na Epistemologia Qualitativa, proposta por Rey (1999; 2005), que compreende a pesquisa como processo dialógico de investigação, validado pela possibilidade de produzir permanentemente novas construções, frutos da confrontação das ideias do pesquisador e os múltiplos eventos empíricos coexistentes. A estratégia adotada nas oficinas foi a pesquisa-ação, que visa unir investigação e prática, de forma engajada e participativa, incluindo o participante diretamente na produção e construção do saber, avaliando e se apropriando da sua própria realidade, mediado pelo proponente inicial da pesquisa (Engel, 2000; Lewin, 1978; Melo, Maia Filho & Chaves, 2016; Thiollent, 2008). Para Lewin (1978, p. 220), “é preciso estabelecer processos de averiguação de fatos, olhos e ouvidos sociais, bem no interior dos corpos de ação social”. Essa temática de intervenção e transformação está vinculada à aspiração de tornar a psicologia uma ciência de ação.

As oficinas foram realizadas em uma Organização Não-governamental (ONG) localizada num bairro do Subúrbio Ferroviário de Salvador, Bahia. Essa ONG atende famílias e velhos inscritos em sua unidade, buscando assegurar a proteção social, por meio de atividades socioassistenciais e socioeducativas. Pela grande demanda e impossibilidade de atender toda a comunidade, a seleção dos beneficiários tem início com uma avaliação por entrevista e visita domiciliar, a partir do que se elegem as pessoas mais vulneráveis socialmente. Os critérios para avaliar o grau da vulnerabilidade social envolvem condições financeiras, de saúde, alimentação, moradia, violência, apoio social e familiar. Dentro dos programas ofertados pela ONG, está o *Programa de Promoção Integral do Idoso*, que realiza e fomenta ações de fortalecimento de vínculos, prevenção à institucionalização e acesso a benefícios e serviços previstos nas políticas públicas nacionais.

Participaram das oficinas 18 pessoas, 17 mulheres e um homem, entre 60 e 90 anos, com média de participação entre 13 e 15 pessoas por encontro. O critério para a escolha consistia em serem participantes do *Programa* e declararem vontade de participar das oficinas. A proposta foi apresentada por nós⁶, coletivamente, para que os interessados pudessem se

⁶ Neste artigo, escolhemos dizer nós, porque de fato os encontros foram planejados, apresentados e coordenados por três pessoas: Bruna Improta, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia e autora desta dissertação; Fernanda Colaço, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia; e Denise Coutinho, orientadora de ambas. As duas primeiras

manifestar. O projeto foi aprovado no Comitê de Ética (Plataforma Brasil), sob o número 1.916.799. A atividade ocorreu em um período de três meses, entre fevereiro e abril de 2017, com encontros semanais de 2h30min, totalizando sete encontros.

A seguir, apresentaremos algumas discussões teórico-práticas com base no material produzido e transcrito em um diário de campo, fotografias e filmagens, durante os meses de trabalho.

É importante ressaltar que, apesar de utilizar o referencial teórico da Gestalt-terapia, as oficinas não constituíram um trabalho com finalidade terapêutica, embora tenham efeitos desta natureza. O objetivo daquele trabalho foi potencializar a criação e a invenção de nós mesmas em grupo, com o grupo e nunca *para* ou *sobre* o grupo. Como uma abordagem humanista, a Gestalt-terapia se propõe ir além do processo psicoterápico, voltando-se para a promoção das potencialidades e desenvolvimento humano.

A discussão de alguns dos pontos a seguir foi realizada com o grupo, em reunião posterior à coleta dos dados, de forma a mantê-los como protagonistas do trabalho prático e reflexivo. Todos os nomes foram substituídos por outros nomes escolhidos por eles mesmos, de forma a assegurar o anonimato dos participantes e da instituição, cumprindo a prerrogativa ética da pesquisa em ciências humanas.

DOS RETALHOS DE HISTÓRIAS À TESSITURA DE UMA NOVA COLCHA

Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.
Porque eu não sou da informática: sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios
(Manoel de Barros, 2007).

Spolin (1992) nos diz que todas as pessoas são capazes de atuar em um palco e improvisar. Para tanto, é preciso que o ambiente favoreça a liberdade e a espontaneidade do participante. Foi justamente com base nesse pensamento que iniciamos as oficinas com jogos e exercícios teatrais e de contação de histórias. As propostas visavam valorizar o cotidiano, a memória e as histórias de vida de cada um. Buscamos o desenvolvimento da expressividade gestual e corporal, por meio de exercícios e jogos que privilegiam o movimento, em consonância com as propostas de Cordeiro (2007), a fim de desconstruir formas cristalizadas de agir.

foram as facilitadoras das oficinas, seguindo a proposta de uma produção colaborativa e interdisciplinar do Grupo de Pesquisa do qual todas participam.

Privilegiamos o jogo dramático e a improvisação como base para a construção de esquetes, cenas e visando ao espetáculo final montado e apresentado pelo grupo.

Jogo dramático não é sinônimo de teatro, no sentido que este último consiste na apresentação ou na representação de uma encenação diante de uma plateia. O jogo dramático é uma atividade dirigida e à qual nos dedicamos porque queremos desfrutar de momentos de investigação, descobrimento e prazer, contendo personificação e identificação, de forma que não há distinção entre atores e público; todos são livres para jogar e atuar (Cordeiro, 2007). Além disso, os jogos dramáticos são altamente sociais e propõem intrinsecamente um problema a ser solucionado (Spolin, 1992), consistindo num instrumento também utilizado na Gestalt-terapia.

Ao analisar os materiais coletados com essa atividade, extraímos as categorias que se seguem. Por se tratar de um trabalho pautado em bases dramáticas, alguns resultados não aparecem por meio da fala, mas de ações, comportamentos ou posturas corporais. Tentamos, dentro do possível e compreendendo nossas limitações, ser efetivas e descrever com clareza essas exemplificações teórico-práticas.

Compreendendo o processo grupal

O grupo como processo é uma unidade em constante transformação, tanto interna quanto externa (Ribeiro, 1994). Trata-se de uma totalidade, unidade complexa, campo de forças, onde cada indivíduo exerce influência sobre o conjunto, mantendo a fisionomia grupal e permitindo as modificações a cada momento, ao mesmo tempo que assume características próprias, problemas e sintomas que resultam das tramas individuais e inconscientes que une os integrantes (Ribeiro, 1994).

No trabalho com as oficinas, contactávamos cada integrante, particularmente, na compreensão de que o todo era constituído de pessoas, partes compostas e complexas de um grupo. Essas pessoas se inserem em um meio social mais amplo com o qual mantêm relações de mutualidade, como compreende Tellegen (1984), e ali, configuravam um outro todo, adquirindo características específicas desse determinado grupo, sendo influenciadas por suas partes. Uma totalidade não é apenas a adição de partes, mas pode constituir uma integração delas, de forma que esse todo constitui síntese (Silva, Oliveira & Alvim, 2014; Zinker, 2007).

Essa percepção de totalidade pode ser observada na fala de Alice, ao ser convidada para improvisar uma apresentação de seu grupo em uma viagem imaginária com outros grupos de

velhos. No momento em que iniciou a improvisação, referiu-se ao grupo como um todo, fortalecido pelas presenças individuais, mas existindo enquanto entidade.

Alice: O nosso grupo é [nome da ONG]. A gente se sente bem, uma vez na semana estamos lá. [...] O nosso grupo é muito importante porque são de idosos, e nós, um respeita o outro e nós vivemos lá feliz. É um grupo feliz...

A percepção do grupo era mais do que a junção de cada percepção individual. Quando os participantes falavam da alegria de existirem as sextas-feiras, não se referiam em nenhum momento a um encontro com uma ou duas pessoas especificamente, mas ao encontro com o grupo, com esse ente global, que tem força e se mantém, mesmo que algum integrante não consiga estar presente em determinado encontro. Víamos o grupo como um lugar e uma atmosfera na qual podíamos tornarmo-nos criativos, juntos (Zinker, 2007).

Tita: Aqui é um lugar tão feliz que a gente acha. Só peço a Deus que chegue o dia de sexta feira pra gente estar aqui.

Ribeiro (1994) elucida que convivemos com a realidade sob um triplice aspecto: geográfico, psicológico e comportamental. Campo geográfico é aquele ainda não significado, a realidade em si, ainda não relacional. Campo psicológico é o que recebe uma significação a partir das emoções que afetam alguém. Campo comportamental, por sua vez, é a junção dos dois campos anteriores, de forma que em função dos afetos e emoções (campo psicológico), sentido num contexto físico específico (campo geográfico), resultam num determinado comportamento (campo comportamental).

Um grupo nos seus primeiros momentos pode ser considerado um campo geográfico sem significação, representado por um conjunto de pessoas numa sala, cujas necessidades são operativas e práticas. O papel do facilitador é gerar motivação e permissão para falar e produzir segurança (Ribeiro, 1994). Após algumas horas ou dias, as pessoas começam a se conhecer, se sentir. Temos então uma passagem a um campo psicológico, onde surgem as primeiras emoções e afetos a partir daquelas relações (Ribeiro, 1994). A emoção do primeiro momento é mais uma antecipação, medo frente ao desconhecido. Já o campo psicológico surge do aqui e agora, por meio dos trabalhos do grupo. Mais um pouco e as palavras e gestos passam, então, a ter sentido e gerar comportamentos e atitudes específicas, instalando-se o campo comportamental. Esse campo passa a ser um todo significativo, uma configuração total por si, onde o comportamento se torna um pouco mais previsível. Somente a totalidade contém significado que gera intencionalidade e ações específicas. Nessa fase, os papéis começam a se tornar mais definidos (Ribeiro, 1994). Passando da fase geográfica para as

posteriores a atenção sai especificamente das figuras individuais e vai recaindo para a entidade grupo, que se constitui figura permanente.

Por mais que os integrantes do grupo já tivessem contato anteriormente, ao trazermos a nossa proposta, não partimos do campo já numa perspectiva comportamental. A nossa postura envolveu uma perspectiva geográfica inicial, para gerar motivação, segurança, pois a proposta, as técnicas e nós, enquanto facilitadoras, ainda constituíam elementos novos para a vivência de cada um e do grupo de modo geral. Ao mesmo tempo, pudemos constatar que o campo psicológico se instaurou muito rapidamente, pois já existia emoção e afeto provenientes das relações entre eles. Assim, o campo comportamental passou a ser mais bem compreendido por nós, com o passar dos encontros.

Ciornai (2016) embasa nossa discussão ao trabalhar com a perspectiva de ampliação do foco de uma elaboração intrapsíquica com indivíduos em grupo para um processo *com* o grupo, contemplando dinâmicas decorrentes de ser membro de um específico sistema. Assim, o que afeta uma parte, afeta o todo (Ribeiro, 1994). O grupo constituído é mais que uma coleção de pessoas, tornando-se um potente meio psicossocial que afeta profundamente sentimentos, atitudes e comportamentos de cada indivíduo naquele sistema, sendo ao mesmo tempo profundamente afetado por sentimentos, atitudes e comportamentos dos indivíduos que o compõem (Lanza & Cá, 1994; Ribeiro, 1994).

Ribeiro (2007b) considera que grupo e participantes se revezam como figura e fundo, de forma que qualquer acontecimento no grupo, mesmo que pareça envolver somente uma ou duas pessoas, tem uma configuração tal que envolve e ressoa em todo o grupo. A trama de significações passa necessariamente por tudo e por todos; e o grupo é um constante processo de comunicação, que inclui palavras, corpo, posturas, gestos, silêncios, roupas, penteados e tudo o que compõe o indivíduo. Ribeiro (1994) afirma que por vezes alguns sentem exatamente a mesma coisa que outros, no grupo; outras vezes, o grupo inteiro sente, como uma reação em cadeia, e por vezes o pensamento grupal gera um mesmo e único *insight* sobre um tema existencial. A compreensão do grupo vem da sua totalidade. “O grupo é um campo de força, onde cada um atua sobre o outro e onde cada um é miniatura de todos. [...] trabalhar um seria trabalhar todos e trabalhar cada elemento individualmente” (Ribeiro, 1994, p. 39).

Citaremos como exemplo uma situação que ocorreu na quinta oficina. Lua Branca estava assistindo à encenação de outra participante que estava emocionada com o conteúdo trabalhado, e relatou para Bruna como aquilo estava repercutindo nela.

Lua Branca: Ela é uma pessoa boa, mas não tem sorte. É por isso que não quero ir pra lá [centro da roda], porque tenho tanta coisa ruim na minha vida [...] só de ver ela falar aí já me sinto mal.

Nosso esforço por incluir os faltantes ao início de cada encontro partiu dessa compreensão de que cada sujeito, uma vez parte daquele todo, modifica-o e interfere no campo global do grupo. Quando incluíamos os faltantes, incluíamos a presença que é parte do todo, na compreensão de que o grupo respondia, mesmo que minimamente, de uma forma distinta a cada nova configuração. Questionávamos, no primeiro momento de cada oficina, quem eram os participantes que não estavam presentes e citávamos seus nomes. Não houve uma oficina igual à outra, respondendo ao todo que se configurava a cada encontro, e exigindo de nós uma postura flexível e aberta às necessidades de cada momento, em consonância com nossa estratégia. A matriz grupal⁷ permanecia, reconhecíamos o grupo, mas as respostas do grupo a cada encontro eram únicas.

Fernanda: Bom, mas o que vamos fazer agora? Semana passada a gente sentiu que o povo aqui é artista né? Vocês fizeram umas improvisações muito legais! Eu quero dois voluntários pra vir aqui na frente.

O grupo como sistema vivo se torna uma Gestalt complexa, distinta da soma de suas partes. Seus membros são coinfluenciados e coafetados uns pelos outros, numa dinâmica constante (Ciornai, 2016; Tellegen, 1984). Cada participante se faz presente *no* grupo com suas histórias, sua experiência de vida, seu modo de ser e perceber, mas também como expressão *do* grupo, assumindo em determinados momentos o papel de porta-voz da figura emergente (Ciornai, 2016; Ribeiro, 1994).

Pedro: Eu vou falar por mim... por mim e pelo grupo... Mas não quer dizer que eles pensem igual.

Bruna: Vocês sentiram alguma diferença em vocês ao longo desse trabalho?

Felicidade: Ó, nós sentimos. Porque o mesmo abraço de um é de todos. Todos lhe acolheram!

Concordamos com a perspectiva *do* grupo, como proposta por Ribeiro (1994), por acreditarmos que as manifestações individuais, naquele espaço, são ressonância da matriz grupal. Foi importante perceber, por exemplo, como Marina, uma senhora que verbalizou muito pouco ao longo das oficinas, no último encontro abraçou Bruna fortemente e chorou em

⁷ De acordo com Ribeiro (1994), a matriz grupal (termo de influência lewiniana) é um elemento permanente, em oposição ao elemento transitório, chamado processo. Uma realidade invisível, semelhante a conceitos como inconsciente grupal, atmosfera de grupo, mentalidade de grupo (Ribeiro, 1994). A matriz é construída pelo sistema de comunicação, ou seja, tudo o que acontece no grupo pelo corpo (postura, roupa, perfume) e pelas palavras e, embora elemento permanente, não é imutável.

seu ombro pela despedida. O grupo, afinal, funcionou como uma rede onde cada elemento representa um ponto nodal independente, porém psicodinamicamente interligado, funcionando como um subsistema que afeta o outro e é afetado pelo conjunto, criando uma matriz operacional (Ribeiro, 1994).

Pudemos perceber também que o grupo funcionava como fundo suportivo, corroborando os achados de Ciornai (2016), isto é, um elemento presente, embora por vezes silencioso. Estar presentes, naquele espaço, com outras pessoas que partilhavam do mesmo contexto social e de momentos de vida similares, fortalecia o encorajamento para se expressarem e participarem das atividades. Por vezes, os próprios membros do grupo estimulavam colegas para que fossem à frente se apresentar, sugeriam nomes e encorajavam-se mutuamente.

Fernanda: Vou pedir que um voluntário venha aqui para o meio. Uma corajosa [Apontam uns para os outros. Dois apontam para Alice, que diz que não quer ir. Pedro encoraja: vai Alice! Ela então segue para o centro].

Lua Branca: Eu estava doente e fiquei uma semana sem vir, aí quando pensei em vocês me animei, aí graças a Deus, fiquei até melhor do que o que eu estava.

Nessa perspectiva, vale lembrar que o resultado do processo criativo, materializado no espetáculo representado pelo grupo ao final do processo, consistiu em uma criação coletiva, em que os integrantes do grupo (incluindo as facilitadoras) pensaram, discutiram, elaboraram roteiro, sonoplastia e figurino da encenação, configurando um todo, e apresentado no último dia para uma pequena plateia. Na encenação final, já não se tratava da soma daquelas histórias isoladas, mas um composto de atuações irreverentes, alegres, emocionadas, que emocionaram também o público, deixando um recado e uma mensagem daquele todo, daquele grupo, como pôde ser percebido no depoimento de uma jovem da plateia:

Quando penso na velhice agora, só levo o doce, porque aqui teve muita lembrança doce [...] do amor, da infância, que se apaixonou, então acho que o que guardamos e levamos de verdade é essa doçura.

Conseguimos, através desses encontros, compreender a afirmação de Ribeiro (1994) referindo-se à condução do grupo como uma condução de uma orquestra, de forma que não basta só ciência, é preciso sensibilidade, criatividade, poder de entrega e espontaneidade.

Este grupo, especificamente, tinha um caráter temático. Os grupos temáticos, segundo Ribeiro (1994), se reúnem para conviver com um tema, durante algumas horas ou um final de semana, a partir de três aspectos principais: experimental, experiencial e existencial. Os participantes vivem uma experiência que, além de intelectual, carrega forte aspecto afetivo-emocional.

Como essa experiência é vivida em grupo, ocorre em seus três níveis básicos: intrapsíquico (individualmente), interpssíquico (relacionalmente) e transpsíquico (na perspectiva do grupo como uma entidade, e para além dele).

Embora o grupo temático não vise diretamente criar um processo terapêutico, momentos terapêuticos aconteceram, já que lidamos com pessoas que se encontram abertas, vivenciando processos emocionais que os levaram a entrar em contato conscientemente ou não com seu mundo interior de conflitos, automatismos, negações e esperanças. O tema aqui era a própria velhice, a partir da revivência da caminhada de vida, de forma que trabalhávamos em contraposição a uma postural cultural limitante, que busca significados prévios sobre o que é envelhecer positiva ou negativamente. Ribeiro (1994) confirma a necessidade de trabalhar os temas da forma mais aberta possível, contrapondo o papel da cultura instalada socialmente, que mobiliza uma postura proibitória em relação a muitos aspectos da vida.

Como já mencionado, tudo o que acontece no grupo produz mudança no seu sistema interno de equilíbrio, de forma que as alterações na estrutura ou na matriz do grupo passam necessariamente por alterações anteriores nos indivíduos. Quando nos damos conta de que o grupo mudou, está diferente, os indivíduos singularmente já passaram por diferentes mudanças (Ribeiro, 1994). Nas categorias a seguir mostraremos algumas transformações percebidas a nível grupal, compreendendo, como na afirmação anterior, que para a modificação do grupo houve ressignificação dos participantes individualmente.

Flexibilização das fronteiras e contato e promoção de contato mais fluido

Para Perls (2002) nenhum organismo é autossuficiente e busca do meio a satisfação das suas necessidades, de forma que [...] todo contato, seja ele hostil ou amigável, ampliará nossas esferas, integrará nossa personalidade e, por assimilação, contribuirá para nossas capacidades, desde que não esteja repleto de perigo insuperável e haja possibilidade de dominá-lo (p. 110). Diante desse cenário, em que a existência é relação, a existência é também contato. Segundo Ribeiro (2007a), a palavra contato tem sido utilizada para definir o intercâmbio entre o indivíduo e o ambiente que o circunda, dentro de uma visão de totalidade. Refere-se aos ciclos de encontros e retiradas do organismo/meio.

De acordo com Ciornai (1995), os instrumentos de que o indivíduo dispõe para ir ao encontro da realidade, como sentir, avaliar, selecionar e responder ao que está a sua volta, correspondem às funções de contato. Polster e Polster (2001) identificam sete funções de contato: olhar, ouvir, tocar, falar, mover-se, cheirar e provar. É através dessas funções que

ocorre o contato e, pela perturbação delas, esse mesmo contato pode ser bloqueado ou evitado.

Percebemos que os principais instrumentos para a evitação do contato nesse grupo eram o olhar e o tocar. Logo na segunda oficina, sugerimos uma atividade final que consistia em cada um tocar nas mãos do outro, em uma roda; uma após a outra cada pessoa devia dar um beijo na mão da colega da direita, enquanto olhava-a nos olhos, agradecendo pelo encontro e seguindo até chegar na pessoa que iniciou o gesto. O olhar era fortemente evitado, de forma que precisávamos lembrar, a cada vez, que era importante olhar e beijar com consciência do que estava sendo feito, mas elas ainda o faziam com pressa, finalizando o contato rapidamente. Na sexta oficina, ao propormos a mesma atividade foi surpreendente notar como o contato era mais genuíno, sustentado pelo olhar e pelo beijo, não mais corrido, mas sentido.

Todo contato implica mudança, e ao lidar com a realidade como tal, o indivíduo se depara invariavelmente com situações e contextos novos que promovem nova configuração (Perls, Hefferline & Goodman, 1997; Polster & Polster, 2001). Perls, Hefferline e Goodman (1997) trazem essa ideia de contato como “a *awareness* da novidade assimilável e comportamento com relação a esta; e rejeição da novidade inassimilável” (p. 44). Nesse contexto, contato é algo dinâmico, ativo e sempre vai depender de um acordo entre as partes envolvidas. Esses mesmos autores complementam que “o contato não pode aceitar a novidade de forma passiva ou meramente se ajustar a ela, porque a novidade tem de ser assimilada. Todo contato é ajustamento criativo do organismo e ambiente” (Perls, Hefferline & Goodman, 1997, p. 44-45). Ajustamento criativo é a capacidade de satisfazer às necessidades de acordo com as possibilidades do campo/meio, dentro do melhor que a pessoa pode fazer naquele momento (Frazão, 2015). Demandamos, sem prévia intenção, uma nova postura dos participantes, simplesmente pelo fato de propormos algo novo e sermos estranhas àquela realidade. Para que pudessem lidar conosco e com as atividades oferecidas, cada um e cada uma precisaram ajustar-se criativamente ao contexto, e nós também ajustamo-nos criativamente à realidade do grupo.

O contato ocorre sempre em um limite entre o indivíduo e o mundo, denominado fronteira de contato, que une e separa, tornando-se mais ou menos permeável e, desta maneira, favorece, dificulta ou impede esse contato (D’acri, 2014; Ginger & Ginger, 1995; Kiyon & Bonante, 2006; Perls, Hefferline & Goodman, 1997; Ribeiro, 2007a). A fronteira é sentida tanto como contato quanto como isolamento (Ginger & Ginger, 1995), determinando a fronteira entre o “campo” pessoal e impessoal (Perls, 2002).

O contato se dá na superfície-fronteira no campo do organismo/meio, de forma que a fronteira de contato pode ser reconhecida também como o lugar da experiência. O contato e seu oposto, a fuga, são as formas de lidar na fronteira com os objetos do campo (D'acri, 2014). O funcionar da fronteira entre o organismo e seu ambiente é, então, o que podemos chamar de contato. Em um primeiro momento da oficina, percebemos que os contatos se davam dentro de fronteiras rígidas; os participantes não se permitiam olhar nos olhos uns dos outros, como anteriormente mencionado. O toque era tenso ou motivo de graça; o acesso aos demais participantes acontecia mecânica e superficialmente. Ao iniciar a terceira oficina, sugerimos juntarmo-nos em roda, ombro a ombro, respirar todos juntos e profundamente; olhar nos olhos. Essa proposta conseguiu fluir um pouco melhor para alguns, mas a grande maioria ainda ria, fazia graça e evitava o contato consigo mesmo e com os colegas.

Polster e Polster (2001) se debruçaram sobre a compreensão das fronteiras de contato ou *fronteiras do eu*, determinadas por toda a amplitude de experiências do indivíduo em sua vida, bem como por suas possibilidades internas de assimilar a experiência nova ou intensificada. É a fronteira do contato que é permissível para cada um, envolvendo o mundo externo e as reverberações internas, definindo ideias, valores, ações, pessoas, ambientes, imagens, memórias etc., e tudo o mais em que ela está disposta a se envolver plenamente.

Esses autores estruturaram o conceito por meio das seguintes perspectivas: *fronteiras do corpo* (a relação das pessoas com seus corpos, com o corpo do outro e o contato do outro com os seus corpos, de forma que a *awareness* da sensação de algumas partes ou funções de seus corpos é restrita ou colocada fora dos limites, permanecendo fora do senso de si mesmas); *fronteiras de valor* (interesses e prioridades dos sujeitos e os valores e prioridades do entorno); *fronteiras de familiaridade* (receio da mudança e do desconhecido restringindo algumas pessoas a funcionarem em ambientes mais familiares, além das limitações geográficas ou de tempo que muitas vezes restringem o contato com o novo ou pouco familiar); *fronteiras expressivas* (ser capaz ou não de expressar aquilo que se é, pensa e sente, ligado a tabus sobre o comportamento expressivo que começam na infância e continuam mais sutilmente, gerando os “não-pode” que advêm da cultura); *fronteiras de exposição* (poder estar ou não exposto ao olhar do outro, ser observado ou reconhecido). Todas essas possibilidades de *fronteiras do eu* se inter-relacionam e podem ser expandidas com vivências, amadurecimento e processo terapêutico, variando em sua rigidez ou flexibilidade, para cada um, conforme observamos ao longo do nosso trabalho.

Como já mencionado, nas primeiras oficinas as fronteiras de contato estavam bastante rígidas. Foi notória a flexibilização das atividades em quase todas as pessoas, quando era necessário modificar tarefas. Essa possibilidade promovia um contato mais fluido entre os participantes e o nosso ambiente, uns com os outros e consigo mesmos.

Em relação a *fronteiras do corpo*, que será mais explanado à frente, com a categoria “ressignificação do corpo e consciência corporal”, pudemos observar que, a princípio, os movimentos e as expressões corporais eram limitados a uma gestualidade engessada, pouco consciente, com evidência em apenas algumas partes do corpo em detrimento de outras, ou com total “fechamento” do corpo, representado por mãos cruzadas, ombros curvados e olhares vagos. Ao longo do processo, estimulamos a percepção do próprio corpo e dos limites de cada um, sendo evidente uma maior consciência corporal, um movimentação mais fluida, incluindo outras partes do corpo antes abandonadas, ou ritmo e “abertura” do corpo.

As *fronteiras de valor* acompanharam flexibilizações importantes. A primeira incluiu a programação e o horários das oficinas. O transporte público para o local é muito deficiente, gerando atrasos constantes, em relação ao horário estipulado pela instituição para o início das atividades. Os sujeitos ficavam constrangidos pelos atrasos, pelas condições ambientais e o compromisso com o horário pré-determinado. A primeira flexibilização aconteceu quando sugerimos iniciar às 9h30min, com o aval da instituição, para que os participantes entrassem em consonância com o objetivo das atividades, participassem de tudo, e não precisassem mais sofrer com os atrasos.

Outro momento em que percebemos maior flexibilização nas *fronteiras de valor* pode ser ilustrado quando propusemos, na quinta oficina, uma cena em que um dos participantes faria uma oração para o seu “anjo”, percebendo, enquanto se olhava no espelho, o que ainda “vive dentro de mim”. Naquele momento, convidamos uma participante que se considerava religiosa para vir ao centro e logo Bárbara se voluntariou. Pedro manifestou discordância dizendo “Ela não! Ela é da macumba!”. Os valores pessoais entravam em choque com os valores da proposta, que visava a um contato mais efetivo do participante consigo mesmo.

Ao provocarmos reflexão e deixarmos claro que qualquer religião era bem-vinda, Pedro se voluntariou para participar com Bárbara e acabou encenando o papel do seu “anjo”, flexibilizando sua rigidez em relação à religião, comovendo-se, inclusive, com o seu discurso ao longo da atividade.

Pedro: Eu só quero dizer o seguinte. Ela nunca se abriu aqui pra dizer o que ela está falando agora. Eu só tenho uma coisa pra dizer pra ela [Bárbara olha

para baixo e ele começa a olhar em seu rosto]: lá do alto, acima, existe um Deus, e [...] tudo de bom vai acontecer.

A flexibilização das *fronteiras de familiaridade* já começaram a ser estimuladas desde o primeiro momento no grupo, na medida em que surgimos como elementos estranhos, propondo um trabalho pouco convencional e desconhecido, mas deixando-os à vontade para opinar, declarar, avaliar e se posicionar quanto à proposta e à condução. Neste sentido, de modo geral percebemos fronteiras flexíveis para encarar a proposta em um primeiro momento, mas ao esbarrar, ao longo das atividades, com situações novas, arriscadas, enrijeciam ou iam flexibilizando à medida que se sentiam mais confortáveis e confiantes com as situações. Na quarta oficina, por exemplo, pedimos uma voluntária para ir ao centro da roda, sem dizer o que ia ser feito. Ninguém se voluntariou e, por sugestão do grupo, Alice caminhou para o centro anunciando: “Olha o que você vai aprontar, viu? Olha bem o que ela vai fazer!”.

À medida que a atividade foi acontecendo, Alice relaxou e pôde aproveitar. Na semana seguinte, ao repetirmos o convite, sem também dizer o que ia ser feito, recebemos duas candidatas, demonstrando que as atividades, mesmo sem conhecimento prévio, já não eram sentidas como tão arriscadas.

As *fronteiras expressivas* também foram altamente estimuladas, pois sugeríamos pessoas como protagonistas, num lugar central em relação às atividades. Todas as oficinas eram pensadas a partir da expressão das memórias, histórias e o que mais surgisse como interesse dos participantes. Tratava-se de estimular a expressão, num espaço de vidas mecanizadas, cheias de televisão, mídia e consumo, como reforça Giordano (2013), carentes de histórias e de contadores com eloquência para fazê-lo. Em todos os encontros, promovíamos o momento do *feedback*, em que eram incluídas sugestões, resoluções, avaliação e um espaço de diálogo, não habitual em nossa sociedade, sobretudo em relação aos velhos.

Por fim, *fronteiras de exposição* foram largamente flexibilizadas e notamos uma intensa ressignificação nesse âmbito. Chacra (1991) aponta que todo ato teatral encerra um elemento de improvisação, pois a natureza do humano gira em dois polos: o programado e o imprevisível. Ambos dão equilíbrio psíquico. Através de improvisações, representações e jogos, foram estimulados comportamentos autônomos e criativos, em ressonância com a proposta de Cordeiro (2007). Os participantes sentiam-se, ao longo dos encontros, mais livres e encorajados para jogar, encenar e contar suas histórias. Zinker (2007) nos lembra, inclusive,

que a criatividade é um ato de coragem, justamente porque incita a pessoa a se arriscar ao ridículo e ao fracasso, para experimentar uma novidade, como algo inédito.

Fernanda: Vocês podem escolher uma canção pra abriremos nosso encontro de hoje?

Sol: Qualquer música? Qualquer uma que eu queira? Pode ser de roda? [...] Oh que noite tão bonita... [Sol começou a cantarolar e balançar os braços].

Durante os processos de criação, assim como nos processos de vida, estão presentes fantasias, ideias, desejos, pensamentos, angústias, entre as experiências vividas pela pessoa. Esses processos propiciam experiências das mais diversas no processo de criar, podendo facilitar ou inibir a criação. Zinker (2007) afirma que, no processo criativo, entramos em contato com nossa doçura, com nossos anseios, com a profundidade de nosso bem-querer, limites e medos. *Permanecer* com essa tensão é uma tarefa extremamente difícil, mas necessária para que o processo possa ser ressignificado em sua raiz (Zinker, 2007). As oficinas, ao estimular o contato com esses conteúdos, com os colegas, conosco e com o desconhecido, permitiram a fluidez nos contatos e novas possibilidades de agir. Como afirmam Lanza e Cá (1994) toda criação é uma provocação, pois implica destruição de uma forma e proposição de outra.

Desenvolvimento de autossuporte e grupo como heterossuporte

Existem basicamente duas possibilidades de suporte: autossuporte e heterossuporte, que se intercomunicam por toda a vida (Andrade, 2014). Perls (2011) comenta que o suporte é fundamental em qualquer contato e sua falta pode desencadear sentimentos e comportamentos disfuncionais, além da dependência do outro. O autor considera o autossuporte (autoapoio) e o heterossuporte (apoio ambiental) como referencial para o desenvolvimento humano.

Se pensarmos que somos seres em relação e estamos influenciando e sendo influenciados todo o tempo, o desafio é gerar um suporte interno que torne a pessoa capaz de se responsabilizar pelos processos da própria vida, não projetando em outras pessoas ou situações os males e ganhos do seu desenvolvimento pessoal (Abreu, 2007). Como ser-no-mundo, sempre estaremos em relação com o meio, podendo contar com esse apoio para nos sentirmos mais fortalecidos para o *desprendimento criativo*, deixando o que é conhecido ir e permitindo o crescimento pelo diferente (Perls, Hefferline & Goodman, 1997).

Com o conceito de *desprendimento criativo*, Perls, Hefferline e Goodman (1997) entendem que a pessoa tem a chance de abrir mão de “muletas” que já não servem, como antigos sentimentos, pensamentos e atitudes disfuncionais, tornando-se capaz de andar com as

próprias pernas. Para isso, precisa desenvolver o autoconhecimento e acreditar no próprio potencial, apossando-se dos próprios recursos e lembrando, ao mesmo tempo, que existem recursos externos à disposição, caso necessário ou desejável (Andrade, 2014).

Perls (2011) reflete que o contato consigo mesmo e com o meio propicia um eixo, gerando uma configuração saudável em si e no ambiente, e um bom trânsito entre os dois, de forma que o humano pode viver em contato íntimo com sua comunidade, sem se misturar com ela nem viver completamente afastado, tornando-se integrado. Ser autossuficiente envolve, portanto, relação entre si mesmo e a sociedade, assumindo-se como ser que pensa, sente e age (Perls, 2011), uma característica buscada no processo terapêutico da Gestalt-terapia. O estímulo à fala, expressões e improvisações, ao longo das oficinas, facilitou o desenvolvimento de autossuporte em cada participante.

Felicidade: Eu sei que vocês tão dando mais espaço, né? Pra gente se comunicar mais ainda. Pra gente se comunicar também com vocês e vocês com a gente!

Botelho (2016) afirma que, a fim de dissolver o estereótipo social de inutilidade e passividade, os profissionais da instituição precisam ter uma visão existencialista e participativa: o velho deve ser reconhecido como responsável por suas ações, possuidor de potencial criativo e capaz de fazer escolhas. Consonante com essas ideias, percebemos que quanto mais oportunidades de autonomia e individualidade ele recebiam, mais alertas e ativos permaneceram, fortalecendo a perspectiva do autoapoio.

Juventude: Me casei com 18 anos, tive minha primeira filha... só fui viver na minha velhice, porque na juventude só foi pra criar filho. [...] Agora que eu tô curtindo!

Uma das participantes, ao se mobilizar ao longo de uma encenação, não conseguia falar o que via de belo em si mesma. Recorremos ao grupo, como heterossuporte, a fim de que pudessem dizer o que enxergavam, estimulando a percepção dela. O resultado foi positivo, pois à medida que o grupo começou a opinar, ela sentiu-se mais forte e revelou:

Bárbara: Isso mesmo! [Balança a cabeça afirmativamente] Sou muito forte mesmo!

O autossuporte deve incluir tanto o autoconhecimento quanto a autoaceitação. Sair do hetero para o autossuporte é arriscado, pois envolve o abandono do conhecido, rumo ao desconhecido (Yontef, 1980), mas é um dos objetivos terapêuticos da Gestalt-terapia. Nesse

ínterim, é importante tomar cuidado para não confundir maturação e autossuporte com autossuficiência. “A pessoa saudável não desconsidera as necessidades dos outros, nem permite que as suas sejam desconsideradas. Nem fica ressentida com a afirmação que o companheiro faz de seus próprios direitos” (Perls, 2011, p. 117). Vivendo em um campo e sendo um ser relacional, ninguém é autossuficiente (Andrade, 2004).

Os participantes, com uma característica grupal de forte acolhimento, demonstravam cuidado e preocupação uns com os outros, ao mesmo tempo que estimulávamos a superação individual em cena, no improviso, ou aceitando os conteúdos que emergiam, sem julgamento, para que conhecessem mais as próprias emoções e limitações.

Prosperidade, na segunda oficina, foi convidada a se apresentar a partir de três fotografias, que haviam sido trabalhadas em duplas anteriormente. A proposta era que ela parasse em uma pose, como uma fotografia que pudesse mostrar quem era ela. Ao chegar no centro da roda, cruzou os braços e revelou que não lembrava de mais nada. Sugerimos, então, que improvisasse, estimulando a criatividade e o desenvolvimento de sua autonomia. A primeira “fotografia” quase não tinha expressão, o grupo respondeu animado mesmo assim; a segunda contou com uma leve movimentação dos braços e a terceira foi completamente espontânea, com braços e pernas abertos, e uma gargalhada, revelando o enfrentamento da primeira dificuldade.

Botelho (2016) afirma que o heterossuporte que os profissionais oferecem é muito importante nos momentos de sofrimento intenso. Nós, as facilitadoras, também demonstrávamos e deixávamos claro que podiam contar conosco como heterossuportes. Houve momentos que precisamos atuar como esse suporte, para que as demais pessoas enfrentassem os temores emergentes naquela situação e conseguissem fechar a cena, história, *gestalten*, da melhor forma que podiam. Na quinta oficina, Bárbara se emocionou muito ao improvisar uma cena que envolvia o seu neto. Começou a chorar e precisamos intervir, de modo mais assertivo, lembrando-lhe que existia um suporte profissional e também do grupo, para que pudesse permanecer na emoção.

Bárbara: Tem muito amor! Eu tenho uma pessoa que eu amo do FUNDO da minha vida, um neto que eu deixo eu primeiro do que ele [Bárbara começa a chorar e balançar as pernas fortemente. Enxuga as lágrimas e continua se balançando].

Bruna: Bárbara, tudo isso é no seu tempo. O que está vindo agora? O que você está sentindo? [Bárbara balança o rosto negativamente e continua chorando]. Se emocionar faz parte, é parte do contato com a gente mesmo.

Não tem problema nenhum nisso. Deixa vir, viu Bárbara? E nosso papel aqui é acolher ela, né gente?

Uma das principais etapas do trabalho consistia em estimular a participação de cada um na sugestão, no planejamento, na execução de novas atividades e avaliação dos encontros, ressonante com a proposta de Botelho (2016). O grupo conseguia promover a sustentação de cada um de seus membros, de forma que, à medida que iam integrando-se, crescia mais a confiança no próprio grupo e em suas possibilidades, como observado nos trabalhos de Lanza e Cá (1994), e fortalecendo o autossuporte para agirem fora daquele espaço. Atuar no meio em que vivem contribuiu para a sensação de independência e autonomia.

Neves: Envelhecer [...] muitas pessoas faltam com respeito. Agora mesmo eu vim no ônibus, não foi comigo, mas o motorista disse 'não suporto idoso, que idoso é azedo'. [...] Feliz dele que esteja com a minha idade e faça o que eu faço. Porque eu sou uma mulher de 78 anos e eu lavo prato, varro casa, vou pra mercado, eu faço tudo, eu brigo, eu xingo, faço tudo.

Maior capacidade de presença, no aqui-e-agora e ampliação da *awareness*

A noção de *awareness* é basilar no corpo conceitual e metodológico da Gestalt-terapia. A sua tradução do inglês para o português remete imediatamente à palavra “consciência”. Entretanto *awareness* se distingue da consciência como representação, reflexão e conhecimento, assumindo um sentido próprio no vocabulário gestáltico, sintetizado por Alvim (2014) como *saber da experiência*, mas, por não existir tradução exata, o vocábulo é mantido em sua origem. Essa mesma autora explica a *awareness* como o fluxo da experiência no aqui e agora, que, pela excitação e sensações do campo, orientam a formação das figuras, produzindo um saber tácito (Alvim, 2014). Esse saber é dado de modo pré-reflexivo, não produzindo um saber explícito, reflexivo, já que este último pressupõe interrupção no fluxo da experiência, cisão da totalidade organismo/ambiente, para voltar-se ao que já passou (Alvim, 2014).

Não é possível pensar *awareness* em uma perspectiva dualista, mecanicista ou determinista-causal, já que o princípio básico desse conceito é a perspectiva de campo. *Awareness* consiste em um processo de contato entre campo, organismo e meio, no qual o indivíduo presencia, no aqui e agora, uma profunda e acentuada qualidade de atenção e sentido. É o processo de estar em vigilante contato com o evento mais importante do campo-organismo-meio, com pleno suporte sensório-motor-emocional-cognitivo-energético (Yontef, 1984).

A possibilidade do estabelecimento de *awareness* permite que o indivíduo tenha mais clareza das necessidades que surgem em seu organismo. O organismo se depara com várias

necessidades simultâneas a serem satisfeitas e tenta sempre estabelecer um equilíbrio homeostático (Pinto, 2009). É nessa perspectiva que enfatizamos *awareness*

no sentido de saber o que estou fazendo agora [...]. E não se confunde esse estar sendo com o que foi, poderia ter sido ou poderia ser. Nós guiamos nosso procedimento baseados na *awareness* do que é, energizando a figura em questão no presente e com vivo interesse (Yontef, 1984, p. 53).

Sem planejamento prévio, mas adotando uma postura focada no aqui e agora, estimulávamos a *awareness* dos participantes. Logo na segunda oficina, ao propor um exercício corporal, percebemos posturas exageradas ou enrijecidas, com pouca consciência das limitações pessoais. Passamos por cada uma, tocando áreas do corpo que estavam sendo estimuladas, a fim de que percebessem e se relacionassem com mais autonomia em relação ao próprio corpo. Notamos, como resultado contínuo, posturas mais conscientes no desenrolar do trabalho.

Perls, Hefferline e Goodman (1997) revelam que há na *awareness* uma “integração sensório-motora” (p. 33) que conecta essas dimensões (corpo, mente e ambiente), integrando o sentir e a ação, predominando no sentir a aceitação e no motor, a transformação (Alvim, 2014). O sentir, envolvido no fluxo da *awareness*, define-se como uma experiência de abertura e disponibilidade que permite o toque por aquilo que está no campo, exigindo abertura sensível a partir da presença, para ser afetado por essa experiência (Alvim, 2014; Perls, Hefferline & Goodman, 1997).

Numa ampliação da consciência, estimulávamos a integração entre as sensações e as falas, como pode ser notado nesse momento em que devolvemos para Bárbara uma dissonância entre sua fala e sua expressão.

Bárbara: Minha infância foi muitooooo... [Sorri] ruim! Porque eu apanhava de manhã, meio dia e de noite [Sorri].

Fernanda: E esse sorriso todo contando isso?

Nosso trabalho não buscou recordar o passado apenas por recordar. Acreditamos, em consonância com Cordeiro (2007) e Costa (2014), que o passado vem à tona e auxilia nas construções e criações do presente. Todo um mundo social rico e diverso pode chegar até nós por meio das histórias e memórias dos velhos. Bosi (2004) afirma que quando o idoso recorda, há um trabalho de reflexão e localização, uma inteligência do presente, referenciais do presente que fazem com que uma lembrança não seja apenas repetição de um estado antigo, mas “reparição”. Recordar é mais que um sonho ou simples devaneio, é unir o começo ao fim (Bosi, 2004).

Fernanda: Essa criança de lá, essa Alice criança, ainda vive aqui dentro [aponta pro coração]?

Alice: [...] Eu acho que sim... Eu gosto de tudo, né? [...] Eu acho que ainda tenho assim da infância. Eu gosto muito assim, de pegar um papel pra ler, pegar poesia, um poema, uma coisa...

Botelho (2016) afirma que a Gestalt-terapia oferece aos velhos um espaço para que eles estejam *aware* (possam dar-se conta) de suas necessidades e de seu potencial para satisfazer-se. Estar *aware* do seu processo contribui para que se vejam de forma mais autêntica e com menos julgamento. Os velhos aprendem a ser protagonistas do seu envelhecer, permitindo-se passear por suas lembranças no aqui e agora. Recordar permite ao idoso reviver, com uma carga energética, o passado no presente, avaliando, assim, sua vida por outros prismas.

Felicidade: É, eu era virada na zorra! E até hoje ainda sou! Não escondo isso de ninguém. Não sou de falsidade, de nada! Se disser, vai ouvir! [...] Que saudade eu tenho da minha infância! Perante a Deus! Minha infância foi mesmo pra abusar, viu?

Bosi (2004) fala do passado concentrado no presente que cria a natureza humana por um processo contínuo de reavivamento e rejuvenescimento. A vontade da revivência arranca do que passou seu caráter transitório e libera novas possibilidades de encontros e configurações. Quando desiste do próprio passado, o velho defronta-se com um vazio que o impossibilita de encontrar recursos próprios para a elaboração de seus lutos e perdas (Botelho, 2016).

Pedro: Na velhice nós recordamos nosso passado, olhamos o presente e pedimos a proteção para o futuro. E a velhice é a felicidade do ser humano dependendo de cada um deles.

Perls (2002) afirma que nosso centro temporal, como os eventos espaço-tempo humanos conscientes, consiste no presente e não existe outra possibilidade. Interessaram-nos neste trabalho as retenções e pretensões expressas na experiência dos participantes na atualidade, naquele exato momento em que se expressavam nas oficinas, já que para nós “o passado significativo é o que aparece retido no agora” (Costa, 2014, p. 134), acreditando na atualização dos afetos e das histórias compartilhadas, no presente.

Fernanda: Como hoje na sua idade, você vê a sua infância?

Alice: Eu acho, graças a Deus, que agora tá mil vezes melhor! Já tô idosa, tô com 85 anos já, mas minha velhice tá melhor do que era... porque de primeiro tudo era feio, ninguém podia fazer nada, que tudo era muito reservado, não é isso? Na infância... quando chegava adolescente tinha que ser bastante acomodada. Agora não...

Spolin (1992) argumenta que a improvisação em um palco é possível a qualquer um, desde que o ambiente propicie as condições para tal. A autora chama de comportamento talentoso a capacidade que alguns indivíduos possuem de entregar-se ao ambiente, de envolver-se ao máximo com ele. Envolvimento que deve ocorrer nos níveis intelectual, físico e intuitivo. Este último só pode responder ao imediato, às situações que ocorrem no aqui e agora e quando somos capazes de nos envolver com o mundo a nossa volta, que está em constante transformação. A intuição nos faz adentrar o desconhecido e por instantes pode liberar o potencial que existe em nós (Cordeiro, 2007). Estar *aware* é estar aqui e agora, com o envolvimento mencionado por Spolin (1992) em todos os níveis de nossa existência.

Ao longo dos trabalhos, o nível de presença dos participantes foi-se ampliando significativamente; o contato com as emoções próprias e dos colegas pôde ser percebido numa qualidade crescente. Na última oficina, antes do espetáculo, questionamos aos participantes o que eles estavam levando daquele momento e o que deixavam com o grupo, já que o grupo seguia em permanência e apenas aquela proposta iria se despedir junto conosco. A resposta proferida por Alice, Patrícia e Júlia foi “a minha presença”. Num entendimento de que deixar a presença para o grupo é incluir consciência, abertura e permanência naquele espaço.

O estímulo à presença dos participantes promoveu o contato mais genuíno com suas histórias, refletidas nas histórias dos outros, naquele momento presente, fazendo-os vivenciar o vazio produtivo, mais *aware*, esquecendo-se, por vezes, dos problemas e situações vinculados a outros contextos.

Júlia: Alegre a mente da gente [sorri]. Naquele momento nós não estamos pensando em aborrecimento de família, as coisas de família, chegar em casa e ficar chateada, quando chega aqui assim, começa assim a conversar, falar essas coisas, dar risada, a gente se alegra. A mente esvazia aquele cansaço...

Concebemos, neste processo, o tempo encarnado nas histórias e dramatizações da vida dos participantes, conforme nos apresenta Costa (2014), não de forma objetiva, seguindo uma linearidade cronológica, mas dentro de uma concepção de “tempo vivido, em círculos, envolvendo presente, passado e futuro em uma totalidade dinâmica” (p. 145), zelando pelas historicidades dessas existências, no cuidado com o ser, refletido pelo grupo e suas partes individuais.

Ressignificação do corpo e consciência corporal

Diante da impossibilidade de pensar o ser humano dissecado em suas partes e seguindo as premissas da teoria holística de Smuts e da teoria organísmica de Goldstein, que embasam a Gestalt-terapia, concebemos qualquer manifestação psíquica com seu correlato físico (Kiyari, 2009). Corpo e mente se integram em uma totalidade organísmica e não podem ser pensados separadamente, nem se sobrepor um ao outro (Alvim, 2016). Podemos notar a importância que o corpo assume nessa abordagem. O corpo é a manifestação viva do que está acontecendo agora e existem nele importantes mensagens que, uma vez captadas e decifradas, podem ser trampolins para uma ampliação da *awareness* (Kiyari, 2009). Toda experiência em vida gera movimentos e gestos corporais que expressam, em formas, o sentido em formação no campo (Alvim, 2016). A concepção gestáltica de corpo não se limita à dimensão física ou material de um corpo biológico, mas considera a vitalidade, sua condição de organismo vivo, com uma natureza que tende à autorregulação e que se relaciona com outros organismos. “O corpo é experiência vivida no campo” (Alvim, 2016, p. 28). Essa noção, que se liga à noção de corporeidade de Merleau-Ponty (2011) considera tanto a dimensão fisiológica do corpo físico (*Körper*) quanto a dimensão vivida do corpo (*Leib*), bem como o mundo, de forma que “a corporeidade é a experiência vivida do corpo no mundo” (Alvim, 2016, p. 28). Aqui se compreende uma corporeidade intencional, ou seja, a ênfase não se dá pelo fato de o sujeito *ter um corpo*, mas de ele *ser corpo*, comprometido e dirigido para a situação presente. É por meio desse corpo que, inclusive, a experiência estética acontece, a experiência em estado bruto, dimensão sensível, a forma, o *como* a experiência acontece (Silva, Oliveira & Alvim, 2014).

Os jogos dramáticos se relacionam com uma nova forma de mover-se e usar o espaço, obrigando desestruturações e um novo encontro com o próprio corpo (Lanza & Cá, 1994). Ao longo das oficinas, nos relacionamos e nos comunicamos utilizando, sobremaneira, o corpo, considerando esse conjunto de corporeidades existindo em relação àquele campo, cheio de novidades e singularidades, contrariamente a um modelo social em relação aos corpos velhos como constituídos de peso, rigidez e acúmulo de um passado morto, permitindo surpreendermo-nos uns com os outros. Essa forma de atuação é consonante com a perspectiva de Merleau-Ponty (2011) que aborda o corpo como expressão e fala, entendendo que é como corpo que o sujeito se situa no mundo, relaciona-se, percebe o outro e a si, gerando sentidos e significando a existência como ato comunicativo. Nós nos constituímos no espaço por meio do corpo, e é por intermédio dele que fazemos contato, experimentamos sensações e construímos nossa forma corporal.

Percebemos, em nosso grupo, uma tendência geral a ignorar a dimensão corporal, que pode ser refletida no próprio ato de envelhecer, em uma sociedade que renega os corpos velhos (Bosi, 2004; Domingues, 2014). Inicialmente, notamos dificuldade de perceber os limites do corpo, de conectar-se com o próprio corpo e com os corpos dos colegas. Essa dificuldade foi sendo ultrapassada com os encontros. Concordando com Motta (2002) a sensação inicial era de encontrar corpos simbolicamente descorporificados e mudos.

Na terceira oficina, propusemos que cada participante pegasse uma bexiga (bola de soprar), enquanto contavam eventos marcantes da sua infância. O movimento com a bexiga estaria consonante com a fala, numa proposta de integralidade e consciência de todo o corpo. Pudemos perceber que, quanto mais sofridos eram os eventos, mais descorporificados ficavam os participantes, numa evitação de contato. Ana Paula, por exemplo, ao contar sobre um evento marcante e difícil da sua infância, pareceu esquecer completamente o próprio corpo.

Ana Paula: A minha infância, foi na casa dos brancos, tomando conta da criança. Quando a dona da casa vinha me dar café eu já estava desmaiando de fome [nessa hora, paralisa o movimento tímido que vinha fazendo, não joga mais a bola, apenas segura com o braços pra cima, olhando para o lado], quer dizer, eu não tive infância nenhuma, não é? [Abaixa a bola, continua segurando, só que com os braços baixos] nunca brinquei de boneca, nunca brinquei de nada... Foi somente do trabalho pra casa [vira para trás procurando alguém, joga a bola timidamente para cima, entrega para Sol, volta para a roda com os braços cruzados na frente do corpo].

Merleau Ponty (2000) afirma que nossa corporeidade compõe o mundo social, intersubjetivo e intercorporal, compartilhado em nós, no outro, nas coisas, como um fundo que permite à nossa singularidade se libertar. No processo de contato, portanto, é como corporeidade que percebemos as necessidades dominantes do campo e nos orientamos para assimilar as novidades (Alvim, 2016). É por meio da ação expressiva e espontânea, que brota da experiência, que se abrem possibilidades para ressignificação da existência (Silva, Oliveira & Alvim, 2014).

O estímulo ao improvisado, à utilização do corpo para compor as cenas, à apresentação de si através de gestos corporais, ao encontro pelo toque em si mesmo e nos outros, tudo isso compôs o arsenal de técnicas experimentadas nesse grupo. Provocar uma vivência nova com os próprios corpos permitia que nós nos incluíssemos como fonte de expressão, integrando a existência, ampliando a comunicação para além da verbalização.

Em cada oficina, foi notável a mudança de interação com o espaço físico. O corpo interage com o espaço e se movimenta nele. O espaço precisou ser dividido com os companheiros,

exigindo reflexão, interação e relacionamento entre os componentes do grupo (Cordeiro, 2007). As primeiras oficinas demandavam longo tempo para conseguirmos organizar as rodas de abertura, pois as pessoas ficavam distantes umas das outras, desconectadas e com dificuldade de compor um círculo coeso. Fomos percebendo em cada encontro que a roda começava a se organizar mais rapidamente, aos poucos retirando de nós o papel de chamar e puxar cada participante para frente. Atitudes espontâneas e muito mais fluidas. Na quarta oficina percebemos que começaram a se organizar independentemente, com rapidez e fluidez na formação do círculo.

Passou a fazer parte da nossa rotina observar a forma como cada um caminhava, como sentava, como tocava em si e nos demais, como dançava. Por meio de exercícios, buscávamos descobrir novas formas de movimento, como proposto por Cordeiro (2007). Jogar, nesse contexto, era em certa medida deixar de lado imagens pré-fabricadas de nós mesmos, introjetadas, couraças refletidas nos corpos, exigindo autoconhecimento e aceitação. Todos buscamos descobrir mais sobre as próprias possibilidades físicas, respeitando os limites do corpo, sentando quando cansados, pedindo para dar intervalo ao sentir fome, dançando, pulando quando achavam necessário e manifestando desejos, corporal e verbalmente.

Alice: Eu fazia tudo! Eu fazia tudo! Eu brinquei muito! Eu brinquei de tudo!

Felicidade: Era assim né? [faz movimento da corda e pula]. Depois pra trás [faz movimento para trás e pula], depois rápido [começa a pular rápido várias vezes. As outras riem].

[Elas se interrompem e ficam querendo mostrar as brincadeiras que sabem, uma pula, a outra tenta pular mais alto e mais rápido].

Felicidade: Passar por debaixo da corda, passar pra lá pra cá [movimenta os braços sinuosamente].

Para desenvolver o suporte, é necessário ampliar a percepção de si enquanto corporeidade, corpo vivido no mundo com o outro, que é afetado e afeta, que tem potência para agir e transformar situações. Desta forma, trabalhar *awareness* implica trabalhar corporeidade (Alvim, 2016). É justamente nessa experiência íntima de executar o gesto conscientemente, sabendo quando começa e termina, que o velho vai construindo seu olhar crítico sobre si mesmo, o mundo, o teatro e as artes (Venancio, 2013). A pessoa torna-se mais cônica de si mesma, do seu corpo, dos seus limites, das suas reações e emoções.

Na terceira oficina, Felicidade provoca Alice a brincar de “amarelinha”, sugerindo que pegue a pedrinha no chão, como faziam quando pequenas. Alice, por mais ativa que fosse, pôde

reconhecer sua limitação sem pesar, evitando forçar movimentos que considerava prejudiciais para sua saúde.

Felicidade: Quero ver você pegar no chão... Quero ver... Mas é assim... [Pega um objeto, joga na sua frente e começa a pular de um pé só, como se faz na amarelinha, pega o objeto no chão, vai até o final e volta].

Alice: Mas eu não tenho mais aquela perna de antigamente... não é mais aquela perna. Agora é dura... A perna jovem é outra coisa, né fia?

A ênfase na experiência pré-reflexiva, no vivido, no trabalho perceptivo, a partir do encontro com o diferente e estranho é vista como possibilidade de retomar a unidade do ser humano, cindido entre razão e sensibilidade, mente e corpo (Alvim, 2007). Trata-se de uma experiência de união entre conscientização e expressão (Polster, 1970). No caso dos velhos, o comportamento corporal normalmente é demandado de fora, para que se una com o modelo cristalizado do preconceito social, do qual não se espera vigor, leveza ou dinamismo (Motta, 2002), num discurso que é muitas vezes reproduzido e introjetado pelos próprios velhos, conforme observado na fala da Bernadete:

Bernadete: A pessoa que envelhece é igual ferro velho, enferruja. Cada hora vai enferrujando um pouquinho mais.

Discordando dessas cristalizações, promovendo novidades e exigindo novas condições de manifestação dos corpos, percebemos que o processo de envelhecer passava a ser ressignificado, desvinculando-se da “máscara de envelhecimento”, que ilustra uma posição generalizada em relação a esse processo (Motta, 2002), para um movimento orgânico, integrado, revelando identidades em constante transformação, abertas para a novidade e possuidoras de projetos e vontades de vida.

Felicidade: Envelhecer com boa saúde, lembrar das coisas diante da mente, o que está acontecendo agora, na terceira idade. Quer dizer, na idade da gente pra idade de agora, tá bem melhor pro idoso. [...] Envelhecer eu acho assim, com saúde, ser tratada bem, com mais respeito. Significa ter mais respeito.

May (1975) afirma que precisamos de um novo tipo de coragem, uma coragem corporal, no sentido de usar o corpo não para desenvolver músculos, como tão estimulado na contemporaneidade, mas para cultivo da sensibilidade, concordando com a proposta de Perls, L. (1992). Estimulamos, com esse trabalho, a valorização do corpo como meio de criar empatia com outras pessoas, a expressão de nós mesmos como obra de arte, fonte de prazer, importante e validada, num universo social automatizado com extrema dificuldade de manter

o contato sensorial, conforme registrado por Zinker (2007). Percebemos que o uso do corpo nessa condição foi retomado em bases mais plenas, saindo do aprisionamento do socialmente imposto, usando-o de maneira mais natural e menos fragmentada.

Na sexta oficina, Sol inicia as atividades chamando as colegas para darem-se as mãos, “vamos dar as mãos, né?”, com autonomia, puxando uma cantiga, enquanto as outras participantes acompanhavam. Ela não foi sugestionada para essa ação, demonstrando uma transformação de postura, muito mais autônoma e independente. Os corpos passaram de condição fragmentada, excluída, para condição de integralidade, expressão e referência de cada indivíduo, como um todo, como uma Gestalt.

Juventude: Envelhecer é a coisa melhor da vida, porque quem não morre moderno, velho tem que ficar. E feliz de quem tá velho como eu, que tem oitenta anos de idade, oitenta e um anos de idade! [levanta] E estou aqui forte, firme e pedindo a Deus por todos, felicidades, e que Deus dê a nossa recompensa ao que nós merecemos.

DISTANTE DE UMA CONCLUSÃO

Nosso trabalho foi desenvolvido por pessoas que, contrárias às condições sociais impostas à velhice, não se fecharam à busca do conhecimento, do aprendizado, de experiências novas e prazerosas em suas vidas, disponíveis para encontrar-se, contatar, aprender, ensinar e criar.

Reconhecemos a contribuição da Gestalt-terapia nas práticas com o sujeito velho, apesar dos poucos materiais documentados. Por ser uma abordagem existencial, confere ao ser humano um potencial criativo que o capacita a lidar e se ajustar criativamente às perdas inerentes à idade. Botelho (2016) reflete que o papel dessa abordagem em relação a sujeitos velhos permite um processo de revisão da vida, presentificando o passado e trazendo à consciência situações inacabadas que dificultam o viver. Isso permite (re)conquistar autoconhecimento com responsabilidade e como possibilidade, não se restringindo à prática fechada em consultório.

Ao propor oficinas de contação de histórias, com base em jogos dramáticos e técnicas teatrais, marcadas por memórias e experiências de velhos, atualizadas no aqui e agora, pudemos perceber e atuar no grupo como um sistema, com características e possibilidades integradas, que vão além da mera soma dos indivíduos. Fomentamos a flexibilização das fronteiras de contato gerando relações mais fluidas; facilitamos o desenvolvimento de um maior nível de

autossuporte, percebendo o grupo como um importante heterossuporte; notamos maior capacidade de presença, no aqui e agora, com ampliação da *awareness* e, por fim, percebemos a existência de ressignificação do corpo e da consciência corporal, na forma como os participantes vivenciaram os trabalhos. Mesmo não se tratando de uma intervenção com finalidade terapêutica, a postura de reverência e abertura ao encontro com o grupo manteve-se presente em nós, bem como ações terapêuticas pontuais com vistas ao acolhimento de emoções emergidas e consideradas mais difíceis pelos participantes.

Percebemos que o grupo se transforma num processo contínuo, descobrindo sua capacidade autorreguladora e equilibradora, o seu próprio movimento para a totalidade, funcionando como matriz de mudança, de forma que cada componente retira elementos do grupo para solucionar ou compreender conflitos individuais, na percepção de que ninguém vive isolado, mas faz parte de um sistema de relações (Ribeiro, 1994).

Consideramos este um trabalho que não se encerra em si e está distante de uma conclusão, como fechamento de uma *gestalt*. Ao contrário, sentimo-nos abrindo caminhos para novas pesquisas e discussões, num movimento de transformar e nos transformarmos, honrando o encontro com nossas velhas internas e as velhas que tivemos a oportunidade de conhecer ao longo deste caminho.

REFERÊNCIAS

- Abreu, F. (2007). Auto-apoio, apoio ambiental e maturação. Em: D'acri, G., Lima, P. & Orgler, S. (Org.). *Dicionário de Gestalt-terapia. Gestaltês*. (pp. 28-31). São Paulo: Summus.
- Alvim, M. (2006). Experience esthétique et corporeité. Em: Jean-Marie Robine (Org.). *La psychothérapie comme esthétique* (pp.43-54). Bordeaux: L'Éxprimerie.
- Alvim, M. (2007). O fundo estético da Gestalt-terapia. *Revista da Abordagem Gestáltica*. 13(1), 13-14. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000100002.
- Alvim, M. (2014). Awareness: experiência e saber da experiência. Em: Frazão, L. & Fukumtisu, K. (Org.). *Gestalt-terapia: conceitos fundamentais*. (pp. 13-30). São Paulo: Summus.
- Alvim, M. (2016). O lugar do corpo e da corporeidade na Gestalt-terapia. Em: Frazão, L. & Fukumtisu, K. (Org.). *Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia*. (pp. 27-55). São Paulo: Summus.

- Andrade, C. (2014). Autossuporte e Heterossuporte. Em: Frazão, L. & Fukumitsu, K. (Org.). *Gestalt-terapia: conceitos fundamentais*. (pp.147-162). São Paulo: Summus.
- Barros, M. (2007). *Meu quintal é maior que o mundo*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Beauvoir, S. (1987). *A velhice*. Rio de Janeiro: EDUSP.
- Bosi, E. (2004). *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Botelho, J. (2016). O trabalho com idosos em Gestalt-terapia. Em: Frazão, L. & Fukumitsu, K. (Org.). *Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia*. (pp. 110-139). São Paulo: Summus.
- Chacra, S. (1991). *Natureza e sentido da improvisação teatral*. São Paulo: Perspectiva.
- Ciornai, S. (1995). Relação entre criatividade e saúde na Gestalt Terapia. *Psicologia Brasil*. 4(31), 30-33. Recuperado de http://www.nuted.ufrgs.br/oa/criativas/midioteca/modulo_1/Criatividade_na_perspectiva_da_Gestalt.pdf.
- Ciornai, S. (2016). Abordagem gestáltica no trabalho com grupos. Em: Frazão, L & Fukumitsu, K. (Org.) *Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia*. (pp. 168-186). São Paulo: Summus.
- Costa, V. (2014). Temporalidade: aqui e agora. Em: Frazão, L & Fukumitsu, K. (Org.). *Gestalt-terapia. Conceitos fundamentais*. (pp. 131-146). São Paulo: Summus.
- Cordeiro, A. (2007). Envelhecimento e arte: as oficinas de teatro da UNATI-UNESP de Marília em cena. Em: Bruns, M. & Del-Masso, M. *Envelhecimento Humano: diferentes perspectivas*. (pp. 91-120). Campinas: Alínea.
- D'acri, G. (2014). Contato: funções, fases e ciclo de contato. Em: Frazão, L. & Fukumitsu, K. (Org.). *Gestalt-terapia: conceitos fundamentais*. (pp. 31-46) São Paulo: Summus.
- Debert, G. G. (1999). *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp.
- Domingues, A. (2014). O Envelhecimento, a Experiência Narrativa e a História Oral: um encontro e algumas experiências. *Psicologia Política*, 14(31), 551-568. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2014000300009.
- Engel, G. I. (2000). Pesquisa-ação. *Educar em Revista*. (16), 181-191. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602000000200013.
- Estés, C. P. (2007). *A ciranda das mulheres sábias. Ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Frazão, L. M. (1995). A Gestalt terapia. Em: Ciornai, S. (Org.). *Gestalt-Terapia, Psicodrama e Terapias Neo-Reichianas no Brasil* (pp. 11-22). São Paulo: Ágora.

- Frazão, L. M. (2015). Compreensão clínica em Gestalt-terapia: pensamento diagnóstico processual e ajustamentos criativos funcionais e disfuncionais. Em: Frazão, L. & Fukumitsu, K. (Org.). *A clínica, a relação terapêutica e o manejo em Gestalt-terapia*. (pp. 83-102). São Paulo: Summus.
- Ginger, S. & Ginger, A. (1995). *Gestalt: uma terapia do contato*. São Paulo: Summus.
- Giordano, A. (2013). A arte de contar histórias e o conto de tradição oral em práticas educativas. *Construção psicopedagógica*, 21(22), 26-45. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542013000100004&lng=pt&tlng=pt.
- Kiyan, A. (2009). *O Gosto do Experimento: Possibilidades Clínicas em Gestalt-terapia*. São Paulo: Altana.
- Kiyan, A. & Bonante, R. (2006). *Arte como espelho*. São Paulo: Altana.
- Lanza, E. & Cá, K. (1994). *La multiplicación de los espejos. Experiências de Terapia Gestáltica com juegos teatrales*. Buenos Aires: Planeta.
- May, R. (1975). *A coragem de criar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Minayo, M. C. S. (2001). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.
- Minayo, M. C. S. (2007). *O desafio do conhecimento*. São Paulo: Hucitec.
- Merleau-Ponty, M. (2000). *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva.
- Merleau-Ponty, M. (2011). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Motta, A. B. da (2002). Envelhecimento e sentimento do corpo. Em: Minayo, M. & Coimbra Junior, C. (Org.). *Antropologia, saúde e envelhecimento* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ. (pp. 37-50). Recuperado de <http://books.scielo.org/id/d2frp/pdf/minayo-9788575413043-04.pdf>.
- Neri, A. L. (1993). Qualidade de vida no adulto maduro: interpretações teóricas e evidências de pesquisa. Em: Neri, A. L. (Org.). *Qualidade de vida e idade madura*. (pp. 9-47). Campinas: Papirus.
- Perls, F., Hefferline, R. & Goodman, P. (1997). *Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.
- Perls, F. (2002). *Ego, Fome e Agressão*. São Paulo: Summus.
- Perls, F. (1977). *Isto é Gestalt*. São Paulo: Summus.
- Perls, F. (2011). *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia*. São Paulo: Summus.
- Perls, L. (1970). Abordagem de um gestalt-terapeuta. Em: Fagan, J & Shepherd, I. (Org.). *Gestalt-terapia. Teoria, técnicas e aplicações*. (pp. 174-180). Rio de Janeiro: Zahar Editores.

- Perls, L. (1992). *Living at the boundary*. New York: The Gestalt Journal Press.
- Pinto (2009). *Psicoterapia de curta duração na abordagem gestáltica: elementos para a prática clínica*. São Paulo: Summus.
- Polster, E. (1970). Funcionamento sensorial em psicoterapia. Em: Fagan, J & Shepherd, I. (Org.). *Gestalt-terapia. Teoria, técnicas e aplicações*. (pp. 101-109). Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Polster, E. & Polster, M. (2001). *Gestalt-terapia Integrada*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (1985). *Gestalt-Terapia: Refazendo um Caminho*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (1994). *Gestalt-terapia. O processo grupal*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (2007a). Ciclo de contato. Em: D'acri, G., Lima, P. & Orgler, S. (Org.). *Dicionário de Gestalt-terapia: "Gestaltês"*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (2007b). O conceito de resistência na psicoterapia grupo-analítica: repensando um caminho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 23(spe), 65-71. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722007000500013&script=sci_abstract&tlng=pt.
- Silva, C., Oliveira, C. & Alvim, M (2014). Diálogos entre a Gestalt-terapia e a dança: corpo, expressão e sentido. *Revista Ciência em Extensão*. 10(3), 41-55. Recuperado de http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/1085.
- Spolin, V. (1992). *Improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspectiva.
- Tellegen, T. (1984). *Gestalt e grupos: uma perspectiva sistêmica*. São Paulo: Summus.
- Thiollent, M. (2008). *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez.
- Yontef, G. M. (1984). *Processo, diálogo e awareness. Ensaios em Gestalt-Terapia*. São Paulo: Summus.
- Zinker, J. (2007). *Processo Criativo em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.

ARTIGO 4

TRANSFORMAÇÕES PELO ENCONTRO: INTERGERACIONALIDADE, MEMÓRIAS E HISTÓRIAS

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar ressignificações e transformações pessoais que uma pesquisa-ação com velhos produziram na pesquisadora. Escrito sob a forma de ensaio, a discussão recupera fragmentos de histórias de vida da autora e reflexões sobre situações vividas ao longo do trabalho de campo em oficinas de contação de histórias realizadas com velhas em situação de vulnerabilidade social, assistidas por uma ONG no subúrbio ferroviário de Salvador-Bahia. Assume-se a função biográfica da escrita como modo de construção de autonomia e transformação pessoal. A base teórica para a construção do ensaio é a Gestalt-terapia, com ênfase na ideia de relação dialógica e da noção de “aqui e agora”. Dentre as ressignificações percebidas, encontram-se o contato com o próprio processo de envelhecimento, reconhecendo que se trata de uma construção diária, sem data futura e distante para chegar, mas envolvida na própria condição cotidiana de ser humana; a reconexão com a simplicidade e a imperfeição; o reconhecimento de que contar histórias e atualizar memórias não significam necessariamente viver de passado, mas presença no aqui e agora, que possibilitou o repensar da forma como o tempo era percebido e vivido pela autora.

Palavras-chave: Envelhecimento; Intergeracionalidade; Relação Dialógica; História de vida.

INTRODUÇÃO

Apesar de nossos apegos atuais, nossas mágoas, dores, choques, realizações, perdas, ganhos, alegrias, o local que almejamos é aquela terra psíquica habitada pelos velhos, aquele lugar onde os humanos ainda são tão perigosos quanto divinos, onde os animais ainda dançam, onde o que é derrubado cresce de novo, e onde os ramos das árvores mais velhas florescem por mais tempo. A mulher oculta que preserva o estopim dourado conhece esse lugar. Ela conhece. E você também (Clarissa Pinkola Estés, 2007).

Iniciarei este ensaio com mais uma citação, além da epígrafe: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece ou o que toca” (Larossa, 2002, p. 21). Compreendo, diante do que explicita esse autor, que todos os dias muitas coisas se passam, atravessam nossa existência, mas só permanecem e transformam aquelas que nos passam e nos tocam, a saber, as experiências. Começar por essa citação reforça a dimensão da experiência como constitutiva do processo de autoconhecimento e autorreflexão na pesquisa, na medida em que, enquanto sujeito da experiência, encontro-me aberta e atenta às transformações produzidas nos sujeitos com os quais trabalhei e também, e sobretudo, em mim. Escrever este ensaio me tocou e comoveu, de forma que, sem jamais poder imaginar ou antecipar o resultado, me abri para um vazio, rumo a um caminho numa direção desconhecida, não preocupada em chegar a uma meta final, mas desfrutando do processo, descobrindo estradas, pistas, atalhos e me descobrindo à medida que caminhava nesta narrativa.

Minha proposta inicial era investigar o processo de ressignificação do envelhecimento *com e a partir* das memórias de velhos, utilizando como ferramenta oficinas de contação de histórias, por meio de uma pesquisa-ação com participantes inscritos em uma ONG no Subúrbio Ferroviário de Salvador, de forma que meu olhar estava completamente voltado para eles, tornando-me personagem secundária ao longo do processo. Para minha grata surpresa, dei-me conta de que a principal ressignificação talvez tenha ocorrido em mim mesma, o que me motivou a mergulhar na construção que se segue, dedicando um espaço para tais descobertas.

O objetivo deste ensaio é apresentar fragmentos de histórias da minha vida e das histórias de vida de velhos atendidos por uma ONG do Subúrbio Ferroviário de Salvador, numa reflexão aqui compartilhada sobre ressignificações e transformações que esses encontros geraram em mim. Assumo, neste sentido, uma função biográfica da escrita, num exercício de autonomia

como proposto por Paulo Freire (2007) e inspirada pelo sociólogo francês Vincent de Gaulejac (2009), afirmando-me existente e reconstruindo-me com a minha própria narrativa. Fui apresentada a Vincent de Gaulejac no ano de 2011, durante uma formação profissional em História de vida. Surpreendentemente, somente agora, seis anos depois, consigo compreender a força real da narrativa de vida. Trata-se de uma ferramenta da historicidade, que nos permite trabalhar nossa própria vida, reconstruir o passado, suportar o presente e tornar o futuro mais bonito (Gaulejac, 2009). Recontar a vida é um meio de nos refazermos. Utilizo como base teórica para a discussão dos resultados a ideia de relação dialógica, e a noção de aqui e agora, como concebidos pela Gestalt-terapia. Utilizo, também, a terminologia “velhas”, no feminino, em diversos momentos deste artigo, numa perspectiva política, compreendendo que se trata de um grupo majoritariamente feminino, mas sem excluir a tão importante presença do único homem que participou.

Confesso que, ao iniciar este texto, assustei-me, me senti paralisada, com grande dificuldade, percebendo o quanto estava treinada no discurso e roteiro científicos, temendo a liberdade de uma escrita em primeira pessoa, tão distante dos modelos construídos na ciência da psicologia brasileira. Pensei em desistir e me concentrar apenas nos esperados relatos de descrição das oficinas, revisão da literatura e apresentação e discussão dos resultados. Também me questioneei o porquê de sempre querer seguir por caminhos não convencionais, que me dão muito mais trabalho que fechar os olhos e seguir na esteira da produção em larga escala. Contudo, o grau de excitação que foi gerado em transpor a minha experiência em palavras e todo o envolvimento que marcaram este trabalho, desde a formulação do tema, à prática e construção deste artigo, mereciam uma dedicação especial. Tratou-se de experimentar-me em novas formas, possibilidades, numa intensa transformação criativa. Um ato de coragem, na perspectiva apontada por May (1975), como ação do coração.

Para Robine (2005) existe importante distinção entre cronologia e crônica. A primeira visa ao estabelecimento de ordem, para além de datas de acontecimentos históricos, enquanto a segunda trata de relato, real ou imaginário, que se esforça por traduzir uma realidade histórica ou social. Neste sentido, a Gestalt-terapia é referenciada mais pela crônica, na formação de formas, sentidos, do campo de consciência, dos contatos em relação e em associações temporárias (Robine, 2005). Com efeito, este trabalho pretende ser uma reconstrução de histórias, impregnada de subjetividade e lembranças, que não sei até que ponto existiram exatamente como serão contadas; afinal, escrevo com base em um olhar do hoje sobre elementos passados. De fato, numa autobiografia, ou mesmo num romance, o começo se dá

pelo fim, pois só existe possibilidade de começar de onde o sujeito está (Gaulejac, 2009) e é a situação atual que estrutura toda a minha narrativa.

Tratar dessas narrativas é tratar da apropriação que faço da minha história pessoal e coletiva, além das possibilidades de sua enunciação. A revelação do meu viver nesta formulação perpassa também histórias sociais, institucionais, abrangendo uma perspectiva social e política, conforme afirma Gaulejac (2009), sendo inseparável deste processo. Busco, neste movimento, substituir a informação, em excesso em nossa sociedade (Benjamin, 1994), pela experiência (Larossa, 2002) e apresentar-lhes recortes de minha experiência, numa intenção de que ao lerem este escrito, possamos nos encontrar para sentir, conversar e compartilhar.

Compreendo que a criatividade instaura uma surpresa, uma novidade e que há uma ligação intrínseca desse novo com algo de histórico, já que toda criação está vinculada a alguém que, por sua vez, está atrelado a um contexto, às suas vivências e às suas urgências mais atuais. Deste modo, ainda que seja uma matéria nova, esta criação traz minhas marcas históricas como sujeito no mundo, deixando um caráter interconstitutivo entre sujeito e objeto (Silva, Oliveira & Alvim, 2014). Na medida em que sou formada pelo ambiente, também o formo; na medida em que fui construindo esse material, fui me reconstruindo.

A ARTE DO ENCONTRO: CUIDAR E SER CUIDADA

Farei então pelo menos três histórias, verdadeiras, porque nenhuma delas mente a outra. Embora uma única, seriam mil e uma, se mil e uma noites me dessem (Clarice Lispector, 2016).

Imprimindo palavras neste diário que não é só meu, escuto as minhas avós. Escuto e identifico a dimensão que minha ancestralidade tomou na minha atuação ao longo dessa investigação, num tempo que é delas e, com sua permissão, tornou-se também meu.

Uma primeira cena me vem à mente. Simples, cotidiana. Eu, no auge dos meus 9 ou 10 anos de idade, e minha avó Risó, sentadas na cama dos meus pais, numa tarde, como quase todas em Salvador, muito quente e ensolarada. A televisão tagarelava ao fundo, numa típica novela das 15h, insistindo em enfraquecer a nossa conversa, mas fracassando, sem tomar a nossa atenção. Brincávamos de “cuva-cuva-cuvaléia” (com certeza não era essa a palavra, mas por se tratar de vocábulos italianos, era assim que eu entendia e repetia), ríamos juntas e,

enquanto me deixava ganhar, coisa de que só tenho consciência hoje, pois na época acreditava ser mesmo boa nesse jogo, me dizia baixo e escondido que eu era a sua neta preferida. Tecíamos a nossa relação através de palavras, afeto, brincadeiras, partilhas e histórias. Através da voz da minha avó materna, recebia o direito à minha identidade, me sentia pertencente, incluída, amada, existente.

A segunda cena remonta ao interior onde vovó vivia. Netos e filhos conversavam na varanda, assistindo o dia passar, no silêncio daquela cidade pacata, enquanto ela trabalhava, junto a sua amiga Agostinha, uma velha que vivia em sua casa, considerada irmã, cúmplice dos quitutes que ganhavam nossos corações. Distraíamos-nos até a hora do “está na mesa”, momento em que se encerrava qualquer assunto, mesmo que estivesse pela metade, para correr e comer até que a barriga parecesse explodir. Aqui, primeiro serviam-se as crianças e meu avô, depois comiam os adultos e vovó, numa ordem de preferência por prioridade, criada por ela, como hoje consigo entender.

A terceira e quarta cenas, também em sua casa antiga no interior, se passam numa visita, já adolescente, que experimentei sozinha, sem irmãs ou pais, para fazer-lhe companhia. O dia estava frio, eu na sala, entediada e já cansada de tanto cochilar, levantei do sofá e resolvi participar do “planejamento estratégico” da refeição, seguido do labor que se passava na cozinha. Sim, aquilo era uma verdadeira empresa e minha avó, sabiamente, delegava tarefas, funções e organizava a ordem da produção. Fiquei responsável por cortar os temperos e jogá-los nas panelas. Sim, não parece muito, mas na verdade não era nada simples. Até hoje me esforço para fazer cubos tão pequenos e simétricos quanto minha avó fazia, naquela mesma rapidez, já compreendendo que não foi uma habilidade que herdei. De qualquer modo, senti-me útil, importante e adorei levar a fama, quando chegaram as visitas para jantar e ela respondeu aos elogios continuados: “fizemos eu, Agostinha e Ninha. Essa aqui leva jeito!”, fazendo-me esquecer que eu tinha feito o mínimo para aquela obra-prima.

Ao findar a noite, passando mal de tanto beliscar biscoitinhos confeitados, suspiros e balas de mel, visitei o banheiro umas seis ou sete vezes, sentindo dores abdominais absurdas. Vovó preocupou-se, preparou compressas de água morna e as instalou em meu abdômen, colheu folhas de boldo do seu quintal e preparou um chá amargo que era “remédio, minha filha”, dizia num tom firme e doce, sem me deixar convencê-la a não tomar. Fez também um

“mingau de cachorro”⁸. Após três colheradas, fui obrigada a fingir que ia vomitar, para interromper aquela tortura em meu paladar.

Naquele cenário, o que mais impressiona não é a sabedoria que ela carregava de uma medicina natural e alternativa, fazendo-me melhorar sem usar uma alopatia sequer, mas o cuidado e a delicadeza, somados a uma firmeza e segurança impecáveis, demonstrados em seu trabalho incansável até me ver aliviada, com seus oitenta e muitos anos, acordada, ao meu lado na cama, até me ver cochilar. Para Botelho (2016) o cuidado é um fenômeno ontológico-existencial básico e torna humana a nossa existência. É mais que um ato ou uma atitude; é presença e está presente em tudo.

Tive em minha avó Risó, minha primeira escola de direitos humanos. Através da força dessa velha sábia, que imprimiu em mim o plano da escuta sensível, aprendi sobre comunicação e convivência. Das regras do almoço, dos jogos, das histórias, às regras da cozinha, aprendia que respeito não significava submissão e firmeza não significava violência. Eu não fazia ideia de que, durante aquelas cenas, estava sendo alfabetizada na psicologia, na escuta ativa e qualificada; nos valores humanos, relações humanas, relações dialógicas e práticas restaurativas e integrativas. Não à toa, das três netas, duas são psicólogas e uma professora. Se hoje consigo, mesmo que timidamente, me relacionar e cuidar do outro, devo e dedico esse aprendizado à minha avó. Seu cuidado, sua atitude presente, mesmo após falecer, tornou a minha existência mais humana.

Ouvir nos depoimentos daquelas mulheres velhas, ao longo das oficinas, a devolutiva em relação ao respeito e cuidado que tivemos, remonta-me quase que imediatamente a vovó Risó. Invade-me uma vontade de voltar no tempo e pedir que não me agradeçam, como fizeram durante os nossos encontros, mas agradeçam à ela, vontade que é abrandada ao entender que no ato de vê-las e ao ser vista por elas, materializo e presentifico a minha avó. Ao propor espaço para que se expressassem e se escutassem, escutava também minha avó. Ao ser escutada por elas, dava voz à minha avó, que se fez presente em mim pela força ancestral que me formou, me ensinou e, em parte, me fez ser eu.

Ao falar em relação dialógica, refiro-me à atitude relacional própria do ser humano, e que é compreendida pela Gestalt-terapia tal como formulada por Martin Buber (2001), em seu livro *Eu e Tu*. De acordo com a filosofia dialógica, o foco não é o Eu nem o Tu, mas a relação, o *entre*, isto é, uma “ontologia da relação” (Marcondes Filho, 2008, p. 97), uma filosofia do

⁸ Vovó chamava Mingau de Cachorro uma preparação à base de água, farinha e alho, numa consistência de purê, que nos alimentava em situações de infecção intestinal ou vômitos recorrentes.

encontro Eu-Tu, que será mais explorada à frente, compreendendo o vínculo entre a experiência vivida e a reflexão, entre o pensamento e a ação (Amorim, 2007). O fato primitivo para Buber (2001) é a relação. Este autor compreende o dialógico, aí incluindo a relação e a atitude de ir em direção ao outro, numa busca do encontro da totalidade humana. A base do encontro genuíno não é constituída de conceitos abstratos, mas da própria experiência existencial se revelando (Buber, 2001).

Hycner (1995) afirma que a ênfase excessiva no individual cria uma cisão entre as pessoas e em seus relacionamentos com a natureza, além de uma cisão da própria psique. A perspectiva dialógica vem como um esforço para sanar essas rupturas (Hycner, 1995). Esse autor estruturou os princípios dialógicos desenvolvidos por Buber em forma de psicoterapia dialógica, cujo objetivo é desenvolver uma postura relacional das polaridades Eu-Tu e Eu-Isso no processo terapêutico (Amorim, 2007).

Quando falamos de Eu-Tu e Eu-Isso, consideramos que o dialógico acontece no “entre” e abrange duas posturas polares, a saber, Eu-Tu e Eu-Isso. Essas são as duas atitudes primárias que um ser humano pode assumir em relação aos outros (Buber, 2001; Hycner & Jacobs, 1997). Para Hycner e Jacobs (1997) a primeira é uma atitude de “conexão” natural, enquanto a segunda de “separação” natural, ambas essenciais. A experiência Eu-Tu envolve a presença mais plena possível, numa experiência de apreciação da singularidade e totalidade do outro, ocorrendo simultaneamente entre as duas partes envolvidas (Buber, 2001; Hycner, 1995; Hycner & Jacobs, 1997). É uma experiência mútua, de valorização profunda e relação, em um encontro genuíno. Já a atitude Eu-Isso é totalmente dirigida para um propósito, “coisificando” o outro, na finalidade de atingir uma meta (Buber, 2001; Hycner & Jacobs, 1997). O objetivo se torna primário, e a pessoa, secundária, uma atitude necessária e inevitável em alguns momentos do fazer humano (Hycner & Jacobs, 1997). O ponto central dessa perspectiva é colocar o encontro como tema central (Hycner, 1995; Hycner & Jacobs, 1997).

Considero importante ressaltar que o termo dialógico não deve ser igualado à ideia de interação verbal, embora seja um aspecto importante desta. O dialógico “não é algo que ocorre *dentro* de uma pessoa, mas sim uma experiência ‘misteriosa’ que ocorre na esfera *entre* uma pessoa e outra” (Hycner, 1995, p. 68).

Quando pensei esta investigação, tinha a pretensão ou arrogância de, através de uma intervenção, modificar aqueles sujeitos, aquele contexto, aquela realidade, imersa numa atitude Eu-Isso, focada em um objetivo final. No fim das contas, num processo dialógico e realmente transformador, compreendi que o objetivo final tornou-se secundário e que fui

transformada tanto ou mais que eles. Creio que, em muitos momentos, alcançamos um encontro Eu-Tu, onde os objetivos planejados para as oficinas tornavam-se secundários, dando espaço para um palco de humanidades. Naquele palco, havia o nosso encontro, a nossa escuta, a nossa relação, que se mostravam figura.

Validamo-nos, nos fizemos sujeitos, envolvidos, presentes, contrastando com um sistema opressor e excludente, que fomenta a partilha entre grupos de iguais, em modelos pré-aprovados socialmente, reduzindo a magia de um aprendizado que traz a diversidade, a intergeracionalidade, como me havia ensinado, anos atrás, vovó Risó. Massi, Santos, Berberian e Ziesemer (2016) confirmam para mim esses ensinamentos, afirmando que uma forma possível de desmistificar estereótipos que recaem sobre a velhice se dá por meio da aproximação entre diferentes gerações. Nos aproximando, numa postura dialógica, pudemos ser juntos ressignificados.

Retomei o meu contato intergeracional e minha ancestralidade pelo encontro com a voz dessas avós. A voz que, numa perspectiva dialógica, vai além da sonoridade verbal. Retornei às minhas origens, à base da minha genealogia, entendendo o sentido real do cuidar e ser cuidada, ao experimentar o carinho, a dedicação e a delicadeza firmes que essas velhas sábias me proporcionaram. Pude experimentar cuidar com palavras, com intenção, com o corpo, com abertura para esse *entre*, sabendo que o que recebi, desde a infância com a minha avó, atualizado no carinho com as minhas novas “avós”, me ensinou e facilitou, na força do que pude dar.

Houve entrega, postura dialógica, abertura para um encontro, em ambos os lados. Não sem medo, já que todo encontro transforma, mas com uma confiança que foi sendo construída, encontro por encontro, gesto por gesto, história por história, formando um castelo de boas memórias e ações. Buber (2001) traz a perspectiva da confirmação do outro, partindo da aceitação da pessoa como um processo de vir a ser, confirmando e tornando real suas potencialidade, não aceitando o outro como algo fixo e predeterminado pelo seu passado, postura presente ao longo dessa relação.

Patrícia, após a quinta oficina, convidou a mim e a Fernanda para irmos a sua casa. Insistiu, fez questão, queria que conhecêssemos o seu “barraco”, como ela o apelidava, “vamos, vocês estão de carro, não demora cinco minutos!”. Resolvemos ceder à sua vontade. Levamos Felicidade, que morava ao lado, na carona. Entra rua, sai rua, sobe e desce ladeira, o primeiro pensamento que me interpelou foi “como elas caminham tudo isso, nesse sol quente, nesta idade?”.

Chegamos. Ela pediu cinco minutos, entrou descalça no meio do seu quintal, cheio de árvores e mato alto, com um pano enrolado na cintura, apressada e com a respiração encurtada, enquanto nos olhávamos sem entendimento sobre o caminho em que aquilo ia findar. Felicidade nos distraiu com boas conversas e histórias, até que volta Patrícia, com o pano cheio de acerolas e carambolas, “Catei para vocês!”. Saímos de lá com uma penca de bananas, sacos de acerolas, carambolas e um pano que ela bordou para nossos banheiros. Lembrei-me de vovó Risó, na cena que contei anteriormente, ao entrar em seu quintal atrás de boldo para as minhas dores. Patrícia não sabia, mas colhia memórias, cuidado e afeto junto às acerolas e carambolas. Colhia um pedacinho da minha história, atualizada nas frutas da estação.

RELATIVIZANDO O TEMPO AQUI E AGORA: SENTIDO X PERCEBIDO

Existe forte distinção entre a história, tal qual se reconta em uma narrativa, e a história como série de acontecimentos e situações. Essa distinção revela outra, essencial, entre o tempo percebido determinado pela cronologia, e o tempo sentido, que traz a possibilidade de uma recursividade, de uma mudança, como um dado fenomenológico (Costa, 2014).

Sempre escutei que os velhos viviam de suas lembranças, de suas memórias, como uma personificação do passado. Um passado com corpo. Não comungo mais dessas ideias e vou buscar explicar o próximo elemento que enxergo em minha própria transformação: a relativização da noção do tempo como sentido e vivido no aqui e agora.

Na cena contada, em que levamos Patrícia até sua casa ou em que Patrícia nos levou, outro elemento chamou a minha atenção. A instituição que frequentávamos distribuiu naquele dia uma cesta básica para as participantes contendo itens de higiene e alimentação, como feijão, farinha, arroz, açúcar, floco de cuscuta, óleo, sabonete, entre outros, totalizando um pacote que, posso garantir, estava muito pesado. Os pacotes de Patrícia e Felicidade foram conosco em meu carro. Os das outras participantes, imaginei, alguém iria ajudá-las a buscar. Ledo engano. Ao subir a ladeira, enxergo, distante, o contorno de Marina, com seu pacote em cima da cabeça, imitando as lavadeiras de beira de rio, com seu rosto enrugado, enquanto mordida os lábios, suor escorrendo da testa, demonstrando intenso esforço físico. Meu sangue subiu para o rosto, senti-me esquentar, numa vermelhidão que transparecia minha surpresa e incômodo. Encostei rapidamente o carro ao seu lado, oferecendo ajuda, carona para sua casa. “Oxe filha, já tô aqui do lado! O carro tá apertado e eu já chego lá”, respondeu ao avaliar com o canto dos

olhos a situação do nosso carro. “Tá tudo bem, ela tá acostumada. Você acha que tem quem faça pra gente?”, reforçava Felicidade.

Essa cena me ensinou. Fiquei atônita com a naturalidade com que tratavam situações consideradas por mim como extremas e, ao mesmo tempo, a urgência de levar os alimentos para casa como uma também urgência de vida, de alimentar-se. Essas velhas não viviam de passado. Essas velhas mostravam-me que se reinventavam no aqui e agora, desafiando leis físicas e orgânicas para sobreviver. Como afirma Ponciano (1985) o aqui e agora significa que a situação presente encerra tudo o que precisamos para nos guiarmos na reestruturação e fortalecimento do campo perceptivo-existencial.

Clarissa Pinkola Estés (2007), ao falar das velhas árvores na aldeia em que sua família vivia, diz que essas árvores eram grandes guardiãs, ofertando proteção contra o calor do verão. As velhas árvores e os anciãos da aldeia não eram jamais cortados ou deixados de lado, eram cultivados e valorizados. Não sinto que as velhas (árvores e mulheres) são realmente valoradas no contexto em que vivemos. A cena que presenciei pode parecer mesmo boba aos olhos de outras pessoas, mas me surpreende por apresentar condições extremas de vida e pela simplicidade e clareza com que aquela velha me disse, sem proferir em palavras, para viver a minha vida, fazer o que está ao meu alcance, hoje, aqui e agora, porque é a única possibilidade que realmente temos. Fez-me enxergar quantos pacotes pesados, que não são realmente necessários hoje, eu venho carregando, metafóricamente, para mim e para outros, e quantos pacotes que fazem realmente sentido em minha vida agora eu nem sequer tentei levantar. O pensamento de carregar alguns fardos realmente pesados hoje para colher frutos amanhã não se aplicava aqui, nem às árvores. Essas últimas geram os frutos do seu desenvolvimento na simplicidade, ou melhor, do seu *envolvimento* com a vida, com a terra, com a natureza e outros seres. Fiquei meditando sobre o porquê de o primeiro pensamento, e não o segundo, ter-me guiado até esse momento de minha vida.

Na prática e encontro diários com essas velhas comecei a compreender que não eram apenas as suas histórias que eram importantes, mas os recursos que elas encontravam dentro delas próprias, a sabedoria e a força que foram acumuladas, semeadas e colhidas com consciência e reverência.

Lembrei-me de vovó Risó, em seus últimos anos de vida, ao visitar-nos com a mesma malinha de sempre, mas dessa vez transportando, além dos biscoitos confeitados e histórias, preocupações. “Ninha, venha cá, veja se minha mala está lá dentro, se está tudo lá, se não pegaram nada”. Um *tudo* representado por algumas mudas de roupas, objetos antigos, algum

dinheiro e fotografias; essa talvez fosse a representação do passado que dizem que os velhos vivem. Eu podia sentir a ameaça que o desaparecimento dos seus pertences representava para ela. Hoje compreendo que ali moravam suas histórias, ali estavam materializados os seus recursos. Não se tratava de passado como algo que passou e ficou por lá, como fora julgado pela maioria dos meus familiares e por mim mesma. Aquilo era o seu presente, os seus recursos, embrulhados em uma mala, naquele exato momento, representando o seu aqui-e-agora e as possibilidades firmadas a partir da sua história. Como afirma Ribeiro (1985) o passado e o corpo estão aqui e agora, no todo que constitui a pessoa, o que basta para entendê-la e para que se possa lidar com ela criativamente. O tempo presente, para a Gestalt-terapia, é um ponto zero, em constante movimento entre o passado e o futuro, de forma que o passado significativo é o que aparece retido no agora (Costa, 2014; Perls, 2002; Perls, Hefferline & Goodman, 1997).

Sinto que o maior presente em todo esse encontro não me foi *dado* por essas velhas junto com as cestinhas ornamentadas, frutas, blusas bordadas, tapetes tricotados. Foi muito mais o espelhamento que me fez enxergar e usar alguns dos meus próprios dons, herdados das minhas ancestrais e adquiridos com as minhas histórias, reavivados na relação, no aqui e agora. Considero esse o maior presente, pois não veio puramente de fora, mas reacendeu algo que também existia em mim. Reacendeu a magia do afeto, do cuidado, da criatividade, do ritmo tranquilo, do reconhecimento da beleza, sem padrões estéticos e culturais fixados, e da abertura para a relação.

Walter Benjamin (1994) observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo, abarrotado pelo excesso de informação e pela falta de tempo. O acontecimento nos é dado na forma de choque, da vivência instantânea, pontual e fragmentada, tornando-nos sujeitos ultra-informados e superestimulados, sempre ativos, mas com dificuldade de parar (Larossa, 2002). Alvim, Bomben e Carvalho (2010) destacam a supervalorização da imagem e da aparência na atualidade, gerando um movimento hiperacelerado em direção às conquistas e adoção de valores socialmente desejados. Há uma obsessão pelo fazer, orientada para a eficácia e acúmulo de conquistas (Alvim, Bomben & Carvalho, 2010)

Posso sentir, no processo de contato e transformação proporcionado por esse encontro, uma reconexão com a simplicidade. Eu, fruto de uma geração, como confirmam Alvim, Bomben e Carvalho (2010), cobrada por uma perfeição inalcançável, e exigida cruelmente em todos os âmbitos – do intelectual ao físico –, ao ter contato com essas senhoras, encontro um paradoxo

no meu atual contexto: lentidão e imperfeição. Tudo aquilo que fui “ensinada” culturalmente a temer, passou a ser, justamente, o que mais me atraía.

Ao chegar naquele contexto das oficinas, com toda a minha pressa, super-estimulação, vigor e energia típicos de uma jovialidade, encontrei passos que já não acompanhavam a rapidez e precisavam descansar. O caminho era outro: meu corpo foi obrigado a desacelerar para acompanhá-las. Ali, para me adaptar, eu precisava parar. Lembrei-me de muitas cenas, em muitos almoços, desde muito pequena, em que corria para engolir a comida em dez minutos caso quisesse acompanhar meus pais, pois era o tempo de que eles dispunham para comer e sair em um horário viável para deixar-nos na escola. Vovó, quando nos visitava, jamais acompanhava esse ritmo. O seu almoço era servido antes, separado, para ser degustado, de forma que, quando ela estava prestes a terminar, nós estávamos começando e terminávamos todos juntos.

Essas velhas senhoras me ensinaram a desacelerar. Numa dinâmica de escuta mútua, olhava para elas, era vista por elas, olhava para mim e tentava encontrar coerência em meu próprio ser apressado e acelerado. Nessa tentativa de me conhecer, me compreender, sentindo a minha transformação e confusão de tudo o que se passava aqui dentro, eu era aceita. Era integralmente aceita e validada em toda a minha imperfeição, por essas velhas que viviam plenamente, não pela metade, do mesmo modo como o fazia Vovó Risó. Seja pelas circunstâncias sociais que as obrigaram a viver cada dia, um após o outro, seja porque viviam plenamente de acordo com a própria capacidade, o fato é que elas me ensinaram a ser mais autêntica, mais imperfeita, e viver mais aqui e agora. Inspiraram-me com as suas vidas de verdade. Eu era não apenas inspirada, mas *confirmada*, cujo significado na perspectiva dialógica é esforçar-se para se voltar para a outra pessoa e afirmar sua alteridade, sua existência única e separada (Chagas, 2016).

Estés (2007) revela que mulheres, assim como árvores, por mais exuberantes ou enfraquecidas que estejam, possuem “por baixo da terra” uma mulher oculta, cuja fonte nunca será extinta. Essa mulher oculta, representada por nossas ancestrais, empurra-nos em busca da vida, para que atravessemos o chão e consigamos ser nutridas no mundo, a céu aberto. Descobri as muitas mulheres ocultas embaixo de mim, empurrando-me para uma vida mais livre e plena. E reconheci nobres e aparentes mulheres, na existência das minhas novas “avós”, ajudando, unidas umas às outras, as ocultas e as aparentes, a fazer-me crescer. Para isso, elas só precisaram existir.

Existindo, mostraram-me, com seus passos pesados e marcados, que não preciso correr. Que o processo é, muitas vezes, muito mais recompensador do que o fim; e que é, portanto, fundamental degustá-lo, aproveitá-lo e saboreá-lo, como quando eu comia biscoitinhos de patinho de goma feitos por vovó, sem pressa para terminar. Neste processo, volto e voltei à minha infância, relativizando o tempo percebido, confundindo o relógio, valorizando a sensação, fazendo emergir o tempo sentido, o meu tempo aqui e agora, fruto das minhas escolhas e histórias.

A VELHICE QUE MORA EM MIM

Quero resumidamente contar uma história que me foi muito especial e marcou um momento importante da minha vida, chamada *La Loba*. *La loba* é uma velha que vive num lugar oculto que muitos conhecem, mas poucos já viram, e cujo único trabalho é recolher ossos de todos os tipos de criaturas do deserto; em especial, os lobos. Quando consegue reunir um esqueleto inteiro de lobo, senta junto ao fogo e pensa numa canção. Ao decidir, aproxima-se da criatura, ergue os braços sobre o esqueleto e canta até que os ossos comecem a se forrar de carne e a criatura comece a se cobrir de pelos, até ganhar vida. Quando o lobo sai pelo desfiladeiro, através da incidência do sol ou da lua, transforma-se em uma mulher que ri e corre livre em direção ao horizonte⁹.

Quando li pela primeira vez o conto *La Loba*, confesso que estranhei e assustei-me, custando a realmente compreender o que estava representado simbolicamente naquela personagem. Estés (1994) interpreta que a personagem não é uma rainha, nem amazona, nem vidente, nem amada, ela apenas é o que é. Ela representa a memória arquivada das intenções femininas, a sabedoria que mora dentro de nós.

Achava que tinha compreendido exatamente as interpretações de Clarissa Pinkola Estés (1994) até o momento em que mergulhei neste trabalho. De fato, até este momento, nunca havia pensado no envelhecimento como parte de mim, como um real processo de transformação gradual e diário. Ainda pequena, quando mirava os modelos de velhos em minha vida, em especial meus avós, acreditava que, de certa forma, já tinham vindo prontos assim: desgastados, envelhecidos, experientes e enrugados. Não conseguia pensar na minha própria velhice, marcada fisicamente pelas rugas e cabelos brancos que me alcançarão em

⁹ Versão resumida por mim. A versão completa encontra-se no livro *Mulheres que correm com lobos*, de Clarissa Pinkola Estés (1994).

alguns anos, nem pelo acúmulo de experiências que me tornariam cada dia um pouco mais sábia, um pouco mais *La Loba*.

Nos mitos e lendas é comum encontrar velhas que aparecem para trazer algo de bom para mulheres em situação angustiante. É quem dá em segredo à heroína um anel mágico, um espelho, um frasco com lágrimas ou qualquer outro objeto que será usado como proteção, ou quem profere palavras que serão estudadas pela jovem para encontrar o seu caminho (Estés, 2007).

Na história da minha vida, tive uma velha que cumpriu essa função. Mesmo quando vovó Risó já havia desencarnado, lembro-me de grandes decisões em que me consultei diante da sua fotografia, materializando-a em meu afeto e sentindo a sua presença, através dos *insights* e respostas que eu alcançava, fazendo-me descobrir que uma relação Eu-Tu pode existir em situações que o outro não está presente necessariamente em “carne e osso”. Minha mãe, outra velha sábia, que hoje também é avó, facilitou os meus contatos, dando-me o terço que minha bisavó usava em suas orações, e no qual preendi num pingente uma foto antiga da minha avó. Nessa teia de gerações, venho me fortalecendo e me descubro herdeira de um legado de sabedorias.

No contato com as velhas senhoras deste trabalho, reconheci em seus projetos inacabados, em suas dores, em suas perdas, na abertura para as novidades, no afeto disponibilizado, nas suas histórias, muito de minhas antepassadas e muito de mim. Recordo que, já tocada pela percepção da gradual construção da minha própria velhice, me vi projetada e traçada nas histórias da juventude desses sujeitos.

Nesse meio tempo, fui visitar uma amiga que é taróloga e que ofereceu para que eu conhecesse o trabalho que ela vem desenvolvendo. Aceitei. Ao dispor o “jogo” na mesa, ela espantou-se e, enquanto me olhava, exclamou: “Mas veja só! Esse jogo é de uma velha. A sua idade no tarô não é menor que 52 anos!”. Confesso que ainda não disponho de elementos suficientes para formalizar uma opinião sobre o tarô, mas nessa fala eu vi revelado o paradoxo de ser velha enquanto jovem e jovem enquanto velha, introduzido por Estés (2007) em seu livro *Ciranda das mulheres sábias*.

Consigo sentir, após o contato de três meses com essas velhas anciãs num subúrbio de Salvador, as velhas que me permitiram a vida. daquelas que conheci, a começar por minha mãe, àquelas cujo nome nem sei, mas que fazem parte do canal que iluminou os próprios passos e os passos das filhas, que iluminou as filhas, que iluminou as filhas, que iluminou as

filhas, até chegar em vovó Risó, minha mãe e eu. Sou herdeira daquelas que não desistiram de chegar aonde quiseram e aonde escolheram, mesmo que nem sequer tivessem consciência disso. Espelho-me e me reconheço não apenas nessas velhas, mas naquelas que dividiram esses três meses comigo, fortalecendo meus pés que agora escolho deixar descalços, pra sentir melhor a grama ou o cimento que tenho pisado e no qual tenho construído meu próprio destino, a minha própria velhice.

Assim como as mães que vieram antes da minha mãe, essas velhas representam uma época à qual todos nós chegaremos. Compreendi nas histórias compartilhadas na construção deste trabalho que o envelhecimento não é um acréscimo de tempo após tempo, somado no relógio, ou não apenas isso, mas representa nossas escolhas e o que nos tornamos ao longo desses anos. Estés (2007) confirma que o tornar-se velho representa aquilo que nos preenche em cada momento, antes mesmo de chegarmos a envelhecer.

Creio que, aos poucos, nós nos tornamos cada vez mais parecidos com quem ou com o quê mais contemplamos e admiramos. Minha avó nunca me contou histórias de princesas. Contou-me as suas histórias. A princesa que eu admirei, e admiro, é simples, guerreira, paradoxalmente brava e amorosa. Deixou o marido por um tempo no interior para levar os filhos a estudar numa cidade maior. Alimentava-os com comidas gostosas, histórias e afeto. As lições principais e a moral das histórias vinham da natureza, da beleza das relações e da força da consciência. Isso marcou a minha existência, marcou a minha educação e marcou as minhas escolhas. Reencontrar essas lições, neste trabalho, por meio das imagens dessas anciãs, foi, no mínimo, especial.

Estés (2007) ensina que quando alguém se dedica a viver do modo mais pleno possível, muitas outras que estiveram por perto se deixarão contagiar. Considera este o principal imperativo da mulher sábia: viver de maneira que outros se inspirem. Viver do próprio jeito, para que outros possam aprender. No contato com essas mulheres plenas, sábias, em contraste com seus corpos flácidos e desgastados, aprendi a viver e ver a minha própria velhice, a minha velha interior que gritava para ser notada e consultada ante meus passos apressados.

No contato com essas vidas, reencontrava as minhas raízes, as vidas que, até então sem muita consciência, me contagiaram. Hoje posso honrar e agradecer a linhagem que me gerou, a velha que existe em mim e as velhas que me permitiram finalizar este trabalho, as ocultas e as aparentes.

FINALIZANDO

O fio condutor de todo este trabalho, do planejamento à prática e desta ao ensaio que se seguiu, foi minha relação com vovó Risó, a quem dedico, agradeço e honro a presença em minha história. Minha avó me apresentou à conexão com o cuidado com as pessoas, conexão possível entre aqueles que querem ouvir as vozes uns dos outros. Minha avó queria ouvir a minha voz quando eu nem sabia o poder que isso tinha. Hoje, e através deste ensaio, eu quero sustentar a voz dela, guardada em mim e refletida nas vozes de todas essas “avós” que ganhei com este trabalho.

Depois dessa experiência, passei a acreditar que matar a vocalização não é um risco que corremos. Podemos mudar a forma de expressão, usar a tecnologia, mas não mataremos a vocalização, pois isso nos torna vivos. O valor do relato é o valor da própria experiência, da própria história, o colo da nossa própria humanidade e, acessar o velho, a velha, é conseguir acessar essa humanidade, é acessar histórias, memórias e um tempo social e pessoal, misturados numa linha narrativa única.

O trabalho com essas velhas do subúrbio de Salvador despertaram a memória do sabor dos suspiros e biscoitos confeitados de vovó Risó, tentando fugir do clichê talvez sem conseguir, um sabor de doçura e de vontade de ser melhor. Ser doce e melhor primeiro comigo mesma, podendo então ser melhor para a minha família, amigos e minha comunidade.

Este trabalho provocou intensas ressignificações em minha relação com a minha própria velhice, reconhecendo que se trata de uma construção diária, sem data futura e distante para chegar, mas envolvida na própria condição cotidiana de ser humana. Além disso, pude reconhecer, através do ritmo tranquilo daquelas velhas, que contar histórias e atualizar memórias não significa necessariamente que vivemos de passado, mas que existe presença no presente, na vida aqui e agora, refletida numa possibilidade próxima ou longínqua de finitude marcada pela morte. Pude repensar o meu ritmo, a minha relação com a forma como vivo o meu tempo, tanto sentido quanto percebido.

Agora entendo que minhas histórias, memórias, visões e canções, minha verdadeira versão das coisas, através da minha própria voz é, talvez, o que de melhor posso oferecer. Ofereci, portanto, a vocês, minha voz, compreendendo, conforme aponta Bosi (2004) que a memória do trabalho é o sentido e a justificativa de toda uma biografia.

Encerro com trechos das preces de gratidão, formuladas por Clarissa Pinkola Estés (2007, p. 87) “pelas velhas perigosas e suas filhas sábias e indomáveis que alegram nossas vidas”, como desejos que compartilho aqui.

Por todas as idosas do mundo, cada uma e de cada tipo que já tenha sido criado [...]. Pelas filhas e velhas que sempre se interessaram mais em ser amorosas do que em estar com a ‘razão’ [...]. Por elas... por todos nós, Grande Avó e Grande Avô, Grande Neto e Grande Neta, da mesma forma... Que todos nós nos aprofundemos e vicejemos, que criemos a partir das cinzas, que protejamos aquelas artes, ideias e esperanças que não podemos permitir que desapareçam da face da terra. [...] que vivamos muito, e nos amemos uns aos outros, jovens enquanto velhas e velhas enquanto jovens, para todo o sempre (p. 89-108).

REFERÊNCIAS

- Alvim, M., Bomben, E. & Carvalho, N. (2010). “Pode deixar que eu resolvo” – retroflexão e contemporaneidade. *Revista da abordagem gestáltica*. 16(2), 183-188. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v16n2/v16n2a08.pdf>.
- Amorim, T. (2007). Dialógico. Em: D’acri, G., Lima, P. & Orgler, S. (Org.). *Dicionário de Gestalt-terapia*. Gestaltês. (pp. 68-70). São Paulo: Summus.
- Benjamin, W. (1994). O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Em: Benjamin, W. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- Bosi, E. (2004). *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Botelho, J. (2016). O trabalho com idosos em Gestalt-terapia. Em: Frazão, L. & Fukumitsu, K. (Org.). *Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia*. (pp. 110-139). São Paulo: Summus.
- Buber, M. (2001). *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro.
- Chagas, E. (2016). Psicoterapia dialógica. Em: Frazão, L. & Fukumitsu, K. (Org.). *Modalidades de intervenção em Gestalt-terapia*. (pp. 11-27). São Paulo: Summus.
- Costa, V. (2014). Temporalidade: aqui e agora. Em: Frazão, L. & Fukumitsu, K. (Org.). *Gestalt-terapia. Conceitos fundamentais*. (pp. 131-146). São Paulo: Summus.
- Estés, C. P. (1994). *Mulheres que correm com lobos*. Rio de Janeiro: Rocco.

- Estés, C. P. (2007). *A ciranda das mulheres sábias: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Freire, P. (2007). *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra.
- Gaulejac, V. (2009). O sujeito face à sua história: a démarche “romance familiar e trajetória social”. Em: Takeuti, N. & Niewiadomski, C. (Org.). *Reinvenções do Sujeito Social: Teorias e Práticas Biográficas*. (pp. 61-73) Porto Alegre: Sulina.
- Hycner, R. (1995). *De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica*. São Paulo: Summus.
- Hycner, R. & Jacobs, L. (1997). *Relação e cura em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.
- Larossa, J. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. (19), 20-28. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>
- Larrosa, J. & Kohan, W. (2005). Apresentação da Coleção. Em: Rancière, J. *O Mestre Ignorante* (pp. 5). Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Lispector, C. (2016). *Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Marcondes Filho, C. (2008). No diálogo com o outro, a crisálida pode tornar-se borboleta, a comunicação tem chance de acontecer: sobre Martin Buber. *Em questão*, 14(1), 95-105. Recuperado de: seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/download/4960/3528.
- Massi, G., Santos, A., Berberian, A. & Ziesemer, N. (2016). Impacto de atividades dialógicas intergeracionais na percepção de crianças, adolescentes e idosos. *Revista CEFAC*, 18(2), 399-407. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-0216201618223015>
- May, R. (1975). *A coragem de criar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Perls, F. & Hefferline, R. & Goodman, P. (1997). *Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.
- Perls, F. (2002). *Ego, Fome e Agressão*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (1994). *Gestalt-terapia. O processo grupal*. São Paulo: Summus.
- Robine, J. (2005). A gestalt-terapia terá a ousadia de desenvolver seu paradigma pós-moderno?. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 5(1), 102-126. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812005000100008&lng=pt&tlng=pt.
- Silva, C., Oliveira, C. & Alvim, M (2014) Diálogos entre a Gestalt-terapia e a dança: corpo, expressão e sentido. *Revista Ciência em Extensão*. 10(3), 41-55. Recuperado de: http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/1085.

CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS: UMA *GESTALTEN* SE FECHA ENQUANTO OUTRA SE ABRE

Conforme mencionado anteriormente, o eixo motivacional de todo este trabalho, desde o planejamento até a prática, partiu da minha relação com a minha avó Risó, a quem dedico, agradeço e honro a presença em minha história. Foi através da minha avó que me conectei primeiramente com a possibilidade de uma escuta qualitativa e sensível. Ela me ensinou sobre encontros e cuidado com as pessoas. Este trabalho reflete a sua voz e a voz das velhas¹⁰ incríveis que conheci no subúrbio de Salvador.

Neste percurso, sustentamos uma perspectiva holística do envelhecimento, tratando-o como um fenômeno integral, buscando ampliar a noção de mudanças individuais e padrões impostos sobre um tipo específico de envelhecimento, seja numa perspectiva positiva, ligada a um envelhecimento ativo, quanto numa perspectiva negativa, relativa aos estereótipos vinculados ao contexto capitalista. Exploramos o processo levando em consideração a inclusão de aspectos da história singular desses sujeitos, incluindo atenção a sua cultural e ao seu meio social, mas da forma como incidem nas experiências de cada um. Compreendemos, em acordo com a literatura aqui apresentada, que a velhice e a forma de vivenciá-la estão diretamente associadas à interação de muitos fatores construídos ao longo da existência de cada pessoa, como carga genética, estilo de vida, relações sociais e familiares, educação, suporte econômico e ambiente físico.

Acreditamos ter alcançado o objetivo central deste estudo, o qual versou sobre a descrição e análise dos efeitos da prática de contar e ouvir histórias na resignificação de sujeitos vivenciando o envelhecimento em contexto de vulnerabilidade social, através de uma pesquisa-ação, como forma de aproximar a prática da investigação. Partimos da hipótese, amparada na pouca literatura sobre o assunto, de que era possível e desejável promover a escuta e a ação desses indivíduos invisibilizados e estigmatizados tendo como fio condutor processos criativos.

Foi com base no pensamento de Spolin (1992), que nos diz que todas as pessoas são capazes de atuar em um palco e improvisar desde que o ambiente favoreça a liberdade e a espontaneidade do/a participante, que elaboramos as oficinas com jogos e exercícios teatrais e

¹⁰ Conforme anteriormente mencionado optamos por utilizar o termo “velhas” no feminino, por se tratar de um grupo majoritariamente feminino, sem excluir a importância e presença do único homem que participou das atividades.

de contação de histórias. As propostas foram conduzidas em um processo de valorização do cotidiano, da memória e das histórias de vida de cada um/a. Buscamos o desenvolvimento da expressividade gestual e corporal, por meio de exercícios e jogos que privilegiaram o movimento, a fim de desconstruir formas cristalizadas de agir. Privilegiamos o jogo dramático e a improvisação como base para a construção de esquetes e cenas, visando ao espetáculo final montado e apresentado pelo grupo. É importante ressaltar, conforme apontado ao longo de todo o trabalho, que, apesar de utilizar o referencial teórico da Gestalt-terapia, as oficinas não foram planejadas com finalidade terapêutica, apesar de alguns efeitos terapêuticos serem visíveis tanto para nós quanto para aquelas pessoas. O objetivo principal das oficinas foi potencializar a criação e a invenção de nós mesmas: em grupo, com o grupo e nunca *para* ou *sobre* o grupo.

Acreditamos que, consonante com o objetivo específico do primeiro artigo, conseguimos compreender e destacar o pensamento vigente na literatura acadêmica sobre o processo de envelhecimento, bem como suas principais lacunas, ressaltando a predominância de estudos que refletem o processo de envelhecer na perspectiva da doença e não da saúde. Poucos estudos focalizam a arte de contar histórias e a tradição oral como recurso para possibilitar a ressignificação do envelhecimento e trazer compreensão a este fenômeno na condição de transição desenvolvimental. A nossa atenção voltou-se, portanto, para novas possibilidades de ressignificar a experiência do envelhecimento, de modo positivo e socialmente referenciado.

Percebemos e demonstramos que há escassa literatura no campo da psicologia e mais ainda da Gestalt-terapia, já que a grande maioria das investigações quando refletem a compreensão do envelhecimento pelo sujeito, fazem-no a partir de entrevistas individuais narrativas, enquanto contos de tradição oral prevalecem em estudos nos campos da educação, hospitalar e da cultura em comunidades e povos tradicionais. Adicionalmente, percebemos que o campo da psicologia ainda investe pouco em metodologias ativas, na dialogia e na horizontalidade entre os sujeitos envolvidos e socialmente implicados, de forma que os pontos de vista apresentados costumam ser do/a pesquisador/a e não dos sujeitos investigados.

O objetivo específico do segundo artigo, que implicou descrição e exame dos efeitos da pesquisa-ação, ampliou o nosso olhar e reafirmou os benefícios que esse tipo de método trazem. Os resultados positivos desta prática superaram as fragilidades, na medida em que acionaram nossa capacidade de persistir com flexibilidade, de forma que alcançamos tanto os sujeitos participantes do grupo, seu entorno direto, nós, enquanto pessoas e pesquisadoras, e

os trabalhadores da ONG, que refletiram sobre o seu papel nessa vivência de transformação social.

Na contramão da lógica capitalista que exclui o velho, percebemos que as experiências que garantem à pessoa em processo de envelhecimento um lugar de narrador privilegiado de suas transformações ao longo do tempo e das relações interpessoais e geracionais podem produzir bem-estar e senso de pertencimento, na direção da saúde integral. Fica demonstrado, para nós, que a contação de histórias, baseadas em relatos de vida e reconstruções de lembranças, pode constituir importante ferramenta para desenvolver bem-estar, autonomia e emancipação, reposicionando o velho na sociedade, devolvendo-lhe o lugar de testemunha e narrador de seu tempo. A memória é considerada neste estudo como fonte inesgotável de experiências, construídas juntamente com a passagem do tempo e o modo de viver configurado por cada um numa coletividade.

Ficou claro, com as narrativas e dramatizações das histórias e o período de vida compartilhado pelo grupo, que houve reposicionamento do lugar de cada um/a de nós. Ao evitar a busca de verdades históricas e priorizar a captura e a compreensão de versões sobre o passado que a memória consegue elaborar, reforçam-se senso de autonomia, criatividade e identidade nessa construção. Conforme já mencionado, e como reafirmado ao longo de toda a dissertação, não se trata de ações realizadas de fora, *sobre* sujeitos passivos, e sem conhecimento de si mesmo e do seu contexto, mas, ao contrário, uma prática em que os sujeitos fazem parte de um processo de construção social e pessoal, em uma relação dialógica e horizontal que valoriza o saber de cada pessoa, diferenciando uma prática *para* de uma prática *com*.

Dentro dos pressupostos ideológicos da pesquisa-ação, e como resultados das intervenções, pudemos identificar aspectos como a promoção de uma participação mais engajada e inclusiva dos membros da comunidade trabalhada, ressignificação do imaginário social negativo ligado à velhice pelos próprios participantes e pelos demais usuários da ONG, ampliação do senso crítico e da exigência por condições de vida e relações sociais mais respeitadas, senso de independência, fortalecimento de perspectivas futuras de vida e realização de projetos pessoais, integração grupal e fortalecimento de vínculos como aspectos que auxiliam no senso de pertencimento e identidade, fortalecimento da memória, e liberação da ludicidade, espontaneidade e criatividade, como aspectos que geram sensações de bem-estar. Além disso, o trabalho produziu maior nível de consciência sociopolítica entre as investigadoras e entre os membros da comunidade, permitindo o envolvimento de todos no

processo, não como objetos de estudo, mas como agentes de mudança pessoal e, talvez, social.

Quanto ao objetivo específico do terceiro artigo, buscamos examinar as oficinas de contação de histórias e seus efeitos no grupo de velhos, a partir da lente teórica da Gestalt-terapia, ampliando o arcabouço teórico desta abordagem em relação à temática.

Ao propor oficinas de contação de histórias, com base em jogos dramáticos e técnicas teatrais, marcadas por memórias e experiências de velhos, atualizadas no aqui e agora, pudemos perceber e atuar no grupo como um sistema, com características e possibilidades integradas, que vão além da mera soma dos indivíduos. Fomentamos a flexibilização das fronteiras de contato gerando relações mais fluidas; facilitamos o desenvolvimento de um maior nível de autossuporte, percebendo o grupo como um importante heterossuporte; notamos maior capacidade de presença, no aqui e agora, com ampliação da *awareness* e, por fim, percebemos a existência de ressignificação do corpo e da consciência corporal, na forma como os participantes vivenciaram os trabalhos. Mesmo não se tratando de uma intervenção terapêutica, a postura de reverência e abertura ao encontro com o grupo manteve-se presente em nós, bem como ações terapêuticas pontuais com vistas ao acolhimento de emoções emergidas e consideradas mais difíceis pelos participantes.

Conforme já mencionado no quarto e último artigo, a proposta inicial com esta investigação era compreender a ressignificação do envelhecimento *com e a partir* das memórias de velhos, de forma que, enquanto pesquisadora principal, coloquei-me como fundo em todo o processo, voltando o meu olhar apenas para os participantes. Na medida em que instaurávamos uma relação dialógica ao longo do processo, contudo, fui me dando conta de quantas ressignificações e transformações acabei experienciando em mim mesma. Dedicamos, nesta dissertação, desta forma, um espaço para falar sobre a construção de fragmentos de histórias da minha vida e das histórias de vida desses velhos atendidos pela ONG do Subúrbio Ferroviário de Salvador, compartilhando as transformações que esses encontros geraram em mim.

Pude, desta forma, também experimentar a arte de contar histórias, através de uma função biográfica da escrita, num exercício de autonomia. Senti a potência desta ferramenta ao vivenciar coletivamente as ressignificações nos participantes das oficinas e em mim mesma, afirmando-me existente e reconstruindo-me com a minha própria narrativa. Recontar a vida é um meio de nos refazermos.

Este trabalho provocou intensas ressignificações em minha relação com a minha própria velhice, reconhecendo que se trata de uma construção diária, sem data futura e distante para chegar, mas envolvida na própria condição cotidiana de ser humana. Além disso, pude reconhecer, através do ritmo tranquilo daquelas velhas, que contar histórias e atualizar memórias não significa necessariamente que vivemos de passado, mas que existe presença no presente, na vida aqui e agora. Pude repensar o meu ritmo, a minha relação com a forma como vivo o meu tempo, tanto sentido quanto percebido.

Acreditamos, neste sentido, que os objetivos principais propostos por este trabalho foram alcançados, o que não restringe, por outro lado, a percepção das limitações que nos atravessaram. Em contato com essas lacunas, alguns impasses e limitações encontramos brechas para investigações futuras.

Esta investigação alcançou um número restrito de pessoas, em um contexto específico que acrescentou nuances na vivência da velhice por esses sujeitos, o que nos impede de generalizar os resultados para qualquer grupo ou indivíduo. De qualquer modo, essa limitação parte do próprio pensamento gestáltico, que nos indica a impossibilidade de generalizar, de fato, vivências pessoais, já que cada sujeito vivencia o seu próprio processo de envelhecimento.

Não podemos deixar de mencionar nossos próprios equívocos e preconceitos, continuamente refletidos e ressignificados, ao longo da condução e análise deste trabalho. Pudemos notar, por exemplo, no momento da transcrição dos dados, que havíamos utilizado, muitas vezes, termos no diminutivo ao nos dirigirmos a eles e elas, apesar de toda uma postura de fomentar protagonismo e dialogicidade. Isso nos chamou a atenção, levando a discussões e reflexões, pois nos pareceu um processo internalizado de infantilização, naturalizado e reforçado socialmente. Esse comportamento também foi sustentado pelas respostas no diminutivo que vinham dos participantes para conosco. Foi preciso nos distanciar do contexto para percebermos o ocorrido, já nas etapas de transcrição e ao reassistir os vídeos, o que nos impossibilitou de ampliar as discussões no próprio grupo.

Entendemos que com todas as transformações vivenciadas, sentimo-nos mais preparadas para um próximo trabalho com velhos, mas compreendemos também que, por exigir muita flexibilidade na condução, talvez nunca estejamos prontas. De qualquer modo, trazer à tona as nossas dificuldades pode ampliar espaços para que outros pesquisadores e profissionais de saúde tornem-se mais atentos e evitem os mesmos erros cometidos por nós.

A novidade de trabalhar com esse público nos fez caminhar quase do zero, adaptando técnicas e planejamento em função das dificuldades provenientes das singularidades, somadas àquelas provenientes da própria idade avançada. Vimos, na revisão da literatura, que a pesquisa sistemática envolvendo o fenômeno do envelhecimento encontra-se ainda em construção, principalmente no Brasil. Tal lacuna e falta de subsídios teóricos justificam uma ampliação dos estudos na área, o que com toda a certeza incide sobre as limitações mencionadas. Reconhecemos também neste processo a contribuição da Gestalt-terapia nas práticas com o sujeito velho, apesar dos poucos materiais documentados. Por ser uma abordagem existencial, confere ao ser humano um potencial criativo que o capacita a lidar e se ajustar criativamente às perdas inerentes à idade.

É muito importante ressaltar que o nosso trabalho foi desenvolvido por pessoas que, contrárias às condições sociais impostas à velhice, não se fecharam à busca do conhecimento, do aprendizado, de experiências novas e prazerosas em suas vidas, colocando-se disponíveis para encontrar-se, contatar, aprender, ensinar e criar.

Os resultados alcançados e aqui sintetizados nos fazem acreditar na relevância social desta investigação, na medida em que pudemos validar muito do que o nosso arcabouço teórico sobre o tema preconiza. Além disso, pudemos reforçar nossa crença na possibilidade de direcionar, fomentar e fortalecer políticas públicas específicas, bem como ações da sociedade civil, voltadas à promoção de saúde do velho, incluindo-os como sujeitos ativos, competentes e necessários no processo de ressignificar socialmente o envelhecimento e as tradições de sua cultura. Este trabalho deu especial atenção a novas possibilidades de elaborar a experiência do envelhecimento de modo positivo e socialmente referenciado.

Os resultados positivos aqui encontrados nos permitem pensar na possibilidade de replicação para outros grupos, em outros contextos, respeitando as nuances de cada espaço, o que nos motiva com o reconhecimento da necessidade de expandir mais ainda estudos sobre o processo de envelhecimento e fortalecer propostas que coloquem o sujeito em posição de autonomia e criticidade, como agente de mudanças em seu próprio contexto.

Diante de todo o exposto, não consideramos este trabalho como esgotado. Ao contrário, distante de uma conclusão como um encerramento, nos sentimos abrindo espaço para novas discussões no âmbito da velhice e gerontologia, caminhos para possibilidades de novas investigações, intervenções e movimentos de aproximação deste tema, ainda pouco explorado na ciência brasileira. Sentimo-nos, além disso, abrindo espaço para reflexões que compreendam a dimensão humana nas investigações, aproximando os participantes da

construção de resultados, e trazendo uma postura ativa e comprometida das universidades na construção de conhecimentos sobre determinado cenário social.

Em que pesem os indícios de que há um imperdoável e violento processo de exclusão, silenciamento e invisibilidade do velho em nosso país e em nossa comunidade científica, é desejável e imperioso sustentar o tema da velhice como parte inerente da condição humana e não como algo em si negativo, ligado a inutilidade e doença. Processo de envelhecimento é processo desenvolvimental, necessário à transmissão de sentidos e significações, pessoais e culturais, entre gerações, na direção da superação de estereótipos cristalizados e de uma vida melhor, sobretudo para grupos populacionais em situação de vulnerabilidade social.

APÊNDICE 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DO PROJETO: RESSIGNIFICAÇÃO DO PROCESSO DE ENVELHECER EM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: MEMÓRIA, NARRATIVA E A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS.

DESCRIÇÃO DO ESTUDO E OBJETIVOS: Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa de mestrado desenvolvida na Universidade Federal da Bahia, intitulada “RESSIGNIFICAÇÃO DO PROCESSO DE ENVELHECER EM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: MEMÓRIA, NARRATIVA E A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS”. A pesquisa é orientada pela professora Denise Maria Barreto Coutinho, docente do Instituto de Psicologia, já foi aprovada no Programa de Pós-Graduação e foi submetida ao Comitê de Ética da UFBA. Nesta etapa da pesquisa que acontecerá no período de março até maio de 2017, serão coletados dados sobre a prática da contação de histórias no processo de ressignificação do envelhecimento.

O objetivo geral desta pesquisa é descrever e analisar a ressignificação do envelhecimento em participantes de oficinas de contação de histórias.

Os objetivos específicos são: (1) Explorar e descrever significados associados ao processo de envelhecer, pelos sujeitos engajados na contação de histórias; (2) Identificar e caracterizar elementos da memória coletiva construída e estimulada pelo grupo durante as oficinas; (3) Descrever elementos da imaginação e criatividade como recursos simbólicos, por meio da contação de histórias; (4) Examinar a contação de histórias e os recursos da oralidade como possibilidade de acesso e promoção de saúde para velhos.

O procedimento para coleta de dados será feito por meio de um diário de campo, com anotações da pesquisadora sobre o contexto das oficinas, além de possíveis gravações com câmera digital e gravador. Posteriormente, o material coletado será analisado tendo como lente teórica a Gestalt-terapia.

PARTICIPAÇÃO E INTERRUPÇÃO: Sua participação neste estudo é voluntária. Sendo assim, você pode se recusar a participar em qualquer momento do processo. Caso aceite este convite, você poderá mudar de ideia a qualquer instante e interromper sua participação no estudo, sem o menor problema. A recusa em participar não implicará nenhum problema para você. A sua participação nesta pesquisa não envolve pagamento nem qualquer gratificação financeira. Caso aconteçam danos decorrentes a sua participação na pesquisa, você terá o direito de pleitear indenização aos pesquisadores.

BENEFÍCIOS E RISCOS: Participar da pesquisa pode gerar benefícios em relação ao bem-estar, ressignificação de dificuldades em relação ao processo de envelhecer, ampliação da criatividade, memória e qualidade de vida, ao mesmo tempo em que implica o risco de mobilização durante as oficinas, os quais serão minimizados pela formação profissional da pesquisadora, que já atua com grupos em sua formação e possui conhecimento técnico para lidar com as eventuais adversidades. As informações são confidenciais e seguem a regra do anonimato. Caso sinta algum desconforto por qualquer motivo, você pode interromper sua participação imediatamente, sem qualquer problema para o prosseguimento desta investigação. Caso aceite participar deste estudo, você estará contribuindo para a reflexão e discussão referente a um tema atual e relevante para a Universidade e para a sociedade de modo geral.

DIVULGAÇÃO E CONFIDENCIALIDADE: As informações prestadas por você serão codificadas e, em conjunto com as demais informações coletadas neste grupo, serão analisadas para a elaboração de uma Dissertação de Mestrado. Poderão igualmente fundamentar trabalhos acadêmicos da Universidade Federal da Bahia ou, eventualmente, apresentação de trabalhos científicos. Em quaisquer

circunstâncias, seus comentários não serão identificados, garantindo o anonimato e preservação da sua imagem e da Instituição. Após as transcrições do material, você poderá ler o que foi transcrito e corrigir o que julgar conveniente. Baseada na resolução CNS 466/12, a pesquisadora manterá o arquivo coletado, sob guarda pessoal, por um período de cinco anos.

Declaro que li e entendi as informações que me foram transmitidas acima e concordo em participar desta pesquisa.

Local e data:

Nome do/a participante:

Assinatura do/a participante:

RG

CPF:

Universidade Federal da Bahia

Pesquisadora: Bruna Improta de Oliveira Mendonça

Orientador/a responsável pela pesquisa: Denise Maria Barreto Coutinho

Qualquer dúvida ou problema referente à pesquisa, não hesite em nos procurar. Muito obrigada/o!



Bruna Improta de Oliveira Mendonça (9 9327-9335 / improta.bruna@gmail.com)



Denise Maria Barreto Coutinho (9 8821-5491/ denisecoutinho1@gmail.com)

Instituto de Psicologia

Rua Aristides Novis, Estrada de São Lázaro, 197, Salvador – Bahia

Telefone: 71 3283-6442 E-mail: cepips@ufba.br

APÊNDICE 2**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****2. DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Resignificação do processo de envelhecer em contexto de vulnerabilidade social: memória, narrativa e a arte de contar histórias

Pesquisador: Bruna Improta de Oliveira Mendonça

3. Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 64079316.0.0000.5686

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFBA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

4. DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.916.799

5. Apresentação do Projeto:

O protocolo em análise, versão 01, refere-se a pesquisa de mestrado, vinculada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia, com financiamento próprio. Tem por questão de pesquisa: "como oficinas de contação de histórias com sujeitos que estão vivenciando o processo de envelhecimento em situação de vulnerabilidade social podem ressignificar positivamente essa transição?". Possui um delineamento metodológico "construtivo-interpretativo fundamentado na Epistemologia Qualitativa, proposta por Rey (1999; 2005)" e com desenho orientado na perspectiva da pesquisa-ação. Os participantes da pesquisa são idosos, selecionados com base nos seguintes critérios: "sujeitos acima de 60 anos, frequentadores do programa voltado para velhos em uma Organização Não-Governamental (ONG) localizada em Alto de Coutos 2, no subúrbio ferroviário de Salvador, conseqüentemente, moradores do bairro. Os sujeitos deverão inscrever-se nas oficinas, que serão apresentadas inicialmente para todos os frequentadores da ONG nas condições elencadas acima, e demonstrar interesse espontâneo em participar das oficinas e do grupo".

"O contato inicial com os participantes ocorrerá mediante encontros para a apresentação da proposta de pesquisa-ação, já aprovada pela direção da ONG, por ser um local onde a pesquisadora já possui vínculo com os trabalhadores".

6. Objetivo da Pesquisa:

Apresenta os mesmos objetivos nos diferentes documentos integrantes do protocolo de pesquisa. O objetivo geral é "descrever e analisar a ressignificação do envelhecimento em participantes de oficinas de contação de histórias" e os objetivos específicos são: "explorar e descrever significados associados ao processo de envelhecer; identificar e caracterizar elementos da memória coletiva construída e estimulada pelo grupo; descrever elementos da imaginação e criatividade como recursos simbólicos, por meio da contação de histórias; examinar a contação de histórias e os recursos da oralidade como possibilidade de acesso e promoção de saúde para velhos".

7. Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Foram apresentados explicitamente os riscos e benefícios envolvidos, destacando-se o "risco de mobilização durante as oficinas, os quais serão minimizados pela formação profissional da pesquisadora, que já atua com grupos em sua formação e possui conhecimento técnico para lidar com as eventuais adversidades. E aponta a possibilidade de benefícios "em relação ao bem-estar, ressignificação de dificuldades em relação ao processo de envelhecer, ampliação da criatividade, memória e qualidade de vida".

Avalia-se que os riscos existentes neste tipo de pesquisa são baixos e que a pesquisadora expressa em todos os documentos do protocolo o cuidado em identificá-los e dar a devida atenção, caso necessário. Entende-se que os benefícios possíveis com a realização da pesquisa, em termos sociais e científicos, superam os riscos.

8. Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A proposta apresenta tema relevante e original, com visíveis possibilidades de contribuições sociais e científicas. E está em conformidade com a Resolução CNS 510/2016.

O método proposto está adequado à abordagem do objeto de estudo.

9. Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados os termos obrigatórios para o tipo de pesquisa e população participante. O TCLE está redigido sob a forma de convite, apresentando linguagem clara. Atende aos princípios da autonomia, beneficência, não maleficência, justiça, privacidade, sigilo e anonimato, bem como todas as informações relevantes ao processo de consentimento livre e esclarecido.

Apresenta todos os termos, conforme exigência para o tipo de pesquisa e participantes envolvidos.

10. Recomendações:

Acrescentar ao TCLE um parágrafo informando que o CEP IPS está responsável pelo acompanhamento ético desta pesquisa, inserindo seu endereço e contatos: Rua Aristides Novis, Campus São Lázaro, 197, Federação, CEP 40.170-055, Salvador, Bahia, telefone (71)3283.6457, cepips@ufba.br.

11. Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O protocolo em análise está apto à aprovação, devendo-se atender à recomendação acima.

12. Considerações Finais a critério do CEP:

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas.

O/A pesquisador/a deverá apresentar relatório a este CEP após a conclusão da pesquisa. Solicitar modelo ao CEP quando de sua elaboração.

Parecer apresentado e validado em reunião ordinária do CEP IPS ocorrida em 06 de fevereiro de 2017.

13. Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_837409.pdf	30/12/2016 19:16:25		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_PlataformaBrasil_BrunaImprota.pdf	30/12/2016 19:15:50	Bruna Improta de Oliveira Mendonça	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	TermoAutorizacaoInstituicao.pdf	30/12/2016 19:15:18	Bruna Improta de Oliveira Mendonça	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TermoConfidencialidadeBrunaImprotaAssinado.pdf	30/12/2016 19:14:47	Bruna Improta de Oliveira Mendonça	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TermoCompromissoBrunaImprota.pdf	30/12/2016 19:14:32	Bruna Improta de Oliveira Mendonça	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.pdf	30/12/2016 19:12:34	Bruna Improta de Oliveira Mendonça	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_assinada.pdf	06/12/2016 23:08:18	Bruna Improta de Oliveira Mendonça	Aceito
Orçamento	RECURSOS_MATERIAIS_E_FINANCEIROS.pdf	05/12/2016 18:21:27	Bruna Improta de Oliveira Mendonça	Aceito

Cronograma	CRONOGRAMA_PROJETO.pdf	05/12/2016 18:20:21	Bruna Improta de Oliveira Mendonça	Aceito
------------	------------------------	------------------------	---------------------------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

14. Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 12 de Fevereiro de 2017

Assinado por: Ana Maria Ferreira Cardoso
(Coordenador)

APÊNDICE 3

Entrevista 1

A transcrição a seguir corresponde à primeira entrevista de Bruna Improta e Fernanda Colaço com a coordenadora da ONG, Rafaela, no dia 10 de fevereiro, com duração de 31 minutos e 17 segundos.

No início do contato, solicitamos autorização para gravar a conversa, o que foi autorizado.

[O início da conversa não foi gravado. Iniciamos a gravação a partir do momento em que Daniela começou a nos explicar sobre o sustento da ONG].

Rafaela - Como a gente conseguiu parceiros, financiamento do governo, aí vem nos ajudando a manter a casa, algumas reformas.

Bruna - Como é que é mantida?

Rafaela - Quem mantém aqui é a Capemisa. Ela trabalha com pecúlios. Tudo que consegue arrecadar é pra ser transformado em obra social. Como aqui foi fundado por espíritas, eles tem essa questão muito forte da caridade, começou um trabalho muito singelo com crianças abandonadas... é... viu-se a necessidade de que ia manter, porque o trabalho foi crescendo, crescendo, então quem ia manter? Então depois que criou o Lar Fabiano, foi criado a Capemisa pra poder manter o trabalho social a nível Brasil, porque cresceu.

Bruna - O que é Capemisa? Uma empresa?

Rafaela - Uma empresa. Ela vende serviços, previdência, essas coisas... previdência... Elas vendem e tudo é transformado pra esse trabalho.

Na época em que foi fundado, quem comprou muito essa ideia, que comprava muito essa previdência privada, eram militares. Só que essas pessoas morreram, foram morrendo, morrendo, e acabou que a Capemisa... como o trabalho cresceu tanto, não tantas pessoas estavam acompanhando, comprando o que precisava. E o Lar chegou numa situação muito delicada, nós tivemos que fechar casas... desde 2010. Eu mesma vim da Mansão do Caminho, porque lá tinha uma unidade do Lar, porque Divaldo Franco é espírita, é um dos fundadores do Lar, aí nós tínhamos uma unidade lá. Lá fechou eu vim pra aqui e a gente começou a tocar, a continuar o trabalho...

Então é isso que queria te falar... O Lar hoje, o único mantenedor é a Capemisa, então o Lar hoje, nessa perspectiva, de não deixar morrer o trabalho, porque é um trabalho importante, né? Que a gente sabe que o poder público não consegue desenvolver, é... atender a todos que necessitam... precisam dessas organizações não-governamentais, e não é porque hoje estou no Lar, não... Porque hoje eu faço parte do Conselho da criança e do adolescente, Conselho Municipal de Assistência Social, Conselho Estadual de Assistência Social, estou lá vendo as instituições que trabalham com isso e digo a você com propriedade: nenhuma instituição trabalha como o Lar Fabiano trabalha!

Bruna - eu sei... eu conheço o trabalho de vocês.

Rafaela – Falo assim de coração. Nenhuma!! Tem trabalhos importantes? Tem! Mas esse trabalho sistematizado, organizado, de promoção a essas famílias, eu ainda, aqui em Salvador, eu ainda não vi. Porque eu faço parte da fiscalização da Câmara técnica de normas e funcionamentos. Eu fiscalizo as instituições pra ver se elas estão atendendo à Política de Assistência... Ainda não vi! E aí, o Lar, pensando em dar continuidade de maneira forte, às atividades, está criando negócios. E um dos negócios é a gente manter uma clínica comunitária num espaço aqui em cima. Quero saber como você, nessa área, pode me ajudar.

[A conversa a partir de então foi direcionada para a proposta da clínica-escola, que não é o foco deste trabalho, e não foi transcrita]

ENTREVISTA 2

A transcrição a seguir corresponde ao momento posterior à conversa acima, com a coordenadora da ONG, Rafaela, e a assistente social, Juliana, responsável pelo grupo de idosos, no dia 10 de fevereiro, com duração de 15 minutos e 12 segundos.

No início do contato solicitamos novamente permissão para gravar a conversa.

Bruna - Quantos idosos fazem parte do programa de vocês?

Juliana - Os que estão aqui são em torno de 30.

Rafaela - Trinta idosos.

Juliana - Toda sexta-feira eles estão aqui.

Bruna - Regulares?

Juliana - Isso. Toda sexta-feira eles estão aqui. A gente prepara um cronograma anual, já, com as atividades que a gente trabalha com eles. Alguns temas, né? Sobre a idade mesmo... Todo tipo de assunto... Quando a gente tem algum parceiro que possa vir durante, ao longo do ano, a gente trabalha também. E... E temos a "Educação do ser" que também fazemos com os idosos.

Bruna - O que é essa Educação do ser?

Juliana - "Educação do ser" é falar do Lar Fabiano, falar de Deus, né? Que a gente sempre tem, assim, a gente sempre traz isso com eles... a gente toda sexta-feira sempre inicia com uma prece, eles são assim... normalmente os idosos são sempre religiosos, aí a gente sempre inicia com uma prece. E vocês pensam em trabalhar toda sexta-feira? Qual o período de tempo que vocês pensam em ficar?

Bruna - A gente fez um cronograma. Eu trouxe até aqui o Termo, e o Termo diz os objetivos do trabalho, o tema... é... o nome do trabalho: Ressignificação do processo de envelhecer em contexto de vulnerabilidade social: memória, narrativa e a arte de contar histórias. O objetivo do trabalho, aqui. Podem ler [entrega o TCLE para as duas lerem]. Eu estou chamando de "velhos" no meu trabalho justamente pra tentar quebrar o estigma de que velhice é algo ruim.

Rafaela - E eu me espantei agora!

Bruna - Né? Por isso estou chamando de velhos, porque a proposta ... uma autora fez isso...

Rafaela - Porque é como se fosse algo pejorativo, né?

Bruna - Pois é, mas se a gente fala de envelhecimento e de velhice, por que não falar de velho? Então nossa proposta é essa, justamente.

Fernanda - A gente tem que qualificar o termo velho.

Bruna - É... depois mando o projeto pra vocês, onde explico melhor isso. Até porque o termo idoso foi criado como uma categoria de consumo, pra esse velho que consome, que viaja, que *tannanan*... então é como se fosse a terceira idade, idade feliz... e velhice fosse uma coisa ligada a doença, debilidade, e aí queremos quebrar com isso e dizer: não! Velho é categoria de velhice, do contexto de envelhecimento. Eu até trouxe esses termos pra eles assinarem. Não sei se eles são alfabetizados ou não.

Rafaela - Alguns...

Bruna - Então os que não puderem assinar a gente pode colocar uma impressão digital, né?

Rafaela - Pode.

Juliana - Isso. Pode.

Rafaela - Vocês já pretendem iniciar hoje?

Bruna - Hoje a gente pensou em iniciar com apresentação do trabalho, verificar quem quer participar, entregando o Termo, uma ficha sociodemográfica pra eu entender as condições sociais desses idosos.

[A negociação sobre o cronograma do trabalho foi feita neste primeiro dia, com Rafaela e Juliana, e, posteriormente, no mesmo dia, com os próprios sujeitos].

Juliana- Por que a pergunta sobre hoje? Porque hoje já estamos iniciando as atividades do ano, então é possível que uma boa quantidade não venha. Então, talvez a gente tenha metade delas, falo delas porque só tem um idoso, que inclusive está doente e não vai estar aí.

Rafaela - Agora assim, eu acho que é possível, ela pode apresentar porque os idosos aqui, eu costumo dizer que são o grupo mais assíduo da casa, eles são comprometidos demais... Até porque esse espaço pra eles é de pertencimento, faz parte da vida deles pela quantidade de anos que eles convivem aqui.

O idoso é o nosso único público-alvo que não tem tempo de saída. Só é desligado quando falece mesmo. Então assim, eles criaram uma identidade com a casa, vocês vão ouvir muito: “ah isso aqui pra mim é importante”, “aqui é minha vida”, “aqui é isso”... vocês vão ouvir muito isso deles. Posso estar muito enganada, né? Mas é isso que eles falam pra todas as pessoas que chegam aqui.

Então assim... vocês não terão dificuldade por esse motivo, porque o vínculo é muito forte com a instituição, e eles são... eles aceitam propostas novas, né? Acho que isso você não vai ter dificuldade. A única dificuldade seria se fosse um dia diferente do que eles costumam vir, porque como eles moram em local de... alta periculosidade... acidentados os locais... então assim, tirar eles da rotina deles é ruim. A gente teve uma experiência aqui que não foi agradável. Por exemplo: tivemos uma ação com o pessoal da... como é que fala? Das... das... das voluntárias sociais e sempre eles insistindo que queriam um dia fora do dia deles e aí eles se frustraram um pouco porque a gente já sabe! Se eu tiro eles do dia que... deles... eles ficam, fixam naquilo ali. “Meu dia no Lar Fabiano é sexta-feira”, aí houve dificuldade.

Bruna - E é bom porque não esquece também.

Rafaela - Exatamente! Uma professora de psicologia por sinal, da Unime, por conta dos alunos terem a disponibilidade de estar *in loco* um outro dia... não foi psicologia não, foi enfermagem. Ela fez um trabalho fantástico com quem veio, mas eles tiveram dificuldade de estar aqui outro dia, além do dia deles. Então se vocês marcarem um dia diferente, vocês vão ter dificuldade.

Fernanda - Mas aí como é que é? Na hora em que eles chegam aqui na sexta-feira já tem todo o quadro de atividades? Ou... pra que a gente possa se inserir...

Rafaela - Juliana já tem um cronograma.

Juliana - É. Por exemplo, eles começam a atividade 9h30. Às 9h eles já estão chegando, mas 9h30, eles já começam a prece, já começam a ficar preparados... A atividade de vocês vai durar até quando? Porque aí a gente pode abrir um espaço.

Bruna - A gente pode fazer o quê, Nanda? Nanda é diretora de teatro e é quem vai coordenar, vamos dizer assim, a atividade prática, entendeu? Eu vou ficar mais na parte psicológica, no suporte, na condução desta parte.

Fernanda - Eles começam às 9h mesmo?

[Algumas mulheres atendidas pelo Programa entram e começam a conversar conosco]

Bruna - Quantas horas duram normalmente?

Juliana - Até as 11h30, no máximo.

Bruna - Você acha que a gente pode fazer em quanto tempo, Nanda?

Rafaela - Poderia deixar o início pra elas, e vocês ficaram com o final, com Terezinha.

Fernanda - O que é o ideal pra vocês? Assim, se você dissesse: pra gente seria confortável que fosse de tal dia, tal hora.

Juliana - A gente precisa saber em quantos meses pretendem executar. Porque se de repente forem, assim, dois meses, não tem a meu ver problema em ficarem usando as sextas-feiras. A gente pode iniciar até mesmo com a prece, que elas já têm a rotina... não sai da rotina delas, o café que elas

tomam no espaço também... aí pronto. A gente faz nossa parte inicial, apresenta vocês, aí vocês já têm esse momento com elas, durante... dois meses? Fica bom assim? Aí depois a gente retoma nossas atividades com eles.

Bruna - A gente pensou... aqui nosso cronograma... Porque vamos ter 24/02, carnaval, então a gente faria hoje, dia 17; aí, depois, temos março todo (5 semanas) e 7 de abril, porque depois entram dois feriados e não fica interessante parar o trabalho no meio.

Rafaela - Começa quando?

Fernanda - Em tese, hoje.

Bruna - Mas hoje é mais a apresentação, aplicação do Termo de consentimento, questionário... eu até queria sua ajuda, Juliana, pra aplicar, já que são vários. E na semana que vem a gente já começaria com a oficina mesmo mais prática. Hoje também já trouxemos algo mais lúdico também... março seria todo de oficina, e abril seria o encerramento, entendeu?

Juliana - Eu acho que pode ficar assim Rafa, o que você acha?

Rafaela - Pode... concordo.

Fernanda - Eles, como é que é? Começando as 9h30 eles conseguem ir direto até que horas?

Juliana - Conseguem...

Rafaela - Até 11h30. Aí vocês pegando de 10h às 11h30...

Fernanda - Porque das 9h30 às 10 tem a prece.

Rafaela - É. E o café delas.

Juliana - Na verdade, o horário é 8h, mas como sabemos da dificuldade de chegar aqui, eu sempre tenho um acordo com eles "cheguem até as 9h!", pra não atrasar tanto, porque as vezes algumas estão chegando 10h30... ainda vão chegando... porque vocês vão ver... tem algumas que são bem "idosinhas" mesmo.

Rafaela - Bem debilitadzinhas.

Juliana - Aí como vamos reiniciar as atividades hoje, vou reforçar com elas, pra o quanto antes chegarem melhor... porque elas não almoçam aqui, então sair muito tarde pra elas também é ruim, porque elas ainda pegam ônibus pra ir pra casa, perto de 12h, já estão com fome...

Fernanda - Então vamos dizer, começando 10h, a gente consegue levar direto até 11h30?

Rafaela - Isso.

Juliana - Pode colocar 9h30. Acho que 9h30 dá pra vocês irem começando.

Fernanda - Uma pergunta... do histórico de atividades que vocês têm com elas, o que é que é? Só pra eu entender se o que eu estou trazendo é uma coisa já familiar pra eles, ou é muito novo.

Rafaela - Não é muito novo não... porque a gente tem parceiros que trabalham literatura. Biblioteca Paulo Freire que é aqui da Av. Suburbana, é um grande parceiro nosso.

Fernanda - Eles fazem o quê? Trabalho de leitura?

Juliana - Tudo que você imaginar...

Rafaela - Contaçõ de histórias... Elas se envolvem muito com a questão da... [telefone toca] Desculpa gente, o celular...

Juliana - Já tivemos parcerias de equipe multi... então tinha psicólogo, enfermeiro, fisioterapeuta com atividades físicas...

Rafaela - A ludicidade elas amam!

Juliana - Mas com o nosso mesmo... que não temos essa equipe, a gente faz de outra forma, a gente faz café da manhã, a gente faz brincadeiras... a gente faz...

Rafaela - Trabalhos com valores morais, éticos...

Juliana - então a gente traz temas sempre... envelhecimento... vai ver filme... sempre alguma coisa assim.

Bruna - Deixa eu perguntar uma coisa pra vocês. Como acontece a seleção dos idosos?

[Entra uma senhora e conversa bastante conosco]

Juliana - Os idosos é algo bem antigo, né Rafa?

Rafaela - Essa seleção não foge do que fazemos com a família. Normalmente a demanda é reprimida. Elas chegam até a gente, primeiro fazemos uma ficha de prescrição pegando todos os dados, pra fazer visita domiciliar; aí após a visita domiciliar, a gente vai selecionar quem mais precisa, porque a gente não tem um RH, uma equipe maior, pra atender toda a demanda. Então Juliana tem um monte de ficha pra entrar... Mas como no caso dos idosos é um caso diferenciado da família, que a família fica cinco anos na instituição. A gente altera esses anos se a família não sair da condição em que ela se encontra. Mas o idoso ele só sai se ele pedir ou se vier a óbito. Aí Juliana vai, faz visita, já tem as fichas, faz a visita, a entrevista, após isso ela faz a seleção.

Bruna - entendi. E quais são os critérios que vocês chamam de vulnerabilidade social? O que é vulnerabilidade. Porque esse é o critério, né?

Rafaela - É... é muito amplo, né? Porque existe a questão da saúde, existe a questão da própria... alimentação... porque todos eles têm um benefício, né? Ou aposentadoria, ou BPC, mas assim... o que a gente percebe é que eles convivem com famílias, e as famílias que... é... sustentam as famílias e os recursos não dá pra manter eles. Aí a gente tem que ter um apoio, dar uma bolsa-alimento pra cada um deles, pra complementar. E assim, os que vivem sozinhos, que são a minoria, é... não têm o apoio da família... aí já vai a questão afetiva. Então tudo isso é analisado com muito cuidado, com muito critério, porque a gente termina sendo até injusto, né? Por pesar quem é que está mais precisando... E assim, o contexto do outro é uma depressão porque a família não dá apoio, a questão do outro é a questão familiar que todos vivem às custas do salário mínimo do idoso e não dá pra comprar um medicamento, né? Que não conseguem pelo SUS... Então assim é muito... não é fácil você... Pra falar a verdade, você me viu também lá no setor social... Não é algo fácil, mas é algo que a gente pesa... Essa questão da vulnerabilidade social. Quem está mais vulnerável no momento?

Bruna - então vocês analisam diversos contextos?

Rafaela - Diversos contextos. Afetivo, saúde, financeiro, econômico, condição de moradia, isso tudo.

Bruna - Aí então, a partir disso tudo, vocês pegam o global e fazem...

Rafaela - A maioria, você vai ver, mora ainda de aluguel, não conseguiram ainda obter a sua casa própria. E elas... e elas... parece que o sonho delas é ainda um dia conseguir a casa própria... Você vai ouvir muito isso delas. Então, assim, é delicado.

Bruna - Entendi... E com as famílias, os critérios de vulnerabilidade são quais?

Rafaela - Não foge do que a gente falou, não. Como a gente trabalha com a questão da proteção social, né? A gente trabalha com a Política de Assistência, na qual se preconiza o fortalecimento de vínculo familiar e comunitário na questão proteção social. Então a gente analisa o econômico, o social, né? A questão emocional, a violência doméstica, questão de drogadição, tudo a gente analisa...

Bruna - E vocês fazem algum... questionário, entrevista... essas coisas?

Rafaela - Tem formulário próprio da instituição que a gente preenche. E tudo é lançado no sistema. Tudo é informatizado aqui.

Bruna - Entendi.

Juliana - O único critério que difere um pouco mais a família do idoso, em estar aqui, é porque a família tem que ter normalmente filhos com idade entre 6 e 17 anos pra estar nas atividades que são diárias, né? No horário oposto à escola, de segunda a sexta-feira, fazendo essas atividades socioeducativas.

Rafaela - mas isso não quer dizer que as crianças menores de seis anos também não sejam acompanhadas. Só não estão em atividade aqui dentro.

Bruna - Entendi... então o programa dos idosos é um programa à parte? Não precisa ser dessa família necessariamente.

Rafaela - Não... ele pode vir sozinho.

Bruna - E qual o máximo de idosos?

Rafaela - 50. Que é o que nós temos. Já chegamos a ter 60, mas a gente viu que não tinha braços, não... Aí alguns faleceram até ficar um teto de 50.

Bruna - E se alguém faltar muito?

Rafaela - Sai. Camila faz a visita domiciliar. Por exemplo: se, no caso, alguém falta, a gente vai identificar porque a falta. Existe um acompanhamento sistemático pra isso. Então foi a doença, elas não tão conseguindo vir? Muitas estão muito debilitadas já... Só ano passado já houve três falecimentos...

Juliana - Elas já estão há muitos anos aqui... então... é um processo, né? Um processo... Aí elas estão em uma fase com muita doença, internadas, algumas recentemente ficaram com depressão... uma caiu na rua... caiu, não consegue andar.

Bruna - E aí as atividades, vocês já falaram que oferecem... e vocês fazem parcerias com universidades e empresas, é?

Rafaela - Parceiros diversos. Da área da saúde, educação, assistência...

Bruna - Gostaria de saber se também posso usar a câmera para gravar e poder analisar depois. Claro que também vou perguntar pra elas.

Rafaela - Se você for divulgar as imagens, eu preciso que você faça um termo de autorização para as imagens, porque o Lar é a nível Brasil. Existem várias casas, aí tenho que pedir autorização da sede do Lar, caso você queira divulgar. Porque houve um problema em uma das casas do Rio, a supervisora autorizou a imprensa gravar e a sede não sabia, quando eles souberam... né? Então nós temos um código de ética que já rege lá que tudo que for referente à imagem do coparticipante, que é como nós chamamos eles, né? Porque eles são participantes do processo de mudança deles... é... a gente tem que pedir essa autorização. Então, enquanto for só pra sua pesquisa eu não vejo problema, mas se você for divulgar, pelo amor de Deus!

Bruna - Não, a gente não divulga não. Não se preocupe.

Rafaela - Eu sei, confio em você.

Bruna - Eu trouxe o Termo. No Termo dizemos que vai ser gravado e fotografado, pra eles autorizarem... mas assim, é pra mim. Pra eu poder analisar, porque pra mim fica melhor. Porque eu tendo a imagem, eu consigo rever todo o grupo de outro lugar, entendeu? De outra ótica. Mas não vou divulgar em lugar nenhum, mas pode ser que no dia da apresentação eu coloque algumas imagens, mas aí eu venho pedir autorização antes, se eu fizer isso.

Rafaela - Tá bom. Combinamos então!

Bruna - Pode ser?

Rafaela - Pode!

Bruna - então, ótimo.

ENTREVISTA 3

Entrevista de Bruna Improta e Fernanda Colaço com a coordenadora da ONG, Rafaela, no dia 31 de março, após a penúltima oficina (8min. 11seg.).

Bruna - Rafaela, você notou algo nelas? Algum benefício, algo... E chegou, também por parte delas, algo pra você? Você que trabalha, mas não está diretamente na oficina...

Rafaela - Elas trazem o feedback, né? Talvez porque eu já esteja muito próxima delas, enquanto estava na função de assistente social, então elas trazem esse feedback. Gostaram... perguntaram se vocês não podiam ficar mais tempo... “Ah, é pouco tempo! Pede a elas pra ficar mais!”... “Quando a gente se apega, sai!”.

Bruna - Ohhhh.

Rafaela - E aí eu falei, né? Que a gente precisa das parcerias pra gente poder dar continuidade pra esses trabalhos que a gente vê, né?

A importância... pra elas... desse contato, de se sentirem valorizadas, de se sentirem ouvidas, né? Porque eu acredito que foi um momento, apesar de não ter acompanhado... pessoalmente, mas o feedback veio, né? Delas mesmo... Da escuta... Já vieram me convidar, me pedir pandeiro... “Rafa, tem pandeiro? Alguma coisa pra sexta feira?”... “Você tem que estar lá viu?!”. (Risos). Eu disse: “ah.. vou dar um jeito de estar lá”.

Bruna - Venha mesmo.

Rafaela - Aí, esse feedback elas trazem e é super-positivo. Gostaram muito! Digo a você viu?

Bruna - O que é que você sente de benefício, Rafa?

Rafaela – Benefício? Eu acho que consegue melhorar a qualidade de vida, né? A partir do momento que melhora a autoestima... Vejo que elas estão se sentindo valorizadas... “Alguém está me percebendo!”... Isso já melhora... Elas saem muito felizes daqui. Não sei se você conseguiu perceber...

Bruna - Sim... Percebi...

Rafaela - O quanto elas saem felizes! Realizadas!

Bruna - Hoje elas estavam mais animadas! Eu notei isso... ainda falei: “meninas o que foi que vocês fizeram essa semana?” - “Nada”. Eu perguntei: “mas tá acontecendo alguma coisa?”. Elas: “estamos tomando vitamina” (Risos)... Mas eu notei que elas estavam mais animadas.

Rafaela - Estavam mesmo! E elas ficam... elas ficam... Porque, assim, são pessoas diferentes que conseguem enxergar elas... diferente do ambiente que elas vivem, né? Porque aqui já tem o hábito de me ver, ver Juliana, ver os outros educadores, e vocês não... foram seres estranhos que chegaram e conseguiram tocar... nelas, né? Isso eu acho importante.

Bruna - Que bom! Que bom!

Rafaela - A receptividade, o acolhimento que elas também trazem com elas, né? De acolher também quem chega.

Bruna - Elas são fofas!

Rafaela - É o grupo mais animado da casa (Risos). Apesar da idade, mas elas são super-participativas... Se não tiram da rotina delas. Porque quando quebra a rotina delas: “Ahhhh...você mudou o dia de vir!”... “Ah, por que não mandou eu vir na sexta?!?”... formiguinha, né? Aquele tracinho direto, né? Sempre as mesmas coisinhas... Mas foi fantástico! Pelo que percebi da fala delas, foi fantástico!

Bruna - Que bom, Rafa!

Rafaela – Pena! Agora vou fazer igual a elas, agora sou eu que tô dizendo, né? Pena que foi pouco tempo! (Risos). Agora vão perguntar a vida toda, viu? Cadê Bruna...cadê? (Risos).

Bruna - Mas vou passar aqui de vez em quando, também!

Rafaela - A casa está aberta! A gente costuma brincar que a casa não tem portas, tem aquela de enfeite! (risos). Se “arrodear” entra, se for pelo outro lado, entra também. Então a casa não tem portas.

Bruna - E elas são maravilhosas!

Rafaela - Há pouco instante, Seu Gasparino não pôde ficar na atividade, pois ele passou mal à noite, mas ele estava falando da importância desse espaço pra ele. Aí a gente percebe, né? Eles gostam... Eles [as crianças] é que são mais difíceis de interagir com eles [os idosos]. Aí seu Gasparino estava

dizendo a importância desses encontros pra ele, se emocionou, chorou na minha sala... Aí a gente percebe, né? O quanto eles precisam ser valorizados, ser vistos, né? Porque a gente sabe que não são. Ele estava contando a uma colaboradora nova nossa de como ele chegou aqui. “Ah minha filha, eu cheguei aqui... até roupa tiveram que me dar”. Ele tem câncer de próstata, né? E estava assim num processo bem delicado, e eu não tinha vaga aqui pra colocar ele, eu entrei em desespero... Eu disse: “Meu Deus, o que é que eu vou fazer? Vou mandar esse homem embora? Minha consciência vai doer”. Aí eu disse: “Venha, que eu não vou fazer a inscrição do senhor, mas o senhor vai ficar participando das atividades, tudo certinho, e depois eu vejo o que é que faço”. É o que costumo dizer aqui: que primeiro a gente acolhe, depois a gente faz o trabalho educativo, né? Porque se a gente disser um não na primeira impossibilidade nossa de fazer o trabalho...

Então mesmo sem a gente ter a vaga, porque a gente tem um teto pra trabalhar porque não temos profissionais pra atuar com uma quantidade maior, a gente não disse “não”. Disse “venha”. A gente acolheu; depois a gente pensou estratégias de inserir ele como idoso na casa. Então, é um trabalho gratificante pra gente também... como você falou, é a troca... a gente também termina se transformando enquanto ser humano a partir do momento em que a gente tem esse olhar sensível para o outro, né? Eu me sinto outra pessoa.

Bruna - E a gente se sente tão acolhida... eu digo: “Meu Deus, a gente é tão querida! É um carinho tão grande”.

Rafaela - E você sente que é uma verdade.

Bruna - Tanto carinho!

[Após o agradecimento, encerramos a conversa]

PRIMEIRO DIA DE OFICINA

A transcrição abaixo corresponde ao primeiro encontro com as participantes, no dia 10 de fevereiro de 2017, em um pátio aberto, na ONG, com duração média de 2h 30min.

[O primeiro momento consistiu na apresentação da proposta de trabalho, leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, roda de conversa sobre os objetivos das oficinas, detecção dos interessados em participar e informe do cronograma inicialmente estruturado com a coordenação. O segundo momento foi uma roda de apresentação com os nomes completos e expectativas para o trabalho.]

Sol- Meu nome é Sol[Olha para cima, para baixo, para a câmera.]

Fernanda - O que é que a senhora acha de trabalhar com a gente?

Sol - Ótimo [sorri]

Fernanda – Tá aberta, disposta pro trabalho?

Sol - Tô. Em nome do Senhor Jesus.

[Fernanda se volta para Zete]

Zete – Graças a Deus estou. [Corpo fechado, mãos cruzadas. Fala muito baixo, pouca expressão, difícil entender e escutar]

Fernanda – Seu nome?

Zete – Meu nome é Zete.

[Fernanda vira para Bárbara]

Fernanda – A senhora?

Bárbara – Meu nome é Bárbara [Sentada bem reta na cadeira, corpo enrijecido e com pouquíssima movimentação].

Outra: O nome...

Bárbara – Já disse! [Fala alto. Sorriso rígido e tenso]

Fernanda – O que acha de fazer o trabalho com a gente?

Bárbara – Acho ótimo [pouca expressão e sorriso enrijecido, tenso]. Eu sou quietinha [sorriso rígido, tenso].

[Fernanda vira para Bernardete, que fica um tempo parada]

Outras: Você, vó! Seu nome...

Fernanda – Seu nome?

Bernardete – Bernardete [voz muito fraca, baixa, não se escuta, braços cruzados, sorriso dócil].

Fernanda – O que a senhora acha do trabalho com a gente?

Bernardete – Oi? Eu acho?

Ana (Estagiária) – O que a senhora acha do trabalho com elas? Acha que vai ser legal? Uma boa ideia?

[Bernardete balança a cabeça positivamente e dá um sorriso dócil].

Bernardete – Bernardete [Rígida, braços cruzados, rosto sério].

Fernanda – E aí, está disposta a desenvolver o trabalho com a gente?

[Bernardete balança a cabeça para cima e para baixo e esboça um leve sorriso.]

[Fernanda vira para Juventude.]

Fernanda - Olha o sorriso...

Juventude – [Ri alto, olhando para o lado. Começa a cantar e bater palmas] “é bom ter vocês aqui... é bom ter vocês aqui.. Bem-vindas, serás bem-vindas.” [sorri sem mostrar os dentes. Todos aplaudem. Sorri e mostra os dentes].

Fernanda - Como é seu nome?

Juventude – Juventude.

Outra: Ê Juventude... o nome completo, Juventude...

Juventude – [Suspende as sobrancelhas] Juventude XXX.

[Fernanda se direciona para Alice]

Alice – Eu me chamo Alice. Eu acho o programa que vocês querem fazer importante, né? Se der mesmo certo é bom, né? Agora... estava faltando vocês aqui... [Começa a cantar] “estava faltando você aqui.. estava faltando você aqui... estava faltando você aqui... bem-vindo em nosso grupo”. Estejam no nosso grupo! [Sorri, tem uma ótima dicção e fala alto].

[Fernanda vira para Felicidade]

Felicidade – Meu nome é Felicidade. Vocês estavam precisando aqui... Muito de vocês!

Outra: Pra alegrar!

Felicidade – Pra alegrar e também informar coisas melhores que venham pra gente [fala alto, sorri e tem postura firme].

[Fernanda vai até Marina]

Marina – [Corpo rígido, braços cruzados, séria] Marina [fala muito baixo, dicção ruim, voz infantilizada].

Fernanda – [Repete nome duas vezes para entender]. O que acha do trabalho com a gente?

Marina – Irradiante!

Fernanda – Irradiante! Olha que palavra bonita!

Marina – [Balança a cabeça afirmativamente , sorri sem mostrar os dentes, balança a cabeça com movimentos curtos].

[Fernanda caminha para Fátima]

Fernanda – Você!

Fátima – [Levanta a cabeça na hora de falar] Fátima [Voz baixa e fraca]. Um prazer de receber esse grupo aqui maravilhoso, que serve pra nós abrir mais a memória [sorri]. Pra nossa memória é muito bom. Eu gostei, Jesus que abençoe a vida de vocês.

[Fernanda vai até Estrela Manhã]

Estrela da Manhã – [Sorri forte] Estou gostando de vocês vir fazer esse trabalho, porque eu já conheço a mais de 10 anos teatro, samba de roda, carimbó, a dança de Belém do Pará, nas obras sociais de irmã Dulce e na LPV.

Fernanda – A gente vai conversar, viu? Morei 7 anos em Belém do Pará.

Estrela da Manhã – [sorri] O nosso responsável Ubirajá é formado em psicologia, faz teatro, tudo , reúne o grupo tudo e leva pro TCA. Viajamos muito viu? Muito bacana [Sorri e mostra os dentes].

[Fernanda vai para Tita]

Tita – Tita [fala baixa, sem movimentar quase nada da boca, olhos baixos, séria].

Fernanda – Diga aí, dona Tita...

Tita– Eu gostei muito de vocês aqui trabalhando com a gente. Aqui é um lugar tão feliz que a gente acha. Só peço a Deus que chegue o dia de sexta feira pra gente estar aqui brincando né? E sorrindo, batendo papo, conversando mais vovó, conversando mais as tias... o meu prazer é esse aqui.

[Fernanda caminha até Creuza]

Creuza – [Faz bico, olha pro lado e faz cara de zangada. Encara Fernanda séria com olhar de desgosto]

Fernanda – Diga dona moça.

Creuza – Meu nome é Creuza [Fala baixo, séria, difícil de entender.]

Fernanda – Repete o nome.

Creuza – Meu apelido é Creu, porque na minha rua só me conhecem como Creu. Gostei muito daqui, peço a Deus quando chega o dia de sexta feira pra eu ficar aqui, porque eu adorei aqui. Tanto o povo daqui como quem chega (sorri bem levemente). Fiquei triste agora porque tinha um que tava aqui e saiu.

[Fernanda vai até Elisa]

Elisa – [Sentada, apoiada no braço da cadeira, segura o rosto com a mão]. Posso falar? Elisa [Fala baixo e confuso, pois não possui os dentes]. Eu entrei nesse grupo tava com 55 anos mais ou menos, hoje estou com 88, vou fazer 89, e minha vida aqui foi sempre alegre. Toda vida eu dizia que aqui era minha casa. Agora vocês trouxe... cada uma que vem fazer o trabalho com a gente são muito educadas, muito boas. A gente gosta muito de vocês. São umas meninas decente. É o que eu tenho pra dizer.

[D. Maria não foi filmada, pois chegou ao grupo, falou com todas as participantes, uma por uma, mas saiu do grupo e foi assistir a aula do filho que é professor voluntário de Karatê. Ela não participa do grupo, pois quer ficar perto do filho e da Nora, também professora de Karatê.

Algumas participantes chegaram atrasadas].

Impressões/ anotações do diário de campo:

Muitas falas monossilábicas e “ótimo”, “bom”, “gostei” em relação ao trabalho que vai ocorrer.

Muita receptividade e alegria em nos receber.

Muitas devolutivas sobre o trabalho, como se já estivesse acontecendo, sendo que é o primeiro dia.

Idades das participantes muito variadas.

SEGUNDO DIA DE OFICINA

Esta transcrição corresponde ao segundo encontro com as participantes, no dia 17 de fevereiro de 2017, em um pátio aberto, na ONG, com duração média de 2h 30min.

[No momento em que chegamos algumas pessoas já tinha chegado, conversamos informalmente enquanto organizávamos o espaço. Elas conversavam entre si sobre a semana. Tivemos dificuldades com o aparelho de som e precisamos modificar o roteiro antes de começar. Pedimos para as participantes que estavam na semana passada, explicarem o trabalho e a proposta para as pessoas que não estavam no primeiro encontro. Complementamos as informações com os dados que não tinham sido informados, e as pessoas que quiseram participar entraram numa sala ao lado do espaço da oficina, para aplicarmos o questionário sócio-demográfico e o TCLE. Iniciamos as atividades com as cadeiras em duas fileiras, uma de frente para a outra, com um espaço no centro, todas sentadas, Fernanda explicando como ia ser a oficina].

Momento 1: Prece conduzida por uma das participantes.

Bruna: Eu posso fazer a prece com vocês?

Bárbara: Você aqui pode tudo! Só não pode ficar velha igual à gente [sorri].

Bruna: Como não? Eu quero mais é ficar velha assim, cheia de vitalidade igual a vocês!

D. Maria: Pode sim! Ela que queira ficar assim, que é bom.

Momento 2: Explicação da oficina

Fernanda: Na medida que forem se cansando vou tentar ter a sensibilidade de sentir o tempo de vocês, mas se eu me passar em algum momento, já pedi pra Ana (estagiária) ficar atenta também, me darem um toque, “oh Fernanda, cansei! Vamos dar um tempo!” Pra que eu possa ir me acostumando com a forma de ser de cada uma de vocês. Tá certo? Então vou pedir um pouquinho de paciência comigo e Bruninha, tá? Então vamos começar nosso trabalho, 10 minutinhos só, levantando aí, pra gente poder despertar o corpo? Pode ser? Teve gente que eu já sei que não dormiu direito por causa do braço.. Teve gente que não dormiu também por causa do...

Outra: Ele não pode!

Fernanda: Tudo bem... Você pode ficar sentado... Mas vamos ficar na rodinha, todo mundo chegando aqui... Quem fica em pé vem... uma roda em pé, uma roda em pé...

[Se organizam, não fazem uma roda circular e têm extrema dificuldade de ficar próximas umas das outras. Fernanda organiza, leva uns 2 minutos organizando a roda]

Vocês estão conseguindo me ouvir direito? Que vamos fazer para acordar? Primeiro lugar, vamos colocar os dois pés bem firmezinhos ó... no chão. Quem tá sentado pode fazer também... Não é pra agachar ainda não. Sente o pé...

Outra: Maria, arreia a bolsa!!! [apontando para D. Maria que estava com a bolsa no braço]

Fernanda: Cada um sente a planta do pé... imagina como se tivesse apertando alguma coisa. Apertando uma formiga no chão... ou sabe aquelas pessoas que espremem uva?

[Algumas não retiram os pés do chão, outras conseguem com muito pouco contato]

Solta os braços!

[Elas soltam de forma descompassada. Algumas riem bastante. Pouca consciência corporal]

Aí do pé, vamos subir pro joelho. Sei que joelho é uma coisa difícil... Então devagarzinho quem conseguir faz assim [Fernanda agacha bem levemente e sobe, num movimento curto e delicado].

[Algumas agacham muito fortemente, com movimentos exagerados, outras não fazem nada, e outras olham quem está com movimento exagerado e tentam imitar, resultando num movimento descompassado]

Fernanda: Leve, gente... leve! Não é pra forçar nada! Subiu, parou! Subiu mais um pouquinho vamos pro quadril. Faz um círculo... [movimenta os quadris de forma circular, delicadamente]

Outra: rebola! [risos]

[Riem muito enquanto movem o quadril. Algumas param o movimento enquanto riem e comentam baixo com as que estão do lado]

Fernanda: Parou, voltou pro meio. Tá doendo alguma coisa aí?

Outra: Não.

Fernanda: Ainda não né? Barriguinha... primeira coisa que fazemos com a barriguinha... quando a gente jogar o ar pra dentro enche a barriguinha [demonstra a inspiração e expiração profunda, com consciência] bota a mão na barriga pra gente sentir e faz. Agora o peito. Peito pra fora, peito pra dentro. [Fernanda movimenta os ombros devagar, demonstrando. As participantes não conseguem mover apenas os ombros, vão para frente e para trás com todo o corpo, outras abaixam e levantam a cabeça... A grande maioria fica rindo]

Aí sobe com o ombro. Ombro direito, faz redondinho... [mais uma vez Fernanda demonstra como faz e elas apresentam muita falta de consciência corporal. Algumas movimentam com exagero, outras sem mover quase nada, mexendo várias partes do corpo junto, ou apenas movendo a mão, sem o ombro que é o objetivo]

Parou e agora a gente vai para o pescoço. Olha pro chão. Agora fiquem nessa posição. Deixem alongar o pescoço [Fernanda vai ajustando o corpo de uma a uma, pois algumas estavam com todo o corpo voltado para baixo, outras sem abaixar. Elas começam a perceber o pescoço quando Fernanda toca cada uma].

Agora de novo levanta a cabeça, olha para o mar, ou olha para quem tá na sua frente. E agora olha pro telhado. Olhando pro telhado pega a mão de vocês e toca no pescoço. Sente esse pescoço [umas fazem correto, outras ficam olhando em volta pra imitar as colegas].

Olha pro meio de novo e agora todo mundo olha pro lado direito. Agora pra gente perceber o corpo todo junto, imagina que tem uma formiguinha subindo na gente e a gente... [começa a se movimentar em movimentos rápidos] o que é que é isso? Tá coçando? [Risos]

[Algumas movimentam tudo, umas apenas movem os ombros, outras movem tudo exageradamente, outras olham em volta, a maioria rindo, mas todas com pouca consciência corporal]

E agora vamos dar um bom dia especial. Você vai escolher uma pessoa na sua frente e você vai dar um abraço bem acolhedor e bem “chamegado”, certo? Olhou quem você quer, vê se a pessoa te quer... aí você vai lá e dá aquele abraço [Fernanda faz demonstração. Anda em direção a uma das participantes e abraça, assim que ela retribui].

[As participantes não esperam o contato e já vão saindo em direção às outras. Três ficaram sem abraçar.]

Agora vamos escolher uma pessoa e dar um bom dia assim ó, bundinha com bundinha.

[Riem forte, algumas cobrem o rosto. Muitas não fazem. Permanecem rindo após acabar.]

Outra: [senta] Não vou colocar bunda, não!

Fernanda: Agora o nosso bom dia vai ser testa com testa [demonstra com uma das participantes].

[Elas riem e ficam desconcertadas, esperando umas às outras. Algumas fazem, outras não fazem]

Agora um bom dia ombro com ombro [todas se juntam encostando um ombro no outro, fazendo uma roda, e conseguem realizar a atividade mais tranquilamente].

[Zete chega atrasada e Bárbara grita, enquanto sorri: “Ei, lugar de velho é lá fora!”]

Fernanda: Agora que já demos o bom dia e já acordamos o corpo, vamos fazer um trabalho de fotografia. A gente vai fazer três fotografias hoje pra mostrarm quem somos, cada um de nós. A

primeira foto, é... sabe aquele foto que fica pendurada ou na parede ou no álbum de fotografia, que você olha e diz... tá vendo? Olha a pose! Já diz tudo! Quem essa pessoa é! Então vocês vão imaginar e construir uma foto que mostre quem são vocês.

Alice: Igual político?

Fernanda: Não... como vocês quiserem! Do jeito que mostre quem é você! Uma foto que diga da sua personalidade. Então vamos lá... um dois três, você constrói essa foto e fica parado nessa foto, tá? Bruninha, faça aí uma foto quem é você! [Bruna faz uma pose]

Fernanda: Aí diz muito de quem é Bruninha.

[Primeiro discutem o horário que vão lanchar, até chegarem num consenso]

Rodada de fotos: Quem é você?

D. Maria – [Braços para trás, séria].

Juventude – [Braços na cintura, rosto sorridente, levemente voltado para o lado].

Pedro – [Um braço na cintura, outro estendido com um pano na mão].

Creuza – [Polegar dando “legal”, rosto sério].

Matilde – [Sorrindo largo, uma mão pra cima acenando].

Matilde – [Olhar vago, sorriso sem mostrar os dentes, mão pra cima].

Estrela da Manhã – [Rosto virado levemente, uma mão na cintura, outra na perna, que está esticada para frente].

Edivanete – [Rosto sorridente, polegar fazendo “legal”].

Estrela da Manhã – [Rosto sério, braço na cintura, perna levemente arqueada].

Lua Branca – [Mãos na cintura, uma perna pra frente e outra atrás, leve sorriso].

Tita – [Corpo para o lado, mão na cintura, perna arqueada].

Sol – [Corpo como se estivesse rodando. Mãos na cintura, sorriso].

Bárbara – [Sorriso fraco, sem dente, corpo pendido para frente, mão esquerda na cintura e a outra solta].

Emília – [Olhando para baixo e lado, uma mão fechada e levantada].

Alice – [Sorriso, uma mão na cintura, outra para cima dando legal, corpo para o lado].

Zete – [Rosto sério, uma mão na cintura e a outra normal].

Ana Paula – [Séria, Corpo voltado para o lado, uma perna esticada para o lado, a outra reta, um braço na cintura e o outro apontando para o lado].

Felicidade – [Sorriso muito leve, mãos na cintura e corpo para o lado].

Patrícia – [Corpo e rosto para o lado direito, mãos abertas para baixo. Levemente agachada].

Prosperidade – [Corpo em rotação, mãos na cintura com ombros altos, olhando para o lado, pernas abertas e esticadas].

Marina – [Mão na cabeça, corpo para o lado, sorriso espontâneo].

Fernanda: Maravilha! Agora vocês vão formar duplas e falar nas duplas a história do seu nome e quem são vocês, a partir dessas fotos.

[Reúnem duplas e conversam]

Agora vocês vão apresentar as 3 fotos, depois a história do nome e depois quem são vocês. Eu que não sou boba, vou decorar os nomes de vocês agora! [risos] Que dona Ana Paula ficou chateada comigo, que eu esqueci mais cedo.

Apresentações:**Dupla Alice e Zete:**

Fernanda: As duas ao mesmo tempo. Foto número 1

Alice – [levanta uma mão, a outra fica na cintura, sorriso no rosto].

Zete – [continua parada].

Fernanda: Foto número 2

Alice – [duas mãos fazendo triângulo em cima da cabeça].

Zete – [ainda parada].

Fernanda: Aí eu pergunto. Dona Zete fez diferente a foto 1, 2 e 3?

Outras: tudo igual!

[Zete sorri, escondendo os dentes]

Fernanda: E dona Alice fez diferente?

Outra: Alice fez.

Fernanda: Então vamos lá, vou dar outra colher de chá viu d. Zete. Foto número 1.

[Zete continua sem mover. Alice olha pra ela e fala: “Como foi que você fez a número 1, a primeira vez?”]

Fernanda: Isso d. Alice. Como foi que ela fez? Vc lembra?

Alice: Ela fez diferente.

Fernanda: Pronto... foto número 1.

Zete – [mão apontando para cima, pouco movimento].

Alice – [sorriso, dedo para cima, outra mão na cintura].

Fernanda: Foto número 2.

[Zete permanece na mesma pose]

Fernanda: Tá... na próxima a gente aperfeiçoa. O nome?

Alice: Meu nome é Alice.

Fernanda: Qual história do seu nome?

Alice: Meu nome foi assim. O governador da Bahia era [nome]. E por isso ele foi governador vários anos. Acabava a vez dele, ele aí se candidatava e ganhava outra vez. Como Antônio Carlos Magalhães, entendeu? Aí minha mãe tinha uma simpatia louca por esse governador, porque ele fez muito pela Bahia também. Aí ela disse: “se for menina, vai ser Alice e se for menino, vai ser Alice”. Mas eu não gosto de meu nome, eu queria ser Alice. Eu queria ser Alice! Eu queria ser Alice... Aí ela me botou Alice. Aí eu nasci mulher, não vim homem, eu vim mulher. Aqui [aponta para a região genital] é diferente [faz bico e balança os braços forte]. Aí quando eu vou me matricular em qualquer lugar, ou num médico, pensam primeiramente que é Alice homem, aí quando eu me apresento: “ah, é uma senhora... é uma senhora, não é um homem...” [risos].

Fernanda: Agora quem é você, em breves palavras?

[Pedro interrompe o trabalho e fala: “Terei que ir, tenho consulta”].

Fernanda: E se depois delas eu colocar você?

Pedro: Pode ser... se for rápido eu posso.

Fernanda: É rapidinho. Quem é você Alice?

Alice: Eu sou uma pessoa assim, entendeu? Sou um pouco tímida. Né tudo que eu gosto não, entendeu? Mas eu gosto de recitar, eu gosto de ler versos, eu dentro de casa pego meus papéis, é um bando de papel que eu tenho, que eu vou escrevendo. Eu gosto de recitar, eu gosto de ler verso, eu gosto dessas coisas, agora sou sincera. Nas minhas amizades eu sou sincera. Não gosto de falsidade. Falsidade comigo não dá. E gosto muito de viajar.

Fernanda: Maravilha! Agora D. Zete diga aí da história do seu nome, a Sra. sabe?

Zete: Meu nome foi meu pai que botou, porque meu pai era devoto de Nossa Senhora do Carmo. Aí se eu nascesse mulher botava o nome de Zete, aí botou meu nome Zete... Meu pai.

Bruna: E quem é a senhora?

Zete: Eu sou uma pessoa que gosto... eu tenho muitas ami... eu tenho minha camaradagem. Honesta. Não gosto de ficar na casa de um, na casa de outro. Mas na minha casa. Quando eu não tenho nada pra fazer posso assistir meu programa, vou pro meu louvor na igreja, tá entendendo? Vou pra minha igreja, vou pra minha novena... é o que gosto mais. E também de viajar, que também as filhas viaja... e eu gosto..

Fernanda: Uma salva de palmas! Uma provocação: teve alguma coisa de Alice e Zete que vocês sabem e elas não disseram? Sobre quem são elas? Faltou algo? [Ninguém fala]. É isso mesmo? Então de novo uma salva de palmas pra as duas.

Trio: Pedro, Creuza e Fátima

Pedro - Agora vou te dizer uma coisa, eu já não me lembro mais das fotos.

Fernanda - Inventar na hora!

Pedro - O nome né?

Fernanda - Calma, calma aí. Eu quero ver seu corpo!

Pedro - [Sorrindo] oh minha filha, eu sou tão bonito que meu corpo...

Fernanda - Foto número 1, bora.

Fátima - [levanta o antebraço].

Pedro - [levanta a mão do lenço].

Creuza - [Coloca as duas mãos na cintura].

Fernanda - Foto número 2, outra foto diferente.

Pedro - outra? Diferente?

Fátima - [Levanta uma mão até a cabeça (a outra)].

Pedro - [levanta a outra mão pra frente e coloca a outra na cintura].

Creuza - [Fica parada rindo].

Fernanda - foto número 3.

Fátima - [levanta a outra mão].

Creuza - [coloca as duas mãos na barriga].

Pedro - [abraça as duas].

[as duas sorriem forte e todas gritam: “uhuuuuu”].

Pedro - pronto... o maior amor do mundo! [risos] Oia, mulher é a flor que Jesus botou aqui pra gente! Não tem coisa melhor.

Fernanda - [rindo] então vamos lá. Seu Pedro vai começar falando do nome.

Pedro - O meu nome é Antônio, porque o meu avô era Antônio. Meu avô achava que os netos todos eram demais, devia imitar ele em caráter, trabalho, disposição... aí me deu o nome de Antônio, e acima

de tudo porque era devoto de Santo Antônio. E eu como neto aprendi também ser devoto de Santo Antônio. E eu não só sou devoto de Santo Antônio, eu AMO SANTO ANTÔNIO! [fala bem alto, olhando para cima] Até o meu último dia ele vai comigo. E por isso eu sou Antônio. Tá bom?

Fernanda: E quem é o Sr.? Rapidinho em breves palavras?

Pedro: Eu sou um sujeito que eu gosto da verdade, da honestidade, do respeito mútuo, não interessa cor nem qualidade, tem que ser respeitado. E o ser humano nessa vida tem que ser tratado como gente. E não como um bicho, como os políticos tão tratando a gente.

Fernanda: Maravilha! Político! [risos] Dona Pedroina... [risos de todos]

Creuza: [Faz cara séria] meu nome não é Pedroina. Meu nome é Creuza Estelita de Jesus Santos.

Pedro: Mas você tem que herdar!

Fernanda: Diga Creuza...

Creuza: Meu nome foi minha mãe que botou e eu gosto muito dele.

Pedro: Mas eu posso mudar [Todas riem!].

Creuza: Ele não pode mudar nada!

Pedro: Vem cá, eu gosto de você e não posso mudar seu nome não? [Ri]

Creuza: Não.

Outras: Vai casar... [Gritam, se ataçam].

Fernanda: Fica quieto, seu Pedro [risos].

Outra: deixa ela falar!

Fernanda: D. Creuza conte aí quem te deu seu nome, como foi?

Creuza: minha mãe, porque gostava muito da minha avó. E eu também gostava muito de minha mãe e.. [Vídeo parou. A gravação foi cortada].

Dupla Felicidade e Patrícia:

Fernanda: Foto número 1!

[Felicidade – move um pouco o quadril, coloca a mão levemente levantada ao lado do quadril. Pouca expressão. Sorri sem mostrar os dentes].

[Patrícia movimentava o corpo para o lado, coloca as duas mãos para fora e sorri sem mostrar os dentes].

Fernanda: Foto número 2!

[Felicidade - cruza os braços e faz um rosto bravo]

[Patrícia - olha para o lado e para cima, cruza as mãos na frente do corpo]

Fernanda: Foto número 3!

[Felicidade coloca mãos no rosto como se estivesse pensando.

[Patrícia - fica parada. Depois que Felicidade se move, deixa os braços ao lado do corpo, move cabeça para o lado]

Fernanda: agora vou pedir que façam as fotos novamente... Foto número 1.

[Felicidade faz o mesmo movimento, mas Patrícia muda.. coloca mão na barriga com rosto de incompreensão]

Fernanda: D. Patrícia. A senhora mudou? Cadê aquela foto que a senhora fez?

Patrícia – ah... não lembro mais não..

Fernanda: vamos lá então.. dona Felicidade, a história do seu nome.

Felicidade: a história do meu nome foi a seguinte... Meu nome foi da primeira namorada do meu pai...

Fernanda: E não foi sua mãe, não?

Felicidade: [Movimenta dedos negativamente e sorrindo] Minha mãe foi a terceira! [Sorri]. Então meu pai gostava muito dessa namorada... A namorada dele... antes de falecer... ele dizia assim: “se eu tiver... casar... e minha mulher tiver uma menina-mulher, eu vou botar o mesmo nome dela, que é Felicidade”. Ai ela dizia: “às vezes eu vou morrer até primeiro do que você!”. Ai foi e morreu primeiro do que ele. Meu nome ficou esse. Quer dizer, ele amava tanto essa namorada que botou o mesmo nome.

Fernanda: e qual era o nome de sua mãe?

Felicidade: Andréa...

Fernanda: E sua mãe deixou foi?

Felicidade: [levanta os ombros] Deixou...

[Patrícia na mesma hora também levantou os ombros e disse “deixou”.]

Fernanda: eu não deixava não.

Felicidade: [Dá um salto pra frente, movimenta os dedos negativamente com força enquanto fala] Também não deixava não..

Estrela da Manhã: que bobagem!

Fernanda: e você gosta do seu nome?

Felicidade: Amo meu nome!

Fernanda: e quem é você, Felicidade?

Felicidade: eu sou uma pessoa gaiata demais [se movimenta para frente], minhas colegas tudo já sabem [ri alto]. Gosto de todas elas... nem todos... é... agradam, né? Mas eu não tenho falsidade com isso... Pra mim tudo... minhas colegas tudo são iguais... Porém eu conto de dedo... porque uma gosta, a outra já não gosta.

Outra: não gosto.. eu mesmo não gosto!

Felicidade: Não me suportam!

Outra: eu sou uma delas...[gritando].

Felicidade: obrigada! [Ri alto]

Fernanda: Uma salva de palmas pra dona Felicidade, então.

Felicidade: obrigada!

Fernanda: Patrícia, seu nome... me conte essa história aí.

Patrícia: minha filha não sei te contar história nenhuma desse nome, eu só sei dizer que eu não gosto desse nome. Eu acho um nome estranho... é um nome que você não vê muito.. então... [Faz bico e coloca as duas mãos para a frente].

Bruna: eu tive uma professora chamada Patrícia. Maravilhosa!

Patrícia: Também sou uma pessoa maravilhosa [Aponta pra si mesma e fala com empolgação!]. Eu sou uma pessoa assim que eu gosto, só não gosto de falsidade... Amigas falsas... [Balança as mãos negativamente].

Fernanda: e tem um nome que a senhora gostaria? Se a senhora pudesse trocar, a senhora trocava?

Patrícia: [Balança a cabeça afirmativamente]. Andréia, Andressa... [Coloca as mãos pra frente e balança com energia].

Estrela da Manhã: Você vai fazer um teatro e botar esse nome.

Fernanda: A Senhora teve filho?

Patrícia: Tenho dois. São homens.

Fernanda: E os nomes que a senhora botou?

Patrícia: Arilton e Ailton.

Fernanda, Bruna e Outra: Ela gosta de A (risos).

Fernanda: Uma salva de palmas para a dupla!

Dupla Prosperidade/Ana Paula:

Prosperidade: eu não me lembro de nada [falando sobre a “foto”. Faz bico e cruza os braços].

[Algumas idosas riem].

Fernanda: Prosperidade, tudo bem. O que importa é a criatividade. Então eu quero saber quem são vocês pelas fotos. Vamos lá. Foto número 1.

[Prosperidade não se moveu. Continuou com os braços para trás e parada].

[Ana Paula fez um movimento muito pequeno e colocou as mãos na cintura].

Fernanda: Foto número 2

[Prosperidade fez um movimento rápido, colocando as mãos pra frente, movendo o quadril e virando a cabeça para o lado].

[Ana Paula colocou uma mão na barriga e a outra embaixo do queixo].

Fernanda: Uau. Arrasou! Gostei dessa foto. E foto número 3.

[Prosperidade movimentou quadril para o outro lado, levantou a mão]

[Ana Paula abriu os braços e moveu o quadril].

[Idosas riem]

Fernanda: Vamos lá. Quem começa? Dona Ana Paula, vai lá. Diga aí Ana Paula quem é você?

Ana Paula: [Mãos para trás, fala baixo, não possui os dentes] eu não gosto do meu nome, porque eu nasci no dia 29 de junho, o dia de São Pedro, então meu pai queria botar meu nome de Pedra, aí minha mãe botou Ana Paula, mas eu não gosto desse nome não [corpo praticamente não se move enquanto fala].

Prosperidade: E se fosse Pedra? [sorri]

[Ana Paula balança a cabeça negativamente]

Fernanda: E qual é o nome que você gosta?

Ana Paula: Ana Maria.

Fernanda: é por causa da Ana Maria da televisão?

Ana Paula: [Balança a cabeça afirmativamente] não... eu gosto de Ana Maria.

Fernanda: E quem é você Ana Paula?

[Nessa hora Daniela Mercury entra atrasada e Ana Paula dá um tapinha nela que passa no meio da cena]

Ana Paula: Eu convivo aqui desde 1999... [Para]

Fernanda: Han...

Ana Paula: Eu convivo aqui no (nome da ONG) desde 1999... E gosto de minhas companheiras, gosto de trabalhar nas atividades... sou muito... carente... entendeu? Gosto de dar risada com todo mundo.

Todo mundo aqui eu acho que... conto nos dedos quem não gosta de mim.. É isso... Sou isso [bate nas pernas e abre sorriso].

Fernanda: Maravilha! Salva de palmas pra dona Ana Paula, gente! Seu nome?

Prosperidade: Prosperidade.

Fernanda: Diga a história do seu nome, dona Prosperidade.

Prosperidade: [Inaudível o início da fala, pois há muito barulho das crianças que estão fazendo atividade em outra parte da ONG. Bate uma mão na outra, faz uma pequena careta, com os lábios inferiores para fora, com movimento nas mãos como se não soubesse a história] meu nome... mas eu gosto do meu nome [Para com mãos cruzadas na frente da barriga].

Fernanda: Gosta do nome... E... quem é você?

Prosperidade: [Solta as mãos, abre os braços de vez e diz] Prosperidade.

Fernanda: Quem ajuda aí, quem é Prosperidade?

[Prosperidade cruza novamente os braços em volta da barriga].

Felicidade: Ah.. ela é uma boa camarada!

Outra: [inaudível] ... discurso de Prosperidade, boa pessoa! [fala com empolgação e sai correndo pra abraçar Prosperidade].

[Prosperidade ouve tudo com braços ainda na frente da barriga, quando a outra vem abraçar ela sorri alto e abraça]

Outra idosa fala da que abraçou: hoje ela tá que tá hoje! Tá que tá!

[Prosperidade faz positivo com o dedo e movimenta a cabeça afirmativamente].

Bruna: então Prosperidade é a amiga, boa camarada.

[Prosperidade abre os braços e faz.. “ahhh”].

Prosperidade: Não sou nascida aqui, sou do interior, Conceição de salinas, mas eu sou mesmo que nascida aqui, porque eu sou querida, eu tenho tantos netos, tanto filho (tudo isso ela fala movimentando o dedo afirmativamente), bisnetos, tenho tudo na vida, eu sou muito querida aqui...

Dupla: Elisa e Marina

Fernanda: nomes?

Elisa: Elisa.

Fernanda: Marizete.

Elisa: MA-RI-DE-TE.

Fernanda: Ah, Marinete.

Elisa: MA-RI-DE-TE [impaciente, falando alto]. Filha única de pai e mãe.

Fernanda: E você?

Marina: Marina.

Fernanda: Fotos... eu quero ver vocês todas se querendo nas fotos..

[Ambas riem sem som e sem mostrar os dentes].

Fernanda: Foto numero 1.

Marina – [se moveu lentamente, pouca expressão. Fez o movimento e logo saiu do movimento].

Elisa – [não se mexeu, mas logo depois colocou o dedo no rosto, com pouca expressão].

Fernanda: Dona Marina, faz uma foto aí Dona Marina!

Ambrizona – [moveu o peitoral para trás e começou a rir muito. Logo saiu da pose] [Dificuldade de manter o contato corporal.]

Fernanda: Foto número 2.

Elisa- [colocou a mão no coração. Pouca expressão] coração ficou pum pum pum pum [movia a mão pra frente e pra trás do coração].

Marina – [rindo muito, de forma bem contida, olhando Elisa. Fez a mesma pose anterior e também logo saiu da pose, rindo bastante, tentando esconder os dentes].

Fernanda: foto número 3.

Elisa – [ficou pensando, olhando pra cima, então levantou as mãos pra cima]

Marina – [rindo com as mãos cobrindo a boca não saiu da pose].

Fernanda: D. Marina, está ótima essa pose... mantém aí.

Marina – [Tirou a mão da boca, se moveu, e fez a mesma pose do início].

Fernanda: [Apontando para Elisa] Olha que foto bonita. Gostei...gostei!

Marina – [Balançou a cabeça afirmativamente, concordando, e colocou a mão no coração].

Fernanda: Marildete...

Elisa: MARI! [Falou forte].

Fernanda: Mari! [risos] A senhora vai fazer igual D. Ana Paula, vai me dar um puxão de orelha...

[Ninguém falou nada. As outras riram].

Fernanda: Diga aí a história do seu nome.

Elisa: eu não sei contar porque quando eu nasci meu pai era comandante de treinamento atrás de Lampião. [Olha séria]

Fernanda: Ah, é? Seu pai ia atrás de Lampião é?

[Enquanto ela fala, Marina enrugou as sobrancelhas, séria também].

Elisa: eu nasci no mato, numa cama de palha.

Outra: é mateira, ela! [Riem]

Elisa: Aí tem mais alguma coisa que eu não entendo... do Lampião. Ai meu pai botou meu nome Elisa.

Outra: ela montou no boi.

[Marina fica rindo, com mão na boca]

Fernanda: E fala quem é a senhora, rapidinho...quem é a senhora?

Elisa: Eu sou uma pessoa... Já fui muito alegre. [pausa]. Hoje em dia tô... [balança as mãos pra um lado e pro outro e enrugou o rosto] Eu gosto de fazer bondade, tenho amiga, não gosto da casa dos outros, gosto de costurar... E por último, eu AMO, vocês podem me censurar, um gato e uma cachorra [pausa] e eu choro por ela... choro... ela vem me ver, ela bota a mãozinha assim ó [Levanta a mãozinha, imitando uma patinha].

Bruna: Eu também amo meu gato, D. Elisa.

Elisa: Quem chegar na minha casa eu atendo, eu gosto... quero todo mundo bem comigo... e vamo vendo aí.

Fernanda: Maravilha... uma salva de palmas!

Outra: A outra...

Fernanda: Marina, a história do seu nome primeiro.

Marina: [Mãos fechadas em frente à barriga. Se balançando enquanto fala] Eu me chamo Maria Marina. Mas eu não... eu não me adaptei muito, porque eu nasci no dia 08 de dezembro, então na minha mente tinha que ser Maria da Conceição, entendeu? Aí...mas meus pais botou esse nome, né? Registraram... né? aí ficou. Porque não pode mudar, né isso?

Fernanda: Mas se pudesse mudar a Senhora mudava?

Marina: Não... não pode não. [Sorriso sem dente]

Fernanda: Tá e quem é a senhora?

Marina: Bom... eu sou uma pessoa que gosta muito da igreja... eu sou cristã, né? Me acho sozinha, com Jesus... Não tenho pai, não tenho ninguém na minha vida... Só tenho meus irmãos da igreja. Eu me acho muito feliz. Nem marido eu tenho mais [colocou as mãos no coração] eu tô com um ano que sou viúva. [Séria, falou o tempo todo se balançando, olhando para baixo, sem sorrir, mãos cruzadas].

Fernanda: Joia... uma salva de palmas pra as duas!

Dupla: Juventude e Maria

[Juventude relatou que não iam fazer, pois Domingas (Maria) não queria participar].

Juventude: [Olhando para baixo, braços para trás] Meu nome é Juventude e o dela é Domingas.

[D. Maria não se levantou. Continuou sentada com a bolsa no colo. Não quis participar]

Fernanda: Domingas... famosa Dona Maria.

[D. Maria continuou sentada, olhando para baixo, sem manifestar emoção].

Fernanda: Você pode fazer as fotos pelo menos? E você, pode fazer mesmo sentadinha? Toda classuda?

[D. Maria levantou a cabeça, o pescoço todo, fazendo bico].

Fernanda: Oh, essa foto já tá boa, essa primeira aí.

[D. Maria sorriu e Juventude abraçou ela de lado].

Fernanda: Oh.. foto 1.

[D. Maria descansou na barriga de Juventude, que estava abraçando ela em pé, de lado]

D. Maria: eu vou cochilar...

Fernanda: Foto 2.

[Juventude afastou-se de D. Maria, mas deixou o braço em seu ombro].

Fernanda: E foto número 3.

[Juventude abraçou de lado de novo, d. Maria, e levantou o braço com a mão fechada – foi o movimento mais “intenso” que fez]

[D. Maria olhou o movimento da colega e, em seguida, colocou a mão no queixo].

Fernanda: ahhhh... gostei de ver, a mão no queixinho, viu? Um mínimo gesto a gente ó... repara!

[D. Maria sorri sem mostrar os dentes]

Fernanda: Primeiro, então, d. Juventude. O porquê do nome, qual a história do seu nome?

[Neste momento as participantes já estavam dispersando, passando de um lado para outro e prestando pouca atenção]

Juventude: Não sei dizer... sei que nasci no dia 14 de março, o dia de São Gabriel, dizia meus pais... E botaram meu nome porque gostaram desse nome, gostavam... botaram esse nome. Nasci dia de quarta-feira. Se não me engano foi de madrugada.

[Continuou com os braços para trás, cruzados nas costas, falando mesclando entre olhar para o chão e para Fernanda].

Fernanda: E quem é você?

Juventude: Eu sou uma pessoa que gosto de viajar, gosto de brincar, gosto muito de fazer artesanato...[pausa]... pra poder distrair a cabeça. Só. [Balançou a cabeça negativamente, pouca expressão, fala contida, braços continuaram para trás. Ficou olhando para baixo até Fernanda perguntar].

Fernanda: mais alguma coisa?

Juventude: [Levantou a cabeça, mas os braços continuavam para trás]. Gosto de fazer caça-palavras [pausa. Olha para o lado]... pra distrair [balança a cabeça afirmativamente].

Fernanda: Gente!! Uma salva de palmas aqui, bora lá! Que eu já estou percebendo que vocês já estão distraídas. D. Maria, vamo lá D. Maria.

[Juventude se senta]

D. Maria: Pra onde?

Fernanda: A história do seu nome... Pra aqui mesmo.. pra nós aqui! [Risos]

[D. Maria pega a bolsa, aperta no colo e levanta a cabeça fazendo careta. Bota a mão no queixo].

Fernanda: Vamos lá... qual a história do seu nome? Por que Domingas?

D. Maria: Porque eu sou bonita [fala em tom sarcástico. Coloca mão no queixo e faz cara séria].

Fernanda: pra mim você...

[D. Maria interrompe, rindo alto e apontando para Fernanda]

Fernanda: Fica parecendo que é porque a senhora nasceu dia de domingo.

D. Maria: Não.. Eu nasci dia de sábado às 18 horas. Quando acabei de nascer tocou todas as igrejas... Todas as igrejas tocou o sino... Eu tava assim ninando, toda bonitinha... porque naquele tempo era assim... Eu tava vendo...

Então meu pai achou muito interessante eu nascer na véspera do domingo. Ia dar seis horas... era... seis horas da meia noite, da passagem de um dia pra outro. A minha mãe não gostou...

Fernanda: A sua mãe não gostou do nome?

D. Maria: Não... mas ele não botou não só... não vá escrever isso não! [Falou apontando para Fernanda]

Fernanda: Não... eu só estou pegando o geral mesmo..

[D. Maria fez gesto de puxão de orelha].

D. Maria: Então quer dizer que meu nome é porque eu nasci dia de sábado, no dia de São João Maria.

Fernanda: e o que é São João Maria?

D. Maria: São João Maria é Santo! [Falou com tom irritado, abrindo os braços vigorosamente]. Cê não sabe que São João é santo não? [Cruzou os braços e fez bico]

Fernanda: Não... São João eu sei...

D. Maria: São João Batista e São João Maria, do dia 04 de agosto e São João Maria 20 de...

Fernanda: Não. Esse não sabia não...

D. Maria: Tá vendo?

Fernanda: E a senhora gosta do seu nome?

D. Maria: eu adoro meu nome! Domingas...

Fernanda: E pq o apelido de Maria?

D. Maria: isso foi porque minha mãe colocou.

Fernanda: ah.. Maria é da mãe... E quem é você?

D. Maria: Maria [Apontou pra si mesma e levantou o rosto séria].

Fernanda: Gente, me ajuda aqui, quem é Maria?

Outra: Uma pessoa maravilhosa! Amiga!

D. Maria: Sou muito legal, sou amiga de todo mundo. Falo calma dentro de casa, não gosto de palavrão, não gosto de indecência, não gosto de ninguém dando palavrão na minha frente...

[Nessa hora um jovem passa no meio do grupo e uma senhora grita: Epa, não é pra passar aqui no meio não, ouviu?]

D. Maria: Não aceito viu? Falar que palavrão é moda, na minha casa ninguém usa, e principalmente na minha vista ninguém usa palavrão. Vivo dentro de casa, trato bem a minha nora... eu sou assim, eu sou essa pessoa.

Fernanda: Maravilha! Gente uma salva de palmas pra dona Maria!

Dupla: Estrela da Manhã e Emília

Fernanda: Foto número 1

[Estrela da Manhã coloca apenas um braço na cintura].

[Emília move o corpo para a direita e levanta o antebraço direito].

Fernanda: Foto número 2

[Estrela da Manhã move o mesmo braço para o coração].

[Emília move o corpo para a esquerda e levanta o antebraço esquerdo].

Fernanda: Foto número 3

[Estrela da Manhã coloca as duas mãos na barriga]

[Emília levanta as duas mãos e fica no centro].

Fernanda: Uau!! Vamo lá, Estrela da Manhã, diga aí a história do seu nome.

Estrela da Manhã: Meu nome é Estrela da Manhã. Porque meu pai nasceu 16 de março, dia de São José. Aí minha mãe me colocou esse nome. Mas eu não gosto desse nome.

Fernanda: Ah é?

Estrela da Manhã: é... não gosto não.

Fernanda: que nome a senhora gostaria?

Estrela da Manhã: Outro nome, não Estrela.. o mundo tá cheio de Estrela... [Passa todo o tempo com as mãos cruzadas em cima da barriga].

Outra: Estrela é bíblico...

Fernanda: E quem é Estrela da Manhã?

Estrela da Manhã: Ah.. Estrela da Manhã é uma pessoa que gosta de tudo!

Fernanda: Gente, vamos ouvir quem é dona Estrela da Manhã!!! [Todos estão dispersos]

Estrela da Manhã: eu gosto de tudo.. eu gosto de festa, de passear, de viajar...Sou muito sincera, eu gosto de amizades sinceras. Não gosto de falsidade.

Fernanda: E a senhora tem uma voz forte.

[Estrela da Manhã sorri. Continua com as mãos na barriga]

Fernanda: D. Emília! Diga aí... qual a história do seu nome, D. Emília?

Emília: [Inaudível. Fala muito baixo, para dentro, não possui os dentes. Faz movimentos como se tivesse estalando os dedos, com as duas mãos na frente do corpo, se apertando, durante toda a fala] [...] Eu tenho um netinho... um bisnetozinho... todo dia ele me acorda de manhã... Mila, levanta mila! Vem tomar café, mila! Eu me sinto feliz com meu bisneto.

Fernanda: E quem é Emília?

Emília: É eu! [Aponta as mãos para si mesma e sorri].

Fernanda: Gente, ajuda aqui. Quem é Emília?

Outra: uma pessoa amiga!

Outra: Calma, boa...

Fernanda: Parece ser bem calminha mesmo.

Emília: [começa a falar de si, mas é inaudível] [...] toda hora tem gente lá em casa [inaudível].

Fernanda: Gente uma salva de palmas aqui pra elas!

Bom, pra gente terminar, eu gosto de chamego, eu gosto de beijo, eu gosto de abraço, eu queria que a gente terminasse aqui na roda, pode ser? Vamos fazer um chameguinho aqui? Pena que seu Pedro não tá aqui! [Algumas riem] É rapidinho, vamos terminar na roda aqui... [Levantam com dificuldade, algumas gemem, mas todas vão]

Fernanda: Venha D. Maria. [D. Maria levanta com a bolsa]

Outra: Maria, arreia a bolsa!! [Maria deixa a bolsa no banco]

Fernanda: Vamos aqui, quem quer ajuda pra levantar? [algumas estão sentadas ainda] Junta mais, junta mais, junta mais... [Não conseguem fazer uma roda próxima, a roda não é completamente circular e não se aproximam muito] Vamos juntando.. cadê D. Estrela da Manhã? Aqui... D. Estrela da Manhã tem uma presença forte!

Bruna: todo mundo no aconchego... venha... me aperte... [risos] me aperte...

Outra: Cadê Felicidade? [Conseguem se juntar mais, após pedirmos que todas deem um passo à frente].

Fernanda: Primeiro lugar, queria pedir desculpas pra as que não apresentaram. Vão ter oportunidade, a gente vai privilegiar num próximo encontro as que não tiveram oportunidade. Tá? Segunda coisa, pra a gente ter o retorno de vocês de como a oficina tá funcionando pra gente é muito importante, então eu queria ouvir vocês muito rapidamente, dizendo pra gente como é que foi a oficina hoje? Pode ser numa palavra, numa frasesinha bem rapidinho...

Estrela da Manhã: foi legal!

Outra: foi ótimo [todas falam foi ótimo quase ao mesmo tempo].

Outra: eu achei ótimo!

Outra: foi ótimo, gostei muito!

Fernanda: eu quero críticas!

Bruna: o que é que pode melhorar? [Riem]

Outra: foi muuuuito gostosooooo!

Bruna: o que pode melhorar? O que pode ser legal pra próxima?

Fátima: Aprender todo mundo falar melhor.

Bruna: hum... como é que todo mundo pode falar melhor?

Outra: com a palavra!

Fátima: pelas palavras né? As perguntas... Quando for falar, responder as perguntas melhor do que a de hoje.

Bruna: Mas vocês falam maravilhosamente bem... eu adorei.

Outra: brigada! [Batem palmas]

Bruna: A questão é, o que vocês gostam, o que vocês acham que pode ser divertido? E o que não gostam. “Bruna, eu quero isso na próxima... não gosto disso!”

Elisa: Não pode bailar.

Bruna: Não pode?

Elisa: eu não!

Fernanda: Olha, vejam... o nosso exercício sempre vai ser de ouvir vocês, tá? Em todos os nossos encontros a ideia é ouvir as histórias que vocês tem pra contar pra gente, tá? Então vamos sempre fazer o exercício de falar, e aí quando ela diz assim “ah, a gente pode falar melhor”, esse exercício é legal. Mas também o exercício de saber ouvir, então chega uma hora que começa a dispersar, começa “ah... tô aqui conversando com ela, aí esqueço quem tá ali na frente”. Então o exercício é esse. Queria saber se eu castiguei vocês deixando vocês muito tempo em pé?

Todas: Não!!

Fernanda: Tá na medida?

Outra: Tá ótimo!!

Fernanda: Então no nosso próximo encontro eu vou ser mais abusada e vou colocar vocês pra mexer mais o corpo, tá certo?

Outra: tá ótimooooo!

Outra: oia a outra, assanhada... [Riem, comentam ao mesmo tempo].

Bruna: Oh, quem não puder, no próximo, se tiver roda, a gente bota a cadeirinha da pessoa aqui no meio da roda também, e mexe na cadeira, sentadinha [Riem].

Bárbara: todo mundo tem que mexer, sem cadeira, ninguém aqui é aleijada não! [sorri]

Bruna: Quem não puder...

Outra: eu gosto de tudo, eu gosto de tudo!

Fernanda: eu só queria terminar, como eu falei que gosto de beijo, de abraço... oh, eu queria que a gente fizesse o seguinte: a mão esquerda pra baixo e a mão direita pra cima [se confundem... demora uns 2 minutos organizando todas], ou seja, a mão esquerda eu recebo e a mão direita eu ofereço, e aí você junta com o colega do lado [mais um tempinho organizando]. Então a gente segura a mão e vamos fazer assim: uma eu dou o beijo, [Fernanda dá um beijo na mão da pessoa ao seu lado] agora é uma por uma... devagar... vamos fazer o círculozinho.

Outra: não quero beijar não.

Bruna: ah, eu vou beijar. Pode?

Fernanda: Eu vou olhar pra ela, calma... [as participantes estavam beijando muito rápido, passando pra próxima, sem fazer nenhum contato, no automático] não é tão simples... vou beijar, olhando pra ela... olha pra mim, nos olhos [Fernanda dá o beijo olhando para a senhora ao seu lado. Ela não estava olhando, estava sem manter contato. Quando Fernanda fala, ela “esbugalha” os olhos forçosamente, com exageração] Eu beijo, ela retribui, e passa... [Todas com muita dificuldade de olhar no olho, quando olham é fazendo graça ou cortando o olhar rapidamente]. Significa: eu agradeço a você pelo dia de hoje, e você também diz: eu também agradeço... olha pra ela primeiro... olha no olho... [Fernanda lembra para que se olhem. Elas não se olham, olham pro chão] Olha pra ela, d. Maria... [Maria vai chegando perto da colega e junta as cabeças, uma de frente pra outra].. Eita. [Imensa

dificuldade de se olhar, não conseguem, evitam o olhar, evitam o contato, esbugalham num ato de gracejo, ou olham para o chão, ou olham muito rapidamente, já saindo do contato, ou riem muito].

Estrela da Manhã: é a mão Maria!

[Maria ri muito, quando beija a mão da colega]

Fernanda: isso... olha no olho... [As que já beijaram riem bastante das que estão beijando]

Patrícia: Muito obrigada por tudo viu?

Fernanda: Bom, queria agradecer! Dizer pra vocês que esse exercício de olhar no olho, parece que quando a gente é criança a gente adora olhar, né? Eu tenho uma filha de 4 anos e ela fica assim: “mamãe, olha pra mim! Olha pra mim!” E eu percebi que quando a gente vai crescendo, a gente não dá mais tanta importância de olhar no olho do outro, né? [Todas afirmam com a cabeça]. A gente fala com as pessoas assim... não olha no olho... E resgatar isso de olhar no olho, é tão importante! É claro que tem um que é mais tímido, outro se sente mais desconfortável... Mas o exercício do olho é um exercício de confiança, de entrega e generosidade também. Então espero que em nossos próximos encontros a gente tenha sempre esse exercício de olhar no olho. Então agradeço pela manhã de hoje! Tenham um ótimo carnaval!

Outra: Brigada!

TERCEIRO DIA DE OFICINA

A transcrição a seguir consiste na terceira oficina, realizada no dia 10 de março de 2017, em um pátio aberto, na ONG, com duração média de 2h e 30 min.

[Chegada, organização do espaço, conversas informais sobre a semana. Fazem uma roda]

Fernanda: D. Maria, larga a bolsa que a senhora não vai pagar nada agora. A gente só precisa de você.

Outra: bota lá em cima.

Bruna: não se preocupem que eu fico olhando as bolsas.

Outras: Bora Maria... Vem dona Maria.

Fernanda: A gente vai começar fazendo uma atividadezinha aqui em pé mesmo, como sempre, e aí eu vou explicando como vai ser ao longo do dia. Eu só queria trazer pra vocês uma ideia de tempo do nosso trabalho com vocês tá? [Ajuste precisou ser feito ao percebermos que na última oficina as pessoas saíram cedo por conta das marcações de médicos e consultas]. Só pra gente poder aproveitar o máximo possível dessa troca, né? Eu, Fernanda e Bruninha, com vocês. Que é que eu tô falando pra d. Maria... a nossa proposta de trabalho com vocês é até dia 07 de abril, como conversamos lá no primeiro dia. Ou seja, temos mais 04 semanas com vocês. E então vamos partir para outros lugares, para outras experiências. Então o que eu quero dizer é: vamos aproveitar o máximo esses dias... porque depois, ó... Ou como fazia meu amigo... a gente...

Felicidade: cria asas e voa...

Fernanda: exatamente. Então vamos aproveitar o máximo o nosso tempo tá?

Alice: Mas vocês ficam no nosso coração.

Fernanda: Ah, que lindo! E vocês também no nosso! Com certeza.

Outra: De vez em quando, vem visitar...

Bruna: Claro.

Fernanda: E aí, o que que acontece. O que é que a gente quer fazer com vocês essas semanas, a gente quer ouvir vocês. Ouvir o que vocês tem pra contar, sobre as histórias de vida de vocês. [Relembramos todo o início de todas as oficinas esse objetivo]. E aí na semana passada quem lembra o que a gente fez, rapidinho?

Felicidade: pediu pra ficar uma com a outra, contar história do que se passou na vida. Da infância...

Outra: não lembro mais não..

Fernanda: Quem mais?

Alice: o movimento.. o movimento...dançou.. a ginástica que a gente fez aí.

Fernanda: Vocês lembram que a gente contou a história do nome de vocês?

Alice: ah, foi verdade!

Fernanda: Começamos entendendo o nomezinho de cada uma. Por que Alice e por que não Alice? Por que Maria? A gente foi ouvindo um pouquinho. Por que Ana Paula? Por que não? [Ana Paula se balança enquanto ri alto] A gente foi ouvindo um pouco a história de cada uma. Dona Creuza e por aí vai... A gente vai pegar o fio da meada... primeiro a gente ouviu o nome de vocês. E aí nessas semanas a gente vai passar pela infância de vocês, pela mocidade, tem gente que gosta de falar mocidade né? Pela juventude... por essa vida adulta, até chegar ao tempo de hoje. Então pra gente aproveitar bastante o nosso tempo, a gente vai começar o nosso trabalho de hoje falando da nossa infância. Será que a infância foi um tempo bom? Será que a infância foi um tempo já difícil? De poucas descobertas? Mas a gente vai ter tempo pra fazer isso. Então primeiro lugar, primeira coisa que vamos fazer é juntar! Juntou, juntou, juntou, vamos juntar ombro com ombro, vem [organizando a roda, que já fluiu mais rápido que na oficina anterior]. Pra ser ombro com ombro precisamos apertar. Pra gente conseguir tem que dar um passinho pra frente, dá um passinho aqui [todas dão um passo à frente e conseguimos fazer a roda]. Juntou.. ae!!! Dá uma respiradinha fundo aí [Respiram]. E aí a gente só vai se olhar nos olhos... só isso. Hoje é sexta... a semana findando... só olhando nos olhos... percebendo nos olhinhos... Isso... olhando suave... Respirou mais uma vez. [Fernanda demonstra e eles respiram] E aí vamos apertar a mão do outro, dar uma apertadinha. Pra gente sentir... eita que tem gente que “ai, ai ai” [risos]. [Algumas apertam muito forte, fazendo graça, mas demonstrando que continuam com dificuldade de manter o contato]. Esse café com leite aí foi bom! Reforçado. E sente a temperatura aí da mãozinha... [Riem muito, saem do contato]. Sente a temperatura, se tá quente, se tá fria... Sente esse ombro... se tiver alto, abaixa... dá uma esfregadinha. Aí... isso! Agora, o que é que a gente vai fazer? Quando a gente vê uma bola. A bola e o movimento da bola remete a gente ao quê?

Outra: infância...

Outra: brincar de bola...

Outra: aniversário.

Outra: nunca brinquei de bola.. costurava.

Fernanda: Desde pequena? 5 anos?

Outra: sim.. 2, 3, 4 anos..

Que que a gente vai fazer. A gente vai.. deixa eu ir pro meio. Soltou a mão! [todas se soltam] A gente vai pegar a bola e cada uma, uma a uma, vai dar um toquinho e vai passando pra outra.. sem deixar a bola voar, sem deixar o vento levar... Não precisa ser ligeiro não, pode ser calminho... e vamos ver em que medida ela voa...

D. Maria: posso jogar?

Fernanda: se o vento deixar...

Patrícia: não, o vento vai levar pra maré.

Fernanda: sente o peso...[bola voou porque Prosperidade jogou pra cima.. todas gritam “ahhh”].

Fernanda: faz parte, é isso aí. Ela testou, experimentou [voou de novo quando passou pra Patrícia].

Prosperidade: a gente tem que testar ela pra cima.

Patrícia: mas o vento tá levando.

Fernanda: Parou! Agora vamos passar de novo a bola, mas fazendo o exercício de lembrar dessa nossa infância. Tentar lembrar... a outra aqui disse que desde um ano de idade costura. “Retada”!

Então que vamos fazer... eu vou pegar a bola, passar pra ela, e vou deixar que o vento leve um pouquinho, certo? Soltei pra outra e ela pegou...e vai lembrando dessa infância... na medida que a bola for passando vou pedir que vocês tentem pensar em uma frase pra falar que lembrasse a infância. Uma palavra. Certo? Então passou, uma palavrinha só que remeta à sua infância. Não é a infância do seu filho, não é a infância do seu neto, é a sua.

Tita: minha infância foi trabalhar na roça...

Fernanda: Calma! A gente chega lá! Vamos começando aqui com Francisca.

Francisca: Jogar gude [Sorri].

Fernanda: Oba! Adoro! Passou!

Zete: Minha infância foi trabalhar na enxada, pra comprar um kg de farinha, um pedaço de carne, pra gente comer.

Emilia: Minha infância era na fábrica que fazia charuto.

Fernanda: Qual era sua cidade?

Emilia: Conceição de Feira.

Fernanda: Passou... não precisa contar muita história... é só palavrinha! A gente desenvolve depois.

Zete: Dançar!

Alice: A minha infância, graças ao bom Deus...

Fernanda: Uma palavrinha.

Alice: Muito boa... eu brinquei muito de boneca, jogava capitão [vai pra frente pulando, imitando a brincadeira], brincava muito de bola, de karaó, eu brinquei de tudo, não tenho nada de mal da minha infância graças a Deus.

Fernanda: Vamos focar em uma palavrinha.

[A outra falou e Alice continuou falando comigo, de forma que não dava para ouvir a gravação da outra]

Elisa: Pulei muita corda!

Felicidade: Traquina! Fui uma criança traquina! Joguei gude, pulei corda, brincava de espreme gato, pulava muro...Tudo!

Juventude: a minha infância foi muito boa, porém foi no tempo da guerra... [vídeo cortou e interrompeu as últimas participantes].

[Fernanda pergunta quem mais quer brincar do que Alice estava brincando – ela estava imitando o jogo de amarelinha].

Felicidade: [Falando para Alice] Quero ver você pegar no chão... Quero ver... Mas é assim... [Pega um objeto, joga na sua frente e começa a pular de um pé só, como se faz na amarelinha, pega o objeto no chão, vai até o final e volta].

Alice: Mas eu não tenho mais aquela perna de antigamente... não é mais aquela perna. Agora é dura... A perna jovem é outra coisa, né fia?

[Fernanda convida outras mulheres que queiram participar]

Fernanda: Ninguém mais lembra não? [Se recusam]

Fernanda: Aí ó... ela falou de uma outra brincadeira. Venha pro meio aqui... [chama Elisa]

Elisa: Deus me livre!

Fernanda: Então só fala como é que era.

Elisa: Esse quadrado aqui é um pé só... [Começa a andar e acaba indo pro meio]. Aqui um [coloca um pé na frente], aqui dois [coloca os dois pés abertos, um em cada quadrado], aqui um [um pé de novo], virou [vira], um [coloca um pé na frente], dois [abre os dois pés em dois quadrados do chão], um [um pé na frente], dois [coloca os dois pés abertos nos dois quadrados], um [um pé na frente], dois [dois pés abertos nos quadrados], três [um pé na frente]. [Elisa é bem velhinha, tem dificuldade com os movimentos, mas consegue fazer cada passo com muita consciência e cautela].

Outra: Aí tá vendo... [as outras velhas falam com surpresa do movimento dela]

Alice: E pular corda! [Faz os movimentos com os braços como pulava corda]

Fernanda: Como era que você pulava?

[Alice faz movimentos circulares com os braços]

Outra: você pulava como?

Alice: Eu fazia tudo! Eu fazia tudo! Eu brinquei muito! Eu brinquei de tudo!

Felicidade: Era assim né? [Faz movimento da corda e pula]. Depois pra trás [faz movimento pra trás e pula], depois rápido [começa a pular rápido várias vezes. As outras velhas riem].

Alice: Começa a movimentar os braços e pular também [Elas se interrompem e ficam querendo mostrar as brincadeiras que sabem, uma pula, a outra tenta pular mais alto e mais rápido].

Felicidade: Passar por debaixo da corda, passar pra lá pra cá [movimenta os braços sinuosamente]

Alice: eu fui uma criança “retada”...

Tita: [Inaudível] [faz gesto com as mãos imitando outra brincadeira].

[Dispersam, algumas ficam observando, outras ficam tentando mostrar as brincadeiras que sabem]

Fernanda: o que vamos fazer agora...Fechou a roda! Fechou de novo... vamos fechar... Fecha mais um pouquinho aqui ó. [organiza a roda, que já acontece muito mais fluidamente] Olha quem chegou? Venha... não tem problema... chegue mais... [Daniela Mercury chega atrasada]. Olha pra outra... traquina! [algumas estão dispersas... ainda rindo e conversando] Sejam bem vindas! Quem chegou antes e quem está chegando agora. Estamos aqui lembrando da infância! Da nossa infância, certo? E aí o que é que a gente vai fazer agora... A gente inevitavelmente lembrou do que eram esses momentos, né? Eu queria que vocês agora... E aí a pessoa... eu vou colocar aqui no meio porque aí faz quem quer, tá? [Leva a bexiga para o meio da roda]. Eu queria que alguém viesse aqui no meio, pegasse essa bola, de preferência olhando pro mar, que o vento tá vindo pra cá, então pegasse essa bola e brincasse com ela de equilibrar essa bola [começa a jogar bola pra cima equilibrando]. Podem usar todo o corpo! Não precisa ser só o braço, e aí a pessoa enquanto tá equilibrando a bola, vai me responder algumas coisas que vou perguntar. Por exemplo: infância tem cheiro de quê? E aí a pessoa vai pegar e vai dizer, certo? Pra mim por exemplo... minha infância, eu lembro cheirinho de carne de porco [Faz demonstração, falando, enquanto joga a bola pra cima. Todas riem].

Outra: Ela gosta...

Fernanda: Porque eu sempre passava minhas férias na casa da minha avó, eu morava muito longe da minha avó, e eu me lembro que ela fazia aquele almoço pra família inteira, e eu lembro quando aquela carnezinha começava a cheirar, nossa... eu sabia que vinha comida boa. E aí eu me dividia com meus primos, quando todo mundo sentava em volta da mesa, as crianças tinham prioridade né? Então os melhores pedaços da carne de porco eram nossos!

Juntas: hummm... esperta!! [Risos]

Fernanda: Certo? Terminou a história, largou aqui, vem outra pessoa e pega, tá certo?

Quem vai primeiro? Lembra do cheiro da infância...

Juventude: [Equilibrando a bola vai falando, se movimentando e sorrindo] a minha infância foi legal...lembro muito dos pés de planta, dos pés de bananeira... um dia minha mãe disse a meu pai: “Mira está subindo no pé de bananeira!” Aí meu pai disse assim: “não acredito!” [Tem dificuldade

inicialmente de jogar a bola e falar, mas vai começando aos poucos a sincronizar as duas coisas] aí ela ficou mandando eu subir, pensando que eu ia me bater... aí quando acabei, eu subi, e ele aí bateu palma e eu desci [conta sorrindo e jogando a bola]

Fernanda: E o cheiro?

Juventude: O cheiro? De água de flooor... [As outras prestam atenção e sorriem]

Fernanda: Quem segura essa bola? [Juventude tenta entregar para duas, que recusam. Ana Paula pega]

Ana Paula: [Joga muito pouco a bola, pra cima e pra baixo, num movimento curto, olhando-a fixamente, com pouco movimento] A minha infância, foi na casa dos branco, tomando conta da criança. Quando a dona da casa vinha me dar café eu já estava desmaiando de fome [nessa hora não joga mais a bola, apenas segura com o braços pra cima, olhando para o lado], quer dizer, eu não tive infância nenhuma, não é? [Abaixa a bola, continua segurando, só que com os braços baixos] nunca brinquei de boneca, nunca brinquei de nada... Foi somente do trabalho pra casa [vira pra trás procurando alguém, joga a bola timidamente para cima, entrega para Sol, volta para a roda com os braços cruzados na frente do corpo].

Fernanda: Agora vou fazer outra pergunta para além do cheiro. Que lugar foi esse da sua infância, ou que lugares? Alguém trouxe uma árvore, por exemplo.

Ana Paula: [Levanta a mão] Pernambuco!

Fernanda: Que lugar era esse? Era a cidade de Pernambuco, mas era um lugar asfaltado? Cheio de mato? Com muito verde?

Ana Paula: Era... lugar asfaltado...

Fernanda: Então lembra que lugar era esse e vai brincando com a bola e contando pra gente.

Sol: [Segura a bola na frente] Vou falar sobre Pernambuco?

Ana Paula: Não!! O seu lugar!! [bate no ombro dela].

Fernanda: Sua infância... que lugar a senhora brincou?

Sol: Eu brincava... Mas trabalhava muito [segura a bexiga na frente do corpo e não movimenta].

Fernanda: E que lugar era esse que você trabalhava?

Sol: Periperi... Agora eu ia trabalhar na cidade... [continua com bola na frente do corpo sem movimentar]. Agora também com noite de lua... [Começa a cantar e girar, com a bola na mão, movendo a bola] “oh que noite tão bonita, ó que céu tão estrelado, quem me dera eu tenha agoraaaaa [levanta a bola com uma mão, coloca a outra no coração e canta mais alto] o meu lindo namorado”. [Algumas cantam junto com ela. Todas aplaudem quando ela termina].

Fernanda: Então vamos todas agora de novo cantar com ela? De novo!

Sol: É essa mesmo? [Segura a bola firme].

Fernanda: Essa mesmo!

Sol: [Começa a cantar e movimenta a bola junto com o corpo]. “ oh que noite tão bonita, ó que céu tão estrelado. Que me dera eu tenha agora, o meu lindo namorado” [Todas cantam, batendo palmas e movendo o corpo.. Quando terminam começam a falar ao mesmo tempo, sorrindo].

Fernanda: Ae!!! Quem quer pegar essa bola?

[Sol entrega pra Bárbara, que não sabe o que é pra fazer pois chegou agora. Sol começa a sambar fortemente e as colegas riem]

Fernanda: [Pega a bola, vai pro meio] Isso a senhora fazia?

Sol: Com certeza! Sambava e comia caruru! [Risos]

Fernanda: Então venha pra cá, pro meio da roda... Quais eram as danças da nossa infância?

Sol: “Samba de viola tem tiritimtim.. tiritimtim, tiritimtim, tiritimtim, tiritititit” [começa a cantar, sambar e sorrir. As outras batem palma, algumas sorriem e movimentam a cabeça negativamente sorrindo].

Outra: [Puxa outro samba e todas cantam, batendo palmas, enquanto Sol dança no centro. Felicidade entra na roda e começa a sambar]

Fernanda: Maravilha! Que outra música nos lembra infância?

Lua Branca: “Paraneuê..paraneuê paraná...” [todas cantam e batem palma... Lua Branca entra e começa a sambar na roda].

Fernanda: Maravilha! Outra música rapidinho!!

Alice: Eu sei muito de roda!

Fernanda: Canta uma!

Alice: “Atirei o pau no gato-to, mas o gato-to não morreu-reu-reu, dona chica-ca, admirou-se-se do berro, do berro que o gato deu: MIAU” [Vai pro centro batendo palmas e dançando. Todas cantam e batem palmas. Na hora do miau, todas abaixam – umas menos, outras mais, e sorriem].

Fernanda: Mais uma! [umas apontam para as outras para lembrarem...]

Amor: “Quem entrou na roda.. foi uma boneca.. foi uma boneca.. foi uma boneca” [todas começam a aplaudir e cantar. Amor chama Bárbara, que entra e começa a sambar na roda. Bárbara sai, ele chama mais 3 e não aceitam entrar]

Alice: Sei mais uma! “Pai Francisco entrou na roda, tocando seu violão, pararabambão, vem de lá seu delegado, e pai Francisco foi pra prisão. Como ele vem todo requebrado, parece um boneco desengonçado”. [Entra na roda e canta, dançando, enquanto todas aplaudem cantando também. Quando termina, todas aplaudem e sorriem]

Amor: “Sou rosa vermelha, ai meu bem querer, a rosa vermelha e branca, hei de amar até morrer” [Todas cantam alto em coro e batem palmas no ritmo].

Ana Paula: [Faz verso no ritmo da música que está inaudível] “[...] tem bole bole, na casa do sapateiro [inaudível]” “Sou rosa vermelha, ai meu bem querer, a rosa vermelha e branca, hei de amar até morrer”.

Bárbara: [Faz outro verso no ritmo com a primeira estrofe inaudível] “[...] olhou pra cima, caiu na sacristia, caiu no nariz do padre, é isso mesmo que eu queria” [Risos] “Sou rosa vermelha, ai meu bem querer, a rosa vermelha e branca, hei de amar até morrer”.

Amor: quem se lembra de “tindolelê” gente?

Bárbara: eu!

Todas: “Abre a roda tindolelê. Abre a roda tindolalá. Abre a roda tindolelê, oi tindolelê, ô tindolalá”.

Juventude: [Faz verso no ritmo na música] “sete e sete são catorze, com mais sete vinte e eu. Tenho sete namorados mas não caso com nenhum.” [todas continuam] “Abre a roda tindolelê. Abre a roda tindolalá. Abre a roda tindolelê, oi tindolelê, ô tindolalá”. [Elas lembram versos, músicas, rimas e criam no ritmo da música novas possibilidades]

Fernanda: que legal!!! Bom, a música puxa né? Uma coisa puxa a outra! Agora eu queria saber de vocês... o exercício do meio não funcionou, então vou para este aqui, que vai passar uma bolinha na mão da outra, e eu queria que vocês lembrassem de uma pessoa. Uma única pessoa. Alguém especial na vida de vocês na infância, que foi marcante para vocês por algum motivo. Ela falou assim: mas a minha patroa lá, né? Ela esperava eu quase desmaiar pra me dar um café... Mas essa pessoa foi a mais marcante na sua infância?

Ana Paula: Foi, foi! Até apanhar de... ela me batia.

Fernanda: então vou começar aqui por dona Ana Paula... Ela vai falar da pessoa marcante pra ela, vamos passar a bola e depois a gente senta, tá? [Algumas começam a sentar].

Ana Paula: Não quero mais falar nada dela não.

Fernanda: Então passa a bola.

[Ana Paula vai andando e entrega para Amor]

Amor: Falo aqui mesmo?

Fernanda: Sim! Uma pessoa marcante e especial em sua infância.

Amor: minha mãe. Em primeiro lugar por ser mulher, e foi quem me deu a vida.

Fernanda: Passou! Daqui a pouco a gente fala mais!

Zete: Meu pai e minha mãe. Porque meus pais gostavam muito de mim [resto inaudível].

Fernanda: Passou!

Alice: Meu pai e minha mãe. Porque eles me deram a vida e eu aprendi tudo na vida foi por causa deles.

Dona Maria: tô cansada.

Fernanda: Me diga uma pessoa especial na sua infância.

D. Maria: Especial como?

Fernanda: Especial... marcante...

D. Maria: minha avó, que me criou, meu pai que era bom pai [Risos].

Fernanda: Diga da sua avó, porque é que a sua avó era marcante?

D. Maria: minha avó ficava dentro de casa tomando conta da casa e de mim. Só isso! Carinho, cuidado, aqui e ali, fui criada parecendo que eu era ... mas não era não.

Fernanda: Passou!

Elisa: Fui criada na cidade. Bem criada. Eu tinha onze anos, doze anos quando a avó de meu pai morreu [começa a chorar].

Ana Paula: Pronto! Passa pra outra que ela ficou emocionada!

Elisa: [Continua falando do momento que soube que a bisavó morreu. Algumas participantes conversam entre si. Escutamos, deixamos se acalmar e passamos para a próxima, marcando para que todas escutem umas às outras].

Valdinete: [Inaudível. Fala muito baixo]

Juventude: Meu pai e minha mãe. Porque se eu sou quem sou hoje em dia agradeço a eles dois.

Prosperidade: Meu pai e minha mãe.

Patrícia: Meu pai e minha mãe.

Felicidade: [inaudível]

Sol: Deus primeiramente, meu pai e minha mãe.

Tita: Meus irmãos! minha infância minha mãe saía pra trabalhar e deixava eu mais meus irmãos.

Creuza: Marcante na minha vida foi minha mãe. Foi quem me criou. E minha infância foi brincar e brincar.

Bernardete: Minha mãe, meu pai, minhas irmãs e meus filhos.

Fernanda: Seus filhos não tinham nessa época, mas vamos lá [Já estão todas dispersas pelo cansaço].

Bárbara: Marcante. Minha madrasta me maltratou muito, me bateu muito. Por isso que é a pessoa marcante na minha vida. Até hoje guardo mágoa dela [Olhos lacrimejam, mas sorri].

Matilde: Minha mãe, que me segurou 9 meses na barriga, me teve, me criou com todo amor e todo carinho.

Emília: [Inaudível]

Fernanda: Quem ainda não sentou, senta e vamos fechar a roda! Que vamos pra outra fase, outra parte da nossa atividade. Quem não falou quer falar?

Segundo momento: Duplas de improviso.

Duas cadeiras no centro, uma de costas para a outra no centro da roda.

Dupla 1: Alice / Bárbara

Fernanda: Começar por D. Alice. Minha infância foi?

Alice: Legal! Adorei minha infância, brinquei muito de boneca, as minhas boneca parecia minhas filha. Quando eu fui pro colégio com meus 7 anos primeiro, agora as crianças vão com 3 anos pra creche, né? Mas de primeiro não aceitava. De primeiro as crianças só ia com 7 anos em diante. Não era isso? Quando eu entrei com 7 anos na escola, eu era muito tabaroa. A educação de antigamente não é essa que tem agora. Agora tudo avançado, né? As meninas de 10 anos, 8, tudo avançada. [Falou segurando a bengala, mesmo sentada, movimentando os braços bastante].

Fernanda: Parou! Bárbara: minha infância foi?

Bárbara: Minha infância foi muitooooo...

Alice: Severa.

Bárbara: [Sorriu] ruim! Porque eu apanhava de manhã, meio dia e de noite [Sorri apesar de falar de um conteúdo sofrido].

Alice: [Coloca a mão na cabeça e olha para baixo]

Fernanda: e esse sorriso todo contando isso?

Bárbara: É.. porque eu sou eu! [Sorri mais]. Não tive mãe, fui criada com madrasta, fui muito sofrida. Minha infância foi essa [sorri para Fernanda. Assim que Fernanda vira para Alice, Bárbara respira fundo e fica bem séria].

Fernanda: Alice. Quer completar com algo?

Alice: Queeeeeero! Ai quando eu fui pro colégio, a infância de antigamente era muito da boa. A gente quando ia casar não sabia nem como era sexo nem nada, não era isso?

Fernanda: Calma que a senhora tá adiantando! Namorado é daqui a pouco!

Alice: Era bom! Era muito bom! Eram 13 irmãos, 13 irmãos. Só mulher 8. O resto homem! Mas nossa educação foi muito severa... Sabe como é. De antigamente, né? Agora é tudo liberto... tudo agora é liberto... Aí eu me lembro com 7 anos, fui pro colégio e ao invés de calçar o sapato do lado direito, calcei do lado esquerdo, aí tavam tudo dando risada! Tudo dando risada eu com o sapato errado [começou a imitar como ela estava andando]. Aí minha irmã: “Ela é assim mesmo.. ela não liga muito pra as coisas não. Não fiquem dando risada dela não, que ela é muito assim infantil mesmo!”

Fernanda: Mais alguma coisa? [apontando para Bárbara]

Bárbara: eu tomava conta das sobrinhas da minha madrasta, tomava surra [sorri]. Ela fazia eu comer mocotó a pulso, eu nunca gostei. Quando meu pai chegava a noite eu ainda caía no pau [Sorri]. Todo dia eu apanhava [sorri].

Fernanda: Outra pergunta pra as duas: Como hoje na sua idade, você vê a sua infância?

Alice: eu acho, graças a Deus, que agora tá mil vezes melhor! Já tô idosa, tô com 85 anos já, mas minha velhice tá melhor do que era... porque de primeiro tudo era feio, ninguém podia fazer nada, que

tudo era muito reservado não é isso? Na infância... quando chegava adolescente tinha que ser bastante acomodada. Agora não...

Fernanda: Hoje, como é que você vê a sua infância?

Bárbara: Eu vejo bem. Feliz, alegre e agradeço a Deus.

Alice: E depois que eu entrei aqui ainda ficou melhor!

Bárbara: Cala a boca, Alice! [Todas riem]

Fernanda: Última pergunta. Essa criança de lá, essa Alice criança, ainda vive aqui dentro [aponta pro coração]?

Alice: Ainda me lembro de muita coisa [Dificuldade de ficar na sensorialidade, no aqui e agora. Vai para a lembrança, cognição.]

Fernanda: Ela Tá aqui dentro de você? Você ainda preserva alguma coisa dela?

Alice: Eu acho que sim... Eu gosto de tudo, né? De tudo eu gosto [começa a apertar a bengala com uma mão, e a fechar e apertar a outra mão]. Eu acho que ainda tenho assim da infância. Eu gosto muito assim, de pegar um papel pra ler, pegar poesia, um poema, uma coisa... eu... Agora mudou! O ruim que eu perdi meu marido muito cedo... Perdi meu marido, ele morreu com 29 anos. Fiquei viúva com 26, coitada. Deus que leve ele.

Fernanda: E você?

Bárbara: Não tô lembrando mais de ninguém.

Fernanda: A criança de lá? Aquela criança ainda mora aí?

Bárbara: Nãooooooooo. Mudou muito! Porque hoje eu sou outra [Sorri]. Tenho minha saúde, sou feliz, vivo muita maravilha [Levanta os braços, sorri e olha pra cima].

Fernanda: E se você pudesse contar outra história de infância, o que você contaria?

Bárbara: Ah... Brinquei muito de boneca [Entortou o rosto e fez careta]. Eu fazia muita comida, de panela de barro pra elas. Brincava com minhas colega. Mas aí uma vez eu subi no banco, caí, tomei uma surra e pronto [sorri].

Fernanda: Gente, vamos dar uma salva de palmas pra elas!! Aí veja, quando a gente ouve a história do outro lembra da nossa também né? Tem mais duas voluntárias pra sentar aqui?

Dupla 2: Daniela Mercury/ Fátima

Fernanda: Vocês duas, que chegaram atrasadas.. Ouviram o que elas disseram?

Daniela Mercury: [Faz gesto de murro na mão, dizendo que vai pegar outra que indicou ela pra ir pro meio, "lá fora"]

Fernanda: A outra tá dizendo que vai pegar lá fora, olha..

Daniela Mercury: Essa dali... ou foi essa!

Fernanda: Daniela Mercury, presta atenção... a gente só quer saber um pouquinho da sua infância, você pode falar pra gente? Como foi?

Daniela Mercury: Posso [Curvada, corpo duro]. Minha mãe, me deixou com 4 anos. Desse dia pra cá, só sei brincar de cachorro [fala séria, olhando fixamente para frente, movimentando pouco o corpo, rígido]. E também eu ia pra escola e pintava! Batia! Mas quando me batia... Quando chegava em casa ainda era pra apanhar! Já que eu sabia que ia apanhar eu fugia [Ri. Outras também riem]. Teve um dia até que eu dormi por dentro da bananeira, no quintal, com medo de apanhar. Porque quando me batiam, me jogava dentro do [inaudível] pra amolecer a pele... Depois da surra! [Continua séria até o fim, com braços cruzados em frente ao corpo, em cima das pernas].

Fernanda: Brigada Estrela da Manhã! Sua infância foi?

Fátima: Minha infância foi chata!

Fernanda: chata?

Fátima: [Fala do pai, que ia pra roça e também que não comia, mas fala muito baixo e não dá pra ouvir direito. Fala baixo, com pés cruzados, mãos uma segurando a outra, em cima das pernas]. Nessa eu cresci até 20 e tantos anos, sem comer nada.

Fernanda: Agora vou fazer uma pergunta pra quem tá na roda. Ela falou de uma infância pintona. Levanta a mão aí quem era pintona?

[Alice, Sol, Patrícia, Felicidade, Ana Paula, Bárbara]

Fernanda: O resto aqui não pintava não? Olha.. as santas! Dona Maria era santinha é? Traquina, traquina, traquina... e as outras eram santinhas.

Bárbara: Eram é sonsas!

Fernanda: Vamos lá. Quando apanhava, apanhava porquê?

Estrela da Manhã: Porque fazia errado. Eu sempre fui perturbada! Só estou achando denço depois da velhice.

Fernanda: Vocês ouviram essa? Quem aqui só está achando denço, carinho, afeto depois da velhice? [ninguém fala nada] Então a maioria aqui teve denço desde pequena, né?

Alguém: Eu não!

Fernanda: Vamos bater salva de palmas pra elas!

Dupla 3: Estrela da Manhã/ Felicidade

Fernanda: Vamos começar aqui com Estrela da Manhã. A maior traquinagem que já fez quando era criança.

Estrela da Manhã: Eu era muito pintona.. Saía pra jogar bola no monte, com todos os moleques que tivessem, e empinar raia. Chegava em casa, caía no pau! Mas era bom [sorri].. Eu saía escondido, quando voltava apanhava... Era bom, era o que eu gostava. Era de bola e arraia. Não gostava de boneca não! Era chato. Eu gosto de capoeira, Karatê... Essas coisas..[começa a rir e se balançar]

Fernanda: Passei pro lado de cá.

Felicidade: Ai meu senhor [coloca a mão no rosto e começa a rir e se balançar].

Patrícia: Ela já tá rindo! Imagine o tanto que ela pintou!

Felicidade: [Arruma o cabelo] E como!! E como!!

Fernanda: conte uma!

Felicidade: quebrar a cabeça dos outros, né mãe? E botava queixo, dizia: “Oh pai, pelo amor de Deus não me bata não que não foi eu! Foi os colegas!” [todas riem] E se falasse, eu marcava a cara, pra no outro dia pegar! Pegava dentro da escola pra fazer espreme-gato...

Fernanda: O que é espreme-gato?

Felicidade: Táí a fila... pegava um banco. Vai apertando, apertando, apertando, até o último cair. E quando brigavam eu dizia: “Não foi eu! Me chamaram pra fazer isso!” Aí ia queixa pra casa. Eu só fazia assim: “Eu vou te pegar!” [Coloca a mão pra frente e olha séria] “Eu vou pegar seu filho!” [Aponta o dedo pra frente] E pegava mesmo! Podia ser 10 queixas, eu pegava e batia! Mas eu lutava mesmo! E só queria bater, bater, bater até dizer chega! E as mães eu dizia assim... [Respira] Ó.. eu peço perdão a meus pais hoje se tivesse vivo viu? “Oh pai mais mãe, meu corpo já não guenta mais de porrada” [Faz cara de choro forçada] Mentira! [Abre os olhos] Morreram e nunca me tocaram a mão! Quando chegava no outro dia eu dizia: eu vou pegar sua mãe! E pegava a mãe e batia. É, eu era virada na zorra! E até hoje ainda sou! Não escondo isso de ninguém [Fala alto, apontando pra frente]. Não sou de falsidade, de nada! Se disser, vai ouvir! Você vê meu comportamento aqui... Tá conversando...

termine, termine, pra não vir aquele [faz movimento com as mãos em círculos no peito. Começa a rir forte, bate na perna, coloca mão no rosto rindo]. Que saudade eu tenho da minha infância! Perante a Deus! Minha infância foi mesmo, pra abusar viu? Como eu não fazia nada em casa, minha mãe não deixava...sempre tinha uma pessoa lá em casa, eu ia subir no pé de jaca [Cruza os braços, coça o queixo olhando pra cima].

Fernanda: e comia jaca?

Felicidade: E como eu comia! Se tivesse madura eu comia lá em cima mesmo [Ri forte].

Fernanda: Então o cheirinho da infância pra você é?

Felicidade: ah, feliz! De frutas, minha filha! Que nós somos é de Cruz das Almas.

Fernanda: Pra fechar, Estrela da Manhã, diga aí!

Estrela da Manhã: Eu ficava amarrada nas coisas, quando aprontava.

Felicidade: Boazinha que era [fala ironicamente e ri. As que estão assistindo também riem].

Estrela da Manhã: [Inaudível. Fala muito baixo] Eu ia escondida pra jogar baba.

Fernanda: Pra jogar baba! [Risos]. Quem aqui jogava futebol? Ohhh... [Elisa levanta a mão]. Eu também jogava! [Risos]

Elisa: No colégio!

Fernanda: Quem brincava de boneca? [Várias levantam a mão]

Alice: Minha boneca era igual uma filha! Era de pano! Não era essas bonecas bonitas igual agora.

Fernanda: Pra fechar: quem aqui levou alguma surra na infância? [Algumas levantam a mão. Fátima, Daniela Mercury, Ana Paula, Bárbara, Lua Branca, Juventude, Prosperidade, Patrícia.]

Tita: Era de manhã, meio dia e de noite, 3 vezes por dia!

Alice: eu tinha medo de pancada! Não me lembro se tomei pancada nenhuma! Nunca!

Fátima: eu quebrei uma garrafa de leite da outra casa. Minha mãe me deu uma surra! Com 8 anos! Nunca mais apanhei de ninguém! Minha mãe me deu uma surra danada! Nunca mais ninguém me bateu! E eu nunca bati em meus filhos!

Fernanda: Pra fechar: Se a gente tivesse oportunidade de voltar no tempo, quem gostaria de voltar pra sua infância? [Bárbara, Felicidade, Daniela Mercury, Tita, Felicidade, Patrícia levantam as mãos]

Daniela Mercury: Queria voltar pra bater! [Todas riem]

Zete: eu queria voltar só pra curtir minha vida e namorar!

Todas: Hummmmmmm [riem]

Fernanda: Vamos lanchar e falar um pouco da juventude, da mocidade! Não é infância! Teve gente que casou com 15, 16 anos.. é desta fase que a gente tá falando!

Prosperidade: E eu casei com 2!

LANCHE

Fernanda: então vamos lá.. tá todo mundo sentadinha? Primeira coisa que vamos fazer. Todo mundo coloca os pés no chão [algumas tiram sapato..]

Dá uma balançadinha... [batendo pés no chão. Todas começam a bater os pés no chão]

A parte da frente... e a parte de trás... [Alice bate muito forte, outras batem muito fraco]

Bruna: Devagarzinho... não precisa ser nada muito violento [Alice ri e faz mais devagar].

Fernanda: Agora as duas mãozinhas aqui ó.. [batendo nas pernas. Duas não batem, ficam só no pé.]

Vai percebendo que tá começando a dar uma remexida nas cochas, né? E aí ó, vai subindo... sobe... na barriguinha... no peito... isso... braço... ombro... imagina se abraçando... vai pro pescoço... na bochecha... na testa... pra terminar bota a mão no ouvido [todas tapam os ouvidos]. Tirou! Respira fundo... E o que vamos fazer agora? Vamos trabalhar o nosso tempo de mocidade.

Na hora que eu pedir pra vocês taparem o ouvido, tentem fechar os olhos também e lembrar do que vem mais forte do tempo que vocês tinham lá seus 15, 20, 30 anos de idade... Certo? Fechou... ouvidos e olhos... e lembra... [Duas idosas não tapam] Concentra... Tirou! Aí vou passar a bola e em uma palavrinha vocês me dizem o que vem desse tempo! O que lembraram!

Júlia: Quando tive minha primeira filha.

Passou!

Matilde: Eu pensei que eu ainda era criança.

Amor: Por incrível que pareça, a emoção de ser pai pela primeira vez.

Fátima: [inaudível].

Emília: com 15 anos tive meu primeiro filho... Me lembrei eu em cima da cama parida... E tive no final das contas 18 filhos.

Daniela Mercury: e é pra dizer o quê?

Fernanda: quando você tinha seus 15 anos...

Daniela Mercury: eu me libertei com 20! Porque minha patroa marcava a hora de eu sair e de entrar.

Fernanda: e foi bom?

Daniela Mercury: me perdi.

Fernanda: quando você se perdeu você se achou?

Daniela Mercury: eu achei beleza! [Todas riem]

Alice: o meu dia mais alegre da minha vida, o meu dia mais alegre foi o meu casamento. Eu me senti bastante feliz! O nascimento da minha filha também. E minha relação sexual também foi muito boa [Todas gritam e riem! Chamam de danada].

Fernanda: a primeira do seu casamento?

Alice: Do meu casamento... a relação sexual do meu casamento! Foi a coisa mais feliz da minha vida. Só tive uma filha única.

D. Maria: lalalalala... [Todas riem]

Fernanda: D. Maria... a moça que não tem pecado!

D. Maria: tenho mesmo não!

Fernanda: como foi sua mocidade?

D. Maria: só estudo. Querendo aprender tudo! Não fazia nada em casa!

Alice: só não aprendeu a namorar.

D. Maria: com 3 anos recebi um santo Antônio. E me casei com um homem chamado Antônio. Eu me casei com 20 anos. Não namorei cedo não. E o namoro era dentro de casa com a mãe aqui ó [colocou mão no queixo, apoiou na mesa, imitando a mãe].

Fernanda: Passou a bola!

Alice: Passa a bola!

D. Maria: a mãe aqui ó [imita novamente]

Elisa: Ó. Eu tenho três fases na minha vida, a boa, a média e a má. Eu com 17 anos a minha mãe me botou pra fora, dormi duas noites na sacada.

Fernanda: e a boa?

Elisa: quando eu casei...

D. Maria: [começa a falar da vida no meio da fala da outra colega] com 20 me casei, com 21 tive filhos.

Estrela da Manhã: A boa pra mim foi quando eu me casei com 15 anos.

Bárbara: casou cedo né?

Fernanda: foi bom casar com 15 anos?

Estrela da Manhã: até os 33 foi ótimo!

Bárbara: a boa pra mim foi que eu nunca me casei! [Todas riem] Eu nunca me casei, mas eu tive minha primeira filha com 22 anos. Me sentia muito feliz.

Tita: minha infância foi criar meus irmãos. Criei meus irmão e tão vivo até hoje.

Fernanda: então você cuidou dos irmãos na infância e juventude? Quando é que você foi viver sua vida?

Tita: eu fui viver pra meus irmãos.

Fernanda: e quando a senhora parou de tomar conta deles?

Tita: quando eu tomei conta de família.

Zete: Minha infância foi muito boa porque eu tive meu menino com 14 anos. Me casei grávida [ri alto].

Lua Branca: Não tem melhor coisa nada!

Bruna: nada? Não veio nada na lembrança?

Lua Branca: a melhor coisa que tive na vida foi minha mãe [balança as pernas e segura a bola rígida]. Só minha mãe mesmo... só minha mãe...

Fernanda: só lembrando que a senhora quando entrou na roda sambou lindamente. Esse momento de sambar foi só quando era criança?

Lua Branca: quando eu era adolescente... eu era adolescente... meu pai não gostava não. Meu pai brigava comigo quando via eu sambar.

Fernanda: e era bom?

Lua Branca: só não era bom porque apanhava.

Juventude: Me casei com 18 anos, tive minha primeira filha... só fui viver na minha velhice, porque na juventude só foi pra criar filho. Tenho 9 filhos. Porque a pessoa quando tem filhos acaba tendo obrigação com eles, né? Agora que eu tô curtindo!

Prosperidade: [inaudível]

Patrícia: aos meus 23 anos tive meu primeiro filho, que eu amo de paixão. Que foi a maior felicidade da minha vida, foi ele!

Felicidade: minha primeira... minha maior felicidade foi com 15 anos. Me senti só, namorando, né minha filha? Fui me casar com 21. Tive minha primeira filha com 23.

Ana Paula: [Faz bico e um 'tsc'] o que marcou... eu com 17 anos tive meu filho, pesou 6 kg e 200 [sorri]. O mais velho foi... eu queria dar logo gêmeos, um menino e uma menina [Felicidade pergunta algo para ela, baixo].

Ana Paula: claro minha filha! Se tava gostoso?! [todas riem alto, mesmo sem terem escutado a pergunta].

Sol: eu? Fazer minhas bagunças. Quando o povo passava pra pegar o trem eu jogava pedra [faz movimento como se fosse se esconder]. Eu bulia mesmo!

Júlia: [Inaudível. Fala muito baixo, não dá pra ouvir. Nenhuma das vezes que ela fala dá pra ouvir. Dispersa o grupo]

Fernanda: gente, eu sei que ela está falando baixo, mas vamos tentar ouvir? [ela continua falando uns 3 minutos, mesmo na hora que Fernanda vira para pedir a atenção das outras]

Creuza: Minha juventude [o carro de som passa na hora. Inaudível].

Matilde: [Inaudível]

Fernanda: Maravilha! E quem nessa fase teve um grande amor? A história de um grande amor? Levanta a mão quem teve! [Fátima, Alice, Maria, Sol, Matilde, Estrela da Manhã, Juventude, Lua Branca, Sol, Patrícia, Felicidade, Ana Paula].

Fernanda: D. Maria teve um grande amor?

D. Maria: teve, porque eu me casei.

Fernanda: as vezes a pessoa que a gente casa não é nosso grande amor. Alguma dessas pessoas que levantou a mão gostaria de falar rapidinho como era?

Alice: Muito sincero... gostava muito de mim... E que Jesus bote ele num bom lugar, na eternidade. Porque foi meu primeiro amor. Minha filha, só tive uma filha. Me casei. Com dois anos de casada Deus levou ele na mesa da operação. Ele morreu com 29 anos e eu fiquei viúva com 26.

Fernanda: Mais alguém quer falar do seu primeiro ou grande amor?

Fátima: fui feliz no meu primeiro amor, à primeira vista! À primeira vista, passei 4 anos noiva, casei, fui feliz! Me aturou até 2010... isso que foi amor!

Fernanda: que lindo! Última pergunta: alguém aqui teve mais de um namorado?

Bárbara: eu tive um bocado! [todas riem e batem palmas]

Felicidade: curtiu a vida! [riem]

Fernanda: ela foi a única corajosa aqui? Alguém aqui teve mais de um namorado? Pode ser dois [Zete, Lua Branca, Juventude, Felicidade, Daniela Mercury levantam a mão].

Daniela Mercury: tive mais de 10! [todas riem muito].

Alice: aquela ali casou 3 vezes [aponta pra Tita].

Fernanda: Você também teve um monte de amor? [Aponta pra Bárbara]

Bárbara: tive! Bastava cair um, arranjava outro.

Zete: Tive 8.

Fernanda: você teve 8 namorados? [Várias gritam.. “essa é danada”! “Uhu”. Riem]

Pra fechar, teve uma hora que Alice falou: mas antigamente a gente não sabia das coisas. Não sabia como era namorar. E muita gente falou desse tempo bom de namorar. Eu quero duas corajosas pra poder fazer uma cena de como era o namoro naquela época. Quem pode fazer?

Alice: o namoro era ele sentado lá, ela cá.

Fernanda: não fala não... Vamos fazer... Venha fazer dona Alice..

Você namorou mais de 10, venha... Você é o homem [Daniela Mercury].

Alice: ela é o homem?

Fernanda: ela é o homem e você a mulher!

Outra: aí tinha o vizinho que ficava olhando.

Fernanda: ah, o namoro era assim, separado? [Cada uma tava de um lado].

Alice: mas ela namorou 10...

Fernanda: vamos organizar esse baba aqui... peraê! Tão me dizendo aqui... vamos ver se tem a ver com o que a senhora viveu. Primeiro tão me dizendo que o namoro era a distância, né isso? Um do lado outro do outro. Coisa mais chata!

Algumas: Era. Isso!

Ana Paula levantou e disse: Ela era a noiva [aponta para Alice], aqui era o pai [Daniela Mercury] e eu sou a mãe [fica do lado dele]. Aí quando dava nove horas o pai já ficava [olha no relógio e fica “limpando garganta”, hamham]... nove horas! [todas riem]

Alice: quando o cara vinha namorar já sabia que nove horas tinha que ir embora.

Ana Paula: é.. Ficava “hamham”... nove horas.. nove horas seu Luiz.. [deu a mão para Alice, se despedindo e puxou Daniela Mercury, que estava representando o pai], muito prazer [saiu andando com Daniela Mercury].

Alice: agora dá beijo na boca...

Fernanda: Peraê! Mas todas viveram a mesma coisa?

Ana Paula: todo mundo! Quem namorou antigamente era assim!

Fernanda: não tinha nem aquela coisa da mão?

Ana Paula e Sol: Nãooooo!!! Balançam o dedo negativamente!

Daniela Mercury: o namoro agora... chama namoro disfarçado. Eu tava gostando de um motorista agora... ele no volante, eu sentada naquela cadeira. Aí passava uma pessoa e dizia: “mas toda hora você fica dando volta pra cá.” aí vem ele e dizia: “ela tá tomando conta do negão dela”. Mas quando ele procurou o que não interessa, mandei ele pra um lugar que eu não posso explicar. Beijo na mão. Deus lhe dê boa noite!

Fernanda: deixa eu só... a mulher [aponta pra Alice] e o homem [Daniela Mercury], a namorada e o namorado... Deixa eu só ver uma frasezinha, duas, de como é que era. Chegou na casa... A senhora pode fazer o pai? [Ana Paula]

[Ana Paula levanta rapidamente]

Quer fazer também? [Fátima levanta a mão] Então a senhora faz o pai [Ana Paula] e a senhora faz a mãe [Fátima]. Namorado [Daniela Mercury] e namorada [Alice].

Ana Paula: namorado fica pra lá... [Daniela Mercury, sai de perto de Ana Paula e vai pro outro lado]

Fátima: eu quero ser a filha!

Alice: a filha sou eu! Ela é o pai!

Fernanda: então você faz a outra cena... guenta aí!

[Alice abraça Daniela Mercury]: Meu namorado! [risos]

Fernanda: como era?

Ana Paula: Nove horas... “hamham”... [Alice e Daniela Mercury se olham].

Daniela Mercury: né hora não.. 9h30.

Ana Paula: [Balança dedo negativamente] 9 horas, bora!! [Rosto sério. Pega na mão de Daniela Mercury e cumprimenta enquanto fala] Até quarta! [Puxa Alice, que representa a filha]

Daniela Mercury: Até quarta!

Ana Paula: Boa noite seu João, até quarta!! [todas riem] Ninguém chegava nem na porta.. Aonde!!!

Fernanda: A namorada não fazia nada?

Ana Paula: ia dormir... pra casa, que era hora de dormir!

Alice: não beijava, nem colado! A gente não beijava!

Fernanda: a senhora agora quer fazer a filha.

Fátima: eu sou a filha!

Fernanda: namorado, vá pra lá. [Daniela Mercury anda se arrastando... arrasta o chinelo].

Fátima: ali é um homem? Ela vai fazer o namorado?

Fernanda: Sim!

[Fátima levantou, olhou pro homem, sentou]

Fernanda: era só isso?

Fátima: só isso!

Fernanda: então obrigada! Uma salva de palmas! [Daniela Mercury abaixa a cabeça, agradecendo e se arrasta pra cadeira]

Bruna: Gente, deixa só eu fazer uma pergunta pra vocês. Como é que tá sendo? O que é que pode melhorar? O que é que pode ser feito diferente? O que vocês estão gostando? Sabe como está sendo pra a gente poder fazer melhor na próxima.

Alice: eu tô achando tudo bom!

Daniela Mercury: Da minha parte tá muito bom!

Outra: mudar nada!

Daniela Mercury: a conversa de namoro tá bom! [Ri]

Fátima: Estamos abrindo a mente a lembrar do passado [sorri].

Bruna: E como está sendo lembrar do passado pra vocês?

Alice: tá.. tá bom! Muito bom!

Daniela Mercury: pra mim a conversa de namoro foi JÓIA! O namoro foi tão bom que eu tive 16 filhos!

Bruna: sugestão pra gente melhorar?

Felicidade: cada semana tá melhorando! Da minha parte tô gostando!

Sol: moça, quer que eu conto meu princípio de namoro?

Bruna: Deixa eu só saber isso aqui antes! Daqui a pouco você volta pro namoro, certo? Alguém sente bem? Sente algo diferente?

Fátima: eu me sinto feliz! Amém!

Felicidade: eu sei que vocês tão dando mais espaço, né? Pra gente se comunicar mais ainda. Pra gente se comunicar também com vocês e vocês com a gente!

Bruna: eu quero saber de vocês pra gente ir construindo juntas. Exemplo: hoje vimos que vocês não gostam de ficar muito em pé, então semana que vem já vamos revezar mais. Pois queremos fazer tudo com vocês! Isso é importante!

Ana Paula: Pagode!

Felicidade: Aí o que ela quer! Pagode!

Alice: graças a Deus a palestra foi muito boa! Vocês tem boa vontade! E que Jesus ajude a vocês nas suas formatura...que Jesus ajude, dê saúde a vocês pra adquirir o que vocês planeja, né?

Bruna: e vocês sentem alguma diferença no dia a dia quando saem daqui?

Alice: O corpo fica mais leve.

Bruna: Alguém mais?

Sol: fiquei doente nessas semanas, e senti muita saudade! Ela alí ó, foi me visitar. Essa daqui ó... foi na minha casa! Muita amizade!

Alice: Elas ficam até abril. Dia -07.

Outra: já agora?

Outra: Já?

Alice: É...

Sol: Ó meu deus... Demore mais abril!! [faz gesto empurrando o vento. Todas riem]

Bruna: E vocês vão apresentar dia 07!

Felicidade: porque vão sair logo início de mês?

Fernanda: porque abril tem muito feriado!

[Fazemos os agradecimentos do dia. Todas batem palmas!]

[Encerramento com o pedido delas. Cantam a oração do pai-nosso. Muitas fecham os olhos].

Impressões/anotações do diário de campo:

No primeiro e segundo encontros houve maior dispersão, auxiliado pelo espaço amplo e pela organização. Neste encontro eles criaram cena juntas e cooperaram mais umas com as outras, apesar de existirem conflitos grupais, com presença de disputas, falta de paciência com algumas pessoas, papéis de liderança, discussões. A velhice não modifica necessariamente a dinâmica dos grupos.

O planejamento precisou ser flexibilizado pelas demandas que emergiram na hora.

QUARTO DIA DE OFICINA

A transcrição a seguir consiste na quarta oficina, realizada no dia 17 de março de 2017, em um pátio aberto, na ONG, com duração média de 2h e 30 min.

[Chegada, organização do espaço, conversas informais sobre a semana. Sentadas em roda, começamos a oficina perguntando sobre o que tínhamos feito no encontro anterior]

Fernanda: Quem lembra?

Outra: Eu não lembro mais!

Fernanda: Quem pode ajudar?

Ana Paula: Nós falamos da infância da gente! Como foi pra gente, né?

Fernanda: como foi a infância... Isso...

Alice: Adolescência!

Fernanda: Adolescência... isso!

Alice: E depois adulto!

Fernanda: E depois adulto...

Juventude: As travessuras que fazia.

Alice: [inaudível]

Daniela Mercury: Teve muita alegria. Muito prazer aqui mesmo, né? Pedir a Deus que conserve assim!

Fernanda: Deu pra entender, Seu Pedro? Dona Neves? O que a gente fez? [Pedro e Neves não estavam no encontro anterior]

[Pedro e Neves movimentam a cabeça afirmativamente].

Fernanda: Amor, você quer lembrar algo mais?

Amor: Gente, queria dizer que a semana passada, pra quem não veio, foi uma semana muito gostosa! É.. apesar de as pessoas não estarem lembrando muito...

Fernanda: É normal. Natural...

Amor: Normal né? Mas. Nós trabalhamos a questão de você buscar ter sua memória. Principalmente sua memória afetiva, né? Do que aconteceu, do que mais impactou na sua vida... Não foi isso? O que mais lhe marcou? Você quando criança... Como a gente tá se vendo o hoje. Aí teve o trabalho do teatro que teve aqui...

[Neste momento inicial algumas idosas começam a ficar distraídas, conversam entre si, outras ficam prestando atenção à rememoração]

Alice: Sobre os nomes também!

Fernanda: Sobre os nomes foi lá atrás.

Alice: O que significava o nome!

Fernanda: Isso! O de Alice não esqueço mais! [risos]

[Alice começa a rir, aponta para Fernanda e cobre os olhos]

Fernanda: Eu tenho anotado de todo mundo. Seu Pedro, Ana Paula... Lembro de todo mundo Tenho tudo anotadinho. E aí, depois do lanche, a gente vai explicar onde é que a gente quer chegar com vocês, certo? Mas não vou falar muito agora não.

Eu sou uma pessoa que gosta muito de carinho Vocês gostam de carinho?

Outra: quem não gosta?

Amor: Opa!

Lua Branca: Não gosto de carinho.

Fernanda: Não gosta de carinho?

[Juventude começa a gargalhar]

Pedro: eu gosto muito de carinho, especialmente de mulher!

Várias ao mesmo tempo: Ahhhh... hummm...

Pedro: Mas só que eu não tenho.

Bruna: Oxe! Você tá cheio de mulher aqui que é carinhosa.

Pedro: E não é? Eu sexta feira estava lá no negócio lá, tinha gente assim [faz movimento nas mãos para mostrar que estava cheio], e eu pensando em vocês aqui.

Alice começa a cantar a música de Luiz Gonzaga, Chamego: “O chamego dá prazer, o chamego faz sofrer, o chamego às vezes dói, às vezes não. O chamego às vezes rói o coração. Todo mundo quer saber o que é o chamego, ninguém sabe se ele é branco, se é mulato ou negro. Ninguém sabe se ele é branco, se é mulato ou negro. Quem não sabe o que é chamego, pede pra vovó que já tem setenta anos e ainda quer xodó, e reclama noite e dia por viver tão só, e reclama noite e dia por viver tão só. Ai que xodó, ai que chamego” [Nessa última frase pega a mão de Seu Pedro e de Creuza e colocam um para segurar a mão do outro. Todas riem, gritam e aplaudem. Ao longo da música algumas também cantam].

Fernanda: Ae!! Vamos aproveitar para levantar rapidinho, só pra gente fazer um chameguinho bom! É rápido! Vem, vem, vem [levanta e convida elas para o centro].

Bruna: Venham chamegar! Venham! Hoje é sexta-feira. Animação! [Fernanda e Bruna começam a ajudar a levantar quem está indisposta].

Quem estiver muito cansada, com pernas doendo, pode ficar sentada. A gente organiza a roda assim.

[Todas se levantam. A roda se forma rapidamente, todas se juntam sem resistência. Fernanda pede para darem um passo mais para frente, para juntar ombro com ombro, o que ocorre de primeira].

Fernanda: [apontando para Estrela da Manhã] vou te colocar lá, do lado de Seu Pedro, que está querendo chamego de mulher [risos].

Pedro: Ela é muito jovem para mim!

Fernanda: Vamos passar o olho?

Pedro: Mulher não fica feia. Mulher não fica feia! Não existe mulher feia! Mulher é a rosa do jardim da natureza.

Alice: Ohhhhhh beleza!

Fernanda: Vamos lembrar aqui quem está ausente, né? Essa roda tá faltando gente, não tá?

[Elas falam os nomes de quem está faltando e alegam que algumas chegam atrasadas]

Fernanda: Ó. Então pra a gente não ficar muito tempo em pé e a gente produzir bastante hoje, sente a mãozinha de quem está do lado... sente se está gelada... sente se está quentinha...

Pedro: Essa aqui está gelada!

[Algumas apertam forte as mãos umas das outras, começam a conversar e sorrir]

Fernanda: Pode dar uma apertadinha.. vocês na semana passada falaram que na época de namorar não podia nem pegar na mão. Aproveita que agora pode, pega na mão, amassa. [risos de quase todas]

[começam a gritar: Ohhhhh. E a rir]

Alice: Isso! Aproveita!! [sai do meio de Pedro e Creuza, coloca os dois de mãos dadas e se muda rindo bastante]

Pedro: Tá vendo aí! Agora pode! Agora pooooode. [todas riem muito]

Alice: Aonde é que vou ficar?

Amor: Aqui! Venha para cá! [Alice se muda]

Fernanda: Pronto... sentiu a mãozinha aí? De quem tá do lado? Sente se essa mão tá macia, se tá um aperto forte, se tá um aperto carinhoso...

[Estrela da Manhã começa a falar também com as colegas ao lado]

Fernanda: Se tá molhada... a minha mesmo está molhada! Se está seca... Se tá mais quente que a sua...

[começam a checar se está molhada ou seca, olham para as mãos, soltam, voltam, não conseguem manter-se no contato e concentradas por muito tempo].

Pedro: É.. aqui tem uma com a mão quente!

[Creuza pisca e ri]

Todas: olhaaaaaaaaaaaaa! [riem]

Fernanda: Olha a piscada dela! A piscada dela foi metralhadora! [riem]

Que vamos fazer agora? Todo mundo vai virar para lá [esquerda], como se fosse um trenzinho [começam a virar]. Isso! Exatamente! Soltou a mão!

[Fernanda organiza a roda, pois metade virou para a direita]

Fernanda: O povo de cá fez errado! Bora. É pra lá! [Vai ajustando todas, uma atrás da outra]. Agora bota a mão no ombro. Isso! O que vamos fazer agora? Coloquem uma mãozinha na frente da outra e faz assim [começa a esfregar uma mão na outra]. A gente vai dar um pouco de carinho pro outro, e também vai receber. Então primeira coisa: pega a sua mãozinha e dá uma “esfregadinha” assim. Imagina todas as coisas boas que vocês querem colocar nessa mão... de paciência... de amor...

[algumas começam a conversar com a da frente]. E ó. Traz seu pensamento para cá para a roda. Concentração!

Alice: E todo mundo dá uma massagem no outro!

Fernanda: Botou a mão na frente, bota a mão na frente e começa a amassar. E faz um carinho... [começam a amassar as costas do outro e rir muito, gritar, falar...]. Aproveita... [falam e riem enquanto massageiam] Eu queria que vocês fizessem em silêncio, só ouvindo minha voz, se dedica aí nessa mão, nas costas, nos ombros do colega, da colega que tá aí na sua frente [algumas ficam concentradas, outras continuam rindo bastante] respira... devagar... E ó: silêncio, tá bom? Faz um carinho em quem tá na sua frente como se fosse um carinho pra você mesmo [começam a concentrar, ficam sem rir, entram em contato]. Aí Dona Alice que não é boba, já passou no ombro pra a cabeça [Dona Alice massageia cabeça de Amor e as outras riem]. Então ó, massageia aqui os ombros, massageia o pescoço... [ficam novamente em contato] pega na orelhinha [todas se movimentam, começam a rir quando pegam na orelha. Dona Matilde, que está antes de Seu Pedro, não toca nas orelhas dele]. Concentra... Vamos tentar ficar em silêncio. Relaxa... relaxa... [Fernanda toca em algumas que estão mais tensas]. Isso... amassa bem essa orelhinha aí [começam a entrar mais em contato. Matilde chega perto da orelha de seu Pedro, mas desiste].

Agora vai baixando essa mão...

Pedro: Mulher, para com isso... Amor, baixar a mão é complicaaado.

Fernanda: Oh, vamos até a cintura. Isso, baixando mais... [começam a rir novamente e sair do contato]. Ó, uma coisa é legal... [uma senhora fala que está sentindo cócegas e começam a rir muito] você tá sentindo cosquinha é? [risos]

Vamos agora mudar o lado. Todos viram para o outro lado e vamos agora tocar a pessoa que estava atrás da gente [mudam o lado e já fazem o toque apressadamente, olhando para os lados, rindo].

Vamos fazer um toque devagar. É importante que a pessoa perceba que está sendo tocada... o carinho é pra ser devagar [começam a ficar mais concentrados, param os sorrisos]. Dá uma amassadinha nesse ombro... No ombro ainda, gente! A outra já tá na cintura [risos]. Vai pro pescoço... [começam novamente os risos altos e a interrupção nos toques] orelhinha... [riem fortemente].

Alice: O meu amor já morreu há muito tempo!

Fernanda: Vem pro “cangote” agora. O cabelinho... [Seu Pedro não toca a pessoa da frente, apenas deixa as mãos pousadas nos ombros e olha muito para os lados]. Sente o cabelinho do outro... Com todo respeito, com tranquilidade... [neste momento, apenas Emilia permanece rindo e Pedro com as mãos pousadas no ombro da pessoa na frente, as outras conseguem ficar no toque com mais profundidade]. Aí agora faz uma conchinha nas mãos e vai dando umas batidinhas leves nas costas do outro, até a cintura...

Creuza: Ai, ai, ai, ai, ai [começa a rir forte]

Fernanda: Isso... batidinhas leves... Agora virou de frente, e ó [faz movimento de balanço dos braços em direção ao chão. Solta as mãos fortemente em direção ao chão. Todos viram para a frente, menos Creuza, e a imitam. Uns fazem mais forte, outros fazem bem fraco, mas todos conseguem fazer]. Dona Pedroina está tão emocionada que ainda está olhando para seu Pedro. Olhe pra mim, mulher! [risos. Todas gargalham, inclusive Creuza] Não dá pra competir com seu Pedro, né? [risos].

Bom, mas agora que vocês estão todos aqui olhando para mim, vou pedir que um voluntário venha aqui para o meio. Uma corajosa.

[Eles apontam uns para os outros. Dois apontam para Alice, que diz que não quer ir. Pedro fala: vai Alice!]

Alice: [caminha para o centro dizendo] eu não queria vir porque não sei o que é!

Fernanda: Ah... mas chegue! Tá tudo bem. Posso tirar sua bolsa? [ela estava com a bolsa atravessada no peito].

Alice: Pode! [Tira e guarda] Olha o que você vai aprontar, viu? [as outras riem]. Olha bem o que ela vai fazer!

Fernanda: Venha! [Fala sorrindo] vai ser a senhora, então?

Alice: Olha bem o que você vai aprontar [fala sorrindo, segurando a cintura de Fernanda].

Fernanda: Você confia no seu grupo? [aponta para a roda]

Alice: Confio. O povo aí é honesto!

Fernanda: Então pronto! Venha pra cá [segura as mãos de Alice, que está em sua frente no centro da roda]. Que vamos fazer agora? A gente vai pegar Dona Alice que está aqui na frente, que se disponibilizou para o grupo, e a gente vai... Primeiro lugar, pega nossa mãozinha [solta Alice e coloca uma mão na frente da outra, esfregando. Todos imitam]. Se senhora não precisa [fala para Dona Alice, que também a imitou]. A senhora vai se concentrar aqui no meio. A gente vai pegar nossa mãozinha, olhar para o corpo de Dona Alice...

Alice: E ver qual os defeitos! [algumas riem]

Fernanda: E vai simplesmente chegar perto dela, colocar as suas mãos num lugar do corpo dela. Só isso!

Alice: [coloca as mãos em sinal de “PARE” com as palmas voltadas para a frente e fala] aMariaiiiiii [coloca a mão no rosto. As outras riem fortemente].

Estrela da Manhã: Baixaria!

Pedro: Ó o perigo!

Fernanda: Gente, olha aqui. Por exemplo. Se puder, fecha os olhos para sentir a “quenturinha” [coloca as mãos nos ouvidos dela]. E a gente vai ficar ali, em silêncio para não desconcentrar ela. Levando para ela o melhor que temos para oferecer. Tá bom? Então concentrou com a mão aqui ó [coloca uma mão junto com a outra].

Alice: vou receber a influência né?

Fernanda: O que seria influência? [algumas riem]

Estrela da Manhã: Energia!

Fernanda: Então vamos lá. Você é uma mulher generosa que aceita receber o carinho do outro. Então venham aqui aos pouquinhos [Alice está no centro, com o corpo enrijecido, olhos fechados. Fernanda começa colocando a mão nos ouvidos de Alice, Amor vem e coloca no ombro, as pessoas começam a vir de vez e colocar as mãos em Alice. Três pessoas ficam olhando e alegam que não há espaço, dentre eles seu Pedro].

Amor: Vamos elevar nosso pensamento em alguma coisa boa, prazerosa, gostosa que a gente queria receber [Alice balança a cabeça afirmativamente], que a gente possa dar pelo toque das nossas mãos no corpo da nossa amiga. Sensação maravilhosa, porque quando a gente dá, a gente recebe. Então vamos em silêncio nos concentrar pra ela receber o máximo possível [as outras idosas passam a ficar mais confortáveis em tocar Alice, algumas fecham os olhos].

Fernanda: Vamos soltando as mãos devagarzinho... Você pode ir abrindo os olhos devagarzinho também. Quem não tocou nela pode tocar agora [as duas seguem e eu Pedro fica. As outras idosas falam para ele ir, ele segue e toca o ombro e o braço dela, enquanto olha para os lados]. Respira fundo... [Alice respira profundamente] e vamos soltando devagar...

Pedro: [segura os ombros dela, quando as outras soltam e começa a falar sobre a “palavra de Deus”, como ele chama] Com a guarda do nosso senhor Jesus Cristo, que ele te abençoe, te guarde, te proteja de tudo. E nunca pense que você é velha, porque mulher nenhuma fica velha. Mulher é nova todo o tempo. Tá faltando é homem, mas mulher é nova todo o tempo [vai falando e empurrando levemente ela, enquanto fala].

Alice: Obrigada [as mãos estão cruzadas em frente à barriga, olhando para baixo]. Obrigada por tudo [continua no centro olhando para baixo e com os olhos fechados. Lua Branca chega perto, alisa o cabelo dela, toca nas costas e sai].

Fernanda: Abre os olhos devagarzinho, e se quiser dá um remelexo [Alice começa a se sacudir levemente. Todos começam a bater palmas e se balançar. Neves começa a fazer gestos com as mãos para fora e para cima, e dizer “que tudo de ruim vá embora”]. Uma salva de palmas para Alice [todos batem palmas].

Alice: Obrigada! Foi uma sensação muito boa, viu? Foi de amor. Só teve amor [abre os braços]. Todo mundo teve amor pra me dar, graças ao bom Deus!

Outras: Amém! [Começam a aplaudir e sorrir]

Fernanda: Agora vocês podem sentar, mas cheguem bem pertinho aqui a cadeirinha de vocês. Deixa eu ajudar.

[Todas se organizam sentadas nas cadeiras em um círculo]

Fernanda: Vocês lembram da semana passada? A gente falou da nossa infância, a gente falou da nossa juventude... Né isso? Teve gente que falou e gente que não falou. Não tem problema pois tudo é comunicação e expressão. Hoje a gente vai falar desse tempo mais adulto, que quando a gente é pequeno a maioria das pessoas ou já perguntaram pra vocês, ou vocês já perguntaram pra uma criança ou pra um jovem: o que é que você vai ser quando crescer? E aí você cresce. E muitas vezes aquilo que você pensou quando você era criança ou jovem não se realiza. Ou se realiza, não é? [Idosas estão sentadas, corpos curvados, silenciosas, algumas olham fixamente para Fernanda, outras dispersam e olham para o mar ou para as outras]. Então o que é que a gente vai fazer hoje. Dois exercícios: o primeiro é um teatro aqui rápido, com a situação seguinte. Duas amigas que se encontram, e essas amigas podem ser já jovens... Então vamos dizer, por exemplo, Ana Paula jovem [Ana Paula se retrai na cadeira e faz bico] e por exemplo Dona Pedraina [Creuza balança a cabeça e se balança na cadeira, inquieta. Começa a balançar as pernas bastante].

Ana Paula: Vixe!

Fernanda: Então elas vão se encontrar ou no ponto de ônibus, ou num parque, e uma vai dizer pra outra: “Nossa, mas quanto tempo que a gente não se vê! Mas e aí? O que é que você quer fazer da vida? O que é que você quer fazer quando você crescer?” E aí vamos ver o que vai sair de respostas. Na verdade eu quero primeiro duas voluntárias. Quem pode? A gente coloca aqui primeiro duas cadeirinhas pra vocês não cansarem, e essas duas pessoas...

Outra: Quem quiser?

Fernanda: Isso. Quem quiser. [Começam a apontar umas para as outras. Seu Pedro se levanta e logo em seguida Juventude. Ambos sentam-se nas cadeiras, no meio da roda]. Você tem 15 anos, certo? E você também [fala para cada um deles]. Vocês se conhecem desde a época da escola e aí de repente se encontram no ponto do ônibus! Estão esperando o ônibus passar. E se encontram, na sua mocidade e na sua mocidade e vão perguntar um pro outro: “e aí? O que é que você vai querer fazer, ser, quando você crescer?”. E o legal é que vocês possam dizer o que vocês realmente queriam fazer quando o senhor tinha 15 anos [aponta para seu Pedro] e quando a senhora tinha 15 anos [aponta para Juventude]. Queremos ouvir seus sonhos, seus projetos, seus desejos, vontades... e pode ser qualquer coisa! Não precisa ser uma GRANDE coisa! Tá bom? Então vamos lá, quando eu disser valendo vocês se encontram, tá? 1, 2, 3 e valendo! [Nesse momento, algumas crianças que participam da ONG estão assistindo o trabalho. Toda semana ficam algumas crianças assistindo pedaços do trabalho]

Pedro: Oh... tudo bem? Como vai você? [aperta a mão de Juventude, dá batidas na mão dela, enquanto aperta].

Juventude: Tudo bem! Como vai? [ambos sorriem. As que estão assistindo sorriem bastante também]. Eu tô bem, “é de hoje” que eu não te vejo!

Pedro: eu também, como vai? Como tá de estudos? [não solta a mão de Juventude, continua balançando o braço dela]

Juventude: Eu tô bem.

Pedro: Qual é sua pretensão amanhã? Depois? [continua balançando a mão de Juventude]

Juventude: tô estudando! Pra ser professora!

Pedro: Ótimo! Uma boa... Professora! [continua balançando a mão de Juventude. Ela sorrindo] Isso é ótimo! Pelo menos tem muitas crianças aí precisando de você!

Juventude: É mesmo!

Pedro: E aí? Mais alguma coisa? [continua balançando a mão de Juventude]

Juventude: Não, não... quero prosperar né? Com fé em Deus [olha para os lados]

Pedro: Com certeza! [Balança ainda mais forte a mão de Juventude] É isso!! [Juventude puxa a mão. Ele olha para baixo, ela sorri e olha para Fernanda]

Fernanda: E ele? Você não vai perguntar pra ele não?

Juventude: O senhor quer ser o que, quando crescer?

Fernanda: O senhor não, ele tem 15 anos! [todas riem alto]

Pedro: Ah... chateou!!! Eu sou novo! [Sorri. Todas riem em volta]

Juventude: O que você quer ser, mamãe? [Bate uma palma e sorri. Todas gritam: hummmmmm.. Riem alto.]

Pedro: Eu quero ser... é... engenheiro eletrônico! Não sei se vou chegar lá, porque eletricista, ajudante de eletricista, eu já fui. Mas engenheiro eletrônico, não cheguei lá. E o meu maior desejo é encontrar uma boa moça, decente, carinhosa, educada, me casar, construir uma família e viver até o dia que Deus quiser me levar. E sempre estar rodeado com rosas de toda qualidade [aponta para as idosas] [inaudível] Certo? Pronto! [Bate uma palma e olha para Fernanda].

Fernanda: aí ela falou o que quer da profissão, mas e da vida pessoal? Pergunta pra ela o que ela quer da vida pessoal também.

Pedro: O que você quer ser? [fala com a mão na frente da boca, difícil de ouvir]

Juventude: Eu quero ser? Uma boa pessoa! [Pedro balança a cabeça afirmativamente, com força] Tratar todos bem, ter meus amigos de infância, até o dia que Deus quiser.

Pedro: Ótimo! [Balança a cabeça afirmativamente]

Juventude: E você?

Pedro: Quero ser amigo, quero ajudar os outros, os mais necessitados. E também quero ser respeitado, e é isso!

Fernanda: Você tá pegando ônibus pra onde? [aponta para Pedro]

Pedro: Pra Barra!

Fernanda: Pergunta o que é que ele vai fazer na Barra? 15 anos de idade, indo pra Barra... [todas riem forte]

Juventude: O que você vai fazer na Barra?

Pedro: Vou olhar as meninas! [Todas riem alto e forte]

Fernanda: Sempre foi namorador! [Risos]

Pedro: E você?

Juventude: Eu não vou pra lugar nenhum. Tô dentro de casa de castigo!

Fernanda: Não. Você está num ponto de ônibus! [Juventude ri, junto com os outros].

Juventude: eu vou pro colégio, estudar.

Fernanda: Onde fica sua escola?

Juventude: Minha escola fica lá na Barra! [Idosas levantam, riem alto. Seu Pedro e Amor fazem cara de espanto e depois riem]

Pedro: Nós vamos nos encontrar lá! [Fala enquanto ri e bate palmas forte]

Juventude: Tá bem! Vai ser gostoso! [Todas riem alto. Eles riem forte]

Pedro: Vamos beber! [bate palmas e ri]

Fernanda: Com 15 anos de idade pode? [Risos. Todas riem]

Juventude: Não pode! Naquele tempo ninguém tinha liberdade pra fazer essas coisas [cruza os braços na frente da barriga], porque eu tinha que ir pro colégio, tinha a hora certa de sair e a hora certa de chegar.

Pedro: Mas no meu tempo também a gente saía pelo fundo da porta de casa [todas falam: “ahhhhhhhh” e riem. Os dois estão rindo bastante]. Vamos amanhã?

Juventude: Não! [riem] Fique lá no seu cantinho que eu fico no meu.

Pedro: Tá vendo? [riem muito]

Outra: Levou um fora! Seu Pedro levou um fora [riem].

Pedro: Foi. E você gostou não foi? [risos]

Fernanda: Uma salva de palmas para os dois aqui! [todos batem palmas]

O que é que mais chamou atenção de vocês aqui?

Tita: Paz!

Fernanda: O quê mais?

Alice: O que me chamou mais atenção foi o fora que ele levou [todas riram]

Pedro: Você gostou disso? Tá vendo que você não presta! [Falou rindo. As outras riram]

Alice: Eu gostei do fora! [Todas continuaram rindo]

Amor: eu senti muita verdade. Apesar das coisas virem assim, né? Eu senti muita verdade! Parecia que eu tava vendo dois adolescentes, mesmo! Poxa. Como é legal a gente reviver, né? E até a gente projetar o que a gente sonhou. Que muitas coisas a gente não consegue realizar, né? Mas é muito muito prazeroso. Muito bom né? Esse trabalho, né? Adorei! [Todas as vezes que Amor falam Pedro balança fortemente a cabeça de forma afirmativa].

Pedro: Palmas! [Puxa as palmas e todas batem palmas].

Fernanda: Dona Ana Paula, o que te chamou atenção aqui?

Ana Paula: Que antigamente não tinha essa liberdade que tem hoje, não.

Fernanda: De pegar ônibus sozinho?

Ana Paula: Não. De namorar! O namoro era muito diferente. Ficava aqui o namorado, ali a mãe [apontou pro lado] e lá o pai [apontou para mais longe ainda], e quando saíam [olhou para o relógio e fez cara séria]... Hum hum... nove horas Dona Maria! Já tá na hora “óí”. De o namorado ir embora. Não tinha negócio de pegar a mão, de beijar, nem nada né? Hoje não. Primeira coisa que se vê é língua com língua, língua trocando língua [todas riem alto] e vamos pro cinema, e vamos pra praia.

Fernanda: agora veja. Ele falou [apontou para seu Pedro] de que podia sair por trás. Ela disse [apontou para Juventude] que não podia ir pra praia porque ia estudar. Aí ele disse que eles podiam ir estudar mas podiam sair pela porta dos fundos. Existia isso mesmo? Isso que me chamou atenção! Ele danado, ó!

Estrela da Manhã: Existia mesmo!

Pedro: Existia! Uma vez conheci uma moça na praia e eu fiquei alucinado! E eu saí com ela [inaudível: 05s].

Fernanda: E o senhor lembra? O endereço!

Pedro: Tá aqui! [Aponta para a cabeça] Aí, eu perguntei quando ela levantou para meu pai, minha mãe, meu tio e você sabe como é. Eu tinha 15 anos e ela 14. Eu disse: eu posso pedir uma coisa a você. A primeira vez que eu encontrei... Se eu te pedir em namoro você aceita? [inaudível: 04s] aí ! “pam”! Aí três meses depois ela já tava aqui. Eu tive, eu tive, eu tive... [segura o coração] Eu não tive uma mulher, eu tive uma santa na minha vida! E desde a morte dela, minha vida perdeu [balança a cabeça negativamente]... eu me reanimo porque eu tenho Jesus Cristo, mas a minha mulher é tudo, tudo, tudo, tudo! Tudo o que você puder imaginar! É ela!

Fernanda: E foi amor à primeira vista, né? Na praia.

Pedro: A gente não namorou não, a gente se encontrou assim na praia [aponta pra frente].

Estrela da Manhã: Eu e meu marido também foi assim. Ele com 15 e eu com 14, e a gente casou foi com 6 meses.

Fernanda: e foram felizes...

Estrela da Manhã: Fomos! Até 30 e poucos anos.

Fátima: Eu quero dizer! O importante que eu achei desse casal aí de 15 anos foi ela, sempre dando fora nas palavras dele. Pela idade. Porque na minha idade de 16 anos foi assim... amor à primeira vista, mas fora, fora, fora, até os 19 anos. Aí a gente se vê, né?

Fernanda: É verdade. Você então se viu aí...

Juventude: Tudo era controlado! Tinha hora de sair, hora de chegar, hora de fazer o dever, a hora de lanchar, sempre alí [mãos fechadas].

Fernanda: Por isso que Ana Paula disse que o namoro era daquele jeito né?

Juventude: Lá em casa só eram poucas pessoas, eu tive somente três irmãs, comigo quatro.

Fernanda: Então quero fazer outra pergunta que me chamou atenção. Vocês lembram o que ele queria ser quando crescesse?

Todas: Engenheiro!

Fernanda: Engenheiro o quê?

Algumas: Eletrônico.

Fernanda: Eletrônico... e ela queria ser o quê?

Todas: Professora!

Fernanda: Esses eram os desejos de vocês mesmo?

Juventude: Era, e eu estudei pra professora mesmo!

Fernanda: Estudou... e conseguiu se realizar?

Juventude: Consegui!

Fernanda: e você [aponta para Pedro]

Pedro: Eu não cheguei a estudar engenharia, que não era fácil aquela época. Mas mesmo assim eu cheguei a estudar em uma escola técnica em São Paulo e me formei em eletricista de manutenção industrial. Aí de lá abriu uma seleção pra cá [inaudível: 03s] e eu já vim de lá empregado. Terminei. Nunca trabalhei em outra coisa. Terminei trabalhando na [nome da empresa] com manutenção elétrica e é isso [fala com os olhos fechados].

Fernanda: Que maravilha!! Agora vamos fazer assim. Vocês vão se encontrar hoje, como e fosse nos dias de hoje, e vão perguntar um pro outro o que vocês fizeram da vida. Quais projetos foram

realizados, o que estão fazendo, os sonhos que conquistaram, tudo. E depois vocês vão perguntar hoje, quais são os sonhos e projetos que vocês ainda querem realizar! Certo? Hoje!

Pedro: Oi! Nos encontramos aqui, depois de tanto tempo! A senhora está indo pra onde?

Juventude: Eu vou pra Periperi! Onde eu moro!

Pedro: E o que você ficou fazendo esse tempo todo?

Juventude: O que eu fiz da vida foi procurar marido cedo, tive onze filhos com ele, tenho nove vivos, e só nasci mesmo para a família, fiquei para a família. Trabalhava...

Pedro: Concluiu os estudos?

Juventude: Antes... antes! Eu concluí meus estudos, fiz um concurso na polícia militar, fui polícia feminina, mas saí porque naquele tempo... Exerci dois anos. Saí porque não podia ter filho naquele tempo, e hoje em dia “nego” pode “emprenhar” até lá dentro! [algumas riem] Eu digo a meus comandantes que exerceram naquela época, que já estão já velhos... Hoje em dia “nego” pode fazer isso e aquilo lá dentro. Eles começam a dar risada e diz que eu sou maluca. Eu não sou maluca, não! [Aumenta a voz, levanta o dedo].

Pedro: e o que você pensa agora, a partir desse instante?

Juventude: Eu vivi pra família. Neste instante eu quero viajar, eu quero ver meus amigos bons, minhas amigas... E você?

Pedro: [inaudível: 05s] mas a gente tem que agradecer a Deus pelo nosso dia a dia, e que a gente não adocece por uma questão [inaudível: 03s], mas mesmo assim Deus perdoa.

Juventude: Amém! Agora naquele tempo você não teve como crescer porque não tinha [faz movimento nas mãos como se fosse dinheiro]. Porque naquele tempo o pobre ia estudar pra professora, porque era o que dava.

Pedro: Era o que dava mesmo.

Juventude: Era melhor, não gastava muito. Fazia o pedagógico, estudava 03 anos pra professor e acabou. E quando vai é difícil, porque eu tenho um filho que é engenheiro e está sendo difícil! Ele trabalhava na Petrobrás e cortou com a crise.

Pedro: Mas assim mesmo eu tô feliz! Eu me casei, construí uma família grande, mas com o tempo cada um foi tomando seu rumo [inaudível 04s], então eu fiquei sozinho até hoje. Então sigo a Deus, sozinho. Mas agora, futuramente eu quero ir a Natal, quero visitar uma cidade que eu adoro! E de lá quero ir a Goiás, em São Francisco de Assis [inaudível: 03s] em nome de Jesus [toca no coração com as duas mãos]. Eu fazendo isso Deus pode me levar!

Juventude: Deus vai te ajudar que você vai fazer o que você pensa! Eu só quero passear por aqui mesmo! Já tá ótimo! Ir em [inaudível], em Caruaru, molhar os panos pendurados, comprar calcinha, comprar tudo, comprar um short pra dar um mergulho. [Algumas riem].

Pedro: Não compre aqueles shorts muito esculhambados não, pra não chamar atenção!

Juventude: Não, não gosto!

Pedro: Agora eu com muita luta consegui um carrinho.

Juventude: Não! Olhe, nada dos tempos de agora eu adoto! Eu sou muito cafona!

Pedro: [inaudível 05s]

Juventude: Uma vida pra gente! Só Deus e as águas pra nos proteger [aponta para o mar]

Algumas: Amém! Amém!

Pedro: Isso! Jesus é o secretário particular de Deus, ele vai levar a gente onde quiser! Precisamos falar com Jesus pra poder chegar a Deus! Ele é o mensageiro! E assim que a gente abre os olhos ele está lá,

ele nos cerca. Ele mostra o caminho, aponta a direção... [continua falando mais 12s sobre Jesus e Deus].

Juventude: E nós temos que se conformar com a sorte que o divino mandou pra nós.

Fernanda: Uma salva de palmas pra eles! [Todas batem palmas]

Última perguntinha aqui! O que chamou atenção nessa última conversa aqui dos dois, falando dos sonhos deles de agora, com 81 e 80 anos?

Tita: Paz, sossego e saúde.

Fernanda: Interessante isso, né? Eles não trouxeram como desejo mais saúde, então parece que a saúde tá resolvida. Mas eles falaram em sonhos de viagens né?

Juventude: Porque a saúde está em primeiro lugar! Porque você sem saúde você não faz nada! E você tendo saúde você tem tudo! Tem tudo na vida!

Pedro: Mas eu falei de saúde, porque tenho meus problemas de saúde, meu coração preguiçoso [inaudível 05s] mas tenho ido pra meus médicos. Então assim, catarata, fiz cirurgia dos olhos, perdi o olho esquerdo, esse tem glaucoma, [inaudível 03s], mas eu não fico dizendo tá doendo, tá doendo, porque se eu fizer isso, se eu disser “tá doendo aqui”, aí dói do outro lado também, “tá doendo ali”, mesma coisa. Então eu não digo, porque eu tenho fé! Eu tenho fé!

Juventude: E isso se passa comigo também! Porque eu tenho um filho que diz “eu não acredito que a senhora está doente”, “a senhora diz que tá doente mas fica pra cima e pra baixo pra Capemi, sobe essa ladeira, coisa que eu não tenho coragem de fazer”. Sabe o que é que eu digo a ele? Eu venho com a água ali ó. Ando um pouquinho e bebo água, aí vou andando... Não me entrego [sorri].

Pedro: A minha chegada aqui, este homem viu [aponta para Amor], ele foi o meu Deus e Rafaela. Como eles dois, não tem igual [tirou o boné que estava usando e colocou no colo], eu falo perante a Deus. Esse homem e aquela moça eu amo, amo como poucas coisas eu amei na vida, porque quando eu entrei nessa casa [inaudível 02s] e ele me socorreu! Ele me ajudou com o alimento, com a espiritualidade, me deu um tratamento excelente como se eu fosse uma pessoa que viesse de paletó e gravata, desde esse dia [inaudível 03s], se eu pudesse eu já me oferecia e trabalhava aqui pra ajudar eles. Então o que eu tenho a dizer é que isto aqui é o [nome da ONG], é minha casa, minha morada e aqui embaixo ele [inaudível 01s] [aponta para Amor. Todas aplaudem].

Amor: Seu Pedro sabe. Não somos nós... Claro, nós somos pessoas que estamos aqui, trabalhamos, temos que ter o olhar e entender como lidar com aquela situação e seu Pedro é uma daquelas pessoas que quando ele veio pra aqui, a princípio pensamos se ele não estaria nesse grupo... [Começa a falar sobre a ONG e os programas que oferecem durante 02min 32s] E o que eu acho fantástico é que seu Pedro chegou muito debilitado fisicamente, e hoje está esse homem maravilhoso! E o que achei maravilhoso desse trabalho é ver que a gente não perde a esperança, então você vê duas pessoas de 80 anos falando de sonhos de jovens. E que as vezes, muitas vezes o jovem não tem esse desprendimento de olhar pra frente. Quando ela falou que na velhice não se fala mais da saúde, por quê? Porque essa força vem de dentro, foi o quê? Na viagem, em propor a questão de estar sempre alegre, passar harmonia, passar amor e é por isso essa importância desse grupo, é o que eu sempre falo, da gente se unir cada vez mais, aprendendo com a diferença... Como foi eles dois que chegaram ali, podia ser qualquer um... E que coisa maravilhosa! Eu realmente estou encantado com esse trabalho de vocês. Como é importante pra esse grupo, porque tem gente aqui de mais de 20 anos de grupo, e muitas já estão no outro plano, porque a gente sabe que é uma fase... Né? Ano passado mesmo tivemos algumas perdas. Mas o que prevalece é esse convívio que fica marcado. Parabéns vocês por esse trabalho maravilhoso! Eu fico feliz que também estou nesse trabalho, tentando descobrir como se envelhece, e é muito bonito quando a gente vê as pessoas hoje com 80 anos pensando, poxa, “eu quero é viajar, eu quero conhecer coisas novas”, não tá naquele pensamento como podia estar, né seu Pedro? Olhar pra frente! [idosas começam a dispersar, algumas levantam, outras conversam entre si]. E ter fé em Deus...

Fernanda: Deixa eu só pedir uma coisa, que eu sei que essa conversa rende e está boa, mas já tem muita gente com fome também! Então a gente vai pegar o lanche, eu, Bruna e Amor servimos pra vocês e vocês vão digerindo tudo que vimos. Assim que terminamos o lanche a gente arremata a nossa

manhã! E aí deixo todo mundo falar, também quero ouvir vocês [aponta para as idosas sentadas], que eu tô só ouvindo o “cochicho” de vocês. Alguém já gritou ali que precisa de açúcar no sangue pra não desmaiar.

Pedro: Oxe! Vá tomar remédio! [risos]

Fernanda: Vamos agradecer os dois aqui! Salva de palmas! [todos batem palmas].

LANCHE

[Se organizam sentados nas cadeiras e Dona Alice pede para recitar uma poesia que ela escolheu. Vai para o centro, leva seu papel e começa a falar]

Alice: Esse mês todo é dedicado a nós, mulheres. Mulheres é a barra forte! Nós somos fortes!

“Mulher / Que traz a beleza, a luz, aos dias mais difíceis / Que divide sua alma em duas para carregar tamanha sensibilidade e força [que a mulher tem força, viu?] / Que ganha o mundo com a sua coragem / Que traz paixão no olhar / Mulher que luta pelos seus ideais / Que dá a vida pela sua família [porque todos nós temos nossa família] / Mulher que ama incondicionalmente e que arruma e perfuma e vence o cansaço [o cansaço de todos os dias] / Mulher que chora / Mulher que ri / Mulher que sonha / Tantas mulheres, belezas únicas, / Vivem cheias de mistério inconsolável / Mulheres que deveriam ser lembradas, amadas, admiradas, todos os dias / Para vocês é tão especial o nosso dia da mulher”.

Alice: Que Jesus abençoe a vocês, que dê um dia feliz! [Todas aplaudem. Abraça uma por uma e vai agradecendo e falando palavras positivas]. Que Jesus dê um dia feliz, para toda vida! Nós somos mulher, nós temos coragem! Obrigada minha amiga, que Deus te fez mulher! Obrigada Jesus que te fez mulher! Nós temos força de coragem. Cada um tem seus problemas mas sabe resolver com carinho e com amor.

Amor: Eu vou apresentar uma esquete com poemas soltos de Castro Alves [apresenta trechos de poemas, enquanto encena. Ao final todas aplaudem muito.]

Fernanda: A poesia que eu vou ler é de Cecília Meirelles, uma mulher poetisa, que era tão raro infelizmente, naquele tempo em que ela vivia. Foi uma figura que se destacou porque naquele tempo era uma marca muito mais dos homens poetas e não tanto das mulheres, e ela com toda coragem, com toda a vanguarda também conseguiu trazer as ideias, as emoções...

Pedro: Uma lutadora! Única mulher que teve coragem de enfrentar o que é do homem branco. Muito importante!

Fernanda: Soneto Antigo é o nome da poesia. Eu vou recitar e vocês depois dizem tudo o que sentiram dessa roda de poesias.

“Responder as perguntas não respondo. / Perguntas impossíveis não pergunto. / Só do que sei de mim aos outros conto: / de mim, atravessada pelo mundo.

Toda a minha experiência, o meu estudo, / sou eu mesma, que, em solidão paciente, / recolho do que em mim observo e escuto / muda lição, que ninguém mais entende.

O que sou vale mais do que o meu canto. / Apenas em linguagem vou dizendo / Caminhos invisíveis por onde ando. / Tudo é secreto e de remoto exemplo. / Todos ouvimos, longe, o apelo do Anjo. / E todos somos pura flor de vento”. [Todas aplaudem e agradecem].

Fernanda: Essa poesia trouxemos porque nos remete ao trabalho que estamos fazendo. Um trabalho completamente construído pelas memórias de vocês, pelas histórias que vocês contam, assim como pelos silêncios também, e pelos esquecimentos. Semana passada Dona Lua Branca não quis falar, ficou em silêncio, mas esse silêncio também é fala, também é expressão, porque às vezes o silêncio tem algo que não queremos contar pra ninguém, basta ficar pra gente, e quando a gente escuta o silêncio, a gente entende também a vivência e a experiência do outro. Que é quando Cecília fala desse atravessamento da vida pelas experiências da vida. Tem coisas que nos tocam mais e outras nem tanto, tem coisas que fazem a gente titubear, outras fazem a gente quase cair, às vezes cai, mas porque a vida é o alimento e o caminho, precisamos continuar caminhando e vivendo. E o alimento desse trabalho, pra gente, são as histórias de vocês, que são contadas ou não, então, tudo pra gente é alimento. Então

até hoje fizemos um trabalho permeando o nome, a infância, a juventude, os muitos namoros que Dona Daniela Mercury já falou [risos], falando da vida adulta e também dessa velhice que não é tempo de ponto final, mas também é tempo de sonho, possibilidades e projetos.

Pedro: Enquanto há vida, há esperança!

Fernanda: Exatamente! Enquanto há vida, há esperança. E se ainda há esperança, ainda há sonhos! E a gente ainda tem dois encontros antes do espetáculo final, então eu quero falar com vocês, o que é que a gente vai olhar daqui pra frente? A gente quer no nosso último encontro fazer o nosso espetáculo para apresentar aos jovens o [nome da ONG] e quem mais vocês queiram convidar. Então queremos até o dia 07 de abril chegar nesse ponto! Espero que vocês curtam nossa ideia!

Pedro: Se Deus quiser!

Bruna: Eu quero só saber de vocês se alguém quer compartilhar alguma sensação de hoje? Algo que movimentou, que moveu, ou que queira trazer e falar pro grupo sobre o encontro de hoje e como vocês estão ao longo da semana?

Alice: Todos nós estamos muito bem, não é colegas?

Fátima: Muito feliz eu estou!

Patrícia: Eu estou muito bem, só queria que demorasse mais.

Alice: Elas já vão no dia 07. No dia 07 elas já vão.

Creuza: Muito legal vocês. Muito bom o trabalho!

Felicidade: Vai fazer falta!

Pedro: E como! Aqui é assim: quanto mais a gente começa a gostar, começa a gostar, vai embora!

Alice: Mas é porque elas vêm estagiárias né?

Bruna: E vocês sentiram alguma diferença? Percebam como vocês estão agora. Alice mesmo, me disse que sentiu amor...

Daniela Mercury: Por mim ninguém vai! [risos de todas]

Bruna: Vocês querem compartilhar algo umas com as outras? Com a gente?

Pedro: Eu como semana passada estive no médico não pude vir, hoje pela misericórdia de Deus, do Espírito Santo, me retribuiu o passado da semana com o presente de hoje. E além do mais, meu amigo particular [aponta para Amor] veio participar.

Alice: É bom que vocês distraem a gente, né? É bom que distrai.

Bruna: Alguém se emocionou?

Alice: é muita emoção! Emoção de Castro Alves! Me lembrei da praça da piedade, Castro Alves lá em cima na sua, lá, direto, a vida toda lá. Os ossos dele está alí debaixo.

Amor: Eu contive minhas lágrimas.

Bruna: então queremos agradecer a vocês por mais uma semana que nos receberam, nos acolheram e participaram. Muito obrigada! Uma ótima e linda semana pra todos vocês!

[Bateram palmas, algumas vieram abraçar. Ao final da atividade Juventude falou o seguinte: “Tenho problemas de esquecimento, sabe? Mas essas palestras que vocês fazem, sempre que é comigo diretamente eu me lembro. Quando vai outro colega pro meio, eu às vezes esqueço”].

QUINTO DIA DE OFICINA

A transcrição a seguir consiste na quinta oficina, realizada no dia 24 de março de 2017, em um pátio aberto, na ONG, com duração média de 2h e 30 min.

[Começam se organizando sozinhas, levantam para a roda e chamam as colegas que estão nas cadeiras para ficarem na roda, mesmo na cadeira. Amor puxa a música “Abre a roda, tindolelê. Abre a roda

tindolalá. Abre a roda tindolelê, oi tindolelê, oi tindolalá” e elas vão se arrumando enquanto se movimentam. Quando formam a roda começam a cantar e aplaudir no ritmo da música].

Alice: Obrigada Jesus, por mais um dia!

Fernanda: Olhando pra essa roda dá pra perceber quem está ausente, né? Eu já estou identificando algumas pessoas que não vieram semana passada e outras que não chegaram hoje.

Bárbara: Eu já cheguei! [risos]

Fernanda: Com certeza! [risos] Então quero saber como vocês estão hoje, de corpo e de cabeça.

Bárbara: eu estou bem, graças a Deus!

Marina: Bem! Muito bem! [As outras vão respondendo aos poucos que estão bem]

Fernanda: Então quem tá bem faz um legal, assim [levanta o polegar. Todas levantam.]

Alice: Nós temos que saber agradecer a Deus por mais um dia de vida!

Pedro: Eu levantei as 6 da manhã e já agradei a Deus por mais um dia. E eu estou aqui, na minha casa! Graças ao bom Deus!

Fernanda: Maravilha! Então vamos dar mais um passinho pra frente, pra gente encostar? [todos dão um passo, se juntam, dessa vez muito mais rápido que nas anteriores]. Isso! Então vou pedir que juntem as mãozinhas e vamos dar uma esquentadinha, aqui? [esfrega as mãos uma na outra. Todos fazem também] Vou pedir uma pessoa aqui no meio pra gente dar um carinho [Pedro aponta para Dona Alice]. Dona Alice veio semana passada, vamos tentar outra pessoa? [Patrícia empurra Felicidade, que vai sorrindo. Algumas gritam “Aeeee!”]. Já que veio, fecha os olhinhos primeiro, concentra... Entenda que você está numa roda de pessoas amigas, conhecidas, que te querem bem, e já que estão todos bem, com astral lá em cima, todo mundo vai te passar uma energia boa, um carinho, um afeto [Felicidade começa a relaxar, fecha os olhos, respira, relaxa os ombros]. Isso, relaxa... Aí só bota a mãozinha aqui todo mundo pra dar uma esquentadinha [esfrega as mãos] e a gente vai olhar pra ela...

Lua Branca: Bom dia! [chega atrasada e se junta na roda]

Fernanda: e eu quero que de dois em dois, toque nela, manda a energia, depois mais dois... [abre espaço para Lua Branca] certo? Vamos lá! [Amor e Patrícia iniciam, Felicidade ri muito]

Pedro: Isso não vai dar certo! Logo com Amor aí!

Fernanda: Isso! Quando achar que acabou, volta pro lugar! [Amor e Patrícia saem, Lua Branca e Bárbara chegam e alisam ela no pescoço, ela ri forte, alisam o cabelo, os braços, ela agradece e começa a relaxar mais. Pegam na barriga e ela ri muito]

Pedro: Ela tá se arrepiando, ói! [Todas riem. Entra Creuza e Pedro]

Creuza: Sai pra lá, Pedro!

Pedro: É dois, minha filha!

Bárbara: Casal 20! Casal 20! [Todos riem. Creuza ri bastante e vai pro outro lado]

Felicidade: Tenho é medo! Dá medo ele aqui! [todas riem]

Pedro: [enquanto toca os ombros] você tá mais macia que as meninas de 18 anos [todas gritam e riem alto. Felicidade começa a se balançar enquanto ri].

Alice: ô Felicidade! Careca é gaiato!

Felicidade: A namorada dele tá aqui em minha frente!

Fernanda: Mais dois... [Juventude e Fernanda começam a tocar as pernas. Ela fica rígida. Saem e entra Zete e Alice]

Alice: Agradar né? Agrado né? Felicidade, guenta aí viu? [começa a apertar os ombros. Todas gritam e Felicidade começa a se balançar e rir. Felicidade começa a balançar o quadril]

Bárbara: Óh pra Felicidade. [risos]

Pedro: Felicidade tá gostando!

Felicidade: E como! [risos] Quem é que não gosta? [Marina ri com as mãos na boca. Algumas acompanham as risadas]

Alice: [Saiu, voltou para a roda] Sentiu bem? Sentiu bem na massagem?

Felicidade: E como! [Sorri, levanta as sobrancelhas e gesticula empolgada]

[Emília é empurrada por Patrícia e vai para o meio. Faz menção em tocar Felicidade, mas recua as mãos e começa a rir. Marina se aproxima e toca as costas, enquanto olha para os colegas e sorri. Neste momento Emilia começa a tocar as mãos]

Marina: Olha, toda durinha ela! Toda durinha! [toca a barriga e as costas enquanto sorri]

Felicidade: Tá certo... Vocês zombam de meu corpo! [Sorri]

Marina: Eu não estou zombando não, estou dizendo o que é.

[Dona Júlia se aproxima e toca as pernas e costas de Felicidade]

Fernanda: Enquanto isso, respira Felicidade. Aproveita ó [faz simulação de respiração mais profunda. Felicidade começa a inspirar e expirar mais profundamente e fecha os olhos. Júlia abraça Felicidade para finalizar. Felicidade começa a mexer o quadril e sorrir, enquanto todas batem palmas]. Respirou? Dá uma “sacudidinha” no corpo todo [movimenta todo o corpo e todas imitam]

Felicidade: E vá! [Movimenta os braço como se tivesse jogando algo para cima] E vá! E vá! [Algumas imitam e sorriem. Felicidade volta para a roda e empurra Patrícia para o centro] Agora é essa! Vá! Vá! Ela me empurrou, agora vai [risos]!

Amor: Quero dar um toque pra vocês! Sei que estamos brincando e se divertindo, mas o objetivo é a gente passar através do toque as nossas emoções, as nossas coisas boas pra essa pessoa querida da gente, então se a gente fizer silêncio, até porque quem está recebendo se quiser fechar os olhos... Porque você se concentra mais, né? E a gente recebe mais essa doação. Porque isso é uma doação! E não é só a pessoa que está recebendo que está ganhando, não. Quem está passando essa energia de amor, essa energia de paz, também. Por que? Porque a gente dá, a gente recebe de volta. [Patrícia fica no centro olhando para baixo, enquanto Amor fala]. Então vamos pensar coisas boas, tocar essa pessoa em cada parte do corpo dela, né? Eu acho que o trabalho fica melhor. Se a gente se concentrar, né? Então bora? [Começa a esfregar as mãos]

Fernanda: Vamos esquentar a mãozinha, então. Vai de dois em dois.

[Patrícia no centro, olhos fechados, rosto voltado para baixo. Amor e Creuza iniciam os toques. Amor toca o coração, toca os pés e a barriga. Creuza toca as costas e fica olhando para Amor, o rosto evidencia um sorriso que só finaliza quando ela retira as mãos e volta para a roda.

Lua Branca e Felicidade avançam na saída dos dois primeiros. Dessa vez estão mais concentradas. Lua Branca toca as costas, Felicidade toca os braços e olha para Fernanda. Volta a tocar os ombros e desce para as pernas. Lua Branca vai para a cabeça e repousa as mãos no topo da cabeça de Patrícia. Felicidade não olha para Patrícia, olha para os lados. Segura as mãos dela. Lua Branca abraça Patrícia por trás, que abraça também Felicidade. Patrícia sorri emocionada, todas falam “ohhhh, que coisa boa, gostosa.”. Felicidade dá um beijo em Patrícia e sai. Lua Branca abraça e sai.

Juventude e Zete dão seguimento, ambas tocam as costas de Patrícia, que se mantém concentrada e com os olhos fechados. Zete toca a cabeça. Alguém fala “vai na frente, Zete” e Juventude se desloca para a frente de Patrícia, tocando seus ombros. Juventude que estava olhando para Patrícia, agora olha para Fernanda e continua um toque com menos contato. Juventude sai, Zete dá um abraço em Patrícia por trás, Patrícia corresponde e sorri.

Seu Pedro segue com Bárbara. Ele vai logo para a parte de trás e toca os ombros e costas de Patrícia, enquanto Bárbara fica de lado tocando a barriga e as costas. Pedro enquanto toca começa a fazer uma oração e fecha os olhos. Patrícia começa a responder “Amém” de olhos fechados. Bárbara permanece nos pés e fica olhando para seu Pedro. Quando ele sai, Bárbara também sai.

Alice continua, junto com Emília, ambas num toque muito mais rápido e intenso. Alice toca as costas e massageia, enquanto Emília toca a barriga e vai descendo para as pernas. Patrícia permanece com os olhos fechados, mas já está com a cabeça erguida. Alice sai e Emília a acompanha.

Fernanda vai para o centro, toca Patrícia nos ombros, convida as que estão faltando. Dona Sol, que acaba de chegar, resolve ir para o centro também, se posiciona nas costas de Patrícia, mas não toca e fica olhando para as colegas que estão na roda. Fernanda toca os pés. Felicidade percebe e fala no ouvido de Sol algo e coloca as mãos dela nas costas de Patrícia. Sol passa a tocar e alisar as costas de Patrícia com delicadeza, desce para os pés. Fernanda toca o rosto, Sol toca os braços. Fernanda sai, Sol toca com as duas mãos um braço, depois o outro e então sai também].

Fernanda: Dá uma sacudidinha, Patrícia! Vamos lá [começam as duas a se balançar. Patrícia sorri bastante enquanto se balança]. Como você está?

Patrícia: Nossa! Maravilhosa! Maravilhosa! Brigada, gente! [Sai com sorriso largo no rosto].

Fernanda: Vamos sentar juntinhas? Puxa a cadeirinha pra cá... [organiza a roda sentadas nas cadeiras]. Alguém lembra o que fizemos na semana passada?

Outra: Seu Pedro lembra!

Pedro: Eu não lembro. Tenho problema de esquecimento.

Fernanda: E é por isso que estamos perguntando, pra gente poder exercitar essa lembrança, mesmo.

Felicidade: Ela lembra! [apontou para Creuza]

Creuza: Eu não lembro não!

Bruna: Vocês lembram quando a gente chegou, o que a gente fez? Logo a primeira coisa?

Juventude: Nós fizemos... Eu mais seu Pedro sentamos nas cadeiras para conversar os conhecimentos que nós tínhamos.

Pedro: Isso!!! Eu lembro!!! Foi isso mesmo!

Alice: Conversou sobre muitas coisas. Eles falaram a vida deles de adolescentes. Eles começaram a falar a adolescência deles, namoro... como é que foi. O emprego como é que foi...

Bruna: Isso!!!

Felicidade: Estão com memória boa, que não tivemos sexta passada. Hoje tem 15 dias... é muito boa memória!

Fernanda: Tá vendo que vocês lembram? O exercício é esse mesmo. A gente esquece, por isso perguntamos pra exercitar! Porque um vai lembrando ao outro o que fez, né?

Então só lembrando. Fizemos o exercício dos dois aqui no meio como se tivessem num ponto de ônibus, dois jovenzinhos de 15 anos que se encontravam e diziam o que é que queriam fazer da vida quando crescessem. Falaram da vida deles e depois eles repetiram essa cena já idosos, dizendo o que ainda querem fazer da vida.

[Tem duas jovens meninas que ficam assistindo a oficina curiosas, sentadas no canto]

Alice: No tempo dos “aborrecentes” [risos].

Fernanda: Isso! É fácil a gente perguntar o que se quer fazer da vida quando a gente é jovem, mas poucos perguntam quando a gente vai ficando velho, né? [balançam a cabeça concordando]. Acham que a gente já fez de tudo e não precisa fazer mais nada e a nossa pergunta é o contrário, a gente acredita...

Alice: Ela queria ser professora! E o outro mecânico. Engenheiro!

Bruna: Arrasou! Lembra tudo!

Fernanda: Isso! E quando a gente perguntou o que eles querem fazer ainda, vocês lembram o que foi que saiu?

Zete: Ele quer viajar!

Juventude: Pra natal!

Felicidade: E pra outros lugares da Bahia.

Pedro: São Francisco de Assis!

Bruna: Boa...foi isso, seu Pedro?

Pedro: Isso!!

Fernanda: E você também quer viajar, né? [Aponta para Juventude]

Juventude: eu quero viajar por aí afora...

Fernanda: E depois do nosso exercício a gente teve aqui algumas poesias. Né isso? Que a gente recitou.

Alice: Foi isso!

Pedro: Gostei da linda poesia recitada por nosso colega alí [aponta para Amor].

Fernanda: Foi mesmo! [risos] Hoje a gente vai retomar um exercício que a gente fez no nosso primeiro encontro, só que de uma maneira diferente. E pra animar vocês nesse exercício, eu trouxe aqui uma poesia de uma mesma pessoa que recitei na semana passada que é Cora Coralina. Se chama “Todas as vidas”. E pra ela, na medida que a gente vive, não só a vida que a gente vive, mas a vida do colega que a gente escuta, daquela pessoa que a gente vê todos os dias no ônibus, a vida daquela pessoa que dorme debaixo da ponte, que a gente percebe alí, a vida das pessoas que nos cercam também estão dentro da gente. Eu vou ler e depois vamos fazer um exercício com aquele espelho alí, tá? E depois quero saber o que vocês acharam da poesia.

“Vive dentro de mim / uma cabocla velha / de mau-olhado, / acorada ao pé do borralho, / olhando pra o fogo. / Benze quebranto. / Bota feitiço... / Ogum. Orixá. / Macumba, terreiro. / Ogã, pai-de-santo... / Vive dentro de mim / a lavadeira do Rio Vermelho, / Seu cheiro gostoso / d’água e sabão. / Rodilha de pano. / Trouxa de roupa, / pedra de anil. / Sua coroa verde de são-caetano. /

Vive dentro de mim / a mulher cozinheira. / Pimenta e cebola. / Quitute bem feito. / Panela de barro. / Taipa de lenha. / Cozinha antiga / toda pretinha. / Bem cacheada de picumã. / Pedra pontuda. / Cumbuco de coco. / Pisando alho-sal.

Vive dentro de mim / a mulher do povo. / Bem proletária. / Bem linguaruda, / desabusada, sem preconceitos, / de casca-grossa, / de chinelinha, / e filharada. / Vive dentro de mim / a mulher roceira. / Enxerto da terra, / meio casmurra. / Trabalhadeira. / Madrugadeira. / Analfabeta. / De pé no chão. / Bem parideira. / Bem criadeira. / Seus doze filhos. / Seus vinte netos.

Vive dentro de mim / a mulher da vida. / Minha irmãzinha... / tão desprezada, / tão murmurada... / Fingindo alegre seu triste fado.

Todas as vidas dentro de mim: / Na minha vida – / a vida mera das obscuras”.

[Batem palmas]

Fernanda: Então ela fala de uma vida que não é só dela.

Pedro: Isso!

Fernanda: É uma vida de outras pessoas. Mas que faz parte dela, que ela vai vivendo e convivendo também. E o nosso exercício aqui é sempre da gente contar da nossa vida, né? No caso vocês contarem da vida de vocês. Por isso que eu trouxe esse espelho, alguém perguntou: “pra quê esse espelho?”, eu

trouxe e vou passar o espelho. E quem é que não gosta de um espelho né? Passou por um espelho e não se olha!

Alice: Ah, todo mundo!

Pedro: Ah, agora me pegou. Porque eu não gosto de espelho [coloca a mão no queixo e balança a cabeça negativamente].

Fernanda: Não gosta? Aí Bruninha vai resolver, entender aí porque você não gosta de espelho [ele ri].

Felicidade: eu amo! Amo espelho!

Fernanda: O primeiro exercício que vamos fazer é simples. Eu vou passar o espelho na frente de cada um, mesmo quem não gosta, e eu vou passando e quero que vocês pensem quando se olharem no espelho: o que é que vive dentro de mim? Vive só minhas histórias? Vive as histórias de outras pessoas? Vive as histórias que eu consegui contar aqui? Vivem coisas que não vivi e gostaria de viver? Ainda são os meus sonhos? Vou passar devagarzinho e façam essa reflexão só com vocês mesmo. Não precisa falar nada tá? É o momento do silêncio.

[Começa com Lua Branca. Ela está segurando o queixo, se olha no espelho de lado, continua segurando o queixo e começa a gargalhar. Para de olhar, gargalhando, olha novamente e suspende os braços fazendo um movimento de “pode ir”.

Júlia se olha, tira o olhar do espelho e começa a falar algumas palavras inaudíveis para Fernanda, sem olha o espelho. Fernanda diz “tenta olhar o espelho” e ela sorri, faz que não com a cabeça.

Juventude olha atentamente ao espelho, fica rígida, não se move, mas não retira o olhar do espelho]

Fernanda: Enquanto se olham, vocês podem tocar em vocês, no corpo, no rosto, o que quiserem.

[Juventude continua fixa. Fernanda leva o espelho para Zete, que se olha e fala]

Zete: Eu gosto de olhar no espelho. Sempre olho no espelho em casa [mas olha para Fernanda enquanto diz isso. Fernanda mantém mais alguns segundos e segue].

[Tita olha por um breve instante e já retira o olhar, olha para Fernanda e diz algo inaudível. Fernanda Coloca o espelho na frente do rosto dela e diz “tenta olhar no espelho, não pra mim”. Ela olha por mais um breve segundo no espelho, desvia o olhar para a colega que está ao lado e começa a falar mais alguma coisa inaudível, enquanto sorri.

Matilde se olha fixamente, não se movimenta da cadeira, mas mantém o olhar fixo nela mesma. Fernanda diz “vocês podem se movimentar se quiserem, perceber os movimentos de vocês, se ajeitar, está tudo livre, ok?”. Ela continua se olhando fixamente por mais um tempo.

Fernanda leva o espelho para Marina, que no primeiro momento desvia o olhar. Logo em seguida ela olha, esboça um sorriso e então fica novamente séria. Sustenta por alguns segundos e fala algo inaudível, sorrindo. Desvia totalmente o olhar.

Fernanda leva o espelho para Creuza. Ela se olha, começa a ajeitar a touca do cabelo, toca o rosto, a sobrancelha e faz um movimento com a mão, mandando Fernanda sair.

Fernanda leva para Pedro, que já começa a falar que não quer olhar, ela pergunta “não quer nem dar uma piscada de olho?” e ele responde olhando para o espelho “não. Não gosto”.

Ela passa para Bárbara que começa a gargalhar ao se olhar. Coloca as mãos no rosto, enquanto ri e fala: “eu sou bonita”. Ajeita o cabelo sorrindo e diz “eu sou bonita, sou morena” e desvia o olhar para seu Pedro. Não olha mais para o espelho. Dá outro relance, ajeita o cabelo e olha novamente para o lado.

Fernanda leva o espelho para Patrícia que olha fixamente, começa a balançar a cabeça afirmativamente, faz bico com a boca, toca a touca, balança a cabeça negativamente, ajeita novamente a touca e faz menção para Fernanda sair.

Fernanda leva até Felicidade, que, enquanto se olha, ajeita os cabelos e diz “eu sou poderosa. Eu sou mais eu” e desvia levemente o olhar do espelho. Começa a gargalhar e as outras idosas também riem.

Emília se olha e sorri sem mostrar os dentes. Ajeita os cabelos, olha pra Fernanda, olha novamente para o espelho e ri mostrando os dentes. Fala algo inaudível, muito baixo, olha para os lados, encerrando o contato.

Alice olha para o espelho. [Ajeita o óculos e começa a falar]. Ah, graças a Deus para a minha idade é uma beleza. Eu amo eu mesma [toca as mãos no coração]. Eu me amo! Eu mesma me amo e me cuido [desvia o olhar para Bruna e depois para as colegas, encerrando o contato].

Bernadete se olha, ajeita os óculos delicadamente, sorri levemente, balança a cabeça afirmativamente, ajeita o cabelo. Faz um sinal positivo com o polegar para Fernanda.

Fernanda leva para Sol, que se olha pelo canto do rosto, enquanto ri, então se ajeita e fica ereta, se aproxima do espelho, toca o rosto, toca o cabelo, segura o espelho e aproxima dela, balança os ombros, balança o corpo e ri.

Fernanda leva para Amor que se ajeita, arruma a roupa exageradamente, cruza os braços, manda um beijo para o espelho, faz graça e levanta o polegar, encerrando o contato.

Fátima se olha, começa a rir, desvia o olhar para Fernanda, olha novamente para o espelho e ri mais. Desvia novamente o olhar para Fernanda e fica alternando entre o espelho e Fernanda.

Fernanda: foi todo mundo?

Amor se levanta, pega o espelho e coloca em frente a Fernanda, que sorri e começa a se olhar, se tocar.

Alice: Ela tá na idade boa! Idade boa! [Leva o espelho até Bruna, que se olha, aproxima o espelho e continua se olhando]

Alice: Essa idade é boa!

Amor: Ela não parece uma turista? [todos riem]

Alice: Ai, meus 20 anos!

Fernanda: Gente, que é que vamos fazer agora? Quem gostou, ou quem gosta de se ver no espelho?

Felicidade: Eu gosto! [as outras ficaram quietas]

Fernanda: A gente percebe que tem gente que é mais declarada, “eu sou linda, eu gosto de mim, eu sou mais eu”, já tem gente que não gosta de se olhar e fica olhando pra mim ao invés do espelho, né? [idosas riem muito] Perdendo a oportunidade de se ver.

Pedro: Seu rosto é mais bonito!

Felicidade: ele tá vendo seu rosto!

Fernanda: Ah, não... Mas vocês olham o tempo todo aqui uns pros outros, pra mim...

Alice: Todos nós temos que achar mais a gente! “oh, fia”, todos nós temos amar nós próprios, porque se você não amar a você própria, você não ama mais ninguém. É você se cuidar e se amar você mesmo! Eu me amo e eu gosto é de mim.

Cruza: Primeiro eu, depois eu, por último eu! E eu! [Alice ri].

Fernanda: Bom, mas o que vamos fazer agora? Semana passada a gente sentiu que o povo aqui é artista né? Vocês fizeram umas improvisações muito legais! Eu quero dois voluntários pra vir aqui na frente. Alguém que seja religiosa!

[Bárbara levanta. Pedro reclama e diz que ela é da “macumba”]

Bárbara: Isso é religião, meu filho! É religião! Não é igual a sua, mas é religião.

Fernanda: Gente, vamos lá! Eu não estou fechando nenhuma religião. Todas são bem vindas. Só quero alguém que seja religioso. Vamos lá, Bárbara. Alguém aqui pra fazer o trabalho com Bárbara, que vai ser o anjo dela.

[Pedro levanta resmungando. Sentam um de frente para o outro, Pedro segurando o espelho e Bárbara na frente, olhando para o espelho]

Fernanda: Bom, Bárbara, imagine um lugar que você se sente bem para fazer suas orações. Que lugar você gosta, se sente em paz, gosta de fazer sua oração?

Bárbara: Igreja do Bomfim!

Fernanda: Pronto. Então vamos lá. Você na igreja do Bomfim, você vai estar rezando.

Bárbara: Ajoelhada, como eu faço.

Fernanda: Pode ser sentada mesmo, se preferir. Não tem problema não. Então como se fosse uma oração, você vai, pra Senhor do Bomfim, você vai dizer pra Senhor do Bomfim, como se fosse uma oração tudo que vive dentro de você, certo? Seu Pedro aqui, vai ser o seu anjo, que está escutando a sua oração. Tá certo?

Então você vai o tempo todo dizendo “vive dentro de mim...” e aí você vai dizer o que vive dentro de você, certo? [Bárbara sorri, respira fundo] Então é só se olhar no espelho. Quando você olhar no espelho você vai saber o que vive dentro de você. Vamos lá?

[Bárbara começa a olhar para o espelho, respira fundo, fica séria]

Bárbara: Muita revolta! [desvia o olhar]

Fernanda: Tenta olhar no espelho para perceber e ir trazendo, tá?

Bárbara: Muita revolta [sorri levemente] e muito desespero [balança as pernas rapidamente e fica séria. Sorri e começa a olhar para Fernanda]. Mais é?

[Fernanda balança a cabeça afirmativamente e diz “o que você quiser trazer”]

Bárbara: Tem muito amor! Eu tenho uma pessoa que eu amo do FUNDO da minha vida, um neto que eu deixo eu primeiro do que ele [começa a chorar e balançar as pernas fortemente. Enxuga as lágrimas e continua se balançando].

Bruna: Bárbara, tudo isso é no seu tempo. O que está vindo agora? O que você está sentindo? [Bárbara balança o rosto negativamente e continua chorando. As outras idosas ficam inquietas]. Se emocionar faz parte, é parte do contato com a gente mesmo. Não tem problema nenhum nisso. Deixa vir, viu Bárbara? E nosso papel aqui é acolher ela, tá gente? Vamos acolher esse espaço que é o contato dela com ela mesma.

Alice: É o neto dela que é deficiente.

Bárbara: Eu tenho dois filhos que me revolta! O filho homem que eu tenho, a mãe deu esse neto meu. Meus filhos são as duas revoltas da minha vida [fala séria, olhando o espelho, balança as pernas e enxuga as lágrimas. Olha para Fernanda séria].

Fernanda: Tudo bem, Bárbara. Eu vou pedir que você tente lembrar também do que você nos trouxe antes, as histórias da sua vida, as histórias da infância... O que ainda vive em seu coração que você quer levar pra você?

Bárbara: Muito amor [balança a cabeça afirmativamente e séria, com os olhos marejados]. Muito amor! E muita esperança de viver mais uns tempos pra poder superar meu neto [balança a cabeça afirmativamente, olhando o espelho, ainda com os olhos marejados]. Isso! E mais nada! [balança a cabeça negativamente, enxuga as lágrimas e o nariz]. E meu filho, eu vou dizer, vou dizer com pureza de alma. Eu sou mãe, mas eu tenho um filho que se eu pudesse eu não via mais ele. Um só, um só eu tenho. Mas não é nunca como a gente quer, é como Deus quer, né? [Respira fundo e olha para Fernanda].

Fernanda: E agora pensando nas coisas que te alegraram e te fizeram ser mais forte, mais esperançosa e amorosa como você é hoje. Que vive aí dentro de você dessa alegria e esperança?

Bárbara: Eu vivo alegre porque meu anjo de guarda me alegra [fala olhando para o espelho], me supera [sorri emocionada], porque as coisas que eu passo não era nem pra eu estar em pé mais, mas eu

tenho muita fé em Deus, muita fé em Deus mesmo [começa a chorar novamente] e ele me dá muita resignação, pra eu viver meus 71 anos. E eu peço a ele que me dê mais uns dois ou três anos mais [enxuga as lágrimas e respira]. É isso aí!

Fernanda: Tá. Anjo, o que você vai fazer agora? Você vai baixar aqui o espelho [abaixo o espelho, que estava na frente dele]. De tudo o que você já conviveu com ela, não quero opinião, eu quero coisas que você conhece dela, de histórias que ela já contou aqui pra gente, o que mais você acredita que vive dentro dela? E que você já conhece dela [Bárbara olha para o mar, enquanto respira e Pedro olha para baixo enquanto Fernanda fala]. Não quero sermão, tá? Eu quero que você diga o que vive dentro dela.

Pedro: Eu só quero dizer o seguinte. Ela nunca se abriu aqui pra dizer o que ela está falando agora. Eu só tenho uma coisa pra dizer pra ela [Bárbara olha para baixo e ele começa a olhar para ela]. Lá do alto, acima, existe um Deus, que tem um mensageiro que chama-se Espírito Santo e enquanto você dobrar seu joelho e chamar por este Ser [Bárbara balança a cabeça afirmativamente], tudo de bom vai acontecer. É o Deus da verdade, da sabedoria, da vida, da paz e da mudança. E se desespere de vida levasse alguma coisa eu estava milionário, mas eu creio no divino e verdadeiro, naquele rapaz que veio aqui, tirou do seu próprio corpo, do seu próprio ser e me salvou, porque não tenho palavras pra agradecer, não tenho! Fale com ele e seja feliz...

Fernanda: Então o que é que vive dentro dela de coisas boas que você já conhece?

Pedro: Vive dentro dela paz, amor... ela é ativa... Com as amigadas... [inaudível 2s].

Fernanda: Está ouvindo o que ele está trazendo? Como é que chega? [Bárbara sorri, olhos marejados e balança a cabeça afirmativamente].

Uma salva de palmas pra eles, gente! [todas batem palmas]

Bruna: Alguém mais aqui consegue ver algo positivo que vive nela e gostaria de falar também?

Juventude: “Ó”, ela tem que ser forte, como eu sou que também tenho uma filha doente, espero o que Deus tiver que fazer por mim, por aceitar. Como ela também, que ela disse que quer morrer primeiro do que o neto, quer que o neto vá primeiro do que ela. Mas ela não sabe! A missão dele é uma e a missão dela é outra.

Bruna: Mas minha pergunta é outra, gente. O que vocês veem que vive nela que queiram falar, por exemplo, eu vejo que vive em você, Bárbara, você pode olhar pra mim? [Bárbara levanta a cabeça e olha para Bruna] Eu vejo que vive em você, por exemplo, muita força e resiliência [Bárbara balança a cabeça afirmativamente e sorri]. Isso eu vejo claramente que vive em você, coragem e força. Você é muito corajosa e muito forte.

Bárbara: Isso mesmo! [Balança a cabeça afirmativamente] Sou muito forte mesmo! Eu tenho duas filha, duas filha!! Eu criei meu neto, depois entreguei a mãe, agora tá comigo de novo e eu tenho duas filha que não aceita de jeito nenhum. Mas eu não tenho vontade de pegar ele e entregar pra mãe.

Juventude: Quantos anos ele tem?

Bárbara: Dezesesseis. Meu neto pequeno! Quando ele fez treze anos eu peguei entreguei a mãe, mas ela não cuida dele, sai e larga ele sozinho, eu peguei e trouxe pra mim de novo.

Juventude: ele tem que ter cuidado.

Fernanda: Ó... Nosso exercício aqui é a gente ver o que vive dentro dela. Então vamos tentar não entrar tanto no neto e na filha agora, pode ser? Mas o exercício é dizer a ela o que vive dentro dela. Bruna falou o que ela acredita que vive dentro dela, que é o que você passa [aponta para Bárbara], assim como seu Pedro também disse o que ele vê. Eu também vou te falar o que eu vejo, pelo seu olhar, sem você precisar dizer nada, eu vejo que vive dentro de você uma afetividade e um amor. Você exala um carinho e um amor que é seu [Bárbara balança a cabeça afirmativamente e sorri], independente do que você viveu na vida, quando eu te olho e te abraço eu vejo que você oferece carinho. Então pra mim vive dentro de você muito amor e carinho. Mais alguém?

Alice: Eu vejo dentro dela...

Fernanda: Só um minuto Dona Alice, que ela pediu antes. Aí a gente vai pra você.

Fátima: Eu vejo nela luz! Eu vejo nela essa luz. Ela tem tristeza também. Mas ela mostra pra todo mundo que ela é feliz e faz todo mundo rir com o amor que ela oferece.

Alice: Eu vejo dentro dela, que ela tem essa situação toda, mas ela é alegre, ela é boa amiga, prestativa assim, pra as pessoas, ela tem isso dentro do coração dela, entendeu? Com essa dificuldade toda mas ela não se entrega assim, entendeu? Jesus mesmo há de tomar conta dela e do netinho dela toda a vida.

Fernanda: E eu lembro que desde que contou a história da infância, você nem quis contar muito, vem a alegria. Você sempre traz a alegria!

Alice: e a bola? Eu dei uma bola pra ele e ele tá Amor essa bola [Bárbara sorri e balança a cabeça afirmativamente].

Fernanda: Maravilha! Vamos fechar aqui? Eu quero outra dupla que possa vir, pra gente fechar essa atividade. Muito obrigada!! Palmas pra vocês [todas batem palmas]. Quero mais duas pessoas!

Pedro: Deixa eu sair logo, que não quero ver minha cara nesse espelho.

[Zete levanta rápido e vem para o centro]

Fernanda: Quem vem com ela?

Outra: Não quero me emocionar.

Bruna: Gente, se emocionar faz parte, estamos todos aqui juntos pra dar força. Não tem problema nenhum se emocionar, tá? [Fátima vem para o centro]

Fernanda: Explique isso aí mesmo Bruna, porque eu às vezes sem querer faço vocês se emocionarem e fico me sentindo culpada.

Bruna: Não... se emocionar é parte da vida.

Alice: É o que a gente tem na vida da gente!

[Fernanda ajeita o espelho no colo de Fátima, que vai ser o “anjo”].

Fernanda: Ó, quero só fazer duas observações, Dona Bárbara, que tem nome de anjo [ri], às vezes não queria se olhar no espelho. Isso não tem problema, às vezes não queremos nos abrir tanto, porque quando olhamos no espelho nos abrimos pra gente mesmo. Não é à toa que dizem que os olhos são a janela da alma. Se a gente se olha no espelho, se olhando nos olhos, a gente tá se desnudando pra gente mesmo. Então ele é poderoso que tira as nossas máscaras e vai mostrando realmente o que a gente é e sente. Então, tente fazer o exercício de se olhar. Claro que se em algum momento não der pra olhar, não tem problema, mas o exercício é. A senhora está em um lugar fazendo uma oração... Onde é que a senhora gosta de fazer oração?

Zete: Eu vou pro meu quarto de madrugada.

Fernanda: Então pronto. Quer fazer no seu quarto, de madrugada?

Zete: Eu quero falar de meus netos...

Fernanda: Tá, veja, o exercício é. Você vai dizer o que é que vive dentro de você se olhando no espelho. Aí depois, que a senhora chegou depois [aponta pra Fátima], a senhora que é o anjinho dela, vai dizer o que vive dentro dela.

Zete: O princípio da minha vida, desde que cheguei aqui em Salvador.

Bruna: O exercício é dizer o que vive em você. Não precisa contar a história da vida.

Zete: Eu sou sergipana. E tenho até hoje mágoa [não olha no espelho e começa a contar olhando para Fernanda]. Eu me juntei com 13 anos, o meu ex marido me largou.

Fernanda: Isso é uma oração, como se a senhora estivesse orando [aponta pro espelho]. Como se tivesse orando dizendo tudo o que vive em você.

Zete: [conta uma história longa 3 min e 07 seg, porém fala muito baixo e não possui os dentes, olhando para Fernanda, que está sentada no chão, de forma que não dá pra compreender o conteúdo. Não olha para o espelho em nenhum momento, apenas fala sobre a história do ex marido que a deixou e como ela se sente magoada]... e até hoje eu ainda não vi esse homem. Eu sou filha de fazendeiro, meu pai me deu dinheiro pra eu comprar uma casa [Fernanda pega o espelho e segura em sua frente, na tentativa de ela olhar para o espelho, ela continua falando e agora olha para Fátima, mas não olha para o espelho].

Fernanda: Gente, vamos fazer o exercício de ouvir? [As outras idosas começam a dispersar]

Zete: Ele levou tudo de mim. Levou meu dinheiro, levou minha roupa do corpo [gesticula fortemente, mas não olha para o espelho. Procura Fernanda por trás do espelho. Fernanda coloca o espelho de lado, acolhe o que ela está dizendo]. Eu fiquei na rua!

Fernanda: É uma história importante que vive dentro da senhora, né?

Zete: É!

Fernanda: Então, depois de todos esses anos, se olha no espelho, e a partir dessa história a senhora viveu outras histórias né? Pra ser quem a senhora é hoje. Então tenta só se olhar um pouquinho no espelho. Só olhar.

Zete: [se olha fixamente e fala] a partir daquele dia? Eu agora sou outra [olha para Fernanda] eu já passei fome, eu já passei sede...

Fátima: No espelho!! [Zete se assusta, olha o espelho e depois desvia novamente o olhar]

Zete: morei já dentro do mato. Morava dentro do mato!

Fátima: Espelho!

Zete: [olha no espelho e aponta para o espelho] morava dentro do mato!

Bruna: e o que é que vive hoje dentro de você?

[Zete segue falando sem parar, Fátima apontando para o espelho, de forma que ela olhava e desviava o olhar do espelho todo o tempo].

Fernanda: E o que mora dentro de você, de tudo isso?

[Ela continua falando sem parar]

Fernanda: E agora, olhando no espelho, em uma palavra o que vive dentro de você?

[Zete olha o espelho, olha Fernanda, olha o espelho, olha Fernanda, faz isso 4 vezes e então fala]

Zete: Primeiramente Deus. E abaixo disso saudade.

Fernanda: Joia! Saudade!

[Zete continua falando]

Fernanda: Vamos ficar com a saudade, pode ser? Vamos dar uma salva de palmas pra dona Zete? [todas as idosas batem palmas, mas já estão completamente dispersas]. Agora anjo, o que você vê nela?

Fátima: Muita tristeza! Ela não tem alegria. Ela não sabe ser amada e se ama. A gente vê ela por fora, a cara dela sempre é essa cara de tristeza [fala olhando para Zete, que escuta atenta e séria], agora por dentro só Deus sabe [Zete balança a cabeça afirmativamente].

Fernanda: Você quer dizer algo sobre o que seu anjo falou? Vive algo bom aí, além dessa tristeza?

Zete: Eu estou esperando uma coisa boa. Em nome de Jesus eu estou esperando uma coisa boa!

Bruna: E quem consegue ver alguma coisa boa nela? Que quer falar pra ela?

Zete: Tem 40 anos que ele faleceu. Recebi uma carta da base aérea... E até hoje espero resolver isso.

Fernanda: A senhora está esperando resolver isso né? Segura rapidinho sua história. Alguém aqui tem alguma coisa boa a dizer que vive dentro dela e que ela não conseguiu dizer, nem o anjo?

Sol: Ela com a fé de Deus ainda vai receber a benção de Jesus no que ela está esperando.

Bruna: e o que é que vive dentro dela de bom, que você enxerga?

Sol: Vive dentro dela que ela tá “revoltosa” porque tiraram a vida de um neto dela.

Bruna: e o que é que vive de bom?

Sol: A triste... a alegria!

Bruna: Alegria!

Sol: Alegria! Ela chama por Deus pra ter essa alegria!

Bruna: Você consegue ouvir, Zete? Que ela tá falando que vê alegria em você?

Zete: Sim. Consigo!

Sol: Ela tem tristeza porque tiraram a vida de um neto dela, mas ela se conforma e pede a paz.

Bruna: Alguém mais vê algo de bom que quer falar com Zete?

Alice: Tenho pra mim que ela é uma boa amiga, né? Uma boa amiga, deve ser uma boa mãe e que o casamento dela saia o mais breve possível [Zete sorri].

Bruna: Como é ouvir isso, Zete? Que você é boa amiga, boa mãe...

Zete: Graças a Deus sou uma boa amiga!

[Lua Branca fala baixo apenas para Bruna escutar “ela é uma pessoa boa, mas não tem sorte. É por isso que não quero ir pra lá, porque tenho tanta coisa ruim na minha vida”, Bruna responde “e as coisas boas?”, Lua Branca diz “só de ver ela falar aí já me sinto mal”].

Fernanda: Vamos administrar o tempo aqui! São 10:10, precisamos lanchar. Quero fazer apenas mais 15 minutinhos de uma atividade e depois vocês vão lanchar, pode ser?

Salva de palma para as duas [todas batem palmas].

[Organiza em uma roda as cadeiras]

Fernanda: Quem somos nós? Grupo da melhor idade, da maior idade, do envelhecer, seja lá o nome que vocês preferirem! Vocês preferem o quê? Grupo o quê?

Patrícia: Da melhor idade! [Algumas repetem]

Fernanda: E vocês gostam dessa história de dizer que é da melhor idade? [Algumas respondem que sim] Tá, então vocês já participaram de algum encontro de idosos? [Alguns disseram que já, outros levantaram as mãos].

Pedro: Já, de vários!

Fernanda: eita!! Vários.. ave maria!! [risos] Então eu quero que vocês imaginem que a gente vai se reunir pra viajar pra... qual lugar que o senhor quer ir mesmo? [aponta pra ser Pedro]

Pedro: Quero conhecer a igreja.. São Francisco de Assis!

Fernanda: São Francisco de Assis! Então vamos imaginar que conseguimos juntar outros grupos da melhor idade lá na igreja de São Francisco de Assis, em Belo Horizonte e vamos viajar pra Belo Horizonte! Imaginem? Todo mundo viajando pra Belo Horizonte pra conhecer grupos da melhor idade? Do Rio de Janeiro, São Paulo, Sergipe...

Alice: Vai ser muito bom!

Fernanda: Já pensou? Mas pra gente chegar lá a gente tem um desafio! A gente precisa apresentar o grupo. A gente precisa dizer quem somos nós. Aí a gente vai precisar de um corajoso que chegue na frente de todo mundo no meio do auditório e diga que grupo é esse do [nome da ONG], que vem de

Salvador, que se encontra uma vez por semana, pra falar pra as outras pessoas do Brasil inteiro quem são vocês. Então a pergunta que fica é: quem somos nós? Aí eu quero que uma pessoa seja o corajoso pra dar a palestra lá em Belo Horizonte, quem pode ser esse palestrante aí pra representar o grupo? [silêncio, elas se olham].

Pedro: Quem vai? Não vai ninguém?

Felicidade e Estrela da Manhã: Vai Alice!

Alice: Nós fomos na casa do governador [Pedro se levanta] e tivemos que falar sobre o nosso grupo [Pedro olha pra Alice e senta novamente]. A gente teve que dizer, nós somos do [nome da ONG], lá em [bairro], e nós viemos porque tivemos o convite de vir pra aqui. Aí participamos da ceia de natal, ganhamos presente, vimos o governador, vimos a esposa dele, muito animada, moderna, assim como vocês...

Bruna: Então você vai falar lá?

Fernanda: Isso, pera aí, você pode ser então essa palestrante? Seu Pedro também se animou!

Pedro: Ela vai!

Alice: Ele também vai, ele fala!

Fernanda: Pronto, então vai os dois.

Pedro: Bora! [Pedro e Alice vão para o centro]

Fernanda: vocês vão, antes de chegarem na frente de todo mundo, pra dizer quem somos nós, ouvir do grupo, pra saber do grupo o que eles acham, né? Então quero abrir pra roda antes dos dois palestrantes falarem sobre esse grupo, eu queria que alguns de vocês falassem quem são vocês.

Alice: Nós somos ser humanos!

Fernanda: e o grupo?

Alice: O grupo do [nome da ONG].

Fernanda: Então vou fazer o seguinte. Um de costas pro outro, você vai falar pro lado de cá e você pro lado de lá, certo? Você, seu Pedro, que é cavalheiro, vai deixar ela começar [risos]. Então Você vai começar, Alice... Presta atenção gente, porque se vocês não concordarem vocês vão precisar falar, pra ver se eles estão representando bem vocês pro Brasil inteiro. Então vamos começar, Alice. Quem somos nós?

Alice: Minhas queridas amigas, dos grupos frequentados hoje pelo convite que tiveram. Nós também fomos convidadas para estar aqui participando [fala e gesticula muito as mãos] do nosso grupo. O nosso grupo é [nome da ONG]. A gente se sente bem, uma vez na semana estamos lá, lá tem negócio de artesanato, agora tá um pouco parado, né? Mas já teve artesanato, já teve tudo lá, a frequência é muito boa! A frequência é muito boa, toda semana nós estamos lá e o nosso grupo é muito importante porque são de idosos, e nós, um respeita o outro e nós vivemos lá feliz. É um grupo feliz. E não é somente de idoso não, tem as criança que também frequenta...

Fernanda: Vamos focar no grupo de idoso! Esse grupo daqui.

Alice: Nós sentimos felizes no nosso grupo!

Fernanda: Parou! Agora seu Pedro complementa!

Pedro: Senhores mineiros e mineiras, eu tenho o prazer de estar aqui, de Salvador, Bahia, estou aqui com o grupo do [nome da ONG], é um grupo da terceira idade que nos reunimos todas as sextas-feiras. De minha parte seguimos felizes [inaudível 3s]. E gostaria que vocês mineiros fizessem uma visita para retribuir essa satisfação. E com a licença de todos vocês nós queremos [inaudível 2s]. Tá bom? [Alice vira e dá um abraço em Pedro]

Alice: Ê!! Parabéns, parabéns!

Bárbara: Eita!!! Olha isso!

Pedro: Oh beleza! [Inaudível 3s. Todas riem bastante].

Estrela da Manhã: Olha, ele gostou de ser abraçado pelas costas [todas riem].

Fernanda: Vocês acham que faltou eles falarem alguma coisa do que é o grupo?

Algumas: Não.

Fernanda: Tudo que eles falaram é isso mesmo?

Algumas: É sim!

Alice: foi o que nós falamos lá na casa do governador. Não foi Pedro? Eu fui entrevistada.

Fernanda: então joia.

Bruna: Antes de fechar quero fazer uma pergunta pra cada um de vocês. Quero saber de cada um de vocês o que é envelhecer. As meninas estavam aqui falando que o grupo é da melhor idade. O que é essa melhor idade? O que é envelhecer pra você?

Felicidade: Envelhecer com boa saúde, lembrar das coisas diante da mente, o que está acontecendo agora, na terceira idade. Quer dizer, na idade da gente pra idade de agora, tá bem melhor pro idoso.

Bruna: E o que é envelhecer pra você?

Cruzeza: Envelhecer eu acho assim, com saúde, ser tratada bem, com mais respeito. Significa ter mais respeito.

Bruna: Pra você Emília.

Emília: Ficar pensando muito, aqui [aponta para a cabeça]. Pensar muito. Depois que perdi meu marido, perdi meu filho, aí a gente fica assim, esquecida. Pego dinheiro boto num lugar, aí o menino fala “né aí não minha mãe”, queimar panela... Fiquei assim agora [olha para baixo].

Bruna: E pra você, o que é envelhecer?

Neves: Envelhecer é ficar cheia de artrose [dá uma gargalhada], ficar cansada... muitas pessoas falta com respeito. Agora mesmo eu vim no ônibus, não foi comigo, mas o motorista disse “não suporto idoso, que idoso é azedo”. Eu olhei pra cara dele e não disse nada. Feliz dele que esteja com a minha idade e faça o que eu faço. Porque eu sou uma mulher de 78 anos e eu lavo prato, varro casa, vou pra mercado, eu faço tudo, eu brigo, eu xingo, faço tudo.

Bruna: Obrigada! E pra você, dona Alice o que é envelhecer?

Alice: Envelhecer é o nosso passado da vida. A gente já foi criança, adolescente e já chegou agora a velhice. Então a gente quer respeito, que todo mundo tenha respeito por nós, né isso? É o passado da vida, a gente chegou a mocidade, que Deus deu o direito de ficar idoso, e aí temos que agradecer ao pai eterno.

Bruna: E pra você, dona Bernardete o que é envelhecer?

Bernardete: A pessoa que envelhece é igual ferro velho, enferruja. Cada hora vai enferrujando um pouquinho mais.

Bruna: E pra você, o que é envelhecer?

Estrela da Manhã: Ah, minha filha, envelhecer é a gente chegar na nossa terceira idade com paz, com saúde, com felicidade, graças a Deus eu sou muito feliz. E mais nada [sorri].

Bruna: E pra você, o que é envelhecer?

Sol: O dia a dia da vida da gente. O dia vai passando e ao invés da gente ir ficando mais nova, a gente vai ficando mais velha, né?

Bruna: E pra você, o que é envelhecer?

Fátima: Envelhecer... a gente nasce, é criança, passa muitas coisas, como já passei, não quero nem lembrar, o que eu já deixei atrás. A coisa mais maravilhosa do mundo foi Deus me dar essa vida, pra

me dar 79 anos e eu achei maravilhoso eu ser independente de mim mesma! O meu sofrimento fez eu ficar velha no tempo, mas eu sou muito feliz. Minha velhice é independência. Só a mim e Jesus! Não dependo de ninguém. Antigamente na minha mocidade eu dependia de todo mundo, não tinha dinheiro, isso, aquilo, não tinha trabalho, era um horror, mas hoje? Eu sou feliz na minha vida! Vivo independente, saio a hora que eu quero, chego a hora que eu quero, deito a hora que eu quero, levanto a hora que eu quero, só Deus na minha vida e pronto! E minha saúde! Que eu peço a Deus pela minha saúde. Vou pra São Paulo sozinha, viajo de avião, volto só, organizo meu dinheiro sozinha, faço tudo sozinha. Não tem nada igual minha saúde e minha vida que eu passo e agradeço muito a Deus.

Bruna: Muito obrigada! E pra você, o que é envelhecer?

Lua Branca: [suspira]

Bruna: Isso é envelhecer?

Lua Branca: [sorri] Eu não sei nem te responder nada, viu? Porque eu sofri na infância, na adolescência e continuo sofrendo. A minha alegria é quando chego aqui, peço a Deus pra chegar sexta-feira. Não mudou nada pra mim. Vivo na solidão, só fui feliz quando tive marido, mas aí pronto, marido morreu, pronto. Acabou!

Bruna: Brigada Lua Branca. E o que é envelhecer pra senhora?

Júlia: Eu acho assim, que nós tivemos o tempo da juventude, já estamos chegando dentro da maior idade, aí vai dobrando novos pensamentos porque na juventude é uma coisa e o tempo do idoso é outro. Nós temos que se conformar e viver alegre, principalmente frequentando esse grupo que, a mim mesmo, me dá alegria. Tenho minhas boas amigas e todos nos trata muito bem.

Bruna: E pra você, o que é envelhecer?

Creuza: Sei lá! Envelhecer é mudar, a pessoa ficar mais velha, é isso mesmo né? Se conformar e pedir a Deus resignação.

Bruna: Seu Pedro, o que é envelhecer pra você?

Pedro: Uma boa pergunta. Envelhecer pra mim em primeiro lugar é uma dádiva de Deus para o ser humano, segundo, envelhecer significa o salário da infância. Na velhice nós recordamos nosso passado, olhamos o presente e pedimos a proteção para o futuro. E a velhice é a felicidade do ser humano dependendo de cada um deles. Porque quem tem Deus, tem tudo, quem não tem Deus não tem nada.

Bruna: Bárbara! E pra você, o que é envelhecer?

Bárbara: Envelhecer, eu não sei.. eu não tô velha, eu tô moderna [risos].

Bruna: E sendo moderna, o que você acha que é envelhecer?

Bárbara: Envelhecer é a pessoa se preocupar demais, ficar pensando demais, não se cuida, é envelhecer.

Bruna: Beleza. Minha querida Patrícia, me conte o que é envelhecer pra você.

Patrícia: Envelhecer é o tempo passar, envelhecer com saúde, ganhar experiência... eu acho que é ganhar experiência. Porque nem todo mundo vai ter esse direito de chegar aos 70 como eu cheguei, pegando na enxada, capinando, plantando, colhendo, né não? Pois é, ter amor no coração, não ter maldade.

Bruna: E pra você, o que é envelhecer?

Juventude: Uma coisa gostosa [risos]. Sou muito feliz, somente isso! Sou muito paparicada por meus filhos e o essencial é isso.

Bruna: E pra você, Zete, o que é envelhecer?

Zete: Envelhecer é a pessoa... cada vez mais vai ficando mais idoso. Os filhos tem uns que abraça e tem outros que... as netas tem umas que é mais amorosa com as vó, a minha neta mesmo que parece

você, que é missionária, gosto muito dela. É muito chegada a mim e já me disse que quer morrer primeiro de que eu. Eu digo “ave maria, minha “fia”, você tá muito nova” [risos].

Bruna: E o que é envelhecer?

Zete: É família. Porque a gente começa a... cedo. A gente cria filho, depois a gente cria neto, aí vem os netos, né? Vem os bisnetos... eu já tenho já a nova geração, já tenho tataraneto.

Bruna: E pra você, Tita, o que é envelhecer?

Tita: Eu quero que Jesus me dê minha saúde, paz, pra mim, meus filho, meus neto, meus irmão, meus irmão daqui do [nome da ONG], felicidade pra “ramissês”, que tá dando esses estudo pra gente e saúde.

Bruna: E o que é envelhecer?

Tita: É paz, né? Muita paz. Eu tenho paz e sossego [risos].

Bruna: E pra a senhora, o que é envelhecer?

Matilde: E ter paz, felicidade, fazer o bem a todos. Envelhecer é a pessoa ter paz, né? A saúde, um bocado de coisa.

Bruna: E pra senhora, dona Marina, o que é envelhecer?

Marina: Eu acho assim, vai chegando a idade, a pessoa vai envelhecendo né? Cada ano que passa que vai chegando, né isso? Aí a pessoa vai já se quebrando, não é mais aquela de outrora... e problema de família. E a idade que vai chegando, né isso? Eu acho assim, tenho 74 anos, mas já passei vários problemas.

Bruna: Imagino. Muito obrigada!

[Após o lanche Alice puxou uma roda de música para a despedida, com a música “trem das onze” de Adoniran Barbosa. Todas se levantam, cantam juntas, batem palmas e algumas dançam. As crianças que estavam no Karatê ficaram assistindo. Quando acaba a música elas se abraçam e se despedem da gente e umas das outras].

SEXTO DIA DE OFICINA

A transcrição a seguir consiste na sexta oficina, realizada no dia 31 de março de 2017, em um pátio aberto, na ONG, com duração média de 2h e 30 min.

[O início consistiu na organização do espaço, recepção das participantes que iam chegando e conversas informais. As idosas estavam excepcionalmente animadas, conversavam com muito sorriso no rosto e gesticulavam bastante. Bruna brincou e perguntou o que tinha acontecido ao longo da semana que elas estavam tão animadas e Dona Gerônima veio caminhando até ela e disse]

Gerônima: Quero dizer pra você que estou feliz. Cada dia a gente se sente mais alegre, mais com o talento mais forte, mais animada e mais alegre.

Bruna: E você Creuza? O que foi que aconteceu nessa semana que te deixou assim tão contente?

Creuza: Oxente, aconteceu foi muita coisa boa pra mim. Só não tá melhor porque não vi Pedro e nem estou vendo [Risos. Gerônima gritou e começou a rir alto, junto com ela].

[Essas duas participantes falaram muito pouco ao longo das oficinas que passaram e participaram de forma mais contida e informal. Hoje estavam falantes e risonhas. Sol chegou dançando e disse que queria iniciar a oficina com dança e música. Organizamos a roda, que se formou rapidamente, e Fernanda sugeriu que iniciássemos então com uma canção.]

Fernanda: Vocês podem escolher uma canção pra abriremos nosso encontro de hoje.

Sol: Qualquer música? Qualquer uma que eu queira? Pode ser de roda?

Fernanda: Qualquer uma. Você não sugeriu abrir com dança e música?

Sol: Oh que noite tão bonita? [Falou gesticulando e balançando os braços]

Fernanda: Lógico, vamos lá!

Sol: [Dá as mãos para as colegas, como fizemos nas primeiras oficinas, sem ninguém pedir] vamos dar as mãos, né?

Fernanda: Joia! Do jeito que você quiser! Você que manda!

Sol: Em nome de Jesus! [Fátima fala algo ao ouvido de Sol]

Fernanda: Ó, a outra tá dando outra ideia ali. Dando “pitaco” [risos].

Sol: [Começa a cantar uma música e balançar levemente o corpo no ritmo. Todas acompanham na canção e no movimento do corpo]

“Ó que noite tão bonita / Ó que céu tão estrelado / Quem me dera ver agora / O meu lindo namorado [Lua Branca puxa a próxima estrofe no mesmo ritmo]

Sete e sete são catorze / Com mais sete vinte e um / Quem souber que assoletre / A paixão de cada um / [Todas voltam a cantar em coro]

Ó que noite tão bonita / Ó que céu tão estrelado / Quem me dera ver agora / O meu lindo namorado [Todas começam a aplaudir e Alice puxa nova estrofe no mesmo ritmo]

[Primeira frase inaudível. Misturado com as palmas]

Por detrás da bananeira / Não é lua, não é nada / É a bandeira brasileira / [Todas aplaudem forte. Ana Paula puxa nova estrofe no mesmo ritmo]

Minha mãe quando me teve / Me botou dentro de um rio / Com a pedra na cabeça / Pra eu não dar pra vadio / [Todas seguem em coro]

Ó que noite tão bonita / Ó que céu tão estrelado / Quem me dera ver agora / O meu lindo namorado” [Todas aplaudem empolgadas e sorridentes]

Fernanda: Essa outra parte da música é inventada na hora ou vocês...?

Alice: É antiga!

Ana Paula: Não, a gente mistura [três falam ao mesmo tempo, que já escutaram os versos e colocaram no ritmo].

Fernanda: Ah, bacana! Muito legal!

Sol: Tem também outra muito boa!

Fernanda: Então vamos outra! [Risos]

Estrela da Manhã: Espera. Cadê Felicidade?

Bruna: Venha, Felicidade! [Felicidade estava dentro do salão, organizando algo para a Assistente Social. Todas chamam Felicidade e discutem quem vai cantar a próxima música]

Felicidade: Não posso deixar o que estou fazendo lá.

Fernanda: Oxente! Venha! [Risos. Todas chamam e ela rindo vem para a roda e dançando]. Cante uma aí, já que você já chegou chegando [risos].

Ana Paula: “Quem entrou na roda, foi uma boneca, foi uma boneca, foi uma boneca (3x)” [Ana Paula puxa Felicidade para o centro da roda e ela começa a sambar e dançar, sorrindo. As outras idosas batem palmas e cantam em coro. Quando acaba a música Ana Paula sai sorrindo].

Fernanda: Quê mais?

Bruna: Gostei dessa dancinha viu?

Fernanda: Eu amei! Entra aí na roda de novo.

Felicidade: Não. Prosperidade!

Prosperidade: Eu não! [Felicidade chama algumas e ficam decidindo quem vai entrar]

Lua Branca: “Quem entrou na roda, foi uma boneca, foi uma boneca, foi uma boneca (3x)” [Lua Branca vai para o centro e começa a dançar. Ela chegou dizendo que estava triste com o coração apertado e ao entrar na roda sorriu pela primeira vez no dia. Dançou e chamou Fernanda, que entrou na roda e começou a dançar também enquanto todas cantavam. Fernanda puxou Bruna, que entrou e começou a dançar. Bruna puxou Zete, que sorrindo não quis entrar, depois puxou Bárbara que entrou e seguiu a dança. Chamou Marina, que se negou. Lua Branca puxou outro samba de roda]

Lua Branca: “Toca Isaura, toca viola, toca viola, toca viola (3x)” [Estrela da Manhã entra na roda sambando e as outras cantando em coro e batendo palmas].

Ana Paula: “Eu tirava do samba já, já. Dava uma surra nela. Ela gritava chega! Chega! Oh meu amor. Eu vou-me embora da roda de samba, eu vou. Chega! Oh meu amor. Eu vou-me embora da roda de samba, eu vou (3x)” [Bárbara puxa Sol, que resiste, ficam rindo e brigando pra ver quem entra na roda, então Fernanda puxa Sol que entra na roda sem resistência e começa a dançar com ela. Quando as duas saem, Alice entra na roda e começa a sambar]

Alice: Meu pé tá doendo... você vai ficar bom viu? [fala com o pé, brincando, quando a música para]. Ó, Bruna, é assim que ele vai ficar bom viu? É dançando! [Todas começam a rir]. Deu a louca! Deu a louca! Deu a louca na velhaca!

Fernanda: Quero só mais uma pra gente sentar! [Ficam uns minutos lembrando]

Lua Branca: [Canta uma música de samba em Africano e todas batem palmas].

Alice: “Samba no mar, samba no mar marinheiro, samba no mar marinheiro, samba no mar marinheiro (3x)” [Estrela da Manhã entra na roda e dança, sambando e girando. Ela abraça Ana Paula, que entra na roda e começa também a sambar sorrindo. Sai e puxa Prosperidade, que resiste sorrindo, mas acaba entrando e dançando também. Puxa Felicidade, que entra e samba sorrindo].

Fernanda: Maravilha! Vamos sentar, então, agora [Todas sentam em roda nas cadeiras].

Estrela da Manhã: Você não sabe nenhuma música não?

Fernanda: Sei... “Beira-mar, ô Beira-mar (2x). É o riacho que corre pro rio, é o rio que corre pro mar, é o mar morada do peixe, quero ver você sambar” [Todas batem palmas e cantam em coro]. Essa não esqueço nunca. Tem outras de beira-mar né?

Alice: Tem sim... “Beira-mar, êê, beira-mar. Beira-mar êê beira-mar”. Essa é da lavagem do Senhor do Bonfim.

Fernanda: E por que tanta música com beira-mar? Alguém sabe me dizer? Curiosidade mesmo.

Alice: A coisa melhor é a beira do mar. Ele traz fresco, ele traz...

Felicidade: Beira-mar é a beira do mar. Tem a ver com pescador, tudo isso... [começam a conversar os motivos das músicas terem beira-mar em 01 min e 37 seg].

Fernanda: Meninas, o seguinte, quero conversar com vocês sobre nossa ideia do próximo encontro. Que a gente possa fazer na sexta-feira que vem uma roda, só que ela não vai estar assim. A nossa roda vai estar muito maior, e vamos chamar as mulheres que ficam aqui fazendo as atividades, os meninos que ficam no reforço escolar alí, o pessoal do karatê... A gente vai chamar algumas pessoas pra sentar... Provavelmente no chão, não sei se tem muita cadeira aqui, mas eles são novos então sentam no chão, na mureta aqui... E vocês vão contar histórias pra eles. E qual é o sentido de vocês contarem histórias pra eles? Vocês imaginam? Pra quê contar histórias pra eles?

Sol: Pra eles ficar sabendo o dia a dia da nossa vida.

Estrela da Manhã: Porque antigamente nossos avós contavam histórias para a gente. Mas eu não sei nenhuma pra contar [risos].

Bruna: E as histórias todas que vocês contaram da vida de vocês?

Felicidade: A história da nossa vida não é a história deles. A nossa história são totalmente diferente da deles. Até na criação a história da gente é totalmente diferente, porque a criação deles agora não é a nossa de antes. Até a de vocês não é!

Bruna: Então aí que está a graça! Vocês podem contar pra eles essas histórias diferentes, que eles não conhecem. Porque quando a gente é pequeno que houve aquelas histórias de fadas, dragões, a gente não conhece. Nem existe isso. Mas a gente gosta! Então eles podem também conhecer as histórias como eram antigamente, assim como nós duas conhecemos e adoramos!

Felicidade: Eles vão pedir exemplo da nossa história. Aí se por exemplo for eu, vou dizer “já não é a sua, não vai ser a de seus filhos, nem tampouco de seus netos”.

Ana Paula: Antigamente eu pedia pra minha mãe, pedia um “cafunezinho” e pra ela contar o boi da cara preta e a gente acabava dormindo, né não?

Fernanda: Era contar pra dormir?

Patrícia: Era!

Felicidade: Antigamente era contar histórias. Hoje em dia eles não querem saber de mãe, de tia, tampouco avó. Contar histórias pra eles...

Patrícia: Noite de lua ficava todo mundo do lado de fora, colocava as esteiras, pra escutar histórias, contar verso...

Fernanda: Olha, massa! Então vamos começar nossa apresentação assim? Você fala “Numa noite de lua cheia, nossos pais colocavam as esteiras do lado de fora para escutar histórias e contar versos”.

[Fernanda começa a estruturar a apresentação a partir das falas e conversas. Todas participam muito, opinam, trazem versos que sabem, enquanto Fernanda aproveita as falas e estrutura a apresentação. Lembramos algumas histórias contadas, como as histórias dos nomes, pra selecionar as melhores e contar no dia. O roteiro pronto está transcrito na estruturação antes da transcrição dessas entrevistas, junto com o roteiro das oficinas. Elas ficaram bastante empolgadas, deram bastante risada e trouxeram diversas ideias. Após estruturar a apresentação, decidimos o local, como vamos arrumar as cadeiras, onde elas vão ficar, quem vai começar cada fala e história e as músicas que elas vão cantar. Quando terminamos a estruturação da apresentação colocamos a música “Epitáfio” de Titãs, para elas escutarem, como uma possibilidade de fechamento do espetáculo da próxima semana. Levamos 01h e 37 min nesta estruturação].

“Devia ter amado mais / Ter chorado mais / Ter visto o sol nascer / Devia ter arriscado mais / E até errado mais / Ter feito o que eu queria fazer / Queria ter aceitado / As pessoas como elas são / Cada um sabe a alegria / E a dor que traz no coração / O acaso vai me proteger / Enquanto eu andar distraído / O acaso vai me proteger / Enquanto eu andar / Devia ter complicado menos / Trabalhado menos / Ter visto o sol se pôr / Devia ter me importado menos / Com problemas pequenos / Ter morrido de amor / Queria ter aceitado / A vida como ela é / A cada um cabe alegrias / E a tristeza que vier / O acaso vai me proteger / Enquanto eu andar distraído / O acaso vai me proteger / Enquanto eu andar / Devia ter complicado menos / Trabalhado menos / Ter visto o sol se pôr.”

Fernanda: Essa música é legal, pois ela chama Epitáfio. Vocês sabem o que é Epitáfio?

Lua Branca: Um personagem de Chico Anísio que apanhava, né?

Fernanda: Além do personagem, são aquelas mensagens que colocamos na lápide das pessoas que morrem. E ela diz muito das coisas que a gente poderia ter feito e não fez. Então é uma mensagem para quem está aqui também lembrar do que ainda pode e quer fazer. Das possibilidades que temos e que não vivemos, seja porque a gente tem medo, seja porque a gente anda distraído, seja porque a gente vive tão cheio de coisas e não pensa na vida. Então essa música convida a pensar o que você já fez da vida, o que não fez da vida e o que ainda quer fazer. Então a gente queria terminar com essa música pra vocês. Vocês que já conhecem essa música mais antiga.

Felicidade: Mas muita gente não conhece essa. Eu conheço, ela conhece, essa já não conhece, e o resto?

Bruna: Então melhor vocês escolherem uma música pro final. Vocês querem escolher a que vocês preferem? Escolham a que vocês querem e colocarmos pra tocar no final.

Fernanda: Ou podemos fechar na de Alice mesmo.

Bruna: Pode ser. O que acham?

Juventude: Eu achei essa música muito bonita. Não precisa ninguém cantar, podemos botar pra tocar [discutem durante alguns minutos entre elas e decidem terminar com a música de Alice, do trem].

Fátima: E se colocarmos “deixa a vida me levar”?

Estrela da Manhã: Gostei! [Após alguns minutos de conversa decidem que vão cantar as duas].

[Daniela Mercury chega atrasada, na hora que decidem as músicas e diz que são músicas ruins].

Daniela Mercury: Essas músicas são chatas. De velho! Eu gosto é de lambada!!!

Felicidade: E você é o que? Somos todas velhas, minha filha!

Daniela Mercury: Eu de velho não quero nada, nem namorado. Coisa chata isso!

Fátima: Nós estamos num grupo de velhas, idosas! Você não é nova. Tem que entender isso! [Começam a dispersar, todas as idosas discutindo com Daniela Mercury ao mesmo tempo, difícil de compreender].

Fernanda: Meninas, vamos tentar fechar aqui?

Bruna: O que é que vocês esperam da semana que vem?

Juventude: Uma festa gostosa!

Bruna: E vocês aí, meninas? Tá tudo beleza com vocês?

Estrela da Manhã: Tá beleza!

Bruna: Semana que vem podemos contar com todas pra nosso fechamento?

Algumas: Sim.

Bruna: Então pra gente fechar, como é que está sendo esses encontros? Me falem um pouco do que foi pra vocês.

Lua Branca: Tá sendo muito legal! [Daniela Mercury passa na frente da roda e senta].

Felicidade: Daniela Mercury não assistiu nada de vocês, chega atrasada todo dia e está tirando onda. Eu já disse a você que lambada não é de idoso [começam a discutir e as idosas se dispersam e vão pedindo pra ir embora. Nós organizamos as falas, pedimos para que cada uma fale de uma vez e Daniela Mercury começa a dançar e rir. Patrícia defende a idade].

Lua Branca: Lambada é coisa de idoso sim. Você está desfazendo de vocês mesma!

Patrícia: Tenho 84 anos e orgulho da minha idade! Sou feliz! [Começam a dispersar e se despedem]

Daniela Mercury: Vocês vem alegrar a gente, eu tô com 78 anos e tô bem. Vocês alegrou nós. Vou sentir falta de vocês. Não quero me entregar a velhice.

Bruna: E velhice não pode ser boa não? Você está como? Não tá bem?

Daniela Mercury: Tô amadurecendo ainda. Não tô velha.

Bruna: E velho é ruim?

Lua Branca: Ela não admite a vida dela, fia. Velhice não é ruim [Começam a dispersar muito, guardam as cadeiras e algumas se despedem].

Bruna: Muito bem! Meninas, muito obrigada!! Queremos ver vocês semana que vem pra nossa despedida! Um beijão!

[Matilde e Júlia procuram Bruna ao final do encontro dizendo que querem falar algo]

Júlia: Vocês tão alegrando todo mundo.

Bruna: É?

Júlia: É bom contar história, faz bem. A gente traz o que passou e hoje ninguém vê mais. Então se tiver criança e adolescente ainda é melhor, porque vai saber o tempo da gente. E o tempo da gente não é o tempo de hoje. É muito importante.

Bruna: E por que vocês não trouxeram isso lá pra todo mundo?

Júlia: É, que eu antigamente eu sabia um bocado de coisa... Mas é porque tem a parte cristã e a parte... católica, né? Aí todos nós somos filhos de Deus e Deus ama todo mundo. Deus ama todo mundo! E nós temos que abraçar e adorar Deus que ele ama todo mundo! Mas quando a gente passa, e tem aquelas coisas, aquelas músicas do mundo, do povo do mundo, né? A gente sabe tudo, eu sabia muitas coisas, mas depois que eu passei a ser evangélica, eu esqueci tudo, porque hoje eu só louvo ao evangelho. Aí saiu da minha mente.

Bruna: Mas suas histórias você também esqueceu?

Júlia: É. Você fala ali uma coisa e eu luto pra lembrar... mas esqueci [sorri]. Mas a gente ama todo mundo. Deus colocou todo mundo, [uma criança passa na frente e sorri pra Bruna] essas criancinha aqui [ela abraça o menino, que retribui sorrindo] é filho de Jesus, eu adoro criança. E lá em casa é cheio de criança, né? [beija a testa do menino, que sorri]. E essas crianças tem que aprender coisa boa, a falar com as vovó, né? [o menino sai rindo]. E vocês são maravilhosas, minha fia, que vocês tá ó [faz gesto com as mãos na cabeça] despertando a mente da gente! Despertando a mente das idosa. Alegrando as idosa. Alegria a mente da gente [sorri]. Naquele momento nós não tá pensando em aborrecimento de família, as coisas de família, chegar em casa e ficar chateada, quando chega aqui assim, começa assim a conversar, falar essas coisas, dar risada, a gente se alegra. A mente esvazia aquele cansaço, que tá na mente de vocês [faz gesto como se estivesse apertando a cabeça].

SÉTIMO DIA DE OFICINA E APRESENTAÇÃO DO ESPETÁCULO “CONTAR HISTÓRIAS: UMA ARTE SEM IDADE”

A transcrição a seguir consiste na sétima oficina, com a posterior apresentação do espetáculo “contar histórias: uma arte sem idade” realizada no dia 07 de abril de 2017, em um pátio aberto, na ONG, com duração média de 2h e 30 min.

[Antes de iniciar o encontro, muitos dos participantes já haviam chegado e conversaram conosco de forma informal. Trouxeram que estavam tristes com a despedida e também muitos feedbacks positivos].

Pedro: Acordei às 3 da manhã pensando nisso [a despedida]. Não dormi mais! Quando a gente se apega, cria asas.

Lua Branca: Essa semana, desde quarta-feira eu andava tão triste. Não conseguia ver TV, caía pra baixo, olhava pra baixo, e a vizinha me perguntou por que eu tava assim, estranha. Eu disse a ela que estava já com saudade das meninas das histórias.

[Nos organizamos em roda, antes da apresentação, para repassar o roteiro e também compreender as expectativas de cada um. Demos as mãos e elas pediram a oração]

Fernanda: Quem quer puxar o pai-nosso então?

Amor: Que tal se a gente cantar o pai-nosso?

Pedro: Bora! [Todas concordam]

Amor: Vamos então fechar os olhos, sentir a brisa do mar, acalmar os corações, agradecer ao Pai Maior por essa oportunidade que ele nos deu. Essa oportunidade de encontrar essas pessoas, a Bruna, a Fernanda, o Amor, enfim, todos! Vamos agradecer ao Pai diante da natureza que está aqui e vamos cantar o pai-nosso de coração! [Todos fecham os olhos, cantam o pai nosso bastante concentradas, enquanto embalam no ritmo da música. Ao final todas batem palmas e Pedro fala mais algumas palavras sobre Deus].

Fernanda: Vamos sentar já já, tá? Porque percebo que quando sentamos a energia dispersa mais. Hoje é nosso último dia...

Patrícia: Aqui, né? Mas vão continuar nas nossas vidas e corações!

Fernanda: É [risos]. E a gente hoje quer mostrar como disse Alice as nossas maluquices. Mas são as nossas maluquices boas! Saudáveis! Tem muita coisa boa pra dizer aí, né isso? Então o dia hoje vai ser um pouquinho mais corrido, o lanche vai ser um pouquinho antecipado, pra gente poder ter um público bonito ouvindo e vendo a gente, certo?

Mas o curioso pra mim é que aqui, independente das histórias que a gente ouviu, tem muita gente amolecida. Eu não vi ninguém endurecida pela vida. Quando a gente endurece o coração da gente a gente vai ficando um pouco mais triste, um pouco mais afastada, distanciada do outro, sem querer muito afeto né? Até estranha quando o outro vem, olha demais, vixe, né? Porque a gente tá endurecida por dentro. Mas o que eu vi aqui foram pessoas muito abertas pra vida. E abertas pra vida pra tudo que veio de bom e de ruim, porque a vida não é sempre boa pra todo mundo, muda o tempo todo, né isso? Então isso me mobilizou muito. Perceber o afeto e o carinho de vocês por nós. A cada momento eu digo “meu Deus, que é que eu fiz pra receber tanto?” e eu tenho certeza que vocês estão dando muito mais pra gente do que a gente pra vocês...

Felicidade: Não!

Sol: Não, não... De maneira nenhuma! Vocês, perante a Jesus que eu não tô com falsidade, que eu não tenho falsidade com pessoa nenhum. Ou eu me dou, ou não me dou. Mas eu sou assim... Vocês, quer dizer, não sei os outros, mas pra mim [aperta as mãos no coração] é uma rosa. É uma rosa, viu? Trata bem a gente, respeita a gente, dá carinho...Então...

Pedro: Verdade! Obrigada! Obrigada!

Amor: Eu também gostaria de dar meu depoimento. Como eu já convivo com elas a algum tempo, é como ela falou, hoje não é o último dia... realmente o trabalho de vocês duas, claro, vocês não fazem o trabalho só, é como você falou, vocês também encontraram um grupo que acolheu vocês, mas o que vocês trouxeram pra nós foi uma coisa muito boa... um resgate que eu acho fantástico. E que essa coisa não fique, não morra por aí. Claro, vocês tem outros trabalhos, outras coisas, mas estão de parabéns. Eu mesmo fiquei muito contente. Até fiquei muito chateado que não vim na outra sexta. E é como eu falo, pelo menos a gente tem que vir aqui dar um oi, elas mesmo sabem do trabalho como fluía bem aqui [fala do trabalho que faziam por 1 min]. Eu sei que o trabalho de pesquisa que vocês estão fazendo é fantástico e não está melhorando só esse grupo não, eu tenho certeza, que como é uma pesquisa, isso vai ó, se expandir [abre os braços] muito e muito mesmo [todas batem palmas].

Bruna: eu também quero falar porque esse trabalho era só uma pesquisa a princípio. E a gente queria pesquisar justamente o que é que essas contações de histórias poderiam mover. E no fim das contas, dentro do nosso trabalho, que vocês vão ter oportunidade de ver quando estiver pronto, vai ter um capítulo final que vai ser sobre as mudanças que aconteceram em mim. Porque o que é que eu percebi? Que eu mudei muito. A gente recebeu muito carinho, a gente foi muito acolhida, a gente foi escutada, a gente dividiu, foi um encontro de verdade. Eu me senti com várias avós. Me senti como se fosse uma família [elas concordavam com a cabeça], mudou minha percepção de tempo, do que eu quero da minha vida, de como me relacionar com minha família, do que é a beleza, do que é a velhice, né? Que às vezes eu tinha uma visão diferente e vocês me mostraram que envelhecer é continuar com muita vida, com muita força, me surpreenderam. O tanto de força, o tanto de abertura, o coração que vocês têm é uma coisa impressionante. Eu tô me sentindo assim, tanto que eu falei com as meninas, que hoje me deu vontade de chorar até [algumas riram, outras fizeram “oh”], que eu cheguei com saudades [risos], com o coração apertado, porque a gente não vai percebendo o quanto se envolve né? O quanto que realmente vocês marcaram. A gente até trouxe, não foi Nanda? Uma fotinha que a gente vai deixar com vocês e vai ficar também com a gente, pra ficar o registro, porque eu revendo os vídeos ficou mesmo amor...

Alice: Eu vou falar... [caminha para o centro da roda e gesticula fortemente] que Jesus abençoe a vocês duas e que Deus abra o caminho de vocês para o futuro de vocês [abraça Bruna] ser brilhante [abraça Fernanda]. Que Jesus abra os caminhos de vocês duas e de todos nós.

Fernanda: Ó, mas perai... Vou dar uma segurada, porque nosso desejo é de falar, porque quando tem afeto, tem amor, a gente quer dizer pro outro o que a gente sente, mas vamos segurar um pouco porque ainda temos trabalho pela frente. A gente tem um público aí que daqui a pouco vai nos ver e ouvir e a gente precisa se organizar para o que vamos fazer. Acho que algo importantíssimo pro grupo é... como vocês já falaram, muita gente já veio e já foi embora, mas o grupo permanece, né? Eu tava dizendo pra Bruninha que a primeira coisa que ouvimos da coordenadora daqui foi “este é o grupo mais assíduo do [nome da ONG]” e isso é muito forte para esse grupo, porque significa que vocês tem o compromisso de estar aqui independente do que aconteça, uma tá com dor no ombro, a outra está com a casa alagada, a outra teve um problema de família, a outra tá assim, tá assada, mas vocês estão aqui, e isso significa que vocês enquanto grupo, não mais como vocês, mas como grupo, que vocês, querendo ou não, essa postura de compromisso significa que vocês estão cuidando de vocês mesmas. Independente de quem chega e quem sai, vocês tem o compromisso de cuidar de vocês e vocês precisam entender como uma cuida da outra. É claro que pra qualquer grupo existem as diferenças, existem os estranhamentos, existe o desaforo de uma pra outra, mas o importante é que vocês querem estar juntas, porque ninguém está aqui obrigada a nada, vocês estão aqui porque vocês querem. Então percebam como é importante pra vocês estarem juntas e cuidar uma da outra. O cuidado de uma com a outra é muito importante. Então eu e Bruna, ou seja quem quer que seja que venha pra cá, pra desenvolver um trabalho com vocês, e que pra gente não deixa de ser um lugar de passagem, mas vocês ficam. Então pra quem fica é muito importante perceber o quanto esse laço afetivo entre vocês deve ser preservado. Deve ser preservado e compreender como ele deve ser preservado. Eu acho que quem vem, vem pra agregar alguma coisa, mas acredito e concordo plenamente com Bruna, a gente muito mais recebe de vocês, tenham plena certeza! Muito mais!

Pedro: Obrigada!

Fernanda: A gente sai daqui muito mais [respira profundo]...

Felicidade: Aliviada...

Fernanda: A gente traz lógico, um conhecimento, um olhar, mas vocês na simplicidade, na abertura, no acolhimento, na generosidade de vocês, vocês nos dão muito mais. E vocês têm que entender como é que vocês se mantêm. Como manter, como conviver, como estar juntas, certo? Mas nosso tempo está correndo. Pra gente fechar essa roda de conversa eu queria que a gente pudesse trocar esse carinho, e eu queria que todo mundo se sentisse abraçada, todo mundo se sentisse acolhida. Então a primeira coisa que eu quero que a gente faça, somente olhando uma pra outra, somente isso [começam a se olhar, trazem um sorriso no rosto, mas olham com muito mais presença e sustentação, sem gargalhadas]. A gente olhando uma pra outra, um de cada vez vai escolher uma pessoa da roda, vai abraçar essa pessoa, essa pessoa que foi abraçada vai e abraça outro e assim todo mundo vai ser abraçado. Só isso, tá bom? Eu vou começar, pode ser?

Pedro: Você quer que a gente olhe um pro outro?

Fernanda: Vocês já estão se olhando, né?

Pedro: Não, eu tô olhando pra você! [Risos. Todos riem]

Fernanda: Então você quer um abraço meu, venha aqui! [Risos. Se abraçam] Agora você escolher uma pra abraçar.

Pedro: Vou escolher uma pra abraçar [caminha até Felicidade e dá um abraço forte].

Bárbara: Larga, larga, larga! [risos]

[Lua Branca vai abraçar Júlia]

Fernanda: Calma [risos]. Agora é Felicidade quem vai abraçar alguém. [Felicidade caminha até Amor e o abraça forte, Pedro faz uma piada]. Agora você vai pra roda e escolhe alguém.

Amor: Queria abraçar todas! [Caminha e dá um beijo na testa de Lua Branca, depois a abraça forte].

Lua Branca: Que Deus te dê tudo de bom, tudo de bom! [Permanece no abraço, sai e abraça Júlia forte].

[Júlia caminha em direção a Estrela da Manhã e a abraça].

Estrela da Manhã: Ohhhh, meu pai. Saúde e tudo de bom! Eu vou abraçar... [caminha até Matilde e se abraçam forte].

Fernanda: Vem pro meio... Não vale repetir! Tem que ser alguém que não tenha sido abraçado ainda [caminha até Bernardete e dá um abraço forte. Bernardete caminha até Bruna e dá um longo abraço forte].

Bruna: Deixa dar meu abraço... [caminha até Sol e dá um abraço apertado. Abraça Marina, que sorri e retribui]

Fernanda: Agora você escolhe. Ela não foi abraçada [Aponta para Zete], nem ela...

Marina: Ela! [Balança a cabeça afirmativamente] minha amiga [abraça Zete forte. Zete caminha até Júlia e dá um abraço apertado. Júlia caminha até Juventude e a abraça apertado. Juventude anda rápido até Patrícia e dá um abraço bem apertado.].

Bárbara: Sobre! Ê que beleza!

Fernanda: Ah, mas você vem pro meio da roda agora [Bárbara resiste e pergunta por que]. Venha, menina.

Amor: Vai ser abraçada por todos.

Fernanda: Isso! Agora vem todo mundo e abraça ela [Todas abraçam Bárbara, depois todas começam a se abraçar, umas às outras].

[Organizamos todas em roda, entregamos nossa lembrança, uma foto do grupo, para cada uma e sentamos pra estruturar o roteiro da apresentação].

Bruna: Eu quero saber de vocês, já que hoje é nosso último dia...

Felicidade: Aqui! [Outras repetem “aqui”].

Bruna: [risos] Aqui! Aqui! [risos] Mas eu quero saber o que é que ficou... o que é que vocês acharam e sentiram disso tudo que fizemos juntos?

Estrela da Manhã: Lembrança... a recordação das coisas do passado, que vocês fizeram a gente se lembrar.

Bárbara: E o carinho que vocês duas deu a gente!

Estrela da Manhã: Verdade. O amor!

Bruna: E vocês sentem que fez alguma diferença pra vocês, isso?

Juventude: Muita. Eu senti diferença porque vocês ensinaram muitas coisas pra nossas vidas. Foi nossa orientadora [sorriu].

Bruna: e como é que você está hoje? O que você gostaria de partilhar e falar?

Juventude: Eu tô sentindo a falta de vocês que vai ser pra semana.

Bruna: Alguém mais quer falar algo?

Pedro: Eu vou falar por mim... por mim e pelo grupo... Mas não quer dizer que eles pensem igual. Porque eu vou é falar por mim, que mulher manda viu? [risos] Vocês me deixa pra mim... Vocês me deixa um mundo de felicidade! Pelos ensinamentos que foram compartilhados. Inclusive, ó, a gente idosos, precisava muito de vocês! Precisamos de vocês. Porque nós não somos isolados. Vocês orientam nosso pensamento. Nosso coração sempre vai levar o que conhece pros jovens. Por isso digo pra vocês que vocês me deixam muita saudade, por outro lado deixa muito magoado porque foi poucos dias, aí a gente começa a se dar com vocês e vocês cai fora! Vocês tem que deixar um telefone, um endereço, qualquer coisa, porque a gente vai sentir saudade...

Bruna: A gente vai deixar sim.

Pedro: E eu procuro, viu? Procuro! Agora só não vão deixar errado, viu?

Bruna: Não... a gente já deu o telefone pra as meninas.

Pedro: Quero dizer pra vocês o seguinte. Não quero ferir a dignidade de ninguém, mas de todos os grupos que tiveram aqui com a gente, vocês foram as melhor, nota mil! Espero que vocês vá com Deus, siga a batalha de vocês, que o Espírito Santo leve vocês, mostre a terra que vocês vão pisar, a porta que vai abrir em seu favor, e dê saúde, paz, a todos os familiares, e amanhã quero ver todo mundo de [inaudível 1s].

Felicidade: Discurso poético!

Pedro: É mole é? Meu sentimento!

Bruna: Gostei, seu Pedro [risos]. Obrigada!

Felicidade: Hoje nós não vamos sentir falta, sabe por quê? Porque vocês estão presente! E vai continuar presente! Agora a partir da sexta-feira é que a gente vai sentir muita e muita falta de vocês. Pela amizade, pelo gesto que vocês dedicou à gente! Muito bonito! E vai continuar bonito, no lugar que vocês forem! A porta sempre vai se abrir pra chegar... agora vou fazer feito o outro, né Amor? Pra chegar, chegando! [risos] Em vocês duas tá legal, tudo! Tá legal tudo, tudo, tudo, tudo!!! Quem disser que está ilegal, está mentindo!

Bruna: Vocês sentiram alguma diferença em vocês ao longo desse trabalho?

Felicidade: Ó, nós sentimos. Porque o mesmo abraço de um é de todos. Todos lhe acolheram! Lá na frente até os idosos. A gente não tem o que dizer de vocês.

Bruna: então tá joia, gente. Brigada por tudo viu? Nanda vai continuar com o roteiro pra gente poder fazer a apresentação.

Fernanda: Na verdade eu vou e volto. Fazemos os planejamentos, mas eu vou e volto, sou levada pelo momento. Eu queria começar aqui por Dona Juventude, eu acho que foi no primeiro dia que fiz um exercício com vocês de quando a gente dá as mãos, a gente recebe do outro e dá ao outro. E esse exercício de dar e receber é para o que está ao meu lado, mas não deixa de ser para todo o grupo. A minha pergunta pra vocês é o que eu levo desse grupo pra casa? Quando volto pra casa, o que é que eu levo deste grupo e o que deste trabalho que a gente fez? E o que é que vocês dão? Conseguiram entender? O que eu levo deste trabalho e deste grupo e o que eu dou? Então Juventude, você pode começar?

Juventude: Eu gostei imensamente. O que eu levo? Tudo de bom! O que vocês puderam fazer por nós, vocês fizeram.

Bruna: E o que você dá ou acha que nos deu?

Juventude: Eu dou pra elas saúde, que nós precisamos, sempre em primeiro lugar, e muita paz, que muitas vezes nós não temos, né? Nós procuramos ter, mas muitas vezes qualquer coisa que acontece a pessoa não tem, né? Somente isso!

Fernanda: Alice! O que é que você leva e o que você dá?

Alice: Eu achei que foi bastante legal, né? Vocês com muito amor e carinho com nós aqui, graças ao bom Deus, e que Deus abra os caminhos de vocês duas. Que encontre boas, um trabalho muito bom, e que Deus te dê saúde a vocês duas!

Fernanda: e o que você deu pra esse grupo e pra esse trabalho?

Alice: eu nem sei se eu dei amor. Eu nem sei se eu dei amor [fala com a voz baixa e os olhos marejados]. Não sei, só Jesus sabe!

Fernanda: E o que você conseguiu dar?

Alice: O que eu posso dar, né? Isso aí que eu tenho. É a única coisa.

Bruna: E o que é que você tem?

Alice: Essa minha natureza que é essa, e é essa até morrer.

Bruna: E é uma coisa muito boa!! Eu gosto muito da sua natureza. A gente se diverte é muito [ela sorri, mas os olhos continuam marejados]. Como você está sentindo agora?

Alice: Tô bem. Muito bem.

Bruna: Obrigada!

Fernanda: Júlia, e você?

Júlia: Ótimas recordações! Reviver a juventude é maravilhoso pra mim! Gostei muito! Vou levar ótima recordação de vocês!

Fernanda: e o que você dá ao grupo?

Júlia: Eu dei minha presença! [sorri]

Bruna: E é muito! É bastante!

Fernanda: Amor, vamos lá!

Amor: O que eu levo do grupo é sempre, cada dia mais, o fortalecimento. Né? Do encontro de pessoas. E cada vez que venho aqui às sextas-feiras, eu saio mais feliz! Mais com vigor pra o futuro, em função de tê-las juntas, em observar cada uma do jeito de cada uma, do seu ser, entendeu? E eu vou aprendendo e me doando, é uma troca, que eu acho fantástico. Particularmente nesse trabalho de vocês, senti muito isso mais forte, porque é contínuo.

Fernanda: e o que você deu ao grupo e ao trabalho?

Amor: O que eu dei ao trabalho acho que é essa parcela de companheirismo, né? De troca, que eu acho fantástico, que a gente vai se ajudando e aprendendo um com o outro. E principalmente o amor, se a gente faz as coisas com amor e de coração, perfeito!

Fernanda: E a senhora, Zete?

Zete: Graças a Deus [inaudível 35s].

Fernanda: E a senhora?

Lua Branca: Eu tava doente e fiquei uma semana sem vir, aí quando pensei em vocês me animei, aí graças a Deus, fiquei até melhor do que o que eu tava [inaudível 4s], gostei muito do trabalho de vocês [inaudível 7s].

Fernanda: E o que é que a senhora dá pra o grupo e deu pro trabalho?

Lua Branca: eu dei a minhas amigas muito amor, muito carinho, muita felicidade. Todo dia eu prezo por elas, peço saúde, felicidade, tudo de bom pra elas. E vocês, excelente! O trabalho foi ex-ce-len-te pra gente! Pra mim principalmente, que tava doente, pra baixo, e [faz movimento levantando as mãos] deu uma suspendida e tanto.

Fernanda: E a senhora, o que leva?

Marina: Excelente! Vocês trouxeram muito amor à gente e a mesma coisa eles. Desejo muitas felicidades pra vocês [olha para baixo com os olhos marejados].

Fernanda: E o que a senhora deu pro grupo e trabalho?

Patrícia: Oh, meu pai.

Fernanda: Que que a senhora levou pra casa?

Patrícia: Eu levei alegria! Amor de vocês! Coisas boas! Aprendi com vocês, recordei a minha infância, viu? Coisas boas!

Fernanda: E o que você deu pro grupo?

Patrícia: Minha presença, aprender...

Fernanda: Felicidade!

Felicidade: Levo muitas coisas. Muitas coisas... muitas coisas boas! Apesar da idade mas eu levo muitas coisas boas. Enquanto eu viver ainda há esperança! E de vocês, muita felicidade! Muito amor!

Fernanda: E o que você dá pro grupo?

Felicidade: Dou muitas, muitas, muitas coisas, muita felicidade, muito amor e união!

Fernanda: e a senhora?

Bernardete: Levo muita saudade, felicidade...

Fernanda: e o que a senhora deu pro grupo?

Bernardete: [inaudível].

Fernanda: Seu Pedro!

Felicidade: ele já falou!

Pedro: Verdade, eu falei!

Fernanda: Verdade! Júlia!

Júlia: Levo amor, consideração [inaudível 3s], vocês não tem preconceito de idade, são umas beleza! A mesma pessoa que somos nós, são vocês para nós. Então eu levo tudo de bom daqui.

Fernanda: e o que é que a senhora dá pro grupo?

Júlia: Amor, carinho, coração limpo. Amor de coração, não da boca pra fora. Então parabéns por tudo! Só amor! Amor! Graças a Deus!

Fernanda: E a senhora, minha sambadeira [aponta para Sol].

Sol: [inaudível 5s], segundo lugar eu desejo muita saúde pra vocês, pra todo o grupo, e que Jesus abençoe. Gostei muito do trabalho, e o carinho que vocês deram.

Fernanda: E o que a senhora deu pro grupo?

Sol: Esse grupo, essa turma aqui, que Jesus abençoe todos! Com saúde e paz! Que eu gosto de todo mundo. Ninguém diz que eu sou feia...

Bárbara: Você é feia!

Sol: Ahhh [simula bater em Bárbara com guarda-chuva e sorri].

Felicidade: Ó essa briga aí! [Bárbara ri]

Pedro: Ó a baixaria! Se misturou com aquela de lá [Bárbara] e já é baixaria!

Bárbara: Baixaria não! É você!

Fernanda: Parou vocês! Bárbara, você! Que é que você leva desse grupo?

Bárbara: Eu levo muita satisfação, muita personalidade, muita ajuda que vocês deu pra gente, muitas coisas boa.

Fernanda: e o que você acha que deu pro grupo?

Bárbara: Eu não sei né? Acho que dei muita satisfação e muito amor por grupo.

Fernanda: Estrela da Manhã, quer dizer algo mais?

Estrela da Manhã: Eu gostei muito do trabalho de vocês, gostei de relembrar a minha infância, algumas coisas que eu não gosto de falar, mas também teve coisas boas que lembrei da minha infância. E o amor e o carinho que vocês deram por todos nós.

Fernanda: E o que você deu pro grupo?

Estrela da Manhã: Ah, minha filha, não sei o que é que eu dou ao grupo, não sei se todas gostam de mim, porque eu gosto de todas, tento me lembrar de todas.

Fernanda: Matilde!

Matilde: [inaudível 38s].

Fernanda: Maravilha! Então gente, vamos agora adiantar o roteiro porque o tempo urge. Vou passar o roteiro com vocês, vamos lanchar, quando terminar de lanchar a gente chama o pessoal tá?

Felicidade: E o que você leva do grupo?

Fernanda: Ahhhh [risos] eu levo do grupo primeiro uma sensação de generosidade imensa de vocês, que me surpreendeu muito, a disposição de vocês de nos dar carinho, de nos mostrar o afeto e a confiança na gente; hoje em dia a gente vive tempos tão difíceis, de atitudes tão ruins do ser humano e poder estar com esse grupo e perceber o quanto vocês confiaram na gente em tão pouco tempo, me faz levar alegria e uma surpresa imensa, de perceber o quanto as pessoas ainda são capazes de amar e serem generosas, e perceber que é possível se manter aberta pra vida. E o que eu acho que dei, foi a vontade de querer estar aqui, quando vocês falam de presença, eu quis estar aqui presente, inteira, e quis dar pro grupo um pouquinho do que já experimentei e vivi no campo do teatro e da arte. Trouxe um pouquinho e tô levando muito! [Todas bateram muitas palmas]

Felicidade: E Bruna? [Bruna falou o que sentia, elas aplaudiram, mas não foi possível gravar essa finalização].

Pedro: Olhem... eu quero dizer aqui pra vocês. O amor é o único jeito de dar jeito àquilo que não tem jeito!

Todas: Uhu... olha! Arrasou! [Bateram palmas e riram].

Fernanda: Vamos lá, então. Organizar a apresentação.

[Repassamos as falas e o roteiro de cada um, eles lancharam e seguimos para a apresentação. Convidamos os trabalhadores da ONG, as crianças do reforço e do Karatê, os jovens do curso e os estagiários da Universidade parceira da ONG].

[Os convidados chegaram, sentaram em algumas cadeiras, no chão, na mureta ao lado do espaço e alguns ficaram em pé].

Fernanda: Bom dia gente! Eu me chamo Fernanda!

Bruna: Eu sou Bruna!

Amor: E eu sou Amor!

Fernanda: Nós somos da UFBA e temos conduzido um trabalho com esse grupo, desenvolvido a partir da pesquisa de Bruna, um trabalho na área de psicologia voltado pra contação de histórias e memórias e fomos gentilmente acolhidas por esse grupo maravilhoso ao longo de 7 encontros e nosso resultado nada mais é que uma roda de histórias. E as histórias são baseadas na vida delas. E vamos ouvir um pouquinho o trabalho delas e quero pedir que vocês nos ajudem a cantar e quem quiser pode dançar com a gente também! Então vamos puxar nossa roda?

Amor: “Quem entrou na roda, foi uma boneca, foi uma boneca, foi uma boneca (3x)” [todos os participantes e os espectadores bateram palmas e cantaram. Lua Branca de levantou e começou a sambar, fazendo todos cantarem mais forte, aplaudirem e rirem.]

“Samba lelê tá doente, tá com a cabeça quebrada, samba-lelê precisava é de umas boas palmadas. Samba, samba, samba ô lelê, samba, samba, samba ô lalá (3x)” [Daniela Mercury foi para o centro e dançou, girou e sambou, fazendo todos aplaudirem e cantarem ainda mais forte].

Fernanda: Aê!

Amor: Cadê as palmas? [todos aplaudem]

Fernanda: E aí Bárbara, cadê Bárbara? Que é que a gente vai fazer hoje Bárbara?

Bárbara: Hoje? Vocês sabem quem sou eu? Sabem quem somos nós? [Levanta da cadeira] Nós vamos contar uma história [sorri].

Fernanda: E se apresenta. Qual seu nome?

Bárbara: Bárbara [sorri, coloca uma perna na frente da outra e dobra o tronco com um braço pra frente, saudando o público].

Fernanda: Vamos então começar a roda se apresentando. Seu nome?

Zete: Zete [continua sentada e fala olhando para Fernanda]

Matilde: Matilde!

Estrela da Manhã: [Levanta e fala] Estrela da Manhã.

Sol: [Levanta, e gesticula bem forte cantarolando o nome] Almiira Araúujo dos Saaantos [todos aplaudem e sorriem]!

Maria do Carmo: Maria do Carmo.

Fernanda: Nosso Cravo!

Pedro: Antônio Pedro de Lima, o homem mais bonito dessa terra [todos gritam, aplaudem e riem]!

Matilde: Matilde [fala baixo].

Felicidade: [levanta] Felicidade!

Patrícia: [levanta e fala com força] Patrícia [alguns espectadores aplaudem].

Neves: Neves [fala baixo].

Marina: Maria Marina [fala quase inaudível].

Juventude: [levanta] Meu nome é Juventude!

Lua Branca: Meu nome é Lua Branca Pereira de Jesus.

Fernanda: A nossa boneca [aplaudem]!

Alice: [levanta] meu nome é Alice, às suas ordens [todos gritam e aplaudem].

Daniela Mercury: [levanta e caminha, tropeçando] Daniela Mercury, com dois M [todos riem e aplaudem, gritando].

Fernanda: Mas, para além do nome a gente acredita que cada um de nós é marcado... A gente é batizado pelo nome né? Mas todo nome tem uma história por trás que vamos levar pro resto da vida. Alice qual é a história do seu nome?

Alice: [levanta e vai para o centro] Meu nome é Alice, a minha infância graças ao bom Deus, foi uma infância muito boa. A história do meu nome foi a seguinte, minha mãe estava me esperando, né? Aí era naquele tempo que a mulher não sabia se era homem ou se era mulher [todos escutavam atentos, inclusive os jovens da ONG], não dava pra fazer exame pra saber se era homem ou mulher. Aí minha mãe como era muito fã do governador [nome] disse que se for menino, vai chamar Alice, e se for menina, vai ser Alice do mesmo jeito [todos riram], mas quando eu vim no mundo eu não vim homem, eu vim mulher [aponta para a genitália simulando uma chateação. Todos riem bastante e aplaudem].

Fernanda: Lua Branca, minha boneca, conte aí rapidinho a história do seu nome também.

Lua Branca: Eu mesma queria ser Maria [inaudível pois passam algumas crianças falando alto ao lado da câmera. Ao finalizar todos aplaudem].

Fernanda: Vamos aproveitar as palmas e cantar aquela música, Maria? Das setecentas?

Maria do Carmo: “Eu tomei uma carreira, essa foi pequenininha, num vagão de sete arrobas, no rocado duma baina, uma cesta de ovos, setecentas galinhas. Ô o trem corre, é por cima da linha, o trem corre é por cima da linha (3x)” [Estrela da Manhã levanta e dança girando e passando por todo o público,

fazendo todo mundo aplaudir e rir. Daniela Mercury também levanta e começa a sambar e rebolar no centro, simula andando na linha do trem, todos riem].

Fernanda: Por cima da linha... [vai até Estrela da Manhã]

Estrela da Manhã: É por cima da linha que o trem corre, é por cima da linha que o trem corre, é por cima da linha que o trem corre...

Fernanda: Por cima da linha... e o que somos nós?

Estrela da Manhã: Nós somos o que nós lembramos e também o que esquecemos.

Fernanda: E quem lembra alguma coisa aí, Felicidade? Você lembra o que?

Felicidade: [levanta e vai para o centro gesticulando] Ah.. do meu tempo de infância... Meu nome é Felicidade, eu sou o nome da primeira namorada do meu pai [gesticula forte e faz todos rirem], pensem que amor ele tinha a ela? Ele disse que se algum dia ele tivesse a primeira filha e fosse mulher ele botaria o nome de Felicidade. Aí eu vim ao mundo, né? Toda charmosa ele “pluct” botou! Na minha infância, tal qual meus camaradas aqui [aponta para os jovens que estão assistindo] o “aborrecente”, não é adolescente, eu jogava gude, eu jogava fura pé e fazia espreme gato. Quem de vocês sabe o que é espreme gato? [público responde que não sabe] Não sabe não? De jeito nenhum? Fura pé? [responde que sim] Gude? [respondem que sim] Não tirem onda não que todos vocês sabiam isso tudo. O espreme gato era um banco antigamente, não era cadeira, a gente ia encostando, espremendo, espremendo, atéeee expulsar a última pessoa do banco [todos fazem “ahhhh”]. Hoje em dia vocês não querem nem saber disso. Minha infância foi gostosa, gostosa demais mesmo, não fazia nada, só batia nos outros [todos riram].

Fernanda: Peraê. Agora eu fiquei sabendo que no tempo de juventude o negócio era diferente!

Felicidade: Era diferente... Mas eu dizia “vou te pegar na esquina”, e pegaaaaava [todos riram]. Meu pai perguntava “você fez isso?” eu dizia “eeeeuuu? Sou a primeira namorada sua”, aí pronto [todos riram e aplaudiram].

Fernanda: Aí eu vou perguntar... isso não está no roteiro não, mas vou perguntar pro cravo do grupo como era pra namorar antigamente.

Pedro: [levantou rápido dizendo] eu namorei muito! Namorei muito mas só casei uma vez. Casei com uma mulher de 14 anos, o anjo da minha vida, que Deus me levou. O problema é o seguinte, no passado era uma dificuldade muito grande porque não havia essa abertura, essa liberdade que os jovens tem hoje, que vocês vão pra onde querem, fazem o que vocês querem e antes não podia. Por mais que quisesse, não podia [inaudível 5s]. Os pais nunca aceitavam o namoro das filhas, por melhor que o homem fosse, porque sempre dizia de responsabilidade... pra ver o joelho da mulher era um sacrifício, a perna cruzada [gesticula, cruzando os braços imitando as pernas] até lá embaixo, e aí não via nada [inaudível 3s]. Mas aí quando o mundo melhorou eu envelheci [todos riem. Inaudível 5s]. A mulher é simplesmente uma coisa, se Deus criou algo melhor não mandou aqui pra baixo, tá lá com ele, porque a mulher é o jardim da natureza, é as rosas que Deus fez e entregou pra gente, agora milhões de homens não sabem respeitar a rosa que Deus fez. Agora elas também tem defeito. Não fique alegre não, que vocês tem defeito [todos riem. Inaudível 5s]. É só isso, obrigada [senta].

Fernanda: Obrigada [todos aplaudem rindo].

Mas aí o tempo vai passando e vai chegando o que tem gente que chama da melhor idade, velhice, terceira idade, e eu vou perguntar hein dona Juventude, o que é envelhecer?

Juventude: Envelhecer é a coisa melhor da vida, porque quem não morre moderno, velho tem que ficar. E feliz de quem tá velho como eu, que tem oitenta anos de idade, oitenta e um anos de idade! [levanta] E estou aqui forte, firme e pedindo a Deus por todos, felicidades, e que Deus dê a nossa recompensa ao que nós merecemos [todos aplaudem].

Fernanda: Mais alguma gostaria de dizer o que é envelhecer?

Bárbara: Envelhecer, sabe o que é? Curtir a vida, ter saúde, passear, se divertir, namorar [todos gritam “huuuuummmm” e riem], agarrar, apertar, isso tudo é envelhecer. Estou com setenta e um anos e jovem mais de quê vocês [todos riem e aplaudem].

Fernanda: Então pra terminar, na filosofia de Zeca Pagodinho, vamos no deixa a vida me levar? Todo mundo na palma!

[Todos cantam juntos, levantam e começam a dançar]

“Deixa a vida me levar, vida leva eu (3x). Sou feliz e agradeço por tudo que Deus me deu”.

Fernanda: Agora pra fechar, a frase do cravo do grupo. Qual foi a filosofia que você falou? Vamos levantar? Também não tava no roteiro.

Pedro: [levanta] eu tô com muita dor que vocês vai embora, vai abandonar a gente.

Bruna: O amor...

Pedro: O amor é o único jeito que dá jeito àquilo que não tem jeito [todos gritam e aplaudem].

Bruna: Agora uma salva de palmas pro nosso grupo [todos aplaudem]!

Fernanda: Aproveitando que temos plateia hoje para os nossos contadores de histórias, a gente queria bem brevemente ter um retorno de vocês do que vocês acharam das histórias que foram contadas. Muitas não foram contadas porque foram esquecidas, porque não quiseram ser lembradas, às vezes pela dor da vida, às vezes pela perda de alguma coisa, e como disse Estrela da Manhã, todos nós somos o que nós lembramos, mas também o que esquecemos. Então do que contamos e do que não contamos, a gente queria saber bem rapidinho de quem quiser falar, o que vocês acharam da nossa roda de história.

Jovem 1: Lição de vida.

Jovem 2: Aprendizado.

Jovem 3: Quando penso na velhice agora, só levo o doce, porque aqui teve muita lembrança doce. Não vi aqui falando de coisas tristes, porque a vida tem fases tristes, mas acho que o que mais lembrou foram as épocas doces, do amor, da infância, que se apaixonou, então acho que o que guardamos e levamos de verdade é essa doçura [todos aplaudem].

Bruna: mais alguém?

Fernanda: Então vamos levantar e agradecer e Alice vai cantar uma música, que ela havia pedido [o grupo levanta, faz uma reverência e Alice começa a cantar]

Alice: “Não posso ficar nem mais um minuto com você, sinto muito amor mas não pode ser, moro em Jaçanã, se eu perder esse trem, que sai agora as onze horas, só amanhã de manhã. Além disso mulher, tem outra coisa, minha mãe não dorme enquanto eu não chegar, sou filho único, tenho minha casa para olhar, não posso ficar (2x)” [Todos aplaudem e dançam e aplaudem forte no final].

[Maria do Carmo pede para recitar um verso que estava no primeiro roteiro, recita e todos aplaudem].

Fernanda: Alguém mais quer recitar verso? Não? Então vamos agradecer mais uma vez pois não é todo dia que temos oportunidade de ouvir tanto conhecimento, tanta doçura e tanta generosidade de abrir a vida deles pra gente, tá? Brigada [muitos aplausos].

[Quando terminou a apresentação, todos os jovens abraçaram as idosas, ficaram conversando, tirando fotos e interagindo.

Ana Paula procurou Bruna e Fernanda, deu uma blusa que ela mesma bordou para cada uma, pedindo que não a esquecessem. Patrícia trouxe geladinhos, e lhes pediu para buscar frutas na casa dela, e um pano que ela bordou. Juventude fez duas cestas, uma para cada, e entregou em nome do grupo, costurada e adornada por ela mesma. Dona Marina abraçou Bruna no final de tudo, abaixou a cabeça em seu ombro, e chorou durante quase um minuto sem falar nada mais. Ela pouco falou ao longo das oficinas, mas muito demonstrou].

Para o cenário do espetáculo, construímos um cartaz e linha do tempo, com as histórias dos nomes de cada participante, ao lado de seus nomes (apêndice 5).

APÊNDICE 4

PLANEJAMENTO DAS OFICINAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Pesquisa de Mestrado: RESSIGNIFICAÇÃO DO PROCESSO DE ENVELHECER: MEMÓRIA, NARRATIVA E A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

Pesquisadora: Bruna Improta, com a colaboração de Fernanda Colaço, doutoranda em Artes Cênicas – UFBA.

Perfil dos participantes

Frequentadores do Programa para a terceira idade da ONG, moradores de um bairro situado na periferia de Salvador, na faixa etária de 60 a 90 anos, que aceitaram e demonstraram interesse em participar das atividades propostas nas oficinas de contação de histórias.

Número de participantes: 17 mulheres e um homem, com média de participação entre 13 a 15 pessoas por oficina.

Duração da Oficina: três meses (10/2 a 7/4 de 2017).

Sistemática, duração e horário dos encontros: uma vez por semana, com duração de 2h30. Sextas-feiras, de 9:30h às 12h.

Total de Encontros: sete.

Metodologia: Oficinas de valorização das memórias dos participantes, com ênfase nos marcos de significação de suas histórias de vida, por meio de exercícios de expressão oral, corporal, dinâmicas de construção de narrativas e jogos teatrais.

Procedimentos:

- Apresentação e Leitura de poemas, poesias e contos diversos
- Construção e reconstrução do “Quem Sou Eu?”
- Construção de narrativas nas dimensões individual e coletiva:
 - História dos nomes
 - Destaque de fatos, pessoas e espaços importantes na vida de cada participante
 - Construção de fatos, pessoas e espaços pelo campo subjetivo e objetivo (cores, cheiros, notícias da época)
 - Identificação de músicas, poesias, cantigas e objetos afetivos de cada participante e as histórias de cada um/a
 - Construção de uma linha do tempo (passado – presente – futuro) de cada participante: infância, juventude, mundo adulto, velhice e perspectivas futuras.

Mês (Fevereiro)	01	Objetivos (O quê)	Atividades/Dinâmicas (Como)
Encontro 01 (10/02)		Apresentar a proposta da oficina Preencher questionários de perfil e Termo de Consentimento e Liberação da Pesquisa – TCLE	- Roda de Conversa: principais “problemas enfrentados”, “Quem sou eu?”, relação com a instituição, expectativas e desejos em relação ao trabalho.
Encontro 02 (17/02)		Aquecimento corporal para a criação de expressões, gestos e movimentos cênicos; Desenvolvimento de narrativas e registro da expressão corporal em fotos, a partir das histórias dos nomes e “Quem sou eu?”	9h – Prece (ritual da instituição e do grupo) 9h10 - Em roda: alongamento, despertar das articulações (dos pés à cabeça); 9h30 - Andança com música (<i>Anunciação</i> - Alceu Valença) e construção de três fotos sobre expressão corporal; 9h50 - Duplas mostram suas fotos, Foto 1: expressão corporal, seguida dos seus nomes; Foto 2: expressão corporal, seguida da história dos seus nomes; Foto 3 - expressão corporal, seguida de uma frase sobre “quem sou eu”. 10h15 – Lanche; 10h30 – Sentadas em roda: duplas apresentam suas fotos e textos (expressão corporal e narrativa). Fazer três registros, em foto, vídeo e A4 com os textos de cada participante); 11h – Avaliação do dia; 11h15 – Encerramento.
Mês (Março)	02	Objetivos (O quê)	Atividades/Dinâmicas (Como)
Encontro 03 (03/03)		Recesso	Recesso carnaval
Encontro 04 (10/03)		Aquecimento corporal para criação de expressões, gestos e movimentos cênicos; Sensibilizar as participantes para o desenvolvimento de narrativas sobre “A velha Infância: Pretérito (im)perfeito” e “O xote das meninas: tempos da juventude”; a) Destaque de fatos, pessoas e espaços mais importantes na vida de cada participante; b) Identificação de músicas, poesias, cantigas e objetos afetivos de cada participante e as histórias de cada um/a. Questões orientadoras: - Como vejo a minha infância e juventude hoje? - Onde e como essa criança e jovem vive dentro de mim?	9h – Prece e considerações iniciais 9h15 - Em roda e individualmente: despertar dos movimentos com bolas de soprar (atenção ao equilíbrio, leveza, foco na bola); • Com a bola: de mão em mão, com uma palavra sobre infância; • Uma pessoa no meio da roda, interagindo com a bola: contar histórias da infância com cheiros, sabores, espaços, uma pessoa marcante e músicas; • Duas pessoas sentadas no meio da roda: respondem às questões orientadoras. 10h15 – Lanche; 10h30 – Sentadas em roda: com bola de mão em mão, com uma palavra sobre juventude; 10h45 – Sentadas em roda: dinâmica dos diferentes e iguais: quem teve um grande amor? Quem teve mais de um namorado? 11h – Dupla no meio da roda: improvisa uma cena sobre namoro; 11h15 – Avaliação do dia e encerramento.
Encontro 05		Aquecimento corporal para a criação de expressões, gestos e	9h – Prece e abertura;

(17/03)	<p>movimentos cênicos;</p> <p>Sensibilização para o desenvolvimento de narrativas sobre “Mundo adulto: o que eu quero ser quando crescer?” e “Soneto antigo: o futuro do presente”;</p> <p>Pontos a e b;</p> <p>Questão orientadora:</p> <p>- Quais desejos, projetos e sonhos foram realizados?</p> <p>- O que vejo no espelho?</p> <p>- Quais desejos, projetos e sonhos serão realizados?</p>	<p>9h15 - Em roda:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Lembrar do que fizemos no encontro passado; • Toques e trocas de energia: trezinho nos dois sentidos, voluntárias no centro da roda, com diferentes partes do corpo e despertar. <p>9h30 – Uma dupla:</p> <p>Improvisação I</p> <ul style="list-style-type: none"> • Quem: duas crianças ou jovens; • Onde: no parque ou ponto de ônibus; • O quê: amigas se encontram e falam sobre o que querem ser quando crescer. <p>9h45 - Uma dupla:</p> <p>Improvisação II</p> <ul style="list-style-type: none"> • Quem: duas idosas, sem personagem; • Onde: no parque ou ponto de ônibus; • O quê: amigas se encontram e falam sobre o que querem fazer ainda, seus desejos e sonhos a realizar; <p>OBS.: Variação na improvisação: uma idosa pode ser mais sonhadora e a outra que só reclama e encontra problemas.</p> <p>10h15 – Lanche</p> <p>10h45 – Leitura da poesia “Soneto Antigo”, de Cora Coralina.</p> <p>11h15 – Avaliação do dia e encerramento.</p>
<p>Encontro 06 (24/03)</p>	<p>Sensibilização para o desenvolvimento de narrativas sobre a construção do “Quem sou eu” e “Quem somos nós”: através de imagens, movimentos ou gravação do áudio/vídeo dos participantes;</p>	<p>9h – Prece e abertura</p> <p>9h15 - Em roda:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Lembrar do que fizemos no encontro passado. • Toques e trocas de energia: voluntárias no centro da roda com diferentes partes do corpo e despertar; <p>9h30 – Leitura da poesia “Todas as Vidas”, de Cora Coralina;</p> <p>9h35 – Em círculo e sentadas: passa um espelho e cada uma olha para o espelho – refletem sobre o que enxergam;</p> <p>9h45 - Uma dupla:</p> <p>Improvisação I – Quem sou eu?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Quem: uma idosa e um “anjo”; • Onde: numa igreja, santuário ou qualquer lugar onde se possa fazer uma oração;

- O quê: a idosa entra para fazer uma oração e o “anjo” segura o espelho. Como se estivesse orando, a idosa diz “vive dentro de mim...”. Ao terminar o “anjo” completa o que “vive dentro daquela senhora, o que ouviu ou sabe e que não foi dito”;

9h55 - A mesma dupla, porém invertem os papéis / mais duas duplas;

10h20 - Improvisação II – Quem somos nós?

- Quem: duas idosas, uma palestrante e outra assessora;
- Onde: numa palestra sobre velhice;
- O quê: a palestrante deve apresentar o grupo de idosas que convivem no Lar Fabiano. Deve falar sobre qualidades do grupo e o sentido de estarem juntas. A assessora deve ficar atrás da palestrante, ajudando com o discurso.

10h30 - A mesma dupla, porém invertem-se os papéis.

10h40 – Lanche;

11h10 – Avaliação do dia e encerramento.

Encontro 07 (31/03)	Compartilhar o roteiro das histórias contadas ao longo dos encontros. Avaliação final da Oficina	9h15 – <i>Playlist</i> do grupo: Cantar e dançar. Exercício de lembrar as músicas trazidas nos encontros (sambas de roda, cantigas, outras); 9h30 – Apresentação da proposta do roteiro, com inclusão das músicas e sugestões do grupo; 10h – Definir as histórias dos nomes a serem contadas; 10h15 – Definir histórias de vida a serem contadas; 10h30 – Lanche; 10h50 – Coletar depoimentos sobre “o que é envelhecer”; 11h15 - Avaliação do dia e encerramento
------------------------	---	--

Mês 03 (Abril)	Objetivos	Atividades/Dinâmicas
Encontro 08 (07/04)	Roda de contação de histórias ampliada com convidados (jovens participantes da instituição, profissionais da instituição, estudantes estagiários); Avaliação final da Oficina	9h – Prece e abertura 9h15 – Em roda: abraços de bom dia. <ul style="list-style-type: none"> • O que levo desta experiência? • O que ofereci durante a experiência? 9h40 – Roda de músicas e versos; 10h – Reapresentação do roteiro com as sugestões do encontro anterior ¹¹ . 10h15 – Lanche;

10h30 – Apresentação da roda de histórias/espetáculo: “Contar histórias: uma arte sem idade”;

11h00 – Encerramento.

- Construção de uma linha do tempo a partir da memória coletiva do grupo: valores, frases, ideias, costumes, comportamentos, de cada época da vida
- Roda de contação de histórias ampliada com convidados (jovens frequentadores da instituição, profissionais da instituição, estudantes de universidade em estágios).

Resultados do Processo Criativo:

- Construção de cenas teatrais;
- Construção e apresentação do espetáculo “Contar histórias: uma arte sem idade”;
- Construção de um painel/linha do tempo, a partir da memória coletiva do grupo: valores, frases, ideias, costumes, comportamentos, de cada época vivida.

Materiais Necessários

- Folhas de papel A4
- Papel metro
- Livros de contos diversos
- Poesias impressas
- Pilotos de diferentes cores
- Espelho grande
- Aparelho de Som
- Cds de música para aquecimento e integração
- Máquina Fotográfica
- Câmara filmadora

➤ ROTEIRO FINAL

- Música de Abertura: Ana Paula: “Quem entrou na roda foi uma boneca”.
- Apresentação do grupo: Bárbara: “Hoje vamos contar algumas histórias, mas vocês sabem quem somos nós?”. Todas apresentam seus nomes. Lua Branca e Alice contam as histórias de seus nomes.
- Música 2: Neves: “Setecentas galinhas”. Estrela da Manhã: “O trem corre é por cima da linha” – repete três vezes. “Somos o que lembramos e o que esquecemos”. Histórias lembradas: Felicidade: Tempos da infância e da juventude. O que somos hoje? - Juventude: “Diante de tantas histórias, o que é envelhecer?”. Música de Fechamento: Fátima: “Deixa a vida me levar”. Alice: “Não posso ficar nem mais um minuto com você”.

APÊNDICE 5

Cartaz e linha do tempo com as histórias dos nomes dos participantes que ficou ao fundo da apresentação.

